

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS



# **Ser e Destino nos EUA: A Jeremíada e os Discursos Inaugurais de Barack Obama e de Donald Trump**

Maria Inês Caldeira de Almeida

Tese orientada pela Prof.<sup>a</sup> Doutora Teresa Cid, especialmente elaborada para a obtenção do grau de Mestre em Estudos Ingleses e Americanos (especialidade em Estudos Americanos)

2019



## **Agradecimentos**

Quero agradecer à minha orientadora, a Prof.<sup>a</sup> Doutora Teresa Cid, pela sua disponibilidade, pelas suas sugestões e pelas minhas primeiras aulas no âmbito dos Estudos Americanos. Ao Prof. Doutor José Duarte agradeço a sua atenção e os seus conselhos, em especial os que me guiaram nos primeiros momentos desta dissertação. À Prof.<sup>a</sup> Doutora Diana V. Almeida agradeço a sua simpatia e todo o seu encorajamento.

Quero também agradecer à Olinda Fernandes todo o apoio inestimável ao longo dos anos, as inúmeras conversas e toda a alegria. À Isabel Baptista agradeço a sua amizade e a sua compreensão perante as minhas ausências.

Aos meus pais agradeço todo o seu amor e apoio incondicionais.



## Resumo

O presente trabalho tem como objectivo principal dissertar sobre a jeremiada americana, procurando compreender a sua expressão na contemporaneidade através da análise da utilização do seu modelo argumentativo em dois discursos presidenciais, nomeadamente os primeiros discursos inaugurais de Barack Obama e Donald Trump.

Neste sentido, é desenvolvido um enquadramento em relação à expressão americana da jeremiada, no qual são abordadas as suas origens, as suas características e as transformações que a sua estrutura discursiva foi sofrendo ao longo do tempo. São, ainda, apresentados e desenvolvidos os elementos temáticos centrais ao discurso inaugural, juntamente com a sua importância política e simbólica. É tido, igualmente, em consideração o contexto de enunciação de ambos os discursos, pelo que são caracterizadas as corridas eleitorais de 2008 e de 2016, assim como analisados os percursos políticos, as imagens públicas, as mensagens de campanha e as vitórias de Obama e de Trump.

Estabelecida a base teórica necessária ao estudo dos discursos em questão, o presente trabalho analisa a utilização por parte de ambos do modelo discursivo da jeremiada americana e compara o modo como a estrutura argumentativa desta foi adaptada à agenda política de cada orador, em particular ao discurso focado na esperança, mudança e união de Obama e ao discurso populista nacionalista de Trump. É, então, demonstrada a capacidade de adaptação da estrutura retórica da jeremiada a variados contextos e o modo como ambos os presidentes, ao recorrerem a este instrumento político de coesão e controlo social, recuperam mecanismos de questionamento e definição identitários centrais à construção de uma identidade nacional e do ideal simbólico da América.

**Palavras-chave:** jeremiada americana, discurso inaugural, Barack Obama, Donald Trump, identidade.



## **Abstract**

This dissertation aims to revisit the American jeremiad and understand its expression in the contemporary world through the study of the use of its argumentative model in two presidential speeches, namely Barack Obama's and Donald Trump's first inaugural addresses.

To this purpose, a framework is developed regarding the expression of the American jeremiad, in which its origins, its characteristics and the transformations its discursive structure underwent over the years are addressed. Additionally, the central thematic elements of the inaugural address are presented and developed, together with the genre's political and symbolic importance. The context of enunciation of both Obama's and Trump's addresses is also taken into consideration. Hence, the 2008 and 2016 presidential elections' most relevant events are outlined and both Obama's and Trump's political paths, public personas, campaign messages and victories are also discussed.

Having established the necessary theoretical basis, this study analyzes the use both selected addresses made of the American jeremiad's discursive model and compares the way in which its argumentative structure was adapted to the political agenda of each speaker, focusing on Obama's message of hope, change and union and Trump's rhetoric of national populism. This examination and comparison help to demonstrate the adaptability of the American jeremiad's rhetorical structure, as well as how both presidents, by resorting to the jeremiad as a political instrument of social cohesion and control, recover questioning and identity defining mechanisms central to the construction of a national character and the symbolic ideal of America.

**Keywords:** American jeremiad, inaugural address, Barack Obama, Donald Trump, identity.





## Índice

<b>Agradecimentos</b>	i
<b>Resumo</b>	iii
<b>Abstract</b>	v
<b>Introdução</b>	1
<b>Capítulo 1: Oratória Americana</b>	5
1.1. O Sermão Político Puritano: a Jeremíada Americana	7
1.1.1. Migração até ao Novo Mundo	7
1.1.2. Organização Religiosa e Política em Nova Inglaterra	9
1.1.3. Um Acordo com Deus	12
1.1.4. Construção Identitária: o Povo Eleito e o Excepcionalismo Americano	14
1.1.5. As Origens e Características da Jeremíada	16
1.1.6. As Transformações da Jeremíada: do Século XVII à Contemporaneidade	23
1.1.7. A Relação da Jeremíada com o Passado	37
1.2. Retórica Presidencial	39
1.2.1. A Presidência Retórica: Reinterpretações da Presidência Moderna	42
1.2.2. Expressões da Retórica Presidencial: o Discurso Inaugural	47
1.2.2.1. O Discurso Inaugural como Retórica Epidíctica	55
1.2.3. Redacção de Discursos Presidenciais	57
1.2.3.1. Questões de Autoria	60
1.2.4. A Jeremíada Presidencial	62
<b>Capítulo 2: As Eleições Presidenciais</b>	67
2.1. As Eleições Presidenciais de 2008	68
2.1.1. O Candidato Barack Hussein Obama II: Percorso Político e Imagem Pública	68
2.1.2. A Campanha Eleitoral	75
2.1.3. Temáticas de Campanha: Mudança, União e Esperança na América de Obama	82
2.1.4. Resultado das Presidenciais: a Vitória de Barack Obama	90
2.2. As Eleições Presidenciais de 2016	93
2.2.1. O Candidato Donald John Trump: Percorso Político e Imagem Pública	93
2.2.2. A Campanha Eleitoral	100
2.2.3. Temáticas de Campanha: Um Retorno ao Passado na América de Trump	108

2.2.4. Resultado das Presidenciais: a Vitória de Donald Trump	115
<b>Capítulo 3: Lamentação, Ansiedade e Renovação na Contemporaneidade</b>	125
3.1. O Discurso Inaugural de Barack Obama como Jeremiada Americana	125
3.2. O Discurso Inaugural de Donald Trump como Jeremiada Americana	136
3.3. Duas Américas, Um Modelo Argumentativo	146
<b>A Jeremiada Sobrevive: um Instrumento Político para uma América em Constante Devir</b>	157
<b>Bibliografia</b>	161

## Introdução

Como um dos géneros centrais da retórica política americana,<sup>1</sup> fazendo parte das primeiras produções literárias em inglês no Novo Mundo, a jeremiada permanece uma forma de expressão culturalmente relevante nos Estados Unidos. A presente dissertação tem como objectivo principal revisitar a jeremiada americana, tendo em vista compreender a sua expressão ao longo do tempo e também na contemporaneidade através da análise da utilização do seu modelo argumentativo em dois discursos presidenciais. Assim, tomei como objectos exemplificativos de estudo o primeiro discurso inaugural de Barack Hussein Obama II (1961-), proferido a 20 de Janeiro de 2009, e o discurso inaugural de Donald John Trump (1946-), proferido a 20 de Janeiro de 2017, aquando da cerimónia de tomada de posse enquanto presidentes dos Estados Unidos da América. Baseando a minha argumentação em diversos estudos realizados não só sobre o sermão político puritano e sobre a retórica presidencial americana, mas também relativos às presidenciais de 2008 e 2016, procurarei explorar os aspectos comuns e divergentes entre os objectos de estudo seleccionados e os elementos discursivos que caracterizam a jeremiada americana. Ademais, através da comparação de ambos os discursos inaugurais, estudarei o modo como Obama e Trump recorreram à jeremiada como instrumento político de controlo e coesão social para atingirem os seus objectivos comunicacionais, adaptando as suas características fundamentais às respectivas imagem pública, mensagem de campanha e agenda política.

O foco na análise destes dois discursos presidenciais como ponto de chegada de toda a apreciação sobre a jeremiada desenvolvida ao longo deste estudo justifica-se não só por se tratarem de expressões contemporâneas da jeremiada, mas também por serem discursos políticos proferidos nas mesmas circunstâncias pela figura política nacional de maior relevância para a definição identitária da nação, simbolizando, como espero vir a tornar claro, a sua união e vontade colectiva. Além disso, a própria intervenção do chefe do poder executivo durante a sua primeira cerimónia de tomada de posse tem características únicas que, como também irá ser explorado, conferem ao discurso inaugural uma relevância particular na definição que cada novo presidente constrói da sua visão para os Estados Unidos. Adicionalmente, o facto de os dois primeiros discursos inaugurais mais recentes

---

<sup>1</sup> Tendo em conta a elevada frequência com que a expressão “americano” é utilizada para qualificar os cidadãos dos Estados Unidos da América pelos próprios e internacionalmente, optei pela utilização deste termo ao longo de toda a dissertação, visto que por um lado a expressão “norte-americano” não é exactamente precisa ao incluir também o Canadá e, por outro, a expressão “estado-unidense” ainda carece de familiaridade no português de Portugal, apesar de comumente utilizada no português do Brasil.

pertencerem a figuras com imagens públicas, mensagens de campanha, filiações e percursos políticos bastante distintos tem por objectivo enriquecer o presente estudo, permitindo uma análise da forma como as características argumentativas da jeremiada americana contemporânea foram adaptadas ao contexto e às agendas políticas de cada orador.

Este trabalho encontra-se dividido em três capítulos distintos, sendo os dois primeiros de natureza teórica, visando aprofundar as temáticas exploradas, e o terceiro de análise dos objectos de estudo seleccionados.

O primeiro capítulo é dedicado à exploração da importância da oratória na cultura e política americanas, estando subdividido em dois momentos principais. Numa primeira parte, “O Sermão Político Puritano: A Jeremiada”, será explorado o papel determinante da palavra falada no contexto colonial americano, rastreando as suas origens até à homilética puritana e inquirindo sobre a centralidade do sermão como instrumento político de controlo social na vida quotidiana das primeiras gerações de colonos. Tal análise terá como foco as origens, características e transformações sofridas pela jeremiada americana ao longo do tempo. Portanto, para melhor compreender as suas primeiras expressões abordar-se-ão não só os objectivos e a relação de proximidade entre os universos religioso e político estabelecidos pela primeira geração de Puritanos na Nova Inglaterra, como também vários dos elementos fundamentais da narrativa identitária e das jeremiadas desta comunidade, nomeadamente o acordo<sup>2</sup> estabelecido entre Deus e os elementos puritanos e a noção do excepcionalismo americano. Explorarei igualmente o contexto político, social e cultural na origem da necessidade de pregação das primeiras jeremiadas no Novo Mundo, assim como os elementos fundamentais do seu modelo argumentativo, delineando o processo de secularização da jeremiada americana através da sua utilização em diversos momentos de crise e denúncia nacionais até aos dias de hoje e analisando a instrumentalização política que a sua retórica permite das narrativas referentes ao passado da comunidade a que se dirige.

Numa segunda parte, intitulada “Retórica Presidencial”, continuará a ser estudada a relevância da oratória no universo cultural e político americano. No entanto, tendo em conta o objecto de estudo do presente trabalho, tal análise focar-se-á na utilização da palavra falada pela figura do presidente dos Estados Unidos. Logo, definida a sua relevância simbólica para a união e definição da identidade nacionais, assim como a importância da sua capacidade de comunicação para a definição dos limites do seu próprio cargo, tomarei como base os estudos

---

<sup>2</sup> Na presente dissertação, optei por traduzir a expressão “covenant” por “acordo” como forma de uniformizar a sua utilização entre o contexto religioso – fazendo referência a uma aliança estabelecida entre o ser humano e Deus – e o secular – fazendo referência a um contrato de natureza social ou política.

de Jeffrey K. Tulis, Mel Laracey e Elvin T. Lim para caracterizar a própria presidência relativamente à quantidade e qualidade das suas intervenções públicas ao longo dos anos. Serão igualmente abordadas as origens, características centrais e funções política e simbólica do primeiro discurso inaugural de um presidente, distinguindo-o da sua intervenção numa segunda cerimónia de tomada de posse e questionando a classificação de Karlyn Kohrs Campbell e Kathleen Hall Jamieson da sua retórica como pertencendo à categoria do discurso epidíctico. Considerando o aumento do volume de intervenções proferidas pelo presidente com o passar dos anos, serão também exploradas não só a utilização pela Casa Branca de *ghost-writers*, como a atribuição da autoria dos discursos por estes elaborados à figura do presidente, tendo-se optado por considerar Obama e Trump os autores dos respectivos discursos. No fim deste primeiro capítulo, partindo da imagem do *bully pulpit*, proponho-me explorar as motivações para que a fórmula da jeremiada continue a ser utilizada pela presidência americana até aos dias de hoje, em particular no discurso inaugural.

O segundo capítulo também se encontra dividido em duas partes dedicadas à caracterização das eleições presidenciais de 2008 e de 2016, respectivamente. Num primeiro momento, “As Eleições Presidenciais de 2008”, serão desenvolvidas diversas características do percurso político, da imagem pública e da mensagem de campanha de Barack Obama, juntamente com uma breve caracterização das diferentes fases da corrida eleitoral, assim como da vitória do candidato democrata. Recorrendo aos seus discursos de campanha, será dada uma maior atenção às principais temáticas desenvolvidas por Obama antes da sua eleição, nomeadamente aos temas da esperança, união e mudança que marcaram não só a imagem e mensagem do candidato, como moldaram o seu discurso inaugural.

Num segundo momento, “As Eleições Presidenciais de 2016”, serão apresentados e elaborados os mesmos aspectos desenvolvidos no subcapítulo anterior, neste caso, relativamente a Donald Trump. Assim, o percurso, a imagem pública, a mensagem de campanha e a vitória do candidato republicano serão desenvolvidos em conjunto com uma breve caracterização das fases da corrida eleitoral de 2016. No caso de Trump, uma análise mais extensa da sua vitória será incluída no presente trabalho com o intuito de analisar a retórica populista nacionalista que levou o candidato republicano à vitória. Esta, por sua vez, é essencial para uma melhor compreensão do modo como Trump escolheu utilizar o modelo discursivo da jeremiada no seu discurso inaugural.

Finalmente, o terceiro capítulo foi dividido em três momentos dedicados à análise dos objectos de estudo desta dissertação, tendo em vista revisitar a utilização da jeremiada americana em ambos os discursos políticos contemporâneos seleccionados. Assim, o

primeiro e segundo subcapítulos têm como objectivo principal utilizar o conhecimento reunido nas anteriores secções para analisar os discursos inaugurais de Obama e Trump, respectivamente. Tal estudo visa identificar e examinar os diversos elementos que cada uma das intervenções possui em comum com a estrutura argumentativa da jeremiada americana, assim como aqueles que desta divergem. Por último, o subcapítulo 3.3. é dedicado à análise comparada de ambos os discursos inaugurais, procurando compreender quais as semelhanças e divergências na adopção do modelo discursivo da jeremiada americana entre cada intervenção, assim como a motivação e o modo como cada orador adaptou as características da estrutura argumentativa em questão às respectivas imagem pública, mensagem de campanha e agenda política.

## Capítulo 1: Oratória Americana

Segundo Heike Paul, na sua obra *The Myths that Made America* (2014), apesar da existência de diversas denominações religiosas não só na Europa, mas também no continente americano, ao longo dos séculos XVII e XVIII, nenhuma é tão simbolicamente poderosa ou capaz de gerar maior fascínio até aos dias de hoje do que a comunidade de Puritanos fundadora de uma das primeiras colónias que deram origem aos Estados Unidos da América (142), pelo que, apesar de relativamente pouco numerosa, se justifica a afirmação de que foi “a colonização da Nova Inglaterra pelos Puritanos que mais consequências teve para o desenvolvimento de uma nação” (Ramalho et al. 20). Grande parte desta influência consolidou-se rapidamente devido à importância que a homilética protestante começou por ter logo nas primeiras décadas de existência das colónias inglesas em Nova Inglaterra (Boorstin 10).

Nestas jovens comunidades, a palavra falada, principalmente através do sermão, revelou-se o veículo escolhido pelos seus líderes religiosos para o confronto com problemas sociais correntes e também para a expressão de um conjunto de valores comuns e estabelecimento dos ideais construtores de uma identidade colectiva: “By organizing New England towns around autonomous local churches, and by authorizing ministers – and only ministers – to speak on all occasions of public note, the founders established patterns of community that would ensure the sermon’s place at the center of New England society, and with it, New England’s identity as a unique ‘people of the World’” (Stout 13). De facto, de acordo com Daniel J. Boorstin, a atribuição de uma posição privilegiada da oratória na cultura americana contemporânea pode reportar-se aos Puritanos de Massachusetts Bay e à proeminência que a homilética puritana possuía na sua sociedade (10).

No século XVII, a pregação de sermões proliferou por ser considerada pelas comunidades protestantes um veículo essencial à transmissão e interpretação da palavra de Deus. Acresce que, para os Puritanos em Nova Inglaterra, o sermão ocupava um lugar central da sua vivência nas colónias, pelo que o comparecimento aos sermões de domingo e de quinta-feira<sup>3</sup> era obrigatório por lei. Estes eram momentos de grande importância não só para estimulação intelectual e desenvolvimento espiritual do indivíduo, como também para a definição de modos de conduta e legitimação do seu significado através da palavra de Deus

---

<sup>3</sup> Às quintas-feiras o sermão tomava a forma de uma palestra cujo objectivo era dissertar extensa e pormenorizadamente sobre questões consideradas demasiado específicas ou especulativas para serem incluídas nos sermões de Domingo (Stout 48).

(Boorstin 10; Elliott, *New* 42; Stout 23; Van Hof 329). Para além destas ocasiões semanais, o sermão tornou-se no momento principal da grande maioria dos acontecimentos públicos como, por exemplo, nos dias em que a população com direito de voto elegia os seus representantes políticos – “On annual days of election, in the spring, after officers were installed and oaths taken, before turning to business the General Court regularly listened to a sermon which, under the circumstances, was bound to be more a review of recent afflictions than an exposition of doctrine” (Miller, *New* 29) – ou, ainda, em dias de eleição das forças militares, de jejum, de acção de graças ou de execuções.<sup>4</sup>

O sermão puritano distinguiu-se, então, pela ênfase atribuída à aplicação prática da doutrina pregada, tomando-a como um ponto de partida para o aperfeiçoamento da comunidade: “In New England, the sermon was far more than a literary form. It was an institution, perhaps the characteristic institution of Puritanism here. It was the ritual application of theology to community-building and to the tasks and trials of everyday life” (Boorstin 12). Logo, seguros da sua missão num território hostil e enfrentando o desafio de criar uma comunidade coesa e eficiente que assegurasse a sobrevivência dos seus membros, os Puritanos da Nova Inglaterra viram no continente americano a oportunidade de consubstanciar a sua visão da *Terra Prometida*. Desta forma, a utilização do sermão em eventos públicos aliava propósitos espirituais a necessidades políticas, contribuindo para o controlo de conflitos internos ao criar uma narrativa comum<sup>5</sup> legitimadora da ordem social vigente (Murphy 23).

Para além dos sermões proferidos em eventos de carácter religioso, é naqueles pregados em momentos de importância principalmente social, cultural e política para a comunidade que é possível observar uma alteração do foco das palavras pregadas. Estas deixam de privilegiar a proclamação da bondade e graça de Deus para serem utilizadas como um instrumento de controlo social, como afirma Stout:

As social and cultural custodians, however, their [the ministers'] primary focus shifted from God's mercy to man's responsibility to honor the

---

<sup>4</sup> Para um aprofundamento da expressão da jeremiada americana através de sermões em dias de execução de prisioneiros cf. Bosco, Ronald A. “Lectures at the Pillory: The Early American Execution Sermon.” *American Quarterly*, vol. 30, no. 2, 1978, pp. 156-176. Contudo, a perspectiva de Bosco relativamente ao sermão de execução como sendo um dos exemplos principais da forma da jeremiada americana foi já criticada por Mark Winston Brewin no seu ensaio “The New England Execution Sermon: Texts, Rituals, and Power.” *Observatorio*, vol. 5, no. 2, 2011, pp. 135-160.

<sup>5</sup> Apesar de existir uma uniformidade entre a doutrina de cada pregador, note-se que sempre existiram variações da narrativa identitária dominante, fruto de divergências entre os pontos de vista de cada líder religioso. É, assim, erróneo qualificar a *New England mind* como sendo completamente homogénea (Van Hof 332).



conditional terms of God's national covenant. Here the emotional levers were fear and the possibility of divine desertion. Unlike personal salvation, which was granted not earned, national covenants required good works on the part of the citizens. (24)

Logo, num primeiro momento, a fórmula da jeremiada torna-se num instrumento recorrentemente utilizado por oradores puritanos de modo a criarem sentido a partir das particularidades da sua experiência no continente americano, como aponta Miller: "It [the jeremiad] was a way of conceiving the inconceivable, of making intelligible order out of the transition from European to American experience" (New 31). Como irá ser explanado, esta adaptabilidade da retórica da jeremiada, a par da relação de proximidade que estabelece com o mito da América, permitiu a sua sobrevivência na oratória americana até ao século XXI.

### **1.1. O Sermão Político Puritano: a Jeremiada Americana**

De modo a compreender a relevância e as características formais e temáticas da jeremiada americana na sua expressão contemporânea, torna-se necessário caracterizar, ainda que brevemente, não só o contexto intelectual, cultural e político no qual esta surge, mas também as principais alterações que a sua retórica foi sofrendo ao longo do tempo, até ao século XXI. Apesar da extensão e do foco da presente dissertação não permitirem uma descrição exaustiva nem do complexo processo de colonização e desenvolvimento inicial da Nova Inglaterra nem de todas as alterações sociais, económicas, políticas e culturais pelas quais os Estados Unidos passaram ao longo de mais de dois séculos, é pertinente começar por descrever o sistema de organização social e político, assim como o ideal de missão, do grupo de Puritanos que, em 1630, chegou ao continente americano e fundou a colónia de Massachusetts Bay. Tal como irá ser desenvolvido, a jeremiada no Novo Mundo surge, principalmente, como resposta a um conjunto de alterações políticas, sociais e culturais vividas pelos elementos da segunda e terceira gerações deste grupo inicial de Puritanos que, motivados por propósitos económicos e religiosos, realizam a sua travessia do oceano Atlântico a bordo do *Arbella* (Horton and Edwards 33).

#### **1.1.1. Migração até ao Novo Mundo**

Juntamente com os esforços efectuados para reinstituir a fé Católica em Inglaterra, revertendo as reformas realizadas por Henry VIII (1491-1547), o período de opressão da fé protestante durante o reinado de Mary I (1516-1558) acaba por contribuir para a migração de

elementos desta comunidade para Genebra onde o contacto com a doutrina calvinista intensificou os seus sentimentos de revolta contra a Igreja Católica (Horton and Edwards 30-31). Apesar de Elizabeth I (1533-1603) ter revertido algumas das medidas da sua antecessora, reestabelecendo a Igreja de Inglaterra como a igreja oficial do estado, as suas decisões não procuraram alienar por completo a comunidade católica. Nesta altura, o termo “Puritano” surge, então, como forma de caracterizar aqueles que, ao rejeitarem qualquer tipo de compromisso, defendiam a reforma completa da Igreja de Inglaterra, distanciando-a dos rituais católicos e propiciando o retorno às formas iniciais do cristianismo (Elliott, “New” 185; Horton and Edwards 31). Ainda durante o reinado de James I (1566-1625), apesar das crenças calvinistas do rei e da nomeação, em 1611, de George Abbot (1562-1633) como Arcebispo da Cantuária, grupos de Puritanos Separatistas, criticados e perseguidos por se separarem da Igreja Anglicana e realizarem as suas próprias cerimónias de culto, migram até aos Países Baixos em busca de liberdade de expressão religiosa (Bremer 11-12).<sup>6</sup>

A experiência de um desses grupos é narrada por William Bradford (1590-1657) que, na sua obra *Of Plymouth Plantation*, cuja escrita iniciou em 1630 e termina por volta de 1650, descreve os motivos que levaram a sua comunidade a deixar Inglaterra: “by a joint consent they resolved to go into the Low Countries, where they heard was freedom of religion for all men” (6). Tendo partido para Amsterdão em 1609 e acabado por se estabelecer em Leida, onze anos mais tarde, os elementos desta comunidade voltaram a embarcar: “they began to incline to this conclusion: of removal to some other place” (10). Desta vez, partiram em direcção a uma nova *Terra Prometida*, onde poderiam espalhar a palavra de Cristo em territórios aos quais esta ainda não teria chegado e proteger as gerações mais jovens das tentações e dos exemplos corruptores encontrados na Holanda: “The place they had thoughts on was some of those vast and unpeopled countries of America” (12).

Contrariamente a este grupo de Puritanos Separatistas – também conhecidos por *Pilgrims*, *Dissenters* ou *Brownists*<sup>7</sup> – que desembarcaram do navio *Mayflower* a Oeste do Cabo Cod e fundaram a colónia de Plymouth em 1620, os elementos da comunidade puritana

---

<sup>6</sup> Enquanto a Igreja Anglicana se encontrava organizada segundo uma hierarquia liderada pelo monarca regente, os Puritanos defendiam a existência de congregações lideradas por ministros e magistrados eleitos pelos elementos de cada uma. Apesar das semelhanças entre as doutrinas anglicana e puritana, tanto Elizabeth I como James I foram capazes de reconhecer a ameaça política que algumas das reformas defendidas pela comunidade puritana representavam (Elliott, “New” 186).

<sup>7</sup> Liderados por Robert Browne (1550?-1633) que, adoptando princípios separatistas no final do século XVI (Horton and Edwards 33) e defendendo a reforma da igreja segundo princípios congregacionais, apela na sua obra *Reformation without Tarrying for Any* (1582) a uma completa separação dos seus leitores da Igreja Anglicana (Elliott, “New” 189). Browne defendia a existência de igrejas autónomas sem hierarquia eclesiástica constituídas pela população local de crentes. Por sua vez, esta estrutura correspondia à organização política e social apresentada pelo grupo de Separatistas do qual William Bradford fazia parte (34-35).

liderada por John Winthrop (1587-1649) ainda se consideravam membros da Igreja Anglicana.<sup>8</sup> Apesar desta necessitar de extensas reformas que eliminassem por completo as suas características papistas, os Puritanos de Massachusetts Bay procuravam purificá-la através do seu próprio exemplo (Horton and Edwards 33). Ainda a bordo do *Arbella*, através do sermão “A Model of Christian Charity” (1630), Winthrop une aspirações seculares e espirituais ao definir não só a essência do ideal social puritano baseado num acordo entre Deus e cada membro da igreja, assim como destes entre si (Miller, “State” 78), mas também a responsabilidade de toda a comunidade para com o resto do mundo: “For we must consider that we shall be as a city upon a hill, the eyes of all people are upon us” (Winthrop 83). Desta forma, com a sua partida para o *Novo Mundo* e estabelecimento nos vastos territórios selvagens do continente americano, a primeira geração de Puritanos procurava ser um exemplo a seguir pela Europa e, em particular, pela Inglaterra: “they believed that their New Jerusalem in North America was going to set an example that would be emulated on the other side of the Atlantic, allowing them eventually to return to a fundamentally changed and reformed England” (Paul 151). Assim, para a primeira geração de Puritanos a estabelecerem-se em Massachusetts Bay a concretização da sua missão e subsequente retorno ao seu país de origem dependia da reforma completa da Igreja de Inglaterra.

### **1.1.2. Organização Religiosa e Política em Nova Inglaterra**

No território que mais tarde viria a ser conhecido por Boston, é constituída uma sociedade na qual o clero exercia uma forte influência política (Elliott, “New” 190). Não obstante, apesar de apenas membros da igreja possuírem o direito de voto, em Massachusetts Bay, a relação de proximidade entre o estado e a igreja era distinta daquela patente em Inglaterra, tendo sido decidido que elementos do clero, apesar de frequentemente consultados sobre assuntos civis, não poderiam ocupar cargos políticos (Bremer 80-81). Consequentemente, a organização e os elementos do governo colonial estabelecido eram distintos daqueles que constituíam a igreja. Anualmente, em cada *election day*, os elementos da comunidade com direito de voto elegiam o governador da colónia e seus restantes representantes, enquanto assuntos particulares de uma comunidade eram debatidos em reuniões onde apenas participavam os habitantes locais. De modo semelhante, organizando-se segundo princípios congregacionais, cada comunidade elegia os seus líderes

---

<sup>8</sup> Note-se como o termo “puritanismo” é de complexa definição, visto representar práticas e teorias heterogéneas (Avelar 88). Para uma análise das diversas acepções dos termos “puritanismo” e “puritano” no contexto de Nova Inglaterra, ver Winship, Michael P. “Were There Any Puritans in New England?” *The New England Quarterly*, vol. 74, no. 1, 2001, pp. 118-138.

religiosos e geria a sua congregação autonomamente. Contudo, de forma a gerar um sentimento de união e uniformidade entre cada igreja, eram organizadas conferências clericais onde os líderes de cada comunidade religiosa se reuniam para discutir assuntos comuns. Desta forma, estas congregações não procuravam ser unificadas através de uma estrutura administrativa, mas através da partilha de um objectivo e uma forma de vida comuns (Boorstin 17; Bremer 20).

O sentimento de responsabilidade de cada elemento da congregação para com todos os outros encontrava-se bastante presente entre os Puritanos, sendo da incumbência dos líderes tanto religiosos como civis supervisionar e encaminhar espiritualmente os restantes membros da comunidade. Tal ideal de responsabilidade já se encontrava presente no sermão de Winthrop a bordo do *Arbella* quando este afirma: “every man [is required to] afford his help to another in every want or distress (...) that he perform this out of the same affection which makes him careful of his own good according to that of our savior” (80). No entanto, precisamente no mesmo sermão, Winthrop começa por declarar: “God Almighty in His most holy and wise providence hath so disposed of the condition of mankind as in all times some must be rich, some poor; some high and eminent in power and dignity, others mean and in subjection” (79). Com estas afirmações, para além de incutir um sentido de responsabilidade em todos os membros da comunidade relativamente à conduta daqueles que os rodeiam, Winthrop legitima o poder dos líderes religiosos e civis de Massachusetts Bay ao defender a existência de elementos subordinantes e subordinados. Tal hierarquia podia também ser observada a nível religioso, naturalizando a existência de elementos da sociedade responsáveis pela condição espiritual dos seus subordinados (Horton and Edwards 37).

De modo a justificar a adopção desta hierarquia, na sua obra *Errand Into the Wilderness* (1976), Perry Miller chama a atenção do leitor para a necessidade de compreender a relação de proximidade entre religião e política na sociedade puritana de Massachusetts do século XVII: “the unity of religion and politics was so axiomatic that very few men would even have grasped the idea that church and state could be distinct. For the Puritan mind it was not possible to segregate a man’s spiritual life from his communal life” (142). Algo que Jonathan Mitchell (1624-1668) relembra à sua assistência com a sua jeremiada, “Nehemiah on the Wall”, proferida durante o *election day* de 1667. Neste sermão político, Mitchell dirige-se aos líderes civis e religiosos da colónia, lembrando-os das suas responsabilidades para com a população: “Consider the things wherein the welfare of a people does consist – religion in the first place, and then their safety, or the preservation of their being, both personal and political, and their participation in the rules and fruits of

righteousness, equity, order and peace” (110). Esta estreita relação entre o individual e o colectivo e suas repercussões a nível político e espiritual podem ser também observadas no já mencionado sermão de Winthrop, onde este afirma dirigir-se a uma comunidade unida segundo um governo tanto civil como eclesiástico – “a due form of government both civil and ecclesiastical” (82).

Por sua vez, esta indivisibilidade e organização do estado surge não só como resultado das raízes culturais europeias deste grupo de Puritanos,<sup>9</sup> mas também como consequência da sua crença no pecado original. Assim, para poder viver em sociedade, o ser humano necessita de uma forma de liderança coerciva capaz de limitar e castigar os seus impulsos nefastos. Por isso, apesar da salvação de cada indivíduo ser da sua própria incumbência, numa comunidade puritana o estado é um instrumento essencial de liderança, sendo sua obrigação intervir e direccionar todos os aspectos do comportamento humano, assim como, caso fosse necessário, implementar mecanismos de coibição para que a comunidade pudesse subsistir e evoluir espiritualmente (Miller, *Errand* 142-143).

Consequentemente, as divergências doutrinárias entre elementos da comunidade eram tomadas como radicalismo e intoleradas<sup>10</sup> – “To allow no dissent from the truth was exactly the reason they [the Puritans] had come to America” (145). Apesar de terem atravessado o oceano Atlântico em parte por terem sido vítimas de intolerância religiosa, o consentimento da coexistência de diversas denominações era contraditório relativamente à concepção puritana de que a doutrina e organização da sua igreja eram as únicas representativas da verdade contida na Bíblia, devendo, por isso, servir de exemplo para a completa reforma da Igreja Anglicana (Horton and Edwards 34; Miller, *Errand* 144-145). Esta sua intolerância religiosa, tal como será desenvolvido, contribuiu para o aumento dos sentimentos de ansiedade e descontentamento relativamente ao futuro da comunidade puritana de Nova

---

<sup>9</sup> A noção de um governo concebido por Deus com o objectivo de proteger o ser humano da sua própria perversão, a organização hierárquica da sociedade e, finalmente, a ideia de que os interesses da comunidade deveriam ter precedência sobre os de qualquer indivíduo são todas concepções anteriormente presentes na organização do cristianismo ortodoxo e do feudalismo, assim como nas doutrinas da igreja medieval e anglicana (Miller, *Errand* 144).

<sup>10</sup> Relativamente à limitação da liberdade religiosa e de expressão em Nova Inglaterra, atente-se às figuras de Roger Williams (1604-1683) e de Anne Hutchinson (1591-1643). Em 1635, Williams foi banido de Massachusetts Bay por defender, entre diversas convicções contraditórias às dos seus líderes, a ilegitimidade da posse por colonos europeus de terras anteriormente ocupadas pelos nativos do continente, a completa separação de cada congregação da Igreja Anglicana e, finalmente, tolerância religiosa, argumentando a favor da ilegitimidade do governo civil impor quaisquer crenças e práticas religiosas (Gaustad 6-13; Horton and Edwards 39-41). Três anos mais tarde, Hutchinson é banida de Massachusetts Bay no seguimento da chamada Controvérsia Antinomianista (1636-1638). Para além de realizar encontros de carácter religioso na sua própria casa e de liderar discussões teológicas, Hutchinson defendeu princípios que colocavam em causa as fundações da ordem social e política puritana, separando a moralidade da salvação do indivíduo e admitindo ter experienciado revelações privadas que a tornavam na sua própria autoridade espiritual (Gaustad 53-55).

Inglaterra expressados pelos seus líderes religiosos e abordados nas suas jeremíadas, tal como é sucintamente afirmado por Increase Mather (1639-1723) no seu sermão, “The Day of Trouble is Near” (1673): “I look upon an unbounded Toleration as the first born of all *Abominations*” (54).

### 1.1.3. Um Acordo com Deus

Durante o século XVII, fruto de uma necessidade de contornar as questões problemáticas levantadas pela doutrina da predestinação, o sistema calvinista inicial foi sofrendo alterações, tendo sido elaborada a noção de um Deus que, apesar de preservar os seus mistérios, se mostrava menos insondável, tendo dado origem a doutrinas como, por exemplo, o Arminianismo. No entanto, segundo Miller, foi através principalmente das ideias desenvolvidas por figuras como o teólogo William Perkins (1558-1602) e o seu discípulo William Ames (1576-1633), assim como por Richard Sibbes (1577-1635) e por John Preston (1587-1628), que foi concebida e desenvolvida a crença na possibilidade do estabelecimento de um acordo entre o ser humano e Deus. Por sua vez, este acordo tornou-se num conceito basilar de todo o projecto de salvação defendido pelas primeiras comunidades de Puritanos a estabelecerem-se no Novo Mundo (*Errand* 55-60).

Neste acordo entre Deus e o ser humano, este começa por receber a própria capacidade de acreditar, comprometendo-se a desenvolvê-la, sendo que, se o indivíduo a quem foi concedida a graça de Deus cumprir a sua parte, a sua salvação irá ser garantida:

on His own side, God voluntarily undertakes, not only to save those who believe, but to supply the power of belief, to provide the grace that will make possible man's fulfilling the terms of this new and easier covenant. (...) Man has only to pledge that, when it is given him, he will avail himself of the assistance which makes belief possible. If he can believe, he has fulfilled the compact; God then must redeem him and glorify him. (62)

Logo, o sucesso deste acordo encontra-se centrado na incessante procura e esforço dedicados ao seu cumprimento e não na capacidade do indivíduo eleito atingir uma conduta absolutamente irrepreensível aos olhos do seu Criador, sendo que a incapacidade de alcançar tal perfeição não seria castigada. Como consequência da dádiva da graça de Deus, o indivíduo torna-se capaz de iniciar uma vida moral, pelo que qualquer incapacidade de o fazer é da sua inteira responsabilidade. Aliás, a própria aceitação desta dádiva e do acordo

quando estes lhe são apresentados através de um sermão ou sacramento<sup>11</sup> reside na vontade do próprio indivíduo (82-85). Assim, tal como Miller afirma: “It [the covenant theology] was the preliminary to their proving that faith without performance is an impossibility, a contradiction in terms, and that that which must be performed is the moral law, the law, which reason and common sense know to be good in itself” (89). Portanto, o princípio do acordo como base para a salvação surge como um instrumento estratégico no apelo à acção humana, pois a única forma de ganhar a salvação e o estatuto de eleito é através da própria tentativa de cumprir o acordo (86, 88).

De facto, a teologia do acordo influenciou não só o comportamento do indivíduo, mas também toda a organização social e política da comunidade, constituindo, em Nova Inglaterra, a base do estado e da igreja: “they [New England Puritans] absorbed the personal into the social errand” (Bercovitch, *American* 25). Da mesma forma em que é estabelecido um acordo entre o indivíduo e Deus, através do qual é determinada a natureza moral de cada acção, o acordo entre cada elemento eleito de uma sociedade e o estado funciona de modo semelhante: “the collective will of regenerate men, bound together by the social compact, projects and continues the will of God into the state” (Miller, *Errand* 149). Assim, o acordo estabelecido entre Deus e o indivíduo eleito poderia ser expandido de modo a incluir todo um grupo como uma só unidade política, submetendo-a a um conjunto de regras sociais que iriam definir o seu programa político (*New* 21).

De modo análogo, a relação estabelecida entre todos os membros de uma congregação e a própria igreja funciona de forma a poderem trabalhar em conjunto para o cumprimento das suas obrigações para com Deus (90-91). Estas são da responsabilidade não só do indivíduo, mas de toda a comunidade, sendo que o seu incumprimento teria consequências nefastas para todos os seus elementos. Tal como Winthrop afirma a bordo do *Arbella*, relembrando os seus companheiros de viagem da seriedade da sua incumbência:

Now if the Lord shall please hear us and bring us in peace to the place we desire, then hath He ratified this covenant and sealed our Commission, [and] will expect a strict performance of the articles contained in it. But if we shall neglect the observation of these articles which are the ends we have propounded, (...) the Lord will surely break out in wrath against us, be

---

<sup>11</sup> De acordo com Miller, a doutrina puritana, no século XVII, considerava os sacramentos da igreja em conjunto com os sermões pregados pelos pastores como veículos indispensáveis da graça de Deus: “He [God] first administered it [the covenant] through conscience, then through the prophets and ceremonies, now through Christ, preaching of the Word, and the sacraments” (*Errand* 69).

revenged of such a perjured people, and make us know the price of the breach of such a covenant. (83)

Consequentemente, apesar da sua concepção inicialmente teológica, a doutrina do acordo pode ser igualmente considerada como uma teoria social, segundo a qual um governo legítimo apenas poderia ser constituído com o consentimento dos governados que aceitam e procuram cumprir os termos expressos pela palavra de Deus (Miller, “State” 78).

#### **1.1.4. Construção Identitária: o Povo Eleito e o Excepcionalismo Americano**

Com o estabelecimento desta relação baseada em obrigação mútua, os desígnios de Deus deixam de ser considerados totalmente imperscrutáveis – “God’s promises in the Covenant being nothing else but His purposes revealed” (Shepard, 148) –, podendo ser compreendidos, em parte, pela razão humana (Miller, *Errand* 71). Portanto, embora os motivos da atribuição da graça a um determinado indivíduo continuem inacessíveis ao ser humano, este pode procurar, mesmo antes de qualquer experiência regeneradora, submeter-se a um auto-exame e escolher seguir a palavra de Deus como esta se encontra na Bíblia e é exposta pelos líderes religiosos da comunidade nos seus sermões (68-69, 73). Tal como este exame interior, encorajado, a razão do Homem deve ser também utilizada para decifrar as manifestações dos desígnios de Deus no mundo material: “Quite apart from faith, therefore, there are two important sources of truth to which man has immediate access: himself and his experience of the world” (77). Por conseguinte, estando o modelo da sociedade puritana assente numa organização política e religiosa fortemente articuladas em torno da crença do estabelecimento de um acordo com Deus não só a nível individual, como também colectivo, cada elemento desta comunidade, para além de experienciar um momento de regeneração interna, procurava sinais visíveis da sua eleição em recompensas materiais, fruto do seu trabalho (Ramalho et al. 22). Tais sinais seriam indicadores do estatuto de *Povo Eleito* de toda a comunidade.

Por sua vez, a interpretação feita da prosperidade material dos Puritanos de Nova Inglaterra é reveladora da relação estabelecida entre estes e o texto da Bíblia, sendo que este, para além de conter um código explícito de leis a cumprir, era também uma narrativa utilizada como forma de compreender o presente através do estabelecimento de analogias entre os eventos narrados e a realidade puritana do século XVII:<sup>12</sup> “The basic reality in their

---

<sup>12</sup> Esta forma de compreender a História, assim como a contemporaneidade da comunidade puritana de Nova Inglaterra encontra-se presente na retórica da jeremiada americana. O sermão puritano, para além de bastante



life was the analogy with the children of Israel. They conceived that by going out into the Wilderness, they were reliving the story of Exodus and not merely obeying an explicit command to go into the wilderness. For them the Bible was less a body of legislation than a set of binding precedents.” (Boorstin 19). Como consequência destas leituras, são encontrados na Bíblia um sentido de missão e de destino a cumprir pela sociedade puritana de Massachusetts Bay, revivificando os mitos de *Povo Eleito* e *Terra Prometida* (Ramalho et al. 21).

Tais mitos, juntamente com o acordo estabelecido com Deus, se por um lado garantiam a salvação de todos os elementos da comunidade, por outro incumbiam-lhes um grande sentido de responsabilidade, pois, tal como Winthrop deixa claro no excerto acima citado, o incumprimento do acordo traria graves punições. Logo, qualquer evento que dificultasse o progresso e prosperidade desta sociedade seria interpretado como um sinal do descontentamento de Deus para com os seus membros, sendo necessário identificar e alterar as causas de tal desagrado. Ademais, é precisamente sustentada por esta analogia entre a narrativa bíblica do povo de Israel e a experiência das primeiras comunidades de Puritanos a estabelecerem-se no *Novo Mundo* que nasce a noção do excepcionalismo americano (Paul 137).

Esta narrativa identitária, baseada na noção de singularidade dos Estados Unidos da América em comparação com o resto da experiência humana, tem como ponto de partida a noção da América como *Terra Prometida* habitada pelo *Povo Eleito*, procurando servir de exemplo, tal como Winthrop afirma, para o resto da humanidade. Anos mais tarde, a própria independência política dos Estados Unidos é associada a uma singularidade cultural, contribuindo para a consolidação da construção do mito do excepcionalismo americano como pilar identitário desta nação (Noble 7). Tal como irá ser desenvolvido, a retórica que sustenta a ideia da singularidade dos Estados Unidos não só tem sido utilizada como instrumento

---

marcado pelo uso do *plain style* – com a sua estrutura lógica e clara, juntamente com a utilização precisa das potencialidades simbólicas da linguagem (Murdock 39) –, recorre frequentemente a uma forma amplificada de tipologia bíblica. Segundo este modo de interpretar eventos passados ou correntes e de fazer previsões através do estabelecimento de analogias com narrativas bíblicas, Deus planeia cuidadosamente e atribui um significado específico aos acontecimentos na vida dos indivíduos eleitos. No caso dos Puritanos de Nova Inglaterra, tal significação poderia ser compreendida através da leitura atenta da Bíblia e transmitida para toda a congregação através do sermão (Elliott, “New” 188; Stout 45). Os exemplos da presença de tipologia bíblica na jeremiada americana são variados, no entanto, a sua utilização é particularmente relevante no sermão “The Mystery of Israel’s Salvation” (1667) de Increase Mather (1639-1723) ao longo do qual, através da utilização da Bíblia como chave para compreender o presente e prever o futuro da comunidade, Mather procura reavivar o interesse da sua assistência no milenarismo: “The present tumults and shaking of the nations are a sign that the mystery of God shall be finished ere long, and that the kingdom shall become the Lord’s all the world over. (...) I might also tell you that direful and astonishing desolations by fire are a sign that the time is at hand wherein the mystery of God shall be finished” (243).

político ao longo dos anos, como continua, até aos dias de hoje, a exercer uma força política significativa (Kaveny 61) e a ser utilizada, por exemplo, pela jeremiada contemporânea.

### 1.1.5. As Origens e Características da Jeremiada

Apesar da longa tradição da jeremiada americana se encontrar intimamente ligada ao modo como os Estados Unidos têm vindo a refletir sobre as suas origens, o estado da nação e o futuro desta, a jeremiada como forma de pensar e lamentar a condição espiritual de uma comunidade não é exclusiva deste país (Murphy 5).<sup>13</sup> É possível identificar diversos textos elaborados fora do contexto americano centrados em aspectos temáticos desenvolvidos na maioria das jeremiadas, como a decadência moral e espiritual de uma determinada comunidade, os castigos suportados por esta como consequência da sua degenerescência, o reconhecimento, por parte dos seus elementos, dos erros cometidos e, finalmente, a esperança da vinda de um período de regeneração e revivificação espiritual (6).

Assim, apesar do profeta Jeremias ser apenas uma figura entre várias a expressar as suas ansiedades relativamente a uma comunidade em declínio, é precisamente na tradição hebraica que encontramos as origens da jeremiada americana. Nomeadamente, no Velho Testamento com o livro de Jeremias e das Lamentações, onde o profeta deplora a situação do povo de Israel que, como resultado das suas acções condenáveis e do incumprimento do acordo estabelecido com Deus – “Yet they obeyed not, nor inclined their ear, but walked every one in the imagination of their evil heart: therefore I will bring upon them all the words of this covenant, which I commanded *them* to do; but they did *them* not” (*King James Version*, Jer. 11.8) –, acaba por sofrer o devido castigo – “Thine own wickedness shall correct thee, and thy backslidings shall reprove thee” (2.19).

Adicionalmente, à semelhança de outros aspectos fundamentais ao desenvolvimento do que se viria a tornar os Estados Unidos, a jeremiada americana possui raízes britânicas, sendo possível remontar as suas origens ao movimento puritano inglês do século XVI e à sua convicção, acima apresentada, de que os funestos eventos que afectavam uma comunidade eram a expressão do descontentamento de Deus perante a corrupção espiritual dos seus constituintes. Por sua vez, ao longo do século XVII, a noção de um Deus que se preparava para castigar o povo inglês pela sua incapacidade de completamente reformar a sua Igreja

---

<sup>13</sup> O conceito de “jeremiada” foi primeiro extensamente desenvolvido por Perry Miller em publicações como *The New England Mind: From Colony to Province*. Harvard University Press, 1953 e *Errand Into the Wilderness*. Harvard University Press, 1976 [1958]. Mais tarde, Sacvan Bercovitch retrabalha extensamente o termo, publicando *The American Jeremiad*. The University of Wisconsin Press, 2012 [1978]. Recentemente, Andrew R. Murphy expande o conceito em questão na sua obra *Prodigal Nation: Moral Decline and Divine Punishment from New England to 9/11*. Oxford University Press, 2009.

nacional, assim como pela corrupção generalizada dos seus costumes e vida social, tornou-se num factor importante na justificação da migração de elementos da comunidade puritana para a colónia de Nova Inglaterra (Egan 401-402; Murphy 21).

Não obstante, apesar de diversos elementos temáticos da jeremiada americana já se encontrarem presentes na retórica apresentada pelos primeiros grupos de Puritanos a atravessarem o Atlântico, é apenas no Novo Mundo que o sermão político puritano desenvolve traços temáticos e simbólicos característicos, fruto dos desafios impostos pela experiência americana. Por conseguinte, no ensaio “The Puritan jeremiad as a literary form” (1974), David Minter começa por situar as origens da jeremiada americana na década de 1660,<sup>14</sup> num período durante o qual diversas alterações de ordem política, religiosa e social nas colónias puritanas geraram inquietação e ansiedade entre os seus líderes religiosos (47-48) e às quais estes procuraram responder utilizando a retórica da jeremiada.

Primeiro, em meados do século XVII, com a instituição do Protectorado (1653-1659) e apesar do estabelecimento de uma atitude de maior tolerância religiosa em Inglaterra (Bremer 27), a figura puritana de Oliver Cromwell (1599-1658) recebeu, inicialmente, bastante apoio vindo das colónias do continente americano com o objectivo de, finalmente, conseguirem a reforma completa da Igreja Anglicana. Contudo, durante as décadas de 1660 e 1670, após o fim do Protectorado, o governo inglês procurou diminuir a influência puritana nas instituições políticas e culturais de Nova Inglaterra, proibindo a execução de dissidentes religiosos, impondo a atribuição do direito de voto a elementos da colónia que não fossem membros da Igreja e abrindo a frequência desta a todos os cristãos (28). Tais imposições foram recebidas com bastante resistência por parte dos líderes políticos e religiosos puritanos o que leva Minter a afirmar o seguinte: “By smashing the New England dream of being a city upon a hill, England made the puritan voice, in an unsought, unsettling sense, a voice crying in the wilderness” (46). Ou seja, a recusa de Inglaterra em seguir como exemplo a sociedade construída em Nova Inglaterra marca o falhanço definitivo do objectivo inicial da migração das primeiras gerações de puritanos para Massachusetts Bay, impossibilitando esta comunidade de se tornar no modelo a partir do qual a Igreja Anglicana seria completamente reformada.

Ademais, a prosperidade de Nova Inglaterra foi atraindo cada vez mais colonos cuja migração tinha como objectivo principal motivações de carácter económico. Estes novos

---

<sup>14</sup> Apesar de autores como Miller e Minter enfatizarem a importância dos sermões políticos puritanos da segunda metade do século XVII para o estudo da génese e do desenvolvimento da expressão americana da jeremiada, Bercovitch chama a atenção para a presença de algumas das suas características em sermões proferidos por Puritanos ainda da primeira geração a habitar nas colónias americanas (*American* 6, 20-21).

imigrantes procuravam estabelecer-se no continente americano e possuir as suas próprias terras, entrando em conflito com membros estabelecidos da igreja que, concentrando entre si o direito de voto, o negavam aos recém chegados impossibilitando-os de fazerem parte da comunidade religiosa e, subsequentemente, de obterem agenciamento político e as suas próprias terras (Elliott, “New” 255). Para além do aumento do número de habitantes não pertencentes à comunidade de eleitos, os seus líderes religiosos depararam-se com o desvanecimento da devoção demonstrada pelas gerações mais jovens (Minter 46),<sup>15</sup> assim como uma diminuição do número de membros pertencentes às congregações (Silva 45),<sup>16</sup> levando John Higginson (1616-1708) a lamentar, na sua jeremiada intitulada, “The Cause of God and His People in New-England” (1663): “My Fathers and Brethren, this is never to be forgotten, that *New-England is originally a plantation of Religion, not a plantation of Trade*” (11). De modo a contornarem o declínio da sua Igreja, em 1662, após a convocação de um sínodo, os seus elementos relutantemente acordam redefinir os requisitos necessários para o baptismo e a pertença provisória à igreja dos seus netos, uma decisão que ficou conhecida como *HalfWay Covenant*. A instituição desta medida, assinala Bercovitch, gerou grande preocupação relativamente à coerência, continuidade e legitimidade da sociedade de *visible saints*<sup>17</sup> em Nova Inglaterra, constituindo, segundo este autor, um momento fulcral na construção da expressão americana da jeremiada (*American* 62-64).

Finalmente, desastres naturais como secas, incêndios, epidemias e terremotos, assim como o avistamento da passagem de cometas e ataques de tribos nativas afectam o estado de espírito da comunidade (Elliott, “American” 41; Silva 45) que, apesar da sua prosperidade, interpreta estes eventos como mensagens da insatisfação de Deus para com os seus eleitos. Assim, tal como Minter sucintamente expõe: “Later Puritans found themselves in a situation defined by the curious intermingling of three elements: the crumbling of their design, the waning of their piety, and the waxing of their prosperity” (50). Por sua vez, como consequência desta tríade, surge entre os membros da segunda e terceira gerações de Puritanos insegurança e ansiedade – “I need not tell you what the times are, (shaking times,

---

<sup>15</sup> No início da década de 1660, muitas das figuras fundadoras de Nova Inglaterra como Thomas Hooker (1586-1647), Thomas Shepard (1605-1649), John Winthrop, John Cotton (1585-1652), Nathaniel Rogers (1598-1655), Ralph Partridge (1579-1658) e Peter Bulkeley (1583-1659) já tinham falecido, deixando aos restantes membros desta geração a tarefa de interpretar os eventos vivenciados pela população e reflectir sobre o seu futuro (Stout 53-54).

<sup>16</sup> Atente-se ao facto de que, mesmo durante o período da Grande Migração na década de 1630, apenas um quinto da população das colónias era considerada apta a pertencer à comunidade de eleitos (Miller, *Errand* 158).

<sup>17</sup> Para além de terem vivido uma experiência de conversão e comprovado a sua veracidade, os *visible saints* eram todos aqueles que, através da sua conduta, continuavam a demonstrar o seu estatuto de eleitos (Bercovitch, *American* 63).

and trying times) wherein the cause of Religion is endangered on every side” (Higginson 18) – acompanhadas pela necessidade de reinterpretarem os objectivos iniciais das figuras fundadoras da colónia sem os abandonarem na íntegra, procurando inserirem-se numa nova realidade com uma missão por eles reelaborada, redefinindo, então, a sua própria identidade (Minter 47; Van Hof 451): “The Jeremiads registered the anguish of a society that was clinging to the past while it was forced to reforge its self-conception” (Butts 687).

Esta necessidade de reavaliação identitária e dos propósitos de toda a colónia quando confrontados com a realidade do Novo Mundo é claramente exposta por Samuel Danforth (1626-1674) no início da sua jeremiada intitulada, “A Brief Recognition of New-Englands Errand Into the Wilderness” (1670): “Such as have sometime left their pleasant Cities and Habitations to enjoy the pure Worship of God in a Wilderness, are apt in time to abate and cool in their affection thereunto: but then the Lord calls upon them seriously and thoroughly to examine themselves, what it was that drew them into the Wilderness” (5). Neste excerto, é possível identificar uma necessidade de reavaliação da relação estabelecida não só entre cada indivíduo e Deus, como entre este e todo o grupo como uma só unidade, pois, apesar de ter começado a sua experiência no continente americano como uma sociedade de *visible saints*, a consciência puritana mantinha sempre presente a possibilidade de revogação de tal pacto se a sua sociedade se tornasse demasiado corrupta (Miller, *New* 22).

Sendo-lhes impossível descartar por completo os objectivos inicialmente traçados, é precisamente nesta tentativa de interpretação que Minter identifica a origem da jeremiada americana: “The ‘jeremiad’ was the form Puritan interpretation took” (48). Este exercício de redefinição identitária surge, então, durante a segunda metade do século XVII, tendo sido o sermão o veículo escolhido para a divulgação da sua retórica (Murphy 22).<sup>18</sup> Estes sermões pregados em cerimónias públicas como rituais de resposta aos eventos que ocorriam em Nova Inglaterra (Miller, *New* 20) – “on days of fasting and prayer, humiliation and thanksgiving, at covenant-renewal and artillery-company ceremonies, and most elaborately and solemnly, at election-day gatherings” (Bercovitch, *American* 4) – eram apresentados na forma de uma lamentação pela corrupção espiritual da comunidade – “our coldness, our luckewarmness, will kindle the fire of his [God’s] displeasure” (Shepard, Jr. 253) –, acompanhada pela

---

<sup>18</sup> Apesar das origens da jeremiada americana estarem maioritariamente associadas ao sermão político puritano, obras de variados géneros literários podem ser qualificadas como tal. Por exemplo, para além da popular jeremiada poética de Michael Wigglesworth (1631-1705) intitulada *God’s Controversy with New England* (1662), a obra *Magnalia Christi Americana* (1702) de Cotton Mather (1663-1728) surge como uma extensa jeremiada que procura criar sentido a partir da experiência da sua comunidade, lamentando o seu afastamento da conduta estabelecida pelos seus antepassados e relembrando a missão por estes definida (Miller, *New* 33; Silva 47).

enumeração dos erros desta e respectivo castigo, assim como por um apelo à reforma e ao retorno à virtude.

Na base das lamentações apresentadas surge o incumprimento do acordo previamente estabelecido com Deus: “So that it shall be asked in time to come, *Why hath the Lord done thus to this land! And wherefore is all this great anger of the Lord? Why hath the Lord done thus unto such a people?* ... then the answer should be ‘because they have forsaken the covenant of their God’” (257). Assim, este acordo pode ser apontado como um dos elementos fundamentais para a compreensão da jeremiáda americana, pois é em relação aos seus termos que a comunidade puritana de Nova Inglaterra se desvia, originando o descontentamento e os castigos de Deus, tal como as subseqüentes lamentações do pregador. Estas, no discurso da jeremiáda, são encaradas como fazendo parte do castigo em si, demarcando na consciência da comunidade o falhanço da sua missão inicial (Minter 49-50).

No entanto, um dos aspectos que diferencia a jeremiáda americana das suas expressões anteriores é o optimismo<sup>19</sup> que acompanha o seu discurso calamitoso, conferindo-lhe uma ambivalência intrínseca (Butts 687): “In explicit opposition to the traditional mode, it [the American jeremiad] inverts the doctrine of vengeance into a promise of ultimate success, affirming to the world, and despite the world, the inviolability of the colonial cause” (Bercovitch, *American* 7). Um exemplo das fortes esperanças depositadas no futuro da comunidade, independentemente do seu declínio, pode ser encontrado na jeremiáda de Thomas Shepard, Jr. (1635-1677), comumente conhecida por “Eye-Salve” (1672), onde o autor, após a extensa enumeração de todos os pecados cometidos pela sua assistência, conclui com as seguintes afirmações: “The Lord help our leaders in the commonwealth and in the churches also, not to faint or be discouraged though they meet with opposition, difficulties, and ill requitals from some. (...) And the child must not be thrown away because it is unquiet. Though there be a storm, yet betray not the ship” (259).

Como resultado deste optimismo, os Puritanos de Nova Inglaterra tornam-se capazes de reinterpretar os castigos infligidos à comunidade, vendo-os como mecanismos de correcção (8). Por isso, ao lamentarem-nos não só enfatizam o seu estatuto de *Povo Eleito* – “a chosen people will interpret affliction as a divine reprimand, and thus as a sign of a continuing divine solicitude that confirms the covenant” (Butts 687) –, como também acabam por renovar a sua dedicação à missão dos seus antepassados, celebrando os seus esforços

---

<sup>19</sup> Atente-se à definição do conceito de “anti-jeremiáda” cunhado por Bercovitch como forma de qualificar obras literárias que expressam um completo abandono da fé na regeneração da sociedade americana, constituindo uma denúncia dos seus ideais tanto sagrados como profanos e projectando no próprio conceito de América a natureza fútil e fraudulenta da esperança e do optimismo (*American* 191).

(Bercovitch, *American* 8; Minter 50, 52). Desta forma, a jeremiada, ao permitir que o seu orador e respectivo público participem num ritual de lamentação, arrependimento e renovação, possibilita a preservação e constante actualização da identidade desta comunidade, recuperando, ainda que simbolicamente, os seus objectivos iniciais (Minter 54-55). Logo, a jeremiada americana pode ser caracterizada como um veículo de reafirmação e transmissão da missão divina dos Puritanos de Nova Inglaterra, construindo e perpetuando uma visão profética da América (Bercovitch, *American* xii-xiii).

Portanto, o sermão político puritano, tal como o próprio acordo estabelecido entre a comunidade de eleitos e Deus, podem ser qualificados como instrumentos de controlo da unidade e coesão social das colónias puritanas, promovendo a construção contínua de uma identidade colectiva em constante diálogo com o passado e contemporaneidade:

The jeremiad is a form of political rhetoric, a narrative deeply involved in the formation and maintenance of communal identity. As a response to perceptions of disorder and degeneracy, the jeremiad evokes a past characterized by unity and piety as well as a future in which such unity and piety might be recaptured. In other words, the New England jeremiad served as an instrument of social cohesion and control, an attempt to ‘prod an oft-quarreling and ever-diversifying citizenry into a more unified whole’ and to direct that whole toward a specific political vision of New England’s future. (Murphy 38)

Não obstante, para além de ser um veículo de controlo e socialização (Bercovitch, *American* xii), uma das intenções principais da jeremiada prende-se com o desenvolvimento no seu público de um espírito de reforma, incitando-o à acção (Minter 48). Assim, de modo a conciliarem esta atitude de promoção da transformação e aperfeiçoamento da sociedade com a necessidade de, ao mesmo tempo, assegurarem a sua coerência, os oradores utilizavam, principalmente, dois aspectos centrais ao discurso da jeremiada: a criação de ansiedade e a definição de um propósito comum.

Primeiro, criavam no seu público um sentimento de ansiedade, provocado não só pelo arrependimento relativamente às suas acções pecaminosas, mas também pela inquietação resultante de uma consciencialização do incumprimento dos objectivos traçados: “It [the jeremiad] made anxiety its end as well as its means. Crisis was the social norm it sought to inculcate. The very concept of errand, after all, implied a state of *unfulfillment*. The future, though divinely assured, was never quite there, and New England’s Jeremiahs set out to provide the sense of insecurity that would ensure the outcome” (Bercovitch, *American* 23).

Por isso, através da ansiedade gerada pelo perpétuo incumprimento da sua missão colectiva, os líderes espirituais da comunidade eram capazes de estimular a vontade e dinamismo necessários para garantirem o sucesso desta experiência no Novo Mundo (23).

Juntamente com a inquietação gerada, cada orador procurava claramente definir o sentido e propósito em direcção aos quais a sua assistência deveria procurar trabalhar para assegurar o progresso da colónia: “these two elements [direction and purpose] define the ritual import of the jeremiad: to sustain process by imposing control, and to justify control by presenting a certain form of process as the only road to the future kingdom” (24). Deste modo, através da jeremiada, os líderes espirituais da comunidade procuravam subordinar à sua visão de progresso as forças do individualismo (24), criando nos seus ouvintes um sentimento de ansiedade e subsequente vontade de agir que eram simultaneamente orientados em direcção ao cumprimento de um objectivo comum – “the psychological mechanism of the jeremiad operated on the principle that doubt can be an important prod to activity” (Butts 688) –, assegurando também a coesão social da comunidade.

Apesar de conseguir transformar a angústia e inquietude sentidas pelo seu público alvo num reconhecimento de culpa e subsequente renovação da sua dedicação a uma conduta virtuosa (Butts 687), a jeremiada americana encontra-se na origem de um paradoxo que lhe confere uma estrutura cíclica: “There is something of a ritualistic incantation about them [the jeremiads]; whatever they may signify in the realm of theology, in that of psychology they are purgations of soul; they do not discourage but actually encourage the community to persist in its heinous conduct” (Miller, *Errand* 8-9). Deste modo, a jeremiada torna-se num ritual cíclico de lamentação, arrependimento, absolvição, renovação e retorno à transgressão, perpetuando o processo de reforma individual e de progresso colectivo, algo que, por si só, devido à natureza do acordo estabelecido com Deus, garante o seu cumprimento: “The exhortation to a reformation which never materializes serves as a token payment upon the obligation, and so liberates the debtors” (9).

Segundo Miller, tais reiteradas transgressões dos Puritanos de Nova Inglaterra eram inevitáveis, resultando, em grande parte, de um processo de americanização: “under the guise of this mounting wail of sinfulness, this incessant and never successful cry for repentance, the Puritans launched themselves upon the process of Americanization” (9). Ou seja, o afastamento da segunda e terceira gerações de Puritanos da conduta e dos objectivos previamente estabelecidos deveu-se, maioritariamente, à inevitável necessidade de adaptação de uma missão delineada ainda na Europa à realidade do continente americano: “Changes there had to be: adaptations to environment, expansion of the frontier, mansions constructed,



commercial adventures undertaken” (9). Portanto, tal como Miller aponta, em conjunto com a necessidade de adequar uma concepção europeia do *Novo Mundo* à realidade, é possível encontrar um verdadeiro entusiasmo pela promessa das oportunidades de enriquecimento material oferecidas pelo vasto território americano. Por outro lado, o descontentamento perante tal afastamento é expresso, por exemplo, por Thomas Shepard, Jr. no momento em que este define a doutrina que irá desenvolver ao longo da sua jeremiada:

That the undeniable experience which the covenant-people of God have had of the Lord’s being to them not a wilderness nor a land of darkness, but the contrary, should caution them never to incur the guilt of so unreasonable a sin and dangerous folly and provocation, as to revolt from under the Lord, or to be unwilling to return again in case they have begun to decline from him ... A people once glad to enjoy God, though in a wilderness state, yet it’s oft seen that their affections towards God alter with the change of their wilderness into a fruitful field. (251-252)

Tal como é possível constatar, apesar de nesta comunidade puritana a prosperidade do indivíduo ser, mais do que resultado do seu trabalho árduo, um sinal da aprovação de Deus, o progresso e a prosperidade da Nova Inglaterra de Shepard, Jr. contrastava com a vida humilde levada pela primeira geração de Puritanos. Este contraste, por sua vez, dificultava a emulação da conduta virtuosa dos seus antepassados, resultando num afastamento da sua missão inicial e na necessidade da sua reavaliação: “The idea that prosperity and the accumulation of wealth destroys virtuous individuals is implicit here [the necessity to emulate the frugality and thriftiness of their ancestors]. In other words, the success of Americans undermined their experiment” (Silva 49).

#### **1.1.6. As Transformações da Jeremiada: do Século XVII à Contemporaneidade**

Em conjunto com o decréscimo significativo da população masculina como resultado da Rebelião de Metacom (1675-1676), ao longo das décadas finais do século XVII, diversos acontecimentos vieram reforçar a instabilidade e insegurança sentidas pela comunidade puritana de Nova Inglaterra, nomeadamente, a revogação da Carta Régia de Massachusetts (1684). Esta limitação da autonomia das colónias permitiu a James II (1633-1701) criar, em 1686, o Domínio da Nova Inglaterra, impedindo a população de *visible saints* de eleger o seu próprio Governador Geral e nomeando para o cargo Edmund Andros (1637-1714). Anos mais tarde, em 1689, na sequência de uma rebelião em Boston, Andros é deposto e elementos da

colónia reclamam o seu poder político. Em 1691, é aprovada uma nova Carta que, apesar de restituir parte da autonomia política aos habitantes da colónia, continua a impedi-los de elegerem o seu próprio Governador Geral. Adicionalmente, o direito de voto, anteriormente exclusivo a membros da igreja, é alargado a todos os proprietários, afastando Massachusetts da imagem de uma “cidade no topo da colina” sob a orientação de *visible saints*. Logo, sendo impossível descartar imediatamente e por completo a noção de um povo comprometido com a execução de uma missão sagrada, a jeremiada americana teve de sofrer alterações, adaptando-se a um contexto de maior tolerância religiosa. Por sua vez, o colapso definitivo desta visão, a ansiedade social e a instabilidade política acabaram por conduzir, em 1692, ao episódio das Bruxas de Salem, danificando gravemente a reputação da comunidade puritana de Nova Inglaterra (Bremer 29-30; Horton and Edwards 38; Miller, *Errand* 159, *New* 174; Silva 47; Stout 111, 114).

Após 1715, de acordo com Miller, todas as colónias se encontravam num período de prosperidade económica, resultando numa maior preocupação com bens materiais e, na perspectiva de alguns membros da população, num consequente decréscimo da piedade dos seus habitantes (Miller, *Errand* 159). Ademais, a ênfase atribuída à razão do ser humano, a crença na sua capacidade de auto-aperfeiçoamento e o encorajamento do método científico desenvolvidos nas colónias, durante o período do Iluminismo, contrastavam grandemente com a perspectiva menos optimista e autoritária do Puritanismo:

the Reformation world of Aristotle and Ramus gave way to the Enlightenment world shaped by Newton and Locke; philosophy turned from rigid theology toward natural science; the values of Deism and moral naturalism, liberalism and progress increasingly became the appropriate ways to interpret American experience. (...) The Puritan inheritance was being moderated and changed by the new thought and social order; (Ruland and Bradbury 38)

Apesar dos princípios puritanos da sobriedade e trabalho para a obtenção da glória de Deus terem sido conciliados com o optimismo e desejo de progresso do pensamento iluminista de modo a justificar e estimular a prosperidade das jovens colónias (Horton and Edwards 77-78), estas não deixaram de sofrer pressão e alguma inquietação como resultado do desenvolvimento na sua sociedade deste racionalismo científico.

Por conseguinte, durante as décadas de 1730 e 1740, as tensões sociais e políticas que se faziam sentir nas comunidades puritanas foram redireccionadas para o âmbito religioso,

resultando no fenómeno do Grande Despertar, um período de revivificação espiritual e conversões em massa (Stout 114-115): “[The Great Awakening] was itself a reaction against what was rightly felt to be a dominant trend: the growing tendency among colonists to accept and practice the ideas of the Enlightenment, albeit usually in popularized form” (Gray 49). Apesar do papel catalisador desempenhado por George Whitefield (1714-1770), responsabilizando os líderes espirituais de cada congregação pelo retrocesso religioso dos seus membros (Stout 190, 194), é necessário dar destaque à figura de Jonathan Edwards (1703-1758) e à sua tentativa de adaptar as doutrinas do Puritanismo ao novo século (Ruland and Bradbury 39). As suas palavras influenciaram os líderes de cada congregação não só a aceitar todos aqueles que queriam fazer parte da sua igreja, como também a procurar estimular esse desejo, estabelecendo uma relação directa entre o estado da alma do indivíduo, a corrupção da sociedade e o destino desta (Miller, *Errand* 160).

Apesar de ter herdado o conceito de *Povo Eleito* dos seus antepassados puritanos, Edwards expande-o, sendo que este deixa de abarcar apenas uma comunidade restrita em Nova Inglaterra – “saintly New England theocrats” (Bercovitch, *American* 105) – para incluir todos aqueles a quem o espírito de renovação espiritual afectou – “newborn American saints” (105). Consequentemente, a expansão deste conceito leva Edwards a retrabalhar igualmente a narrativa do passado da Nova Inglaterra, ampliando-a de modo a que qualquer indivíduo protestante, independentemente da sua ascendência, pudesse reclamar uma afinidade para com as figuras puritanas fundadoras das primeiras colónias: “He rendered the legend of the founding fathers the common property of all New World evangelicals, and thus opened the prospect for expanding the Puritan past into a *figura* of the American Way” (106). Assim, Edwards adapta e desenvolve a noção de *New England Way* ao construir uma narrativa comum a toda a América Protestante, unificando-a sem abandonar a concepção puritana do carácter excepcional do indivíduo e da comunidade (106).

Portanto, o Grande Despertar foi igualmente responsável por estabelecer uma relação de proximidade, não só entre o estado espiritual do indivíduo e o progresso da sua comunidade, mas também entre ambos e a visão sagrada da história das colónias, permitindo a sua aceitação e utilização na construção identitária de cidadãos fora da comunidade de *visible saints*: “In the long view, the Great Awakening, for all its apparent failure as a religious movement, succeeded in making the evangelical mode central to the culture” (“Typology” 147). Deste modo, todas estas transformações sofridas pela visão puritana como forma de a adaptar à realidade do século XVIII contribuíram igualmente para a actualização da jeremiada como discurso político, permitindo que esta continuasse a ser utilizada, por

exemplo, na justificação da expansão territorial das colónias, do seu desenvolvimento comercial e da sua participação em conflitos bélicos, nomeadamente na Guerra Franco-Indígena (1754-1763): “clothing imperialism as holy war” (Bercovitch, *American* 115).

No seu ensaio “The Remnants of Theocracy: The Puritans, the Jeremiad and the Contemporary Culture Wars” (2013), M. Cathleen Kaveny delinea as alterações que a concepção do acordo inicial estabelecido entre a comunidade puritana de eleitos e Deus foi sofrendo ao longo do tempo para que a retórica da jeremiada americana continuasse politicamente relevante para a situação corrente das colónias, identificando quatro momentos chave no seu desenvolvimento. Primeiro, com a expansão rumo ao Oeste do continente americano o acordo previamente estabelecido com Deus é ampliado de modo a incluir não só os membros eleitos de cada congregação, mas também o próprio território e todos aqueles que contribuísem para o seu progresso. Segundo, a própria concepção de Deus neste acordo afasta-se da noção construída pelos Puritanos, tornando-se mais inclusiva e acabando por poder ser substituída pelo compromisso a um conjunto de valores. Terceiro, a linguagem da jeremiada demonstrou-se suficientemente flexível para ser igualmente utilizada por grupos anteriormente marginalizados como ferramenta de condenação e crítica social como, por exemplo, por elementos da comunidade afro-americana (66). Por fim, como também afirma Howard-Pitney: “By the nineteenth century, America’s saving mission was popularly conceived as spreading the blessings of democracy and free enterprise as the jeremiad grew increasingly secular” (482). Ou seja, como resultado da ampliação e concepção cada vez mais imprecisa das entidades participantes no acordo, as obrigações de cada uma e as consequências do incumprimento desse mesmo contracto foram também ficando cada vez mais ambíguas e ajustáveis à contemporaneidade e aos objectivos políticos do autor de cada jeremiada (Kaveny 67).

De facto, todas estas alterações apresentam uma deslocação da jeremiada americana de um universo religioso para um contexto secular como resultado de um processo de adaptação a uma sociedade em constante mudança e influenciada pelos princípios do iluminismo, permitindo não só uma maior articulação entre a narrativa sagrada e profana construídas em torno do passado das colónias, mas também uma ampliação das possibilidades do seu futuro, como afirma Bercovitch:

During the eighteenth century, the meaning of Protestant identity became increasingly vague; typology took on the hazy significance of metaphor,

image, and symbol; what passed for the divine plan lost its strict grounding in Scripture; ‘providence’ itself was shaken loose from its religious framework to become part of the belief in human progress. (...) In effect, they [Yankee jeremiahs] incorporated Bible history into the American experience – they substituted a regional for a biblical past, consecrated the American present as a movement from promise to fulfillment, and translated fulfillment from its meaning within the closed system of sacred history into a metaphor for limitless secular improvement. (*American* 93-94)

É, então, devido a este processo de junção da história religiosa com a experiência americana que as possibilidades de utilização da jeremiada como instrumento político são expandidas, permitindo a sua sobrevivência no discurso político das colónias e, mais tarde, no dos Estados Unidos. Como afirma Miller, após a aprovação da Lei do Selo (1765) e do Movimento do Chá de Boston (1773), o sermão do pregador escolhido para se dirigir à população em cada dia de eleições continuava a tomar a forma de uma jeremiada, unindo o seu discurso de lamentação e apelo à contrição a ideais patrióticos numa invocação à luta pela libertação das colónias da tirania de Inglaterra (“Covenant” 93).

Durante o período da Guerra da Independência (1775-1783), a jeremiada americana surge como um instrumento instigador do conflito, estreitando a relação entre a situação política da população e a sua devoção religiosa ao associar o destino de uma América independente à capacidade dos seus cidadãos de participarem em contínuos actos de arrependimento: “The jeremiad, which in origin had been an engine of Jehovah, thus became temporarily a service department of the Continental army” (“Covenant” 94). A Revolução Americana surge, então, no discurso da jeremiada, como um evento climático na história de um povo eleito cuja obediência para com Deus depende da sua luta pela liberdade (96).

De acordo com Bercovitch, o sermão “The Church’s Flight into the Wilderness” (1776) de Samuel Sherwood (1730-1783) surge como a “jeremiada prototípica da nova nação” (*American* 127), adaptando diversos dos seus lugares-comuns e estratégias retóricas ao contexto político da revolução. Neste sermão, é possível identificar momentos de lamentação e apelo ao arrependimento por parte dos membros das colónias (40), uma admiração pela virtuosa conduta das figuras fundadoras (41) e a utilização das escrituras não só para interpretar a vontade de Deus em eventos passados e presentes, mas também para prever o futuro e justificar a separação das colónias da tirania de Inglaterra, estabelecendo um paralelismo entre o seu público alvo e o povo de Israel – “And the dealings of God in his providence, in bringing his church from a state of oppression and persecution, into this good

land, are very parallel and similar to his dealings with the Israelites, in delivering them from the tyrannical power of the haughty, cruel monarch of Egypt, and conducting them to the good land of promise in Canaan” (19).

Adicionalmente, com esta jeremiada, Sherwood não só recupera a profecia de Winthrop de uma “cidade no topo da colina”, anunciando a sua concretização – “These United Colonies have arisen to such a height as to become the object of public attention thro’ all Europe, and of envy to the mother from whence they derived” (15) –, como renova a responsabilidade dos elementos da colônia perante uma missão sagrada, utilizando-a como elemento fomentador da sua união – “There is no part of the world where its inhabitants, through such a large extent of territory, are under such bonds and obligations, from self-interest, to keep in the strictest union and harmony together” (14). Tal como é possível constatar, o autor deste sermão – marcado igualmente por um tom optimista relativamente ao futuro das colônias (31) – utiliza a jeremiada como forma de gerar sentimentos de inquietação e arrependimento na sua assistência, para, de seguida, incutindo-lhe um sentido de responsabilidade perante uma entidade sagrada, apelar à acção.

Logo, sendo o período da Revolução Americana um conturbado momento de grandes alterações políticas e sociais, foi importante recorrer a este ritual de arrependimento e regeneração espiritual para gerar coesão social, ao mesmo tempo que se procurava fomentar o espírito revolucionário na população das colônias: “Revolution meant improvement, not hiatus; obedience, not riot; not a breach of social order, but the fulfillment of God’s plan. As an act of filopietism, independence was America’s long-prepared-for, reverently *ordered* passage into national maturity” (Bercovitch, *American* 123). Para além de ser utilizado por líderes religiosos, o modelo argumentativo da jeremiada é também empregue por figuras de grande relevância política e intelectual como, por exemplo, George Washington (1732-1799), Thomas Paine (1737-1809) ou Thomas Jefferson (1743-1826) (124).

Nos textos e discursos destas figuras, elementos estruturais da jeremiada são utilizados como forma de introduzir e justificar perante a população as diversas transformações sociais e políticas que a independência das colônias implicava (Miller, “Covenant” 103). Veja-se, por exemplo, a utilização do texto bíblico como forma de fundamentar a ruptura política das colônias com a monarquia de Inglaterra apresentada por Thomas Paine, no seu panfleto *Common Sense* (1776):

Government by kings was first introduced into the world by Heathens, from whom the children of Israel copied the custom. It was the most prosperous

invention the Devil ever set foot for the promotion of idolatry (...) As the exalting one man so greatly above the rest cannot be justified on the equal rights of nature, so neither can it be defended on the authority of scripture; for the will of the Almighty, as declared by Gideon and the prophet Samuel, expressly disapproves of government by kings. (11-12)

Ao recorrer ao texto bíblico, Paine facilita, então, a aceitação desta cessação ao articulá-la com uma realidade e narrativa identitária familiar aos seus leitores e utilizada pela retórica da jeremiada, desde as suas origens.

Após a vitória das colônias, os líderes religiosos americanos enfrentam o desafio de dirigirem as suas jeremiadas a um público cada vez mais numeroso e heterogêneo – “Calling upon all the people to submit to a uniform moral law, they [clergymen] at the same time had to concede that American Christianity must and should accept a diversity of churches” (Miller, “Covenant” 110). Por isso, de acordo com Miller, durante o período do Segundo Grande Despertar (1790s-1840s), surge a necessidade de estabelecer uma certa uniformidade religiosa entre denominações através de um movimento de revivificação espiritual alimentado pela jeremiada: “what in fact they [clergymen] were doing, even though quite few understood, was asserting the unity of a culture in pressing danger of fragmentation” (111). Juntamente com as divergências entre denominações, a separação completa entre o governo federal e qualquer instituição religiosa impossibilitavam a existência de um diálogo a nível nacional com Deus, resultando na incapacidade de um orador sustentar a sua jeremiada na existência de um acordo estabelecido entre todos os membros da nação e o seu Criador (113).

No entanto, a possibilidade dos Estados Unidos sem um passado ou tradições comuns formarem uma comunidade coesa dependia não só da sua organização política, mas igualmente da existência de uma unidade espiritual entre os seus elementos (Bercovitch, *American* 140), pelo que foi necessário contornar a instabilidade resultante do desenvolvimento de uma comunidade religiosamente heterogênea para que a república pudesse perdurar. Tal problemática encontrou diversas soluções através da estrutura argumentativa da jeremiada.

Por um lado, Miller enfatiza a importância não só do Segundo Grande Despertar como tentativa de uniformização espiritual, criando uma comunidade cristã que contrastasse pela positiva com a Europa (“Covenant” 117), mas também da relevância dada na retórica da jeremiada a uma nova ansiedade gerada pela exploração de um futuro incerto: “among the many transformations wrought in the mentality of America between the Revolution and the Civil War was precisely this turning of the gaze from what had been, and could therefore be

defined, to the illimitable horizon of the inconceivable” (119). Por outro lado, enfatizando a capacidade da jeremiada americana de apresentar narrativas identitárias baseadas num passado bíblico e futuro profético, Bercovitch aponta para a importância da recuperação de uma visão tipológica da missão da América na construção de um ideal social para esta nação: “Mediating between religion and ideology, the jeremiad gave contract the sanctity of covenant, free enterprise the halo of grace, progress the assurance of the chiliad, and nationalism the grandeur of typology. In short, it wed self-interest to social perfection, and conferred on both the unique blessings of American destiny” (*American* 141). Desta forma, a nação americana ganhava uma narrativa histórica sagrada, um conjunto de antepassados eleitos por Deus, um futuro profético e a legitimidade de ocupar o continente americano como *Terra Prometida* (140).

Para além do papel central da Revolução Americana na construção da identidade nacional e retórica da jeremiada, a expansão territorial justificada como uma expressão do destino manifesto desta mesma nação veio constituir-se como mais um período de grande importância para a contínua renovação da relevância cultural da jeremiada americana: “they [Jacksonians] also invoked it [the frontier] as a vehicle of the jeremiad: to create anxiety, to denounce backsliders, to reinforce social values, and (summarily) to define the American consensus” (164). Como é possível constatar, a sobrevivência da jeremiada no panorama cultural e político dos Estados Unidos demonstra, assim, a flexibilidade da sua retórica e a capacidade de rearticulação das narrativas construídas relativamente ao passado e futuro da nação de modo a conservar a sua capacidade de gerar consenso e exortar o seu público à acção – “it [the jeremiad] has operated as a means of bringing the members of the community together, of making people strive towards a common goal” (Silva 52) –, conservando a união entre indivíduos de origem e ideais díspares espalhados por um vasto território. Esta unidade, por sua vez, é obtida através da promessa de um futuro comum e consenso cultural entre os elementos de uma comunidade em constante devir, no contexto da qual a prosperidade do indivíduo de classe média e o ideal do *self-made man* se tornaram onnipresentes (Bercovitch, *American* 154-157).

No século XIX, a jeremiada americana sobrevive como estratégia retórica em contextos tanto religiosos como seculares e em constante adaptação a novos públicos e circunstâncias (Silva 58). Paralelamente à sua utilização na oratória de líderes espirituais e políticos dos Estados Unidos, Bercovitch, no capítulo final de *The American Jeremiad* (2012), explora a influência do pensamento puritano e sua expressão através de elementos comuns à jeremiada na obra de autores como Ralph Waldo Emerson (1803-1882), Nathaniel



Hawthorne (1804-1864), Henry David Thoreau (1817-1862), Walt Whitman (1819-1882) e Herman Melville (1819-1891), chegando a declarar: “they [American writers] have been, as a rule: *American Jeremiahs*, simultaneously lamenting a declension and celebrating a national dream. Their major works are the most striking testimony we have to the power and reach of the American jeremiad” (180). Na presente dissertação, irei focar-me na utilização deste ritual de lamentação na oratória de natureza política americana. Como tal, torna-se necessário apontar para a sua utilização durante o período da Guerra Civil (1861-1865).

Anteriormente à década de 1860, a concepção de cada cidadão americano como membro de uma nação escolhida fazia já parte intrínseca do discurso público nos Estados Unidos, funcionando como um factor de coesão social entre os elementos de uma população bastante heterogénea: “But with chosenness came responsibility. Within mid-nineteenth-century jeremiad lay a persistent fear that the American mission in the world was imperiled” (Murphy 65). Recorrendo a esta narrativa mítica da América, tanto clérigos do Norte como do Sul continuavam a expressar a sua preocupação relativamente à ganância, à luxúria, ao orgulho e a um desrespeito geral pela autoridade demonstrados pela população americana como sinais da sua decadência moral. Ademais, no discurso da jeremiada, tais falhas resultavam de um afastamento do legado dos seus antepassados, tendo como consequência a presente crise política. Apesar da escravatura surgir nas jeremiadas abolicionistas deste período como o principal problema político dos Estados Unidos e forte indicador da corrupção espiritual dos cidadãos americanos, o conflito bélico em si tornou-se não só na prova principal do declínio moral e político desta nação, mas também no próprio castigo por tal degradação. Como forma de reverter esta decadência, a maioria das jeremiadas procurava recuperar valores e práticas associadas a uma moralidade cristã e à conduta apresentada pelas figuras fundadoras, idealizando, assim, o passado nacional (46, 50, 53-55, 59).

Atente-se à utilização de elementos intimamente associados à jeremiada americana por uma das vozes política e socialmente mais relevantes do século XIX nos Estados Unidos da América, a de Abraham Lincoln (1809-1865), no seu primeiro discurso inaugural: “If the Almighty Ruler of Nations, with His eternal truth and justice, be on your side of the North, or on yours of the South, that truth and that justice will surely prevail by the judgment of this great tribunal of the American people” (140). No presente excerto, apesar das divergências, do clima de tensão e da iminência do conflito armado entre os estados do Norte e do Sul, Lincoln equaciona a vontade de Deus com a de todo o povo americano, nunca abandonando a visão de uma América escolhida, em união e numa permanente relação de proximidade com

o seu Criador.<sup>20</sup> Ainda no mesmo discurso, após caracterizar o momento cultural e politicamente conturbado em que o povo americano se encontrava, colocando nas suas mãos a responsabilidade pela sua resolução (141), Lincoln expressa o seu optimismo relativamente ao futuro do país: “Intelligence, patriotism, Christianity, and a firm reliance on Him who has never yet forsaken this favored land are still competent to adjust in the best way all our present difficulty” (141). Deste modo, o décimo sexto Presidente dos Estados Unidos utiliza dois dos elementos fundamentais da jeremiada para que esta possa cumprir um dos seus objectivos principais e incitar a sua assistência à acção: primeiro, ao relembra-la das suas virtudes e relação privilegiada com Deus, Lincoln incute ao povo americano um sentido de responsabilidade moral contrastante com a presente situação política e social nacionais, gerando, assim, um desejo de intervenção; e, segundo, revela um optimismo importante no direccionamento e concretização das acções desejadas, neste caso, a conservação da União.

Em plena Guerra Civil, a 30 de Março de 1863, o Presidente aproxima-se ainda mais do sermão puritano, em particular da retórica da jeremiada americana, ao apelar a um dia de humilhação nacional:

May we not justly fear that the awful calamity of Civil War, which now desolates the land, may be but a punishment, inflicted on us, for our presumptuous sins, to the needful end of our national reformation as a whole People? We have been the recipients of the choicest bounties of Heaven. We have been preserved, these many years, in peace and prosperity. We have grown in numbers, wealth and power, as no other nation has grown. But we have forgotten God. We have forgotten the gracious hand which preserved us in peace, and multiplied and enriched and strengthened us; and we have vainly imagined, in the deceitfulness of our hearts, that all these blessings were produced by some superior wisdom and virtue of our own. Intoxicated with unbroken success, we have become too self-sufficient to feel the necessity of redeeming and preserving grace, too proud to pray to the God that made us!

It behooves us then, to humble ourselves before the offended Power, to confess our national sins, and to pray for clemency and forgiveness. (qtd. in Diggins 330)

---

<sup>20</sup> Para um aprofundamento da utilização da retórica religiosa por Abraham Lincoln cf. Murphy, Andrew R. “Decline, Slavery, and War: The Jeremiad in Antebellum and Civil War America.” *Prodigal Nation: Moral Decline and Divine Punishment from New England to 9/11*. Oxford University Press, 2009, pp. 44-76, juntamente com Diggins, John Patrick. “Return of the Sacred to Political Thought: Herman Melville and Abraham Lincoln.” *The Lost Soul of American Politics: Virtue, Self-Interest, and the Foundations of Liberalism*. Basic Books, Inc., 1984, pp. 277-333.

Com estas palavras, Lincoln não só perpetua o mito do excepcionalismo americano, como contrasta a prosperidade vivida pelos Estados Unidos com a sua presente degradação moral. Desta forma, o Presidente causa inquietação no seu público ao responsabilizar todo o povo americano (não fazendo distinções entre Norte e Sul) pela Guerra Civil, caracterizando-a por um lado como um inevitável castigo de Deus merecido por um país que deixou o pecado da escravidão perdurar na sua sociedade e, por outro, como uma purga necessária para que este povo pudesse finalmente apresentar uma conduta virtuosa.

Ainda antes da Guerra Civil, paralelamente às jeremiadas proferidas por líderes políticos e religiosos dos Estados Unidos, a flexibilidade do seu discurso permitiu que este fosse utilizado por alguns oprimidos pela escravidão, dando origem ao que David Howard-Pitney intitula de jeremiada afro-americana. Esta começa por ser utilizada por figuras do movimento abolicionista – por exemplo, Frederick Douglass (1818-1895) – como forma de protesto e crítica à sociedade americana, continuando, anos mais tarde, a ser empregue como uma ferramenta de insurgência contra as desigualdades raciais neste país (Howard-Pitney 483-484). Utilizando a mesma narrativa de uma América escolhida por Deus, esta é adaptada à realidade afro-americana, enfatizando a condição de escravidão do povo israelita no Egito: “in its current state, the United States certainly did not appear in the African-American jeremiad as the Promised Land, but rather as Egypt; African-Americans were called to identify *not* with the Jews in the wilderness (...), but with the enslaved Jews awaiting God’s mighty and liberating work in history” (Murphy 69). Esta alteração permite que o autor da jeremiada se insira na mesma tradição retórica das figuras fundadoras das antigas colónias, apresentando a comunidade oprimida como parte do *Povo Eleito*, ao mesmo tempo que critica essa mesma tradição e ordem social que condena a população afro-americana a uma posição subordinada: “The Black jeremiad always strives to speak to and within a changing American social consensus. Yet it is usually at the forward-leaning edge of that consensus, prodding it toward evermore thorough and inclusive social change” (Howard-Pitney 491). Deste modo, a coesão social fomentada pela jeremiada é mantida, enquanto as forças disruptivas do protesto são transferidas para o próprio ritual retórico (490).

Terminado o conturbado período da Guerra Civil e a subsequente fase da Reconstrução (1866-1877), os Estados Unidos da América emergem como nação industrializada e em expansão capitalista, dando início a um período de prosperidade e reforma conhecido por *Progressive Age* (1890-1920). Durante estes anos de transição do século XIX para o XX, a percentagem de desempregados diminuiu de forma progressiva e a

produção industrial e o número de imigrantes aumentaram significativamente (Brogan 443): “With such solid ground under their feet it is not surprising that the Americans entered a creative, recreative and even more than usually energetic phase. Their faith in their country and its destiny now assumed an almost triumphal aspect” (444). Não obstante, o ritual de lamentação da jeremiada continuou a fazer parte do discurso público americano, chamando a atenção para a falta de menção de Deus nos documentos fundadores da nação, assim como para a crescente influência do Darwinismo na sua sociedade, e procurando pôr fim a diversos pecados do povo como, por exemplo, o alcoolismo, a ganância, a promiscuidade e o vício do jogo (Murphy 81-82).

Ademais, o aumento das taxas de imigração levou ao acentuado crescimento demográfico de cidades como Chicago e Nova Iorque, dando origem não só a bairros indigentes habitados por uma população maioritariamente imigrante (Ramalho et al. 136), mas também a novas ansiedades sociais a abordar pela jeremiada: “worries over the nation’s changing demographic makeup in the wake of a major influx of immigrants from southeastern Europe, played a significant part in this post-Civil War activism” (Murphy 81). Consequentemente, estas preocupações de natureza social, assim como as suas repercussões políticas, aliadas ao espírito de progresso e reforma presentes na sociedade americana deram origem a inúmeras publicações de *muckrakers*<sup>21</sup> como Jacob A. Riis (1849-1914), Theodore Dreiser (1871-1945) ou Upton Sinclair (1878-1968) (Ramalho et al. 140). De acordo com Glenn C. Altschuler, no seu ensaio “Apathy, Apocalypse, and the American Jeremiad” (2003), é através das obras destes *muckrakers* que uma forma secularizada da jeremiada americana ganha bastante visibilidade no início do século XX, transferindo o poder da sua retórica da ansiedade criada pelo incumprimento de um acordo sagrado para os sentimentos de ultraje gerados por situações de desigualdade e injustiça sociais (162).

Durante as últimas décadas do século XX, apesar de já não se encontrar necessariamente relacionada com o universo da homilética puritana ou até com uma narrativa religiosa dos cidadãos americanos como *Povo Eleito*, a jeremiada americana reemerge como arma política utilizada por elementos da comunidade conservadora protestante dos Estados Unidos contra os movimentos de contracultura das décadas de 1960 e 1970 (Murphy 83), sendo utilizada pela Direita Cristã nas décadas seguintes:

---

<sup>21</sup> Popularizada por Theodore Roosevelt (1858-1919) no seu discurso “The Man with the Muck Rake” (1906), esta expressão serve de epíteto aos jornalistas e escritores cujas publicações tinham o objectivo de expor os males da sociedade americana, abordando diversos problemas sociais como, por exemplo, a segurança no local de trabalho, a pobreza, a exploração infantil e a corrupção.

Far from a brief flutter on the political scene, then, the contemporary Christian Right jeremiad has proven enormously effective in mobilizing traditionalist Americans concerned with the secularization of public life. The internal politics of the Republican Party have been transformed by this mobilization, and the presidency of George W. Bush has made abundantly clear how powerful evangelical ideas and rhetoric remain at the highest levels of American government. (86-87)

As jeremiadas deste grupo político,<sup>22</sup> para além de exaltarem as figuras fundadoras da nação – desde o período colonial até à Revolução – e de cultivarem uma visão nostálgica da década de 1950, procuram recuperar a virtude moral dos Estados Unidos através da restituição de valores e costumes tradicionais, procurando, por exemplo, ilegalizar o aborto e o casamento de casais do mesmo sexo, diminuir a intervenção do governo federal nos sectores privado e religioso e apostar no fortalecimento da defesa nacional (95-99).

A acompanhar a lamentação face ao presente declínio do país, estas jeremiadas recuperam a narrativa sagrada de eleição nacional e promessa do seu futuro, caracterizando a experiência americana, através da tipologia bíblica, como fazendo parte dos planos de Deus para a humanidade (101). Veja-se, por exemplo, as palavras proferidas por George W. Bush (1946-) no seu primeiro discurso inaugural em 2001: “we are guided by a power larger than ourselves who creates us equal in His image. And we are confident in principles that unite and lead us onward” (364). Para além da admiração expressa pelas figuras fundadoras da nação e da expressão de um conjunto de valores associados à Direita Cristã, ao unir os propósitos do seu país com a ideia de um plano delineado por Deus, Bush sustenta uma narrativa sagrada da América, recuperando o ideal da comunidade eleita sustentado pelas primeiras gerações de Puritanos no continente americano e alinhando-se à retórica utilizada pela comunidade conservadora da Direita Cristã. De forma contrastiva, quatro anos mais tarde, no seu segundo discurso inaugural, Bush profere as seguintes palavras: “We go forward with complete confidence in the eventual triumph of freedom. (...) Not because we consider ourselves a chosen nation; God moves and chooses as He wills” (372). Contudo, ainda na mesma intervenção, Bush também profere:

When our Founders declared a new order of the ages; when soldiers died in wave upon wave for a union based on liberty; when citizens marched in peaceful outrage under the banner of “Freedom Now” – they were acting on

---

<sup>22</sup> Murphy define o conceito de “Direita Cristã” como uma aliança política estabelecida entre protestantes evangelistas e cristãos que partilham as mesmas orientações políticas e preocupações sociais e morais (87).

an ancient hope that is meant to be fulfilled. History has an ebb and flow of justice, but history also has a visible direction, set by liberty and the Author of Liberty. (Bush, “Second” 372).

Assim, apesar de começar por rejeitar a ideia dos Estados Unidos como nação eleita por Deus, tal como Murphy nota, Bush continua a defender a imagem de uma América instrumental para a concretização de uma determinada narrativa histórica traçada por uma entidade transcendente, demonstrando como em momentos de conflito a ideia de eleição é retoricamente eficaz e recuperada pelo discurso político de uma nação (103).

Tal como é possível constatar pelas palavras de George W. Bush, a jeremiada americana continua presente no discurso político dos Estados Unidos e, tal como demonstrado pela jeremiada afro-americana e obras de *muckrakers* do início do século XX, a adaptabilidade da sua retórica permitiu que diversos géneros literários pudessem reutilizar e retrabalhar os seus elementos fundamentais: “From presidential addresses to works of literary artists, the jeremiad appears as a fundamental structure in American expression” (Elliott, *Cambridge* 263). Recentemente, para além das intervenções de líderes políticos como Bush, eventos como o ataque ao *World Trade Center* ou desastres naturais como o Furacão Katrina, geraram uma necessidade generalizada de refletir sobre o estado da sociedade americana, de criticar os seus erros e de encontrar um caminho de volta à estabilidade e segurança. Note-se, então, como a capacidade da jeremiada americana de perpetuar uma narrativa mítica desta nação, de gerar ansiedade no seu público alvo e, finalmente, de transformar essa inquietação em acção deu origem a diversas jeremiadas contemporâneas (Elliott, “New” 43-44; Murphy 3-5).

Segundo Kaveny, a expressão corrente da jeremiada americana pode apresentar uma inversão das responsabilidades atribuídas ao povo americano, pois enquanto para a comunidade puritana a sua segurança e prosperidade eram vistas como uma recompensa de Deus pela sua conduta moralmente correcta e um sinal de eleição, para o cidadão americano contemporâneo tais benefícios são caracterizados como parte das suas responsabilidades e principais preocupações:<sup>23</sup> “In our pluralistic society, the overriding obligation is to promote America’s material interests. The obligation of the covenant-keepers, in other words, is to act politically as if America is special, by protecting and promoting its correspondingly privileged place in the world” (69). Assim, a promoção de uma determinada agenda social e

---

<sup>23</sup> Apesar de não demonstrarem indiferença perante questões relativas ao aborto ou casamento entre pessoas do mesmo sexo, estatísticas eleitorais de 2009 revelaram uma maior preocupação do público americano com o estado da economia e guerra no Iraque (Kaveny 70).

moral encontra-se dependente da capacidade de uma figura ou partido políticos conseguirem garantir o cumprimento de tais incumbências, assegurando primeiramente a prosperidade material do país (69).

Por fim, tendo em conta a evolução e todas estas transformações sofridas pelo modelo argumentativo do sermão político puritano, Andrew Murphy identifica três características centrais encontradas na generalidade destas jeremiadas, desde o período colonial dos Estados Unidos até ao presente: primeiro, o autor destas lamentações identifica os problemas de natureza social, económica, espiritual ou política enfrentados pelo público alvo, demonstrando um declínio em relação ao passado e apresentando exemplos práticos como suporte das suas afirmações, ao mesmo tempo que alerta para as consequências de uma conduta cada vez mais negligente e permissiva que ataca as próprias fundações da comunidade; segundo, como parte essencial da estrutura retórica da jeremiada, podemos encontrar um apelo à reforma, ao arrependimento ou à renovação de atitudes e ideias virtuosas, sendo exposto um plano de acção a ser seguido pela sociedade de modo a que esta possa regressar a um caminho incensurável; e, finalmente, a jeremiada americana identifica um ponto de viragem no passado da comunidade a partir do qual uma determinada prática ou ideia nociva foi responsável pelo seu declínio. Assim, o autor da jeremiada geralmente delineia as consequências deste evento passado, procurando elucidar a sua assistência relativamente ao porquê desta decaída e suas repercussões nefastas para o indivíduo e a sociedade (7-9).

### **1.1.7. A Relação da Jeremiada com o Passado**

Já nas jeremiadas americanas de meados do século XVII, é possível encontrar uma exposição da conduta virtuosa de gerações passadas:<sup>24</sup> “American Jeremiahs argue that our virtuous ancestors had it right; departure from their ways is the beginning of error” (Murphy 8). Por conseguinte, o recordar de figuras fundadoras da nação – por exemplo, das primeiras gerações de Puritanos a chegar ao continente americano e, mais tarde, de personalidades como George Washington, John Adams (1735-1826), Thomas Jefferson ou Abraham Lincoln

---

<sup>24</sup> Como nota Bercovitch, a caracterização do passado de Nova Inglaterra como uma época dourada e da primeira geração de Puritanos como figuras de profunda reverência desempenhou um papel particularmente relevante nas discussões sobre o baptismo geradas pelo *Halfway Covenant* – “The children were obliged to demand grace by virtue of their parents’ mission. And to sustain their case, they proceeded to elevate the emigrants into mythic tribal heroes” (*American* 67) –, constituindo-se como uma forma de argumentar a legitimidade e unidade da comunidade de eleitos e, consequentemente, como um ponto de viragem na expressão americana da jeremiada (62-63). Assim, no início do século XVIII, a idealização das figuras fundadoras de Nova Inglaterra já se tinha tornado num lugar-comum da jeremiada, assim como o contraste entre estas e a conduta dos presentes (Miller, *New* 184-185).

– constitui um elemento fundamental da jeremiáda americana, sendo no contraste estabelecido entre a conduta destas personalidades e o momento histórico em que viveram com a contemporaneidade que reside parte do poder retórico da jeremiáda (9), a qual exige um acrescido comprometimento: “the New England Puritan jeremiad evokes the mythic past not merely to elicit imitation but above all to demand progress” (Bercovitch, *American* 24). Logo, em conjunto com o restante discurso catastrofista da jeremiáda americana, o contraste estabelecido entre o passado e o presente geram uma ansiedade na assistência que, tal como acima desenvolvido, o autor da jeremiáda redireciona para que esta possa traduzir-se numa tomada de acção e contribuir para o progresso da sociedade.

Deste modo, através de narrativas políticas do passado histórico da nação, o autor da jeremiáda procura estimular a imaginação do seu público alvo, persuadi-lo e levá-lo à acção, de forma a que cada indivíduo procure participar activamente na vida social e política da sua comunidade, influenciando o futuro desta com base numa determinada visão do seu passado: “By its very nature, the jeremiad is under obligation to look simultaneously backward and forward – back to the purity from which the people have degenerated, ahead to the ultimate vengeance” (Miller, *New* 184). Segundo Murphy, a visão apresentada por cada jeremiáda relativamente ao futuro dos Estados Unidos é, em grande parte, influenciada pela narrativa que é construída do seu passado, pelo que é possível fazermos a distinção entre dois tipos de jeremiádas americanas, a tradicionalista e a progressista (109-110).

De acordo com este autor, a jeremiáda tradicionalista enfatiza o valor encontrado nas instituições, tradições e práticas sociais do passado da comunidade – “the traditionalist jeremiad makes a powerful claim that the value of the American past lies, in some key way, in *what people did in the past*” (110) –, tendo como objectivo reintroduzir aspectos concretos dessa realidade social no presente. Por outro lado, apesar de reconhecer mérito nessas práticas, a jeremiáda progressista enfatiza o valor encontrado nos princípios basilares da nação – “the progressive jeremiad looks to the American past, most particularly to the founding period, as the source of emancipatory ideals and fundamental principles” (114) –, procurando reintroduzi-los e adaptá-los a uma nova realidade: “The ‘interpreting citizen’ does not merely seek to re-create past ways of doing things, but to live in a new and radically different social context in which the ideas of liberty and equality, to name just two, might take quite different forms than those envisioned by the American founders, and yet remain legitimate expressions of those ideals” (116). Portanto, como consequência das suas relações díspares com a História, enquanto, na jeremiáda tradicionalista, detalhes do passado da nação são apresentados como um modelo para o futuro, na jeremiáda progressista, tais aspectos



específicos são menos importantes, sendo que o poder da História se encontra na sua promessa. Ou seja, na capacidade da narrativa construída de apresentar os ideais fundadores da nação e sua promessa como instrumentos eficazes na resolução de crises contemporâneas (128).

Por último, torna-se necessário mencionar que a narrativa construída e transmitida por qualquer jeremiada americana sobre o passado da nação, assim como os elementos que dela são omitidos, fornece mais informação sobre o seu estado presente e as motivações do autor do que sobre as figuras e o passado evocados (120): “In a sense, we can never get beyond narrative, and *all* stories of the American past are moralized tales seeking to advance political agendas in the present. Decisions about the adequacy of various jeremiads as historical accounts ultimately reflect *political* as much as *empirical* judgments” (124). Desta forma, parte do poder político da jeremiada reside ou no seu carácter nostálgico, quando o passado evocado é recente, ou na sua capacidade de construir uma retórica de anseio por uma época de ouro distante (131-133) – “an even purer and in part mythic past” (134). Pelo que cada jeremiada apresenta um passado moldado de acordo com os problemas identificados na sociedade contemporânea e com a visão que possui para o futuro da nação. Assim, ao lembrar um passado mais próximo ou distante – ambos intimamente ligados a narrativas identitárias e à capacidade de criar unidade e coesão numa comunidade –, o autor da jeremiada é capaz de evocar sentimentos de desejo por um retorno – literal ou simbólico – ao passado, utilizando-os na arena política como forma de impulsionar e dirigir os esforços interventivos da população (131-135).

## 1.2. Retórica Presidencial

Elaborada e progressivamente ratificada por cada estado entre os anos de 1787 e 1790, a Constituição dos Estados Unidos da América, para além de definir uma separação horizontal de poder entre o governo federal e o de cada estado, apresenta, igualmente, uma separação vertical de poder entre os ramos executivo, legislativo e judicial (Brogan 194-202, 209). Esta estrutura de funções gerais e interligadas criada pelas figuras fundadoras da nação prevaleceu até aos dias de hoje como fruto da constante interação e negociação de poder e influência entre cada um destes três ramos governamentais. Consequentemente, esta flexibilidade é discutida por Karlyn Kohrs Campbell e Kathleen Hall Jamieson, na sua obra *Presidents Creating the Presidency: Deeds Done in Words* (2008), ao enfatizarem a importância da retórica utilizada na política americana para a constante redefinição das responsabilidades e influência de cada ramo governamental:

the institutions of our government constitute an experiment in rhetorical adaptation in which the initiatives of any one branch can be modified and redefined by the reactions of the others, and in which the flaws and idiosyncrasies of any one branch at any given time can be accommodated by action in the others. The moments that signal expansion and contraction of the executive are often marked by rhetoric. (2)

Apesar do presidente dos Estados Unidos possuir determinados poderes formais expressos pela Constituição, esta maleabilidade permitiu que a presidência fosse sofrendo variadas alterações ao longo dos anos ao acumular um conjunto de poderes informais por delegação do Congresso ou como consequência da capacidade de cada presidente de tomar a iniciativa e de exercer funções e poderes implícitos na Constituição.<sup>25</sup> Segundo Richard E. Neustadt, este processo encontra-se dependente, em grande parte, da capacidade de persuasão de cada presidente, da sua reputação profissional e do seu prestígio e imagem públicos, pelo que todos estes factores são directamente influenciados pela retórica utilizada para delinear e justificar as acções presidenciais (4, 102, 152).

Logo, se por um lado o discurso de cada presidente é moldado pela sua identidade como orador e pelos seus encargos oficiais, por outro é através da própria retórica que o carácter da presidência é construído (Campbell and Jamieson 7). No ensaio “A Communication Model of Presidential Power”, Robert E. Denton Jr. define o poder detido por cada presidente como uma das características fundamentais mais discutidas deste cargo (523). Tal poder é criado e constantemente redefinido ao longo de cada presidência, encontrando-se dependente dos recursos do presidente, das suas acções e da sua interacção com outros membros do sistema governamental e com o povo americano (537). Cabe, então, ao chefe do poder executivo influenciar e persuadir outros elementos do governo ou grandes fracções da população, podendo fazê-lo através da palavra: “Today, Presidential rhetoric and communication activities are a source of tremendous power; power to define, justify,

---

<sup>25</sup> A Constituição dos Estados Unidos foi redigida de modo a evitar uma excessiva concentração de poder no cargo do presidente e a personalização da sua autoridade. Contudo, visto que a definição dos limites da sua influência se encontra dependente da interpretação dos documentos fundadores da nação, desde o início desta república que a abrangência do poder presidencial tem sido discutida (Adler 12-13). Em comparação com o legislativo e o judicial, o poder executivo foi o ramo governamental que mais se modificou desde a sua génese, pelo que as origens do desenvolvimento da presidência moderna podem ser rastreadas até à primeira metade do século XX com os mandatos de Theodore Roosevelt (1901-1909), Woodrow Wilson (1913-1921) e Franklin Delano Roosevelt (1933-1945) (Han 4). Para um maior aprofundamento da evolução da presidência moderna e pós-moderna cf. Han, Lori Cox “Introduction: Studying the Presidency.” *New Directions in the American Presidency*, edited by Lori Cox Han, Routledge, 2011, pp. 1-11.

legitimize, persuade, and inspire. Everything a President does or says has implications and communicates ‘something’” (524).

Portanto, as palavras proferidas por cada presidente não são relevantes somente em momentos particulares de delimitação e obtenção de poderes governamentais (Smith and Smith 18): “Presidents cannot limit their influence to those with whom they can communicate directly and personally. The office entails a public rhetorical role. Public communication is the medium through which the national fabric is woven” (Campbell and Jamieson 9). Com os seus discursos dirigidos ao povo americano, a figura do presidente torna-se central na construção de uma narrativa capaz de conferir sentido ao mundo contemporâneo, contribuindo para a criação de um sentimento de inclusão e pertença à sociedade americana de cidadãos com interesses, ideais e culturas distintas. Através da oratória, a presidência é capaz de apontar os problemas, apresentar soluções e definir prioridades para a sociedade numa só narrativa unificadora da população. Desta forma, torna-se, então, possível mobilizar fracções significativas da sociedade e trabalhar para a implementação de determinadas políticas, ao mesmo tempo que é construída uma narrativa capaz de gerar sentimentos de união nacional (Smith and Smith 18-19).<sup>26</sup>

Para além de chefe do governo com o dever de agir como líder político, o presidente dos Estados Unidos é também chefe de estado da nação, criando a necessidade de conciliar o seu papel politicamente partidário e polarizador com os seus deveres de líder cerimonial e a natureza simbolicamente unificadora do cargo. Apesar de não ser eleito directamente pela população, mas pelo Colégio Eleitoral,<sup>27</sup> o presidente é a única figura do governo eleita a nível nacional, fazendo com que seja considerada, de um modo geral, representativa de toda a nação (Nelson 1-2; Ragsdale 41). Por conseguinte, a comunicação com os cidadãos é uma das funções centrais da presidência contemporânea: “Speeches have become one of their [the presidents’] primary devices for negotiating these sometimes reinforcing, often conflicting roles” (Nelson 9). É, então, maioritariamente através das suas palavras que cada presidente constrói e mantém o poder simbólico do seu cargo, assim como divulga a sua perspectiva e os

---

<sup>26</sup> Atente-se que a capacidade de um dado presidente influenciar a opinião pública a mudar a sua posição relativamente a uma determinada medida política não é um processo que ocorra rapidamente, encontrando-se bastante dependente da popularidade da figura política em questão, da utilização de argumentos factuais que apoiem a sua posição e, ainda, de uma concordância entre as ideias defendidas pelo presidente e os valores básicos da população (Page and Shapiro 658-659).

<sup>27</sup> Apesar de reconhecerem a importância da existência de eleições populares como forma de legitimar o governo, os pais fundadores dos Estados Unidos procuraram proteger o cargo da presidência de figuras políticas pouco adequadas, capazes de gerar instabilidade no sistema. Assim, com a criação do Colégio Eleitoral, foi possível distanciar a eleição do presidente da expressão de uma vontade colectiva da população baseada numa opinião pública pouco informada e susceptível à manipulação por demagogos ou grupos facciosos (Bimes 243; Smith and Smith 14; Tulis 34-35).

planos de intervenção relativamente aos eventos políticos, económicos e sociais mais relevantes do seu tempo (Coe and Neumann 728-729). Como resultado desta centralidade política e simbólica da presidência dos Estados Unidos para a nação, assim como da importância atribuída ao discurso de cada presidente, foram diversos os autores que procuraram analisar quantitativa e qualitativamente as intervenções públicas do chefe do poder executivo.

### 1.2.1. A Presidência Retórica: Reinterpretações da Presidência Moderna

Diversos estudos realizados ao longo dos anos deram origem a visões bastante distintas (em alguns casos contraditórias) relativamente à retórica presidencial e à sua influência na forma como as funções e expectativas associadas ao cargo do presidente foram mudando com cada mandato. Apesar de criticado pela sua abordagem e análise dos dados recolhidos, a publicação da obra *The Rhetorical Presidency* (1987) de Jeffrey K. Tulis continua a ser considerada um marco incontornável da ciência política. Juntamente com o ensaio “The Rise of the Rhetorical Presidency” (1981) de James W. Ceaser, Glen E. Thurow, Tulis e Joseph M. Bessette, procura comparar a forma e a frequência com que diferentes presidentes dos Estados Unidos se dirigiram directamente à população através da palavra falada,<sup>28</sup> estabelecendo um contraste entre a forma como esta actividade foi encarada antes e depois do século XX. Em ambos os textos é defendida a noção de uma presidência retórica (ou presidência moderna) com início no mandato de Woodrow Wilson, dado que, anteriormente ao século XX – com a excepção de Andrew Johnson (1865-1869) –, os presidentes raramente se dirigiam directamente ao povo, dando preferência à comunicação directa entre membros do governo (Ceaser et al. 159; Tulis 5, 41-45).<sup>29</sup> “rhetoric to Congress would be *public* (available to all) but not thereby *popular* (fashioned for all)” (Tulis 46). Segundo Tulis, tal inclinação tem uma origem constitucional, pelo que o cargo da presidência deveria ser protegido contra a demagogia de potenciais tiranos e a instabilidade da opinião pública (27-40).

---

<sup>28</sup> Estas análises encontram-se limitadas ao estudo de discursos presidenciais dirigidos ao público em geral e focados na discussão de políticas internas: “Very few [addresses prior to the XX century] were domestic ‘policy speeches’ of the sort so common now, and attempts to move the nation by moral suasion in the absence of war were almost unknown” (Tulis 5-6). Tal delimitação do objecto de estudo gerou críticas à sua capacidade de produzir resultados representativos da realidade política americana ao longo dos séculos (Laracey, “*Rhetorical*” 910-911, *Presidents* 8).

<sup>29</sup> Esta bipartição dos mandatos presidenciais, demarcando o início da presidência moderna com Wilson, foi criticada por criar limitações teóricas que podem impedir o estudo de tendências e cambiantes que permitam uma melhor compreensão do cargo presidencial dos Estados Unidos. Para um aprofundamento desta questão cf. Teten, Ryan Lee. “The Evolution of the Rhetorical Presidency and Getting Past the Traditional/Modern Divide.” *Presidential Studies Quarterly*, vol. 38, no. 2, 2008, pp. 308-314.

No entanto, no início do século XX, Theodore Roosevelt, procurando a aprovação de legislação relativa aos caminhos de ferro, inicia uma campanha retórica utilizando os seus conhecimentos do funcionamento da imprensa e as suas capacidades de bom orador para justificar a utilização de um discurso demagógico num “período fundamental de crise” como forma de proteger a ordem constitucional (Ceaser et al. 162; Tulis 95, 108-115). Depois do mandato de William Taft (1909-1913), Wilson procura liderar utilizando as suas palavras para interpretar e articular a vontade do povo americano. Ao simplificar os argumentos apresentados e distanciando-se da imagem do demagogo tirano, este presidente considerava a oratória essencial na criação de uma opinião pública que, se necessário, seria capaz de pressionar o Congresso a aceitar as suas políticas. Por conseguinte, segundo ambos os estudos, Wilson aumenta a frequência com que o líder do poder executivo se dirige directamente à população através da oratória, alterando o entendimento constitucional da presença pública do presidente (Ceaser et al. 162-163; Tulis 125-130, 135): “policy rhetoric, which had formerly been *written* and addressed principally to *Congress*, would now be *spoken* and addressed principally to the *people* at large” (133). Como resultado deste reposicionamento, Tulis caracteriza a presidência contemporânea como um híbrido, fruto da junção de duas perspectivas díspares relativas à ordem constitucional. A primeira diz respeito à constituição original promotora do debate interno entre os vários ramos governamentais e a segunda a uma constituição que privilegia o contacto directo com o público (Lim *anti-intellectual* 6-7; Tulis 173-174).

Após a análise das intervenções orais públicas dos presidentes americanos do século XIX – na qual foram incluídos os mandatos de George Washington e de John Adams – e sua comparação com as intervenções do mesmo tipo feitas por presidentes do século XX até à data, Tulis concluiu que, enquanto cada vez menos retórica sobre políticas a adoptar era direccionada ao Congresso, esta era cada vez mais dirigida directamente ao povo: “Not only do we have presidential ‘speech’ today, whereas there was virtually none, officially, in the previous century, but also speech today constitutes much of presidential communication altogether” (139). Adicionalmente, a presidência passa a privilegiar a transmissão de mensagens através da oralidade, resultando em alterações na própria linguagem utilizada: “structures more appropriate to ‘inspirational’ and ‘policy-stand’ rhetoric” (138). Ou seja, a utilização de um discurso idealista e moralizador com o objectivo de especificar o posicionamento político do presidente relativamente às questões mais relevantes da actualidade, procurando não saturar a assistência com a transmissão de grandes volumes de informação (Ceaser et al. 163; Tulis 136).

Para além destas alterações da doutrina da liderança presidencial, Ceaser et al. atribuem o desenvolvimento de uma presidência retórica nos Estados Unidos igualmente à evolução dos meios de comunicação social e às alterações sofridas pela campanha presidencial (161). Enquanto o surgimento da televisão veio estimular uma preferência pela palavra falada e aumentar o público do presidente, Wilson foi o primeiro candidato a substituir o próprio partido como figura principal na corrida à presidência e a embarcar numa digressão de autopromoção de grande escala (Caeser et al. 164, 166; Tulis 182-183, 186). Todas estas alterações, de acordo com Tulis, não só vieram conservar a legitimidade do cargo da presidência, como também são responsáveis pelo seu dinamismo e pela capacidade de resposta e de liderança em momentos de transformação social (175). Não obstante, tais benefícios possuem determinadas consequências negativas para o sistema político americano, nomeadamente, uma discrepância entre as qualidades necessárias à ocupação do cargo de presidente e as capacidades do candidato escolhido de lhes corresponder, uma maior flexibilidade legislativa e consequente diminuição do respeito pela lei em geral (177), um enfraquecimento dos processos deliberativos (178) e, finalmente, um declínio do discurso político: “the rhetorical presidency enhances the tendency to define issues in terms of the needs of persuasion rather than to develop a discourse suitable for the illumination and exploration of real issues” (179).

Na sua análise à obra de Tulis, intitulada “*The Rhetorical Presidency Today: How Does It Stand Up?*” (2009), assim como na sua obra *Presidents and the People: The Partisan Story of Going Public* (2002), Mel Laracey identifica diversas fragilidades presentes nos argumentos de Tulis e, como resultado da sua própria pesquisa, apresenta resultados contraditórios aos do autor: “Going public is not an illegitimate or ill-advised modern replacement for the congressionally dominated ‘deliberative’ and bargaining’ processes for making public policy that were established by ‘original consensus’ by the Founding Fathers” (*Presidents* 9). Em primeiro lugar, Laracey amplia a definição anteriormente utilizada de “retórica presidencial”, incluindo neste conceito qualquer mensagem escrita por um presidente, divulgada publicamente e abordando qualquer tópico (não restringindo a sua análise a discursos sobre políticas governamentais). Desta forma, Laracey pôde identificar não só quatro outros presidentes anteriores ao século XX<sup>30</sup> que abordaram questões de

---

<sup>30</sup> Laracey aponta para James Monroe (1817-1825), Zachary Taylor (1849-1850), Abraham Lincoln e, por fim, William McKinley (1897-1901) (“*Rhetorical*” 912-913).

política interna e externa em discursos públicos, mas também quatro presidentes que o fizeram através de cartas dirigidas à população<sup>31</sup> (“*Rhetorical*” 912-918).

Ademais, Laracey sublinha a importância que publicações jornalísticas associadas a um determinado partido político<sup>32</sup> tiveram na divulgação de mensagens presidenciais junto do povo americano: “a major deficiency of the empirical claim that pre-twentieth-century presidents were different because they avoided public communications is that it does not take into account presidents’ extensive use of newspapers throughout the nineteenth century as a means of communicating with the American people” (*Presidents* 7). Por fim, Laracey critica o contraste maniqueísta estabelecido entre os presidentes do século XIX e os do século seguinte – “Tulis goes too far in turning the observation [pre-twentieth-century presidents were publicly silent about matters of policy] into a general theory that predicts essentially the same behavior (...) by *all* premodern presidents” (“*Rhetorical*” 927) –, preferindo chamar a atenção para o dinamismo e as variações no estilo de comunicação resultantes do modo como cada presidente escolheu lidar publicamente com as suas funções (929).

Enquanto a crítica de Laracey se foca principalmente na dimensão empírica do trabalho de Tulis, Elvin T. Lim propõe aceitarmos as conclusões do autor relativamente à existência de duas constituições em permanente tensão, mas rejeitarmos a sua conclusão de que os problemas da presidência contemporânea provêm dessa mesma interacção. No final da sua obra, Tulis identifica o frequente apelo à opinião pública através de uma retórica anteriormente utilizada apenas em momentos de crise como responsável diminuição da qualidade do discurso político americano (181). Contudo, tal como Medhurst afirma, a presidência retórica tornou-se numa das características fundamentais deste ramo governamental, fazendo da palavra falada o seu principal meio de comunicação (“*Enduring*” 219-220). Por isso, Lim adopta uma perspectiva diferente ao identificar como problemática não a quantidade de retórica presidencial produzida, mas a sua qualidade. Segundo este autor, ao longo dos últimos dois séculos, a retórica presidencial tem sofrido um contínuo processo de simplificação, resultando na substituição de momentos de argumentação por banalidades populares, lemas partidários e apelos à emotividade do público. Tais alterações, levaram Lim a caracterizar a actual retórica presidencial como anti-intelectual (*anti-intellectual* 6, 9).<sup>33</sup>

---

<sup>31</sup> Laracey identifica John Adams, Thomas Jefferson e James Madison (1809-1817) e Abraham Lincoln (“*Rhetorical*” 913-918).

<sup>32</sup> Estas publicações eram subsidiadas em grande parte pela presidência com o objectivo de providenciarem uma plataforma de ataque aos seus opositores e de divulgação das suas políticas (Laracey, *Presidents* 47).

<sup>33</sup> Apesar de Lim dedicar uma obra na sua íntegra ao estudo das tendências anti-intelectuais da retórica presidencial moderna, o mesmo autor, num outro ensaio, após a análise dos discursos inaugurais e do estado da nação de todos os presidentes até à administração de Bill Clinton (1993-2001), acaba por identificar quatro

Baseando-se na definição que Richard Hofstadter apresenta de “anti-intelectualismo”, na sua obra *Anti-Intellectualism in American Life* (1963), Lim define este conceito como estando associado a uma rejeição colectiva do intelecto por oposição à inteligência. Enquanto esta é enaltecida como possuindo funcionalidades práticas e como sendo uma manifestação do valor e da dignidade humanos, o primeiro é objecto de crítica, exame e teorização, estando associado a sofismos e operações mentais recônditas (20-21): “They [the operations of the intellect] are deemed ‘highfalutin,’ out of touch with reality and common sense, and even occlusive of ‘practical’ intelligence. Anti-intellectuals reject not intelligence – indeed, they valorize it in themselves – but the needlessly complex processes and products of the intellect” (21). Por conseguinte, o anti-intelectualismo aplicado ao discurso presidencial manifesta-se na rejeição global e deliberada de qualquer complexidade retórica e linguística nas intervenções do presidente<sup>34</sup> e na utilização de uma linguagem cada vez mais simples e coloquial sem que haja qualquer reflexão relativamente aos perigos de uma simplificação excessiva (22, 46-47).

Tal simplificação, de acordo com Lim, encontra-se expressa na utilização de lemas simplistas que afectam a própria estrutura das políticas a implementar e são um reflexo do aumento da frequência com que cada presidente se dirige à população, encorajando a utilização de formulações sintéticas e apelativas que se destaquem por entre o grande volume de oratória produzida. Ademais, a contratação de jornalistas como redactores dos numerosos discursos presidenciais demonstra, igualmente, uma priorização de questões estilísticas em detrimento do conteúdo apresentado. Verifica-se, assim, que a aproximação de uma linguagem utilizada pela população na oralidade veio substituir, na opinião deste autor, a necessidade de cada presidente de demonstrar a sua credibilidade e franqueza através de

---

outras características que acredita serem também centrais ao discurso produzido pela presidência moderna. Estes quatro aspectos são, nomeadamente, uma maior utilização de conceitos abstractos (através de uma linguagem religiosa e de formulações poéticas), uma maior exaltação de princípios democráticos (com um discurso mais inclusivo e igualitário), a utilização de um tom mais assertivo (através de um discurso confiante e promotor de acção) e o desenvolvimento de um carácter mais conversacional (através do uso de uma linguagem promotora duma certa credibilidade do orador e intimidade entre este e a assistência). Todas estas características, ainda que bastante presentes na retórica presidencial, não recebem a mesma análise exaustiva com que o anti-intelectualismo é tratado. Para um maior aprofundamento de cada um destes elementos cf. Lim, Elvin T. “Five Trends in Presidential Rhetoric: An Analysis of Rhetoric from George Washington to Bill Clinton.” *Presidential Studies Quarterly*, vol. 32, no. 2, 2002, pp. 328-348.

<sup>34</sup> Lim apoia as suas conclusões não só em entrevistas realizadas com antigos redactores de discursos presidenciais, mas também na comparação dos resultados de testes de legibilidade de Flesch-Kincaid realizados a diversos géneros literários – incluindo intervenções públicas de presidentes –, demonstrando como a simplificação da linguagem utilizada é deliberadamente procurada no momento de redacção das palavras do chefe do poder executivo (*anti-intellectual* 24, 36, 41): “The deliberateness of speech crafting matters because, otherwise, presidential anti-intellectualism would only be a reflection of larger sociolinguistic changes impinging on the presidency. To be sure, these forces exist, but the principled anti-intellectualism of contemporary suggests as much leading as following” (41).



acções virtuosas por ele realizadas, aproximando-se do público ao reproduzir a forma deste se expressar (62, 68, 87, 93). Para além da preocupação com a utilização de um estilo próximo da oralidade, supostamente genuíno e sincero, uma outra expressão do anti-intelectualismo no discurso político americano pode ser observada na procura do aplauso: “it [applause as the measurement for rhetorical success] sets up the speaker as a performer before a crowd ever ready to be pleased. It sets up a mutually congratulatory and collectively self-deceptive dynamic in which seduced auditors fail to see the vacuousness of the applause lines” (67). Deste modo, é privilegiada uma resposta emotiva do público, evitando a deliberação cuidada das palavras proferidas (63).

Enquanto Lim identificou o domínio de uma atitude anti-intelectual no panorama político americano, outros autores escolheram enfatizar diferentes aspectos do discurso presidencial contemporâneo. Para Jedediah Purdy, é importante realçar o modo como, desde a campanha e mandato de George H. W. Bush (1989-1993), os principais temas da linguagem política nacional têm sido maioritariamente focados na valorização de qualidades e virtudes individuais, enfatizando as noções de responsabilidade, serviço e carácter. Estes três conceitos são constantemente relacionados com as acções do indivíduo perante a comunidade na qual este se encontra inserido, pelo que o carácter de cada cidadão é julgado pelo seu sentido de responsabilidade e serviço perante o grupo (9-11). Deste modo, as principais temáticas abordadas deixam de provir maioritariamente da esfera política nacional, para pertencer à esfera privada de cada indivíduo, apelando ao seu lado moral e social em detrimento do seu posicionamento como cidadão politicamente activo: “the most important part of political language, connecting government and public life to people’s sense of life’s meaning and purpose, now relies almost entirely on a vision of private and social virtues” (12). Por conseguinte, este foco na experiência pessoal em detrimento de uma reflexão sobre o papel político do indivíduo na sociedade americana reflecte, de acordo com Purdy, o facto de a maioria da população valorizar princípios e experiências concretas como a família, a amizade ou os momentos de desenvolvimento pessoal, sendo que algo não é imediatamente valorizado por pertencer à esfera política nacional (13).

### **1.2.2. Expressões da Retórica Presidencial: o Discurso Inaugural**

Como consequência do desenvolvimento dos meios de comunicação e de modo a acompanhar a transformação das responsabilidades atribuídas ao chefe do poder executivo dos Estados Unidos, as oportunidades que cada presidente possui para se dirigir publicamente ao país através da palavra falada aumentaram e tornaram-se bastante diversas. Para além da

mensagem anual do presidente (*State of the Union Address*), nenhuma outra intervenção presidencial é prevista pela Constituição. Contudo, desde o discurso inaugural até ao de despedida (*Farewell Address*), é esperado que cada presidente cumpra o seu dever como chefe de estado e porta-voz do povo e se empenhe no cumprimento de vários rituais de oratória ao longo do seu mandato (Campbell e Jamieson 7). Como tal, diversos tipos de retórica presidencial foram sendo desenvolvidos ao longo do tempo: “Over time, the presidency developed a corpus of time-tested genres signaling the boundaries and characteristics of the rhetoric through which key presidential functions are performed” (343). Tais géneros podem ser identificados como, por exemplo, o discurso inaugural, do estado da nação e de despedida, o elogio nacional, as mensagens de veto e as declarações de assinatura e, ainda, a retórica de guerra, dos indultos, da destituição presidencial e de autodefesa contra acusações de má conduta.

Por sua vez, considerando que a presidência dos Estados Unidos se adapta às circunstâncias políticas, económicas, sociais e culturais em constante transformação através da retórica utilizada por cada presidente, a existência de diversos géneros retóricos disponíveis permite a flexibilidade discursiva necessária para uma constante reinvenção das funções desempenhadas por cada chefe do poder executivo. Deste modo, cada presidente é capaz de se dirigir à população americana não só como uma figura política, mas principalmente como porta-voz de toda uma instituição, pelo que a presidência pode ser considerada como retoricamente mais forte do que o discurso de cada indivíduo que ocupa o cargo. Por isso, são os diferentes géneros retóricos enumerados que permitem até àqueles com menor poder discursivo ocupar o lugar da presidência e executar as suas funções (341, 346). Na presente dissertação, será privilegiado o estudo das origens, características e funções simbólicas do discurso inaugural.

A realização de uma intervenção desta natureza como parte da cerimónia de tomada de posse de um novo presidente dos Estados Unidos não se encontra prevista na Constituição. No entanto, a 30 de Abril de 1789, após proferir o juramento oficial da varanda do Federal Hall em Nova Iorque, Washington dirige um conjunto de observações somente aos membros da Câmara dos Representantes e Senado, dando origem à tradição do discurso inaugural. Inicialmente, a primeira versão deste texto era constituída por setenta e três páginas de recomendações ao Congresso, mas, considerando o contexto inapropriado para tal exposição, Washington procurou afastar-se de um modelo que pudesse ser interpretado como monárquico e expressar, ao mesmo tempo, a dignidade do cargo que acabara de ocupar (Jones 88; Tulis 48). Assumindo uma posição de respeito, de humildade e de alguma

relutância perante a tarefa para a qual fora eleito, o primeiro presidente foca o seu discurso nos deveres do poder executivo e importância de uma união nacional dedicada à concretização dos fundamentos constitucionais, enfatizando a relevância da experiência política a ser realizada por esta nação: “since the preservation of the sacred fire of liberty and the destiny of the republican model of government are justly considered, perhaps, as *deeply*, as *finally*, staked on the experiment entrusted to the hands of the American people” (4). Ademais, Washington estabelece um outro precedente ao evocar, por diversas vezes, “o benigno Pai da Raça Humana”, reconhecendo a intervenção divina na constituição dos Estados Unidos e pedindo a continuação da sua orientação (2-5).

Tal como é apontado por Charles O. Jones, o discurso de Washington assinala um momento de criação, demarcando-se dos restantes discursos inaugurais como cerimónias essencialmente de transferência de poder,<sup>35</sup> tanto a nível pessoal – do período de campanha para o da presidência – como constitucional – entre administrações (87). Por sua vez, a cerimónia de tomada de posse pode ser considerada como um ritual<sup>36</sup> de passagem e um momento singular no percurso de qualquer presidente, pelo que é a primeira oportunidade que este possui de se dirigir ao povo americano como o seu presidente, demonstrando as suas capacidades de liderança e de mobilização social, assim como a sua sensibilidade e conhecimento dos valores nacionais e principais problemas enfrentados pela população (Campbell and Jamieson 30). Numa perspectiva política, é principalmente por demarcar uma ocasião de transição pacífica de poder que a cerimónia de tomada de posse é considerada como um momento único e o discurso inaugural é descrito por antigos redactores da Casa Branca como possuindo uma natureza sacramental – “I [Raymond Price] think the word ‘sacramental’ is key to it. The inaugural is one of the great sacraments of democracy” (Anderson et al. 111).

A esta característica, Don Baer – redactor de discursos presidenciais durante o mandato de Bill Clinton (1993-2001) – acrescenta a necessidade de cada discurso inaugural possuir um tom optimista e unificador da população de modo a que as divisões criadas

---

<sup>35</sup> De acordo com o precedente estabelecido por Washington, a cerimónia de tomada de posse de um presidente reeleito inclui também um discurso inaugural, sendo que este, em vez de assinalar uma transição, procura frequentemente estabelecer um sentido de continuidade entre o primeiro e o segundo mandato: “The first [inaugural] is more dramatic because it is the start of something new. The second is a continuation” (Anderson et al. 114).

<sup>36</sup> É importante considerar o aspecto ritualístico não só de toda a cerimónia de tomada de posse, mas principalmente do discurso inaugural que não deve ser entendido apenas como o texto proferido em si, mas como uma performance que combina linguagem verbal e não verbal num ambiente que realça o lado teatral do momento, onde a repetição de certas fórmulas se torna reconfortante e inspira confiança no público (Widmer 36).

durante a campanha presidencial possam ser retrabalhadas, a união reconstituída e a subida ao poder do novo presidente testemunhada e reconhecida a nível nacional (Anderson et al. 113; Campbell and Jamieson 32): “Great inaugurals reenact the original process by which the people and their leaders ‘form a more perfect union.’ In recreating this mutual covenant, great inaugurals both reconstitute the audience as ‘the people’ and constitute the citizenry as a people in some new way” (Campbell and Jamieson 34). De facto, a constituição desta união é fundamental para legitimação e cumprimento do ritual de tomada de posse do novo chefe de estado, pois não só o juramento, mas também o delinear dos princípios, geralmente presentes em cada discurso inaugural, que irão guiar a administração devem ser aceites por uma assistência representativa da nação (34).<sup>37</sup>

Tal harmonização é conseguida através da reafirmação de valores tradicionais enraizados e recuperados da memória colectiva da população americana e da celebração das figuras fundadoras dos Estados Unidos.<sup>38</sup> Cada presidente deve, então, demonstrar respeito e admiração pelo passado nacional e pelos seus documentos fundadores como a Declaração da Independência e a Constituição, garantindo que não irá quebrar as tradições associadas ao cargo que acaba de ocupar. Como consequência, é recorrente a utilização de uma linguagem associada à renovação, preservação e manutenção, assim como a reiteração de políticas passadas ou a reformulação de palavras proferidas noutros discursos inaugurais (36-38). Ademais, as dificuldades anteriormente enfrentadas e ultrapassadas pelos Estados Unidos são referidas como garantia de um futuro próspero para o país, levando Campbell e Jamieson a afirmar: “In the world of inaugural addresses, we have inherited our character as a people; accordingly, veneration of the past not only unifies the audience but also warrants present and future action” (39).

Assim, para além de inserirem a sua tomada de posse num determinado contexto histórico homenageando-o, é recorrente que através do seu discurso inaugural o novo presidente procure elevar o ânimo da sua assistência e incitá-la à acção ao traçar um objectivo conjunto para o futuro do país: “[Inaugural speeches] quite often are trying to lift the country in two ways: first, to recognize (...) where we stand in the larger arc of history at any given

---

<sup>37</sup> Juntamente com a defesa de uma união a nível nacional, é frequente identificar em discursos inaugurais argumentos a favor de um posicionamento político apartidário: “Exactly half of the inaugural addresses warn against the dangers of political parties” (Ericson 731).

<sup>38</sup> Geralmente, são feitas referências a personalidades como Benjamin Franklin (1706-1790), Washington, Adams, Jefferson, John Jay (1745-1829), Madison ou Alexander Hamilton (1755-1804), mas também a figuras que mais tarde vieram a ganhar grande relevância política como Lincoln, Franklin D. Roosevelt ou John F. Kennedy (1917-1963). Tais referências, de acordo com Austermühl, são frequentemente apresentadas através da invocação de eventos históricos ou de locais de relevância cultural para o povo americano (230).

time, and second, to set a theme for the time and the moment that we're in – not so much programmatically as thematically” (Anderson et al. 113).<sup>39</sup> Consequentemente, os discursos inaugurais tendem a ser breves,<sup>40</sup> pois, apesar de conterem conteúdos programáticos, estes não são detalhadamente apresentados, pelo que nesta ocasião cada presidente tende a enfatizar apenas os princípios políticos segundo os quais guiará o país nos próximos quatro anos. Estas directrizes não só clarificam o modo como o país irá atingir os seus objectivos, mas também contribuem para a manutenção da união nacional ao assegurar a todos os que não apoiaram o presidente eleito durante o período de campanha que este irá proteger os princípios constitucionais (Anderson et al. 123; Campbell and Jamieson 31, 41).

Por sua vez, na construção de um sentido de união nacional, na apropriação da narrativa histórica da nação e do seu simbolismo, na apresentação dos princípios que irão guiar o país num futuro próximo e no apelo à sua assistência pela renovação do acordo estabelecido entre o país e o seu presidente, cada novo chefe do poder executivo procura adoptar o papel presidencial pela primeira vez, confirmando a transferência de poder entre administrações. Através da sua retórica, é importante que cada orador demonstre estar apto para assumir a liderança do poder executivo e estar consciente das exigências e limitações constitucionais do cargo. Para além destas, é frequente que cada novo presidente reconheça os limites da natureza humana e da sua própria autoridade ao fazer referência a uma entidade divina e colocando o destino da nação nas mãos desta (Campbell and Jamieson 44-45; Ericson 727). Consequentemente, o presidente assume um papel sacerdotal durante o discurso inaugural ao representar a nação perante Deus e ao pedir pelo seu zelo e pela protecção dos valores fundadores do país (Campbell and Jamieson 12, 42). Esta noção do presidente como sacerdote nacional foi primeiro desenvolvida por Robert Bellah no seu ensaio “Civil Religion in America” (1967), onde o autor define o discurso inaugural como um ritual característico da religião civil americana.

Independentemente da separação entre o estado e a igreja, o conceito de religião civil de Bellah aponta para a existência de uma dimensão religiosa associada à esfera política dos Estados Unidos, segundo o autor: “the American civil religion is not the worship of the

---

<sup>39</sup> Note-se que esta definição temática de uma perspectiva para o futuro da nação em detrimento da apresentação de um conjunto de medidas políticas a serem tomadas e de argumentos constitucionais foi apontada por Tulis como uma característica do discurso inaugural que começa a ser desenvolvida no início do século XX (51, 231). Adicionalmente, ao comparar discursos inaugurais proferidos antes e depois de 1925, Jones pôde concluir que a maioria das intervenções modernas possui um tom mais celebrativo numa tentativa de erguer o ânimo do público (100-101).

<sup>40</sup> No século XIX, cada discurso inaugural tinha em média três mil palavras, enquanto, nos séculos XX e XXI, a média diminuiu para as duas mil (Austermühl 108).

American nation but an understanding of the American experience in the light of ultimate and universal reality” (18). Por isso, esta dimensão não se encontra associada a um ideal específico ou pessoal de Deus,<sup>41</sup> mas a uma interpretação espiritual do passado, presente e futuro da nação com implicações maioritariamente culturais e políticas, não necessariamente religiosas (Austermühl 115; Ericson 736). Tal aspecto é expresso através de um conjunto de crenças, símbolos e rituais dos quais a cerimónia inaugural faz parte. De facto, apesar de a figura do presidente ser eleita a nível nacional, representando simbolicamente a vontade de todo o povo, frequentemente, nos discursos inaugurais, a soberania é atribuída a Deus: “Though the will of the people as expressed in the majority vote is carefully institutionalized as the operative source of political authority, it is deprived of an ultimate significance” (Bellah 4). Logo, o discurso inaugural é uma oportunidade para cada presidente reconhecer as suas obrigações perante uma autoridade superior, sendo da responsabilidade de cada administração transcender a vontade popular e executar os desígnios de Deus. Desta forma, a noção da América como *Terra Prometida* fundada pelo *Povo Eleito* presente, inicialmente, no imaginário dos primeiros colonos puritanos ao ser também expressa por Washington e subsequentes presidentes nos seus discursos inaugurais tem sido conservada como uma expressão da religião civil americana contida no ritual de tomada de posse (5, 7).<sup>42</sup>

Apesar de terem começado com a intervenção feita por Washington, as referências a uma entidade divina nos discursos inaugurais têm sofrido alterações ao longo dos séculos, como afirma Ellen Lempres: “Early presidents used this form of religious rhetoric in their inaugural addresses to unify the nation under a deistic creator, as well as to frame America as a protected nation that was divinely-willed to find success” (8-9). No entanto, enquanto este tipo de retórica era maioritariamente utilizada como forma de gerar um sentimento de pertença e coesão social entre os elementos da assistência, esta temática passa também a ser utilizada como forma de persuasão, numa tentativa por parte do presidente de legitimar e ganhar apoio para as suas políticas. Esta tendência tem sido invertida em diversos momentos

---

<sup>41</sup> Quanto mais específico for o discurso religioso produzido por um presidente, menor será o nível de identificação do seu público com as palavras que profere. Logo, é precisamente o carácter inespecífico do discurso associado à religião civil americana que lhe confere uma ampla capacidade de apelo (Coe and Chenoweth 381).

<sup>42</sup> Após a análise de 49 discursos inaugurais, Cynthia Toolin identificou a presença em todos eles de características temáticas associadas à religião civil americana – “three well established themes (Sacrifice, Exodus, and American Destiny under God) and a fourth in the process of being created (America as an International Example)” (41) –, utilizadas como veículos de construção e afirmação cultural, assim como de legitimação da intervenção doméstica e internacional do governo (45). Para uma análise detalhada da presença desta dimensão na tradição do discurso inaugural cf. Toolin, Cynthia. “American Civil Religion from 1789 to 1981: A Content Analysis of Presidential Inaugural Addresses.” *Review of Religious Research*, vol. 25, no. 1, 1983, pp. 39-48.

de conflitos armados – durante a Guerra Civil, as Guerras Mundiais e a Guerra Fria –, quando se torna necessário gerar novamente entre a população americana um sentido de união (9).

Para além das já mencionadas temáticas da manutenção da união nacional e continuidade política, do apartidarismo, da defesa dos valores constitucionais, da apresentação em termos gerais das políticas a seguir pela nova administração e, por último, do estabelecimento de uma relação de proximidade entre os Estados Unidos e uma entidade divina sua protectora, após a análise de cinquenta e dois discursos inaugurais, David F. Ericson, no seu ensaio “Presidential Inaugural Addresses and American Political Culture” (1997), identificou a presença recorrente de cinco outros temas.

Primeiro, umas das temáticas mais frequentes prende-se com o apelo às virtudes e civismo do povo americano, pedindo-lhe que se sacrifique por um bem maior (729). O mais conhecido deste tipo de apelos foi realizado por Kennedy, quando este proferiu: “ask not what your country can do for you – ask what you can do for your country” (308).

Uma outra temática recorrente encontra-se centrada na procura de apoio popular por parte da nova administração. O governo necessita de ser capaz de compreender e executar os desejos da população para cumprir as suas funções. Através do discurso inaugural, é, então, enfatizada a noção de que o cargo da presidência é representativo de um governo democrático e de uma união nacional. De facto, Ericson chama a atenção para uma defesa progressivamente maior dos Estados Unidos como uma expressão dos ideais democráticos através, por exemplo, de um aumento da utilização da primeira pessoa do plural: “In the early republic, incoming presidents tended to speak in the first-person singular voice and personally ask the American people to help them govern the nation. (...) Currently, incoming presidents tend to speak in the first-person plural voice” (735). Aliás, têm também sido utilizados termos como “America”,<sup>43</sup> “nation” ou “the people” como forma de gerar simbolicamente um sentimento de união nacional entre a população, como afirma Lee Sigelman: “Notwithstanding wars, depressions, racial and social strife, and the comings and goings of presidents with vastly different political philosophies and personal styles, there has been a steady progression toward the inclusion of more unification symbols in the inaugural address” (87). Portanto, é possível constatar que o discurso inaugural surge como uma oportunidade para, depois de ganhar as eleições, cada presidente expressar humildade perante

---

<sup>43</sup> De acordo com a análise realizada por Elvin T. Lim às transformações sofridas pela retórica presidencial ao longo do tempo, no século XIX, os presidentes preferiam usar a expressão “United States” nas suas intervenções públicas como forma de se referirem à nação. Contudo, a partir do século XX, a necessidade de expressar um sentimento de união que abrangesse vários pontos de divergência sem ser apenas entre estados levou à utilização preferencial da expressão “America” (“Five” 341-342).

a vontade não só de Deus, mas também do povo americano, assim como de reconciliar, como foi acima mencionado, as divergências criadas durante o período de campanha eleitoral (Ericson 735).

Uma outra forma do novo presidente expressar tal modéstia e respeito perante o cargo que acaba de ocupar passa também por se comprometer a cooperar com os outros ramos governamentais, especialmente com o Congresso. Desta forma, cada administração acaba por honrar o sistema político inicialmente instituído pelas figuras fundadoras da nação. Por sua vez, esta temática, apesar de bastante frequente durante o século XIX, tem caído em desuso possivelmente devido aos desenvolvimentos tecnológicos que permitem ao presidente dirigir-se à população a nível nacional, em vez de se dirigir apenas ao Congresso. De forma semelhante à diminuição da introdução deste tema em discursos inaugurais, a temática do federalismo também foi identificada por Ericson como tendo entrado em desuso após a Guerra Civil, sendo apenas utilizada por Reagan no seu slogan referente ao “novo federalismo”. Juntamente com a promessa de defender os princípios da constituição e a união, era frequente que o discurso inaugural fosse igualmente utilizado para reiterar a importância de preservar os direitos de cada estado (733-134, 139-140).

O último tema identificado por Ericson diz respeito à reafirmação da existência de uma missão americana: “More than three-fourths of the inaugural addresses (77 percent) refer to the nation’s special mission in history to spread the blessings of popular government around the world” (736). Ao longo do tempo, de acordo com a análise deste autor, a missão inicialmente identificada por Washington – os Estados Unidos teriam a responsabilidade de fazer prosperar globalmente o modelo político republicano – sofre algumas alterações ao longo do século XIX, atribuindo-se à nação um papel mais activo internacionalmente, sendo da sua responsabilidade não só liderar através do seu exemplo, mas também promover a democracia activamente pelo mundo. De modo a distanciarem-se de acusações de imperialismo, as noções da América como *Terra Prometida* e dos seus cidadãos como o *Povo Eleito* têm sido menos utilizadas em discursos inaugurais: “The need for recent presidents to reassure the world, as well as their fellow citizens, that the nation’s intentions are nonimperialistic is undoubtedly one of the reasons they have drawn back from the religious connotations of this inaugural theme and stopped referring to Americans as a chosen people” (737). Contudo, ao longo dos séculos XX e XXI, os Estados Unidos têm surgido como um país que, apesar de procurar a paz mundial, se viu forçado a intervir num conjunto de conflitos armados como forma de reestabelecer a ordem e proteger os ideais democráticos (737).



### 1.2.2.1. O Discurso Inaugural como Retórica Epidíctica

De modo a articularem todos os aspectos recorrentes do discurso inaugural que definem a sua singularidade, Campbell e Jamieson utilizam a classificação apresentada por Aristóteles na *Retórica* para categorizar esta forma de intervenção presidencial como pertencendo a uma subespécie do discurso epidíctico:<sup>44</sup>

presidential inaugurals are epideictic rhetoric because they are delivered on ceremonial occasions, link past and future in present contemplation, affirm or praise the shared principles that will guide the incoming administration, ask the audience to ‘gaze upon’ traditional values, employ elegant, literary language, and rely on ‘heightening of effect’ by amplification and reaffirmation of what is already known and believed. (30)

É, então, através das características partilhadas com o discurso epidíctico que estas autoras defendem que cada discurso inaugural procura atingir os seus objectivos e funções simbólicas, renovando o acordo estabelecido entre o presidente e a população dos Estados Unidos. Segundo Campbell e Jamieson, tal como é característico do discurso epidíctico, esta renovação é realizada através da incitação à contemplação em detrimento da acção, de um foco maioritariamente na contemporaneidade e do enaltecimento dos valores fundadores da nação e do cargo presidencial (31).

De facto, segundo estas autoras, de modo a podermos considerar o discurso inaugural como pertencendo ao tipo epidíctico é necessário caracterizá-lo como privilegiando um estado contemplativo no seu público, assim como uma intemporalidade – “special ‘timelessness’” (46) – essencial à unificação dos seus elementos simbólicos (40, 46). Desta forma, as políticas apresentadas por cada novo presidente procurariam apenas ser exemplificativas da filosofia política do orador: “In keeping with the epideictic character of inaugurals, (...) specific policies are proposed for contemplation, not for action” (40). Por sua vez, de acordo com Campbell e Jamieson, este tom contemplativo é uma expressão da intemporalidade do discurso inaugural que procura criar na sua assistência o sentimento de participarem na constituição de uma forma de governo e legitimação de uma instituição

---

<sup>44</sup> No Livro I da *Retórica*, Aristóteles reconhece três géneros de discursos retóricos: o judicial; o deliberativo; e o epidíctico. Este último, também denominado de demonstrativo, é utilizado, segundo Aristóteles, em ocasiões cerimoniais como forma de elogio ou de censura, discutindo o belo e o virtuoso e seus contrários através de uma linguagem elevada: “falemos da virtude e do vício, do belo e do vergonhoso; pois estes são os objectivos de quem elogia ou censura” (124). Apesar de poder recorrer à memória do passado e especular sobre o futuro, o discurso epidíctico foca-se no presente e leva o espectador a julgar o talento do orador. Para um maior aprofundamento desta questão cf. Aristóteles. *Retórica*. Translated by Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005, pp. 124-130.

transcendentes a qualquer momento histórico: “The timelessness of an inaugural affirms and ensures the continuity of the constitutional system and the immortality of the presidency as an institution” (46). Assim, a força retórica do discurso inaugural é conseguida através da utilização de uma linguagem e formulações que transcendem a realidade contemporânea e criam uma comunidade unida por um mesmo passado e por valores tradicionais (47).

No entanto, a utilização por parte destas autoras do género epidíctico para descrever as principais características dos discursos inaugurais apresenta algumas fragilidades, tendo sido fortemente criticada por Halford Ryan por ser analiticamente limitadora, promovendo a criação de suposições relativamente a cada discurso inaugural mesmo antes deste ser analisado (xvii). Contrariamente a Campbell e Jamieson, Ryan afirma que o discurso inaugural não é um exemplo contemporâneo de retórica epidíctica, dado que esta, segundo Aristóteles, é utilizada tanto para louvar como para censurar uma pessoa ou coisa,<sup>45</sup> enquanto poucos discursos inaugurais discorrem em tom negativo sobre uma determinada figura: “Aristotelian epideictic rhetoric is incompatible with the generic element of reconstitution and unification of the people, for how could a president hope to unify the whole electorate while concomitantly castigating the losing candidate and party, which were supported by upwards 40 percent of the voting population?” (xviii). Contudo, esta crítica de Ryan não considera todos os instantes em que o novo presidente não só identifica os problemas a enfrentar pela população, como censura os seus causadores. Por sua vez, tais críticas serão evidentes na análise realizada aos discursos de Obama e Trump, nos quais é possível identificar momentos tanto de louvor como de censura.

Ainda assim, Ryan aponta para uma outra característica problemática dos argumentos apresentados por Campbell e Jamieson. Estas autoras, de forma a aproximarem o discurso inaugural do seu entendimento da classificação de Aristóteles, descrevem-no como sendo principalmente contemplativo, ignorando diversos momentos de apelo à acção e persuasão recorrentes nestas intervenções presidenciais: “If one must use the Aristotelian system, and I would rather not, then the argument is that inaugurals are instances of deliberative rhetoric wherein action, not contemplation, is the persuasive goal” (xviii-xix). Esta crítica de Ryan realça, então, a importância que o momento discursivo em causa possui na incitação da população à acção. Com efeito, ainda que os seus instantes contemplativos sejam essenciais para a legitimação do poder político da presidência, a unificação da população e consequente constituição da América como nação e do seu povo como uma só entidade – “the people” –, o

---

<sup>45</sup> De acordo com Aristóteles: “No género epidíctico temos tanto o elogio como a censura” (104).

discurso inaugural tem também como objectivo levar o seu público não só a aprovar o programa político da nova administração, como também a contribuir para a sua implementação através da acção. Este aspecto essencial encontra-se patente, por exemplo, no célebre excerto de J. F. Kennedy: “And so, my fellow Americans: ask not what your country can do for you – ask what you can do for your country” (308). Tal natureza persuasiva e instantes de apelo à acção são igualmente identificados por Lim como fazendo parte da retórica presidencial moderna, tendo o autor identificado um aumento significativo da utilização de expressões dinâmicas que sugerem força e uma orientação activa dos esforços da assistência. A acompanhar este aumento, Lim notou, igualmente, desde o final do século XIX, um decréscimo no uso de expressões que indicam passividade ou submissão a figuras de autoridade ou poder, afastando-se da descrição feita por Campbell e Jamieson do discurso inaugural como uma intervenção de apelo à contemplação (“Five” 337).

Por sua vez, tal como irá ser argumentado e se procurará demonstrar mais à frente, nenhum dos discursos inaugurais em análise nesta dissertação apresenta todas as características atribuídas por Campbell e Jamieson ao discurso epidíctico de Aristóteles, especialmente no que toca à natureza contemplativa deste género discursivo. Logo, apesar de grande parte das observações feitas por estas autoras serem usadas na constituição da base teórica da presente dissertação, a sua utilização da classificação aristotélica não será usada como forma de caracterizar os discursos inaugurais em análise. Tal como foi apontado por Ryan e como será desenvolvido adiante, as intervenções em estudo não só não têm como objectivo principal louvar ou censurar algo em específico, dissertando sobre o belo, o virtuoso e seus contrários, como também não apresentam um papel preponderadamente contemplativo, distanciando-se, assim, das características e funções simbólicas do discurso epidíctico.

### **1.2.3. Redacção de Discursos Presidenciais**

Ao longo da história da presidência americana, um grande número de presidentes recorreu à ajuda de colaboradores na elaboração das suas intervenções públicas numa tentativa de evitar interpretações erróneas das suas palavras, de transcender possíveis limitações linguísticas e de transmitir as suas ideias e objectivos através de um discurso capaz de causar impacto na sua assistência e de sobreviver com o passar do tempo. O aumento das responsabilidades de cada presidente e do volume de discursos que é esperado proferir, assim como a complexidade dos problemas a abordar, criou a necessidade da Casa Branca empregar *ghost-writers* (Campbell and Jamieson 17). Assim, delinear a evolução da retórica

presidencial ao longo dos tempos deve igualmente passar pelo estudo das origens e transformações sofridas pelo cargo de redactor de discursos presidenciais, assim como pela discussão das questões de autoria a ele associadas.

Apesar de Judson P. Welliver ser geralmente apontado como a primeira pessoa a ocupar oficialmente a posição de redactor de discursos para um presidente dos Estados Unidos<sup>46</sup> – neste caso, durante o mandato de Warren G. Harding (1921-1923) –, desde a génese do cargo presidencial que as palavras proferidas pelos seus ocupantes em discursos oficiais poderiam resultar de um trabalho de colaboração. Por exemplo, é sabido que George Washington recorreu à ajuda de figuras como James Madison e Alexander Hamilton na redacção das suas intervenções públicas (Jones 92; Medhurst, “Presidential” 5; Nelson 2-3). No entanto, tal como Tulis aponta: “The key change is the employment of a group of speechwriting specialists” (184). Desta forma, Michael Nelson identifica três momentos na evolução do modo como a retórica presidencial tem vindo a ser construída. Numa primeira fase, conciliando a sua própria análise com o quadro teórico elaborado por Tulis, Nelson estabelece um paralelo entre o início da presidência retórica e a contratação de redactores profissionais de discursos na Casa Branca: “To meet new public expectations that the president speak frequently, Harding became the first president to employ a professional speechwriter” (3). Com esta contratação, a retórica presidencial demonstrava a sua significância ao justificar o aumento da equipa de funcionários da Casa Branca, ao mesmo tempo que, de acordo com a interpretação de Lim, não era considerada suficientemente importante para que fosse o presidente a redigir todas as palavras que proferia (*anti-intellectual* 78).

Num segundo momento, com início na presidência de Franklin D. Roosevelt, os funcionários responsáveis por ajudar o presidente a redigir os seus discursos, para além de escreventes, eram advogados e académicos assessores do chefe de estado, aconselhando-o relativamente a questões de retórica e estilo, assim como de conteúdo. Durante esta fase, de forma a acompanhar o aumento do volume de intervenções presidenciais, o número de funcionários envolvidos na sua redacção cresceu, ainda que cada presidente continuasse envolvido activamente no estabelecimento das palavras que proferia em público (Nelson 4-5). Com Lyndon B. Johnson (1963-1969), cada um dos discursos presidenciais teria de ser politicamente interventivo e lançar uma iniciativa: “Speeches thus became action-forcing events” (5). Ao criarem a necessidade de cada administração definir perante a nação o seu

---

<sup>46</sup> O título oficial de Welliver era o de executivo literário do presidente (Medhurst, “Presidential” 5).

posicionamento relativo a diversas problemáticas contemporâneas, os discursos presidenciais tornam-se frequentemente momentos relevantes na implementação de medidas políticas. Para além desta alteração, como consequência do aumento significativo do número de intervenções públicas esperadas de um presidente, a figura do conselheiro político e a do redactor de discursos acabam por ser separadas, deixando os segundos de ter um lugar na Casa Branca (5-6).

Numa última fase, esta divisão é consolidada durante o mandato de Richard Nixon (1969-1974), separando a unidade dos redactores de discursos do processo de desenvolvimento de medidas políticas ao incluí-la no departamento de comunicações da Casa Branca (*Writing and Research Department*). Esta medida, apesar de demonstrar alguma deferência para com a escrita como ofício, colocou-a numa posição hierarquicamente inferior, limitando o acesso dos *ghost-writers* ao presidente e assumindo que as ideias políticas a expressar e as palavras que as transmitem são elementos distintos do discurso presidencial (Medhurst, “Presidential” 6; Rudalevige 211).<sup>47</sup> Desde 1969 até aos dias de hoje, os funcionários responsáveis pela redacção das intervenções públicas do presidente continuaram a ocupar um cargo separado do dos assessores na Casa Branca: “Speechwriters are still housed in the White House communications office, speech drafts are still vetted throughout the administration, and the National Security Council staff still write national security speeches” (Nelson 9). Não obstante, tal ramificação não diminui a importância que as palavras do presidente possuem no panorama político nacional e internacional: “presidents also make things happen. The force of their leadership – both within their administration and across the nation and world – is expressed in each case by their timely words” (Rudalevige 208).

Torna-se, então, relevante sublinhar que proferir discursos não é uma função distinta do processo de tomada de decisões ou da implementação de medidas políticas, como comenta

---

<sup>47</sup> Martin J. Medhurst identifica esta separação entre forma e conteúdo como sendo problemática não só para aqueles responsáveis pela redacção dos discursos, mas também para os encarregados pela elaboração das políticas a implementar, pelo que, frequentemente, os primeiros possuem um maior conhecimento relativo ao uso estratégico da língua e recepção das ideias expressas por parte do público (“Enduring” 218). Adoptando uma perspectiva um pouco diferente, Lim também critica a consolidação desta cisão ao apontar para a administração de Nixon como o início da presidência anti-intelectual, sendo atribuída primazia ao estilo em detrimento da substância (*anti-intellectual* 81, 86): “bureaucrats and policy advisors are also involved in the speechwriting process, but because speechwriters remain the gatekeepers of presidential rhetoric, the imperatives of style have taken center stage” (88). Esta ramificação e o subsequente distanciamento dos redactores da figura do presidente é igualmente responsável pela produção de uma retórica cada vez menos sofisticada e mais simplista. Segundo Lim, como o acesso ao presidente é limitado, a elaboração das suas intervenções depende da formulação de generalizações, lugares-comuns e slogans apelativos capazes de transmitir apenas uma noção geral do posicionamento político da administração, sem ser necessário recorrer à divulgação de políticas concretas (92).

Andrew Rudalevige: “In sum, policy making and speechwriting are most successful when closely integrated – that is, when brought together as part of a diverse institution built around the need to produce relevant presidential rhetoric – rather than segregated by walling off policymaking from ‘wordsmithing’” (212). De facto, a articulação entre conteúdo e forma torna-se particularmente importante na redacção de diversos marcos discursivos da carreira de qualquer presidente como, por exemplo, do discurso inaugural ou do estado da nação, visto que ambos desempenham uma função crítica na definição da agenda política a seguir pela administração incumbente (Milkis 275). Portanto, conforme assinalado por Sidney M. Milkis, tanto cada presidente como aqueles responsáveis pela redacção dos seus discursos estão conscientes do dever de procurarem conciliar os princípios fundamentais do governo constitucional americano com uma realidade política, económica, social e cultural em constante transformação: “presidential rhetoric has become an essential ingredient in the never-ending attempt to fulfill the Founders’ vision of realizing self-government on a grand scale” (275). Adicionalmente, para além das suas consequências governamentais, este papel articulador revela, também, uma consciência da importância simbólica da presidência na manutenção da união nacional e criação de uma narrativa identitária da população americana.

#### **1.2.3.1. Questões de Autoria**

A importância que as palavras proferidas publicamente pelo presidente dos Estados Unidos possuem na definição da agenda política da administração, na implementação de medidas governamentais e na criação de um sentimento de unidade nacional tornam relevante a influência exercida pelos funcionários responsáveis pela redacção dessas mesmas palavras: “Speechwriters do not have the last word about what presidents say, but in most cases they have the first word, writing the drafts that, however much they may be written by others, set the terms of the debates that follow” (Nelson 23). Assim, os redactores de discursos presidenciais não contornam a autoridade do presidente na criação de medidas políticas nem lhe impõem a sua vontade,<sup>48</sup> mas possuem influência na Casa Branca, como afirma Tulis: “The problem is rather that by reinforcing the fictive qualities of presidential speech, this institution of experts exercises a subtle but considerable influence upon how a president thinks about politics – upon the presidential mind” (186). Contudo, a perspectiva de Tulis apenas se torna problemática se cada administração for concebida como sendo composta

---

<sup>48</sup> Visto que cada discurso presidencial é avaliado e aprovado, em média, por cinco a vinte pessoas antes de ser considerado como finalizado, Medhurst chama a atenção para a baixa probabilidade de qualquer intervenção do presidente ser ditada pela vontade de um só indivíduo na Casa Branca (“Presidential” 9).

unicamente pela figura do presidente, porquanto autoras como Campbell e Jamieson definem o cargo da presidência como sendo constituído por um agregado de pessoas. Esta perspectiva não só admite que a presidência seja estudada para além das personalidades individuais de cada presidente, como também permite que sejam ultrapassados problemas relativos à autoria dos discursos presidenciais (18).

Como tal, apesar de rejeitar a classificação do discurso inaugural como pertencendo ao género epidíctico, como foi acima mencionado, o presente trabalho toma como base a perspectiva destas duas autoras relativamente à retórica presidencial: “the president is a syndicate generating the actions associated with the head of state, including those deeds done in words. And whoever the author(s) of those words may be, once uttered, the president takes authorial responsibility for them; the words become an integral part of that presidency” (18). Deste modo, o facto de tanto o discurso inaugural de Obama como o de Trump terem sido o resultado de um trabalho colaborativo não impede que a autoria de cada discurso seja atribuída ao presidente que o proferiu. Quando questionado sobre quem deveria escrever o discurso inaugural de um novo presidente, Patrick Anderson – redactor de discursos durante o mandato de Jimmy Carter (1977-1981) – respondeu: “The president should, as much as he is able and willing to. The more of him that is in it, the better it is. But writers do have a role in it” (Anderson et al. 117).

Ademais, é relevante mencionar como o discurso inaugural possui um estatuto único na carreira de qualquer presidente, podendo não só demarcar um momento de transição entre administrações, mas também ser a primeira vez que um presidente se dirige ao povo americano como o seu novo chefe do poder executivo. No caso de Anderson, este apenas colaborou com Carter na fase inicial do processo de escrita do seu discurso inaugural: “It’s a very personal speech. It had things in it that I might not have suggested, but it was very personal with him” (118). Contudo, é comum a experiência de redactores como Raymond Price – envolvido na administração de Nixon – a de colaboração na escrita do discurso inaugural com o presidente ao longo de todo o processo: “It was not that I was writing *for* him; I was writing *with* him, or helping him write” (118). Assim, mesmo tratando-se do mais particular de todos os discursos presidenciais, a existência de diversas restrições institucionais, juntamente com a sua função simbólica, inibem fortemente a expressão das idiossincrasias linguísticas de cada presidente. De facto, ao serem representativos da nação, discursando em nome de toda a sua população, cada novo presidente não pode apenas expressar as suas opiniões pessoais, necessitando do apoio dos seus assessores e redactores

para melhor expressar a sua posição política (Campbell and Jamieson 18; Medhurst, “Presidential” 10).

Por conseguinte, tanto Barack Obama como Donald Trump receberam ajuda das respectivas equipas na redacção dos discursos inaugurais em análise. Quanto ao primeiro, apesar da sua conhecida capacidade de cativar o público com as suas palavras, a tarefa de elaboração da sua primeira intervenção pública como chefe do poder executivo foi atribuída a Jon Favreau. Após uma primeira reunião com Obama, Favreau e a sua equipa dedicaram-se à pesquisa e escrita de um discurso inaugural que não deixou de resultar de um esforço colaborativo entre estes e o presidente eleito: “Obama is an accomplished writer in his own regard, and the process of drafting with his mind-reader is collaborative. The inaugural speech has shuttled between them four or five times” (Pilkington). Quanto ao discurso inaugural de Trump, apesar de existir uma mensagem publicada na sua conta do *Twitter* onde este se apresentava como o autor do seu próprio discurso inaugural, os nomes de Steve Bannon e Stephen Miller foram divulgados mais tarde como os membros da equipa de Trump responsáveis pela sua redacção (Greenwood; Nuzzi).

#### **1.2.4. A Jeremiáda Presidencial**

Tal como foi acima desenvolvido, a adaptabilidade da jeremiáda americana proporcionou a sua contínua reinvenção ao longo dos séculos, desde as suas primeiras expressões pela segunda e terceira gerações de Puritanos em Nova Inglaterra até à sua utilização em discursos presidenciais contemporâneos. O impacto da jeremiáda na cultura política dos Estados Unidos pode ser observado, por exemplo, na utilização recorrente da expressão *bully pulpit* para definir a retórica presidencial americana do século XX. Theodore Roosevelt emprega pela primeira vez esta expressão para caracterizar a forma como cada presidente deveria utilizar a sua posição privilegiada para chamar a atenção da população dos Estados Unidos para determinados problemas nacionais e suas possíveis soluções. Desta forma, Roosevelt pretendia evidenciar a capacidade de cada presidência para influenciar a opinião pública através da palavra falada, enfatizando a centralidade não só da oratória na vida política americana, mas também, pela analogia escolhida, da figura do pregador em particular:

Roosevelt’s metaphor was inspired by the Jeremiad preacher, the religious analogue of the presidential preacher, who was the wise and anointed seer of things to come. The preacher stood apart from his church both physically



and spiritually, because of his special anointment. His job was to articulate a message from God, often harsh and unpalatable, as a warning or plan for things to come. (Lim, *anti-intellectual* 46)

É, então, estabelecido um paralelismo entre a figura do presidente e a do pregador que utiliza a fórmula da jeremiada para divulgar a vontade de Deus, prevenir a contínua degeneração da sociedade americana e instigar a sua população a agir. De acordo com esta analogia, uma das funções do presidente seria a de assumir um papel de liderança, tomando, por vezes, posições políticas que, apesar de pouco populares, seriam no melhor interesse do país. Apesar da imagem do *bully pulpit* continuar, por vezes, a ser utilizada para caracterizar a presidência retórica, Lim defende que esta já não descreve a realidade contemporânea uma vez que o desenvolvimento dos meios de comunicação veio diminuir o distanciamento entre a figura do presidente e a sua assistência que estaria implícito na ideia de *bully pulpit* (46).

Contudo, esta aproximação veio contribuir para a consolidação da capacidade de cada presidente de deter a atenção da população a nível nacional aquando da identificação dos problemas enfrentados pelo país, suas causas, consequências e soluções, utilizando a sua posição privilegiada e combinando-a com a jeremiada americana como forma de gerar acção e direccionar os esforços dos cidadãos: “The jeremiad’s need for prophetic leadership and the bully pulpit of the American presidency were made for one another. There is no comparable political pulpit from which to summon the chosen people, to warn them of their peril, or to direct their behavior” (Smith and Smith 138). Assim, a fórmula da jeremiada continua a ser utilizada como um veículo retórico com o objectivo de gerar coesão social<sup>49</sup> e de incitar a população à acção. De modo a criarem um consenso identitário a nível nacional entre os cidadãos, cada presidente recorre a rituais retóricos para reafirmar e reinterpretar um determinado conjunto de normas culturais e constituir o povo americano através dos membros da sua assistência: “At some level presidential discourse teaches American culture to its listeners, consistently reminding them how they ought to know or believe” (Beasley

---

<sup>49</sup> Atente-se ao facto de já ter sido criticada a utilização da jeremiada como instrumento promotor de coesão social por encorajar uma incoerência entre os valores defendidos e a experiência individual de cada cidadão americano contemporâneo, assim como por colocar os Estados Unidos numa posição distanciada relativamente às disputas de outras nações, necessitando da existência desses conflitos para argumentar a favor e validar a sua própria superioridade. Ademais, a criação desta uniformidade social gera uma atitude antagónica relativamente à diversidade cultural, chegando mesmo a considerá-la como antipatriótica (Beasley 181). Deste modo, se por um lado a jeremiada americana é utilizada como um veículo retórico incitador da tomada de acção por parte da assistência, por outro, a sua lógica baseada em antigos princípios fundamentais da nação pode inibir a aceitação da diferença e a introdução de alterações na sociedade americana: “Because jeremiads establish one interpretation and application of a particular ancient truth as pre-eminent, they undermine other interpretations and applications of ancient truths. By undermining competing analyses of the nation’s problems presidential jeremiads inhibit legitimate public discussion and dissent” (Smith and Smith 161).

175). De acordo com Vanessa B. Beasley, esta função da retórica presidencial é particularmente manifesta nos discursos inaugurais, durante os quais cada novo chefe de poder executivo necessita de recriar um sentimento de união entre os elementos de uma população fragmentada durante o período de campanha eleitoral, promovendo não só uma concepção do povo e nação americanos que transcenda preferências partidárias ou agendas pessoais (175), mas também a renovação do acordo democrático estabelecido entre cada cidadão e o seu presidente (Smith and Smith 139).

Por sua vez, a coesão identitária e social gerada em cada discurso inaugural é criada recorrendo a uma lógica puritana que pode ser expressa através da jeremiada americana, pois, no contexto secular da política nacional, esta fórmula retórica tornou-se numa expressão da religião civil americana. Esta preserva a noção da população dos Estados Unidos como *Povo Eleito*,<sup>50</sup> ao mesmo tempo que substitui a doutrina religiosa à qual se encontrava inicialmente associada pela procura da obtenção do sonho americano,<sup>51</sup> sendo capaz de conciliar com uma só narrativa identitária uma população tão heterógena como a americana: “Three centuries after the Puritan landing, American jeremiads continue to feature a special people chosen by God who can grow from their adversity and attain a better future simply by conducting themselves in accordance with the covenant and the dream” (134). Desta forma, um discurso inaugural, ao utilizar a fórmula da jeremiada americana, procura não só manter as palavras da Declaração da Independência e Constituição relevantes à medida que as circunstâncias políticas, económicas e sociais mudam, mas também reavivar a noção do povo americano como comunidade eleita e renovar o acordo estabelecido entre cada cidadão e o seu

---

<sup>50</sup> Apesar da conservação no discurso da jeremiada secular contemporânea da noção da existência de uma relação privilegiada entre o povo americano e uma entidade divina, a importância dada à renovação do acordo inicial estabelecido entre ambos nas primeiras expressões da jeremiada americana é, no discurso inaugural, superada pela relevância atribuída à renovação do acordo entre cada cidadão e o seu novo presidente.

<sup>51</sup> A substituição da doutrina religiosa puritana pelo ideal do sonho americano como base para a constituição da religião civil americana e sua expressão através da jeremiada contemporânea é defendida por Richard L. Johannesen: “Indeed the legacy of Puritanism constitutes one of the two or three major tributaries significant in formation of the American Dream. (...) Modern jeremiads depict Americans as unique or ‘chosen’ people and envision America as a promised land with a special destiny, even as humanity’s ‘last, best hope’” (80). Portanto, segundo este autor, ao fazerem parte da religião civil americana, os princípios nos quais a jeremiada contemporânea baseia a sua lógica são partilhados pelo ideal do sonho americano (80). Este, por sua vez, é caracterizado por Walter R. Fisher como possuindo uma vertente material e uma vertente moral baseadas em valores religiosos e partilhados, em certa medida, pela grande maioria da população dos Estados Unidos. A primeira vertente valoriza uma ética de trabalho puritana baseada no esforço, na persistência, na iniciativa, na competição, na auto-suficiência e na procura do sucesso. Enquanto a vertente moral se encontra relacionada com valores como a tolerância e respeito pelo mérito e individualidade de cada cidadão, podendo ser sumariada pelo conteúdo da Declaração da Independência e a sua ênfase na igualdade de direitos (“Narrativity” 148-149, “Reaffirmation” 160-163), em suma: “The materialistic myth fosters a concept of freedom *to do* as one pleases; the moralistic myth stresses freedom *to be* as one conceives oneself” (“Narrativity” 149). Para um maior aprofundamento desta questão cf. Fisher, Walter R. “Reaffirmation and subversion of the American Dream” *Quarterly Journal of Speech*, vol. 59, no. 2, 1973, pp. 160-167.

presidente. Cada novo chefe do poder executivo procura, então, criar um momento de reafirmação e adaptação de um conjunto de valores e objectivos partilhados, independentemente das raízes protestantes desses mesmos princípios ou da fórmula retórica empregue (Beasley 180-181). Portanto, a utilização da jeremiada torna-se particularmente relevante, visto que, tal como foi acima explorado, esta surge não só como instrumento retórico de persuasão e incitação à acção, mas também como ferramenta de reinvenção identitária, adaptando os objectivos e ideais das primeiras gerações de Puritanos a uma realidade em constante transformação.

Tal como se espera poder constatar através da análise do discurso inaugural de Trump, a jeremiada contemporânea pode distanciar-se da sua expressão inicial ao enumerar as dificuldades enfrentadas pela comunidade ao mesmo tempo que desresponsabiliza os seus elementos – incluindo o próprio presidente – pelas calamidades e degenerescência social presentes, identificando um conjunto de figuras ou instituições específicas como as verdadeiras causadoras desta degradação: “Nowadays jeremiads tell of chosen people led astray by false prophets who are to blame for our tribulations” (Smith and Smith 135). Assim, a jeremiada é capaz de sobreviver através do discurso presidencial, permitindo ao orador conservar um estatuto profético de intérprete do acordo nacional, ao mesmo tempo que se afasta da figura do pregador de tom acusatório e redirecciona a culpa dos problemas daquela sociedade de modo a não incluir todos os seus elementos. O estatuto especial da população americana é defendido e qualquer crise, seja ela social, económica, política ou cultural, continua a ser resolvida através do arrependimento e restauração dos princípios fundadores da nação imortalizados em documentos como a Declaração da Independência e a Constituição ou nas palavras dos pais fundadores (Johannesen 81; Smith and Smith 136, 159).<sup>52</sup>

A retórica da jeremiada americana sobrevive, então, como discurso persuasor que também permite a aceitação do sofrimento experimentado pelo *Povo Eleito*, a sua desresponsabilização pelas causas dos seus problemas e a utilização do passado como justificação para o desenvolvimento de um espírito optimista em relação ao futuro (Smith and

---

<sup>52</sup> Veja-se que a utilização pela figura do presidente da jeremiada americana na abordagem de problemas nacionais foi já criticada por desencorajar, por vezes, a resolução prática destes, pois, ao oferecer uma justificação mística para as problemáticas enfrentadas, a jeremiada acaba por distanciar-las de possíveis soluções adaptadas à realidade do país. Adicionalmente, Craig Allen Smith e Kathy B. Smith demonstram como também é possível criticar o modo como o foco na interpretação da Constituição feita pelas figuras políticas fundadoras da nação pode não ter em conta a flexibilidade do documento e a necessidade da sua adaptação à contemporaneidade, acabando por comprometer os próprios princípios dos pais fundadores que procura seguir (159-161).

Smith 137). De facto, as recorrentes referências feitas a eventos gloriosos do passado da nação como forma de procurar compreender as causas de eventos presentes e futura prosperidade do país possibilitam a criação de uma lógica e ordem entre fenómenos aparentemente distintos, assim como de um sentimento de segurança no público alvo ao fornecerem explicações para os problemas enfrentados: “Every jeremiad provides a source of order for a confused community, because its essential logic is that Americans’ problems result from a lack of commitment to their divine mission. Therefore, the greater the chaos and the more abundant the contradictions, the more powerful is the logic of jeremiadic order” (158). Tal lógica, como irá ser explorado mais adiante, permite ao orador transcender contradições na sua argumentação ao recorrer a princípios fundamentais da religião civil americana responsáveis pela criação de ordem e união entre a população (158).

## Capítulo 2: As Eleições Presidenciais

Ao longo do período de campanha para as eleições presidenciais, os cidadãos americanos são expostos, com uma crescente intensidade à medida que o dia da eleição geral se aproxima, a inúmeros discursos, debates, paradas, estratégias publicitárias, rumores, controvérsias e sondagens que influenciam a sua escolha eleitoral. Todo este agitado e dispendioso processo, segundo Judith S. Trent e Robert V. Friedenberg, pode ser dividido em quatro fases distintas: a pré-primária; as eleições primárias; as convenções; e, por fim, a eleição geral (22).

Apesar de existir um conjunto de características partilhadas entre os processos de eleição a nível nacional, este procedimento pode variar bastante consoante cada estado e partido. Durante a primeira fase, cada candidato procura definir a sua imagem pública e os principais temas da sua campanha, ao mesmo tempo que capta o interesse do público (27, 32). De seguida, as eleições primárias constituem uma fase intrapartidária do processo de nomeação do candidato presidencial que irá representar cada partido nas eleições gerais. Dependendo do estado, a eleição dos delegados que irão participar nas convenções pode ser feita através de eleições primárias ou de um sistema de *caucus* (38-39).<sup>53</sup> Neste período, cada candidato, conforme os resultados das eleições, adapta as suas estratégias de campanha e ajusta as suas posições políticas de acordo com a opinião popular (Degani, *Framing* 33). Durante a terceira fase, geralmente, cada partido organiza convenções a nível nacional, onde os delegados anteriormente escolhidos elegem o único candidato do respectivo partido que irá continuar na corrida à presidência (Trent and Friedenberg 51). Por fim, no dia da eleição geral cada eleitor vota nos elementos do Colégio Eleitoral do seu estado que, por sua vez, irão eleger directamente o presidente dos Estados Unidos.

---

<sup>53</sup> As primárias podem ser abertas – cada eleitor pode votar numa das eleições primárias de um dos partidos –, fechadas – apenas militantes de um partido podem participar nas eleições primárias do mesmo – ou um terceiro tipo, geralmente apelidado de *blanket primary* – permite a cada eleitor votar nas eleições primárias de ambos os partidos. Alguns estados não utilizam nenhum destes processos de eleições primárias, preferindo um sistema de *caucus*. Segundo este, a eleição dos delegados é feita no seguimento de uma reunião dos militantes de cada partido a decorrer numa data, hora e local anunciados pelo mesmo. Ao marcarem o dia de votação antes de todos os outros estados, tanto os *caucuses* no Iowa como as primárias que se lhes seguem em New Hampshire tornaram-se momentos de grande relevância por poderem impulsionar a campanha dos candidatos que as ganharem.

## 2.1. As Eleições Presidenciais de 2008

### 2.1.1. O Candidato Barack Hussein Obama II: Percurso Político e Imagem Pública

A 10 de Fevereiro de 2007, o jovem senador Barack Hussein Obama II anuncia oficialmente a sua candidatura à presidência dos Estados Unidos perante uma multidão de 17.000 pessoas na cidade de Springfield, Illinois. A popularidade de Obama já tinha sido demonstrada não só pela sua impressionante vitória contra Alan Keyes em 2004 – “It was, unsurprisingly, the most overwhelming U.S. Senate victory in Illinois history” (Garrow 957) –, como também pela euforia gerada aquando da sua visita ao Quénia – “Barack drew huge crowds and ecstatic greetings everywhere he went in Nairobi” (997) –, pelo sucesso de vendas da sua segunda obra autobiográfica *The Audacity of Hope: Thoughts on Reclaiming the American Dream* (2006) (1012) e, por fim, pela atenção mediática criada a nível nacional fruto da sua capacidade de reunir multidões entusiasmadas pela sua presença – “reporter Adam Nagourney [*New York Times*] wrote that Barack had received ‘the kind of reception typically afforded a movie star,’ one that was ‘nothing short of a spectacle’” (1017). Contudo, apesar de disfrutar de um significativo reconhecimento público, o percurso de vida, a identidade e os ideais políticos do jovem senador continuaram a ser fonte de curiosidade e de discussão ao longo do período de campanha.

Na sua primeira publicação de carácter autobiográfico, *Dreams from My Father: A Story of Race and Inheritance* (1995), Obama inicia a narrativa com a notícia da morte do seu pai, recuando no tempo de modo a contextualizar a vinda deste até aos Estados Unidos, em 1959. Partindo, então, das suas raízes culturais quenianas, o autor reconta diversos episódios da sua vida, desde uma infância dividida entre o Havaí e a Indonésia, passando pelos anos de estudo na Universidade de Columbia, até ao período como director do *Developing Communities Project*, em Chicago. Em 1988, Obama inicia os seus estudos na Universidade de Harvard e três anos mais tarde torna-se no primeiro presidente afro-americano da *Harvard Law Review*, suscitando, pela primeira vez, o interesse da comunicação social a nível nacional (Garrow 384-392). De volta a Chicago, em 1995, Obama inicia a sua carreira política ao concorrer para o Senado do estado do Illinois (541). Não só ganha as eleições, como é reeleito duas vezes antes de se candidatar ao Senado dos Estados Unidos em 2003, um esforço no qual é igualmente bem sucedido, tendo ocupado o cargo durante três anos.<sup>54</sup>

---

<sup>54</sup> Apesar dos diversos sucessos obtidos ao longo da sua carreira política, em 1999, Obama é derrotado por Bobby Rush (1946-) na corrida eleitoral para um lugar na Câmara dos Representantes do Congresso dos Estados Unidos (Garrow 706).

Apesar de contar com duas obras de cariz autobiográfico publicadas, com uma intervenção memorável durante a Convenção Democrata para a nomeação de John Kerry como candidato às presidenciais de 2004 (Leibovich) e com uma carreira política de doze anos, Obama permanece uma figura cujo percurso de vida, assim como posicionamento relativamente às principais questões políticas do momento, continuava relativamente desconhecido para a maioria da população americana quando comparados com o nível de reconhecimento público de candidatos como Hillary Rodham Clinton (1947-) e John Sidney McCain III (1936-2018). Tal ignorância é apontada pelos média (Garrow 1024, 1031-1032) e reconhecida pelo próprio candidato quando, ao referir-se a *Dreams from My Father*, afirma: “‘there is a certain ambivalence about my character that I like about myself. It’s part of what makes me a good writer,’ but ‘it’s not necessarily useful in a presidential campaign’” (qtd. in Garrow 1032). Logo, ao longo da corrida presidencial, para além de tornar claro o seu posicionamento político, Obama utiliza a oportunidade de se dirigir directamente à população americana para recorrentemente dar a conhecer detalhes biográficos e as suas motivações pessoais para ocupar o cargo presidencial. É, então, através dos seus discursos durante a campanha que Obama vai construindo a sua identidade pública.

Esta imagem cuidadosamente formada é distinta da sua identidade privada, algo que o próprio publicamente reconhece (1036) e que não deixa de ser apontado por jornalistas e autores como Gabriel Sherman: “The whole Obama narrative is built around this narrative that Obama and David Axelrod built, and, like all stories, it’s not entirely true” (qtd. in Garrow 1049). No âmbito da presente dissertação, torna-se, então, igualmente relevante analisar aspectos desta imagem retoricamente construída por Obama durante o período de campanha para além de caracterizar o candidato unicamente utilizando dados biográficos e afirmações gerais quanto ao seu posicionamento político. Portanto, de modo a melhor compreender os traços da figura que o povo americano elegeu para chefe do poder executivo e que proferiu um dos discursos inaugurais em análise é necessário abordar a imagem construída do candidato “Barack Obama” pelo próprio e pela sua equipa.

De facto, é importante notar como, ao longo de toda campanha eleitoral para as presidenciais de 2008, Obama incluiu reiteradamente nos seus discursos diversas narrativas centradas não só em cidadãos comuns, mas também relativas à sua própria história de vida. Para além de fazer inúmeras referências aos seus avós, aos seus pais, à sua esposa e às suas filhas, Obama enfatiza o papel de cada um destes elementos na construção da sua identidade, contribuindo para a criação de uma imagem pública de origens humildes e culturalmente diversas. Frequentemente, a narrativa partilhada por Obama apresentava uma estrutura e um

conteúdo biográfico semelhantes, apenas com algumas alterações de modo a enfatizar detalhes relevantes à temática geral da sua intervenção.<sup>55</sup> Por exemplo, no seu discurso “A More Perfect Union”, o único de Obama dedicado essencialmente à questão racial nos Estados Unidos, a sua narrativa biográfica é apresentada da seguinte forma:

I am the son of a black man from Kenya and a white woman from Kansas. I was raised with the help of a white grandfather who survived a Depression to serve in Patton’s army during World War II and a white grandmother who worked on a bomber assembly line at Fort Leavenworth while he was overseas. I’ve gone to some of the best schools in America and lived in one of the world’s poorest nations. I am married to a black American who carries within her the blood of slaves and slaveowners [sic] – an inheritance we pass on to our two precious daughters. I have brothers, sisters, nieces, nephews, uncles and cousins, of every race and every hue scattered across three continents, and for as long as I live, I will never forget that in no other country on earth is my story even possible. (256)

Ao proferir estas afirmações no início do seu discurso dedicado às desigualdades experienciadas, principalmente, pela comunidade afro-americana e necessidade de fortalecer o sentimento de união entre toda a população dos Estados Unidos, Obama procura demonstrar compreender a perspectiva não só desta comunidade discriminada, mas também da comunidade branca,<sup>56</sup> através de uma caracterização que enfatiza as dinâmicas multiculturais que moldaram a sua própria família e herança cultural. Desta forma, Obama e a sua descendência surgem como o resultado da interacção e união entre comunidades que, apesar de distintas, desempenharam um papel igualmente relevante na construção da sociedade americana contemporânea. Tal caracterização é repetidamente apresentada em diversos discursos, aproximando Obama da sua assistência – também ela bastante heterogénea – e criando uma imagem pública que procura humanizar o candidato, assim como inseri-lo na narrativa histórica da nação.

Esta integração, por sua vez, foi realizada através de referências não só à família de Obama, assim como ao seu percurso profissional de serviço à comunidade de Chicago e,

---

<sup>55</sup> Devido à elevada frequência com que cada candidato político, neste caso à presidência dos Estados Unidos, se deve dirigir à população, Marta Degani aponta para a importância da utilização, ao longo do período de campanha, de módulos discursivos: “sections of variable length that reappear with slight variation during the campaign” (*Framing* 23). De acordo com esta autora, geralmente, cada candidato define no início da corrida eleitoral um módulo discursivo relativo a cada um dos temas principais a abordar, de modo a que a repetição do mesmo conteúdo adaptado a cada assistência contribua para a consolidação da posição do candidato (24).

<sup>56</sup> Apesar da recente adopção do termo “caucasiano” em bibliografia sobretudo de língua inglesa, optei pela utilização do termo “branco”, dada a sua maior familiaridade na língua portuguesa.



mais tarde, a todos os cidadãos do estado do Illinois como senador. Quando anuncia a sua candidatura à presidência dos Estados Unidos, Obama apresenta o início da sua vida laboral da seguinte forma:

I moved to Illinois over two decades ago. I was a young man then, just a year out of college. I knew no one in Chicago when I arrived, was without money or family connections. But a group of churches had offered me a job as a community organizer for the grand sum of 13,000 dollars a year. And I accepted the job, sight unseen, motivated by a single, simple, powerful idea: that I might play a small part in building a better America. (“Announcement” 1)

Juntamente com o excerto retirado de “A More Perfect Union”, estas palavras são semelhantes a muitas outras proferidas ao longo de toda a campanha sempre que o candidato partilhava parte da sua experiência pessoal com o público. Ao compará-las, é possível identificar a construção da noção de uma América que desafia as probabilidades, permitindo que os seus cidadãos, independentemente das suas origens, alcancem os seus objectivos.<sup>57</sup> Deste modo, Obama cria uma imagem pública próxima do *self-made man*, apresentando-se como o resultado do sonho americano: “Obama as the incarnation of the American Dream, the living proof that in America if you try hard you can make it, no matter who you are and where you were born” (Degani, *Framing* 112).

Portanto, ao contrário da narrativa encontrada em *Dreams from My Father*, nos seus discursos de campanha, Obama não procurou focar-se na exploração e definição da sua identidade afro-americana, enfatizando ao invés o carácter multicultural das suas origens, o diálogo e união entre culturas e o serviço prestado pelos seus antepassados aos Estados Unidos. Por conseguinte, através da imagem que define perante cada assistência, Obama não só encarna um dos principais temas da sua campanha, o da união nacional – “As the son of a black Kenyan and a white Kansan who had chosen to be part of the African American community, Obama was in a unique position to understand the motivations behind the racial divide in the US from both sides” (Pedersen 49) –, como também expressa uma dedicação ao

---

<sup>57</sup> Tal como é apontado por Terrence L. Warburton, Obama frequentemente caracteriza a sua candidatura como “improvável”, admitindo a sua diferença não só em relação à sua ascendência, mas também ao seu percurso político. Contudo, Obama nunca sugere que esta sua característica possa ser negativa, apresentando-a como uma mais valia para si e para o seu país (125).

país que desacredita as acusações feitas pelos seus opositores de motivações antiamericanas da sua parte.<sup>58</sup>

Aliás, Obama revela conhecer, admirar e adoptar diversos valores essenciais à identidade americana como, por exemplo, a confiança em si próprio, a autonomia, o esforço e o afecto pela nação, tornando-se num exemplo concreto das possibilidades representadas pelo sonho americano: “In this narrative [Obama’s American Dream narrative], the USA is a land of romance and opportunity where hard-working citizens succeed. However, Obama recasts it as the American Promise, a more communitarian frame grounded on social justice and equality. In this sense, he not only pledged to restore the American Dream, but he embodied it” (Escobar 114). De facto, num discurso proferido a 12 de Fevereiro de 2008, ao apresentar a sua história de vida, Obama articula-a estabelecendo uma relação directa entre a esperança essencial à promessa do sonho americano, o esforço para o alcançar e o seu próprio sucesso político: “I should not be here today. I was not born into money or status. I was born to a teenage mom in Hawaii, and my dad left us when I was two. But my family gave me love, they gave me education, and most of all they gave me hope – hope that in America, no dream is beyond our grasp if we reach for it, and fight for it, and work for it” (“Potomac”).

As suas palavras relativas à promessa da América eram apoiadas por publicidade difundida pela sua equipa, enfatizando a ligação do candidato afro-americano aos seus familiares brancos, nomeadamente à sua mãe e aos seus avós maternos (Kenski et al. 100, 102). Este esforço adicional foi necessário, pois, para além das insinuações de atitudes antiamericanas, diversos detalhes do perfil biográfico de Obama, caso este fosse eleito, representavam uma completa separação da figura do presidente incumbente, George W. Bush, tal como Pedersen aponta:

In 2008, the US was faced with the prospect of not only the first African American president, but someone who was the son of a lapsed Muslim from Kenya and a white atheist from the American heartland, who was born in the only US state detached from the North American continent and who had spent part of his childhood in the largest Muslim society in the world. Barack Obama’s background was in many respects diametrical opposite of George W. Bush’s. (14)

---

<sup>58</sup> Ao longo de toda a campanha eleitoral, a lealdade de Obama aos Estados Unidos foi posta em causa pelos seus opositores que, aproveitando a complexidade das origens e história de vida do candidato, o associam a interesses estrangeiros, assim como a figuras subversivas como William Ayers – antigo líder da organização *Weather Underground* – e o reverendo Jeremiah Alvesta Wright Jr., cujo relacionamento com Obama irá ser desenvolvido mais tarde (Selzer 17).

No entanto, tal como irá ser desenvolvido mais à frente, o facto de Obama representar uma ruptura e um afastamento da administração de Bush contribuiu significativamente para a derrota de McCain e Sarah Palin (1964-). Consequentemente, tendo em conta a imagem que Obama constrói de si próprio, segundo Oliver Escobar, este candidato torna-se num símbolo de redenção para a América. Por um lado, por tornar-se representativo do culminar do movimento dos direitos civis, redimindo os Estados Unidos do seu passado marcado pela escravatura e segregação racial (113). Por outro, por reabilitar a imagem do país a nível internacional: “Obama is not only seen [in the world scene] as the antithesis of, but the antidote to, the Bush era. Nothing defines a hero better than the perfect antagonist” (114). Contudo, este distanciamento entre a identidade do presidente incumbente e a de Obama não se traduziria, de acordo com este, numa cisão entre a futura administração do senador do Illinois e o passado político da nação, pelo que Obama faz questão de incluir diversas referências a figuras como Abraham Lincoln, Franklin D. Roosevelt e John F. Kennedy nos seus discursos.

Quanto à evocação da figura de Lincoln, Obama não só escolheu iniciar oficialmente a sua corrida à Casa Branca em frente ao Antigo Capitólio do estado do Illinois, onde o antigo presidente cumprira funções 150 anos antes, como, para além de evocar o seu nome diversas vezes ao longo da campanha, o candidato democrata repete as palavras de união nacional de Lincoln, legitimando a sua própria mensagem – “we stood on the steps of the Old State Capitol to reaffirm a truth that was spoken there so many generations ago – that a house divided cannot stand” (“Remarks” 247). Quanto a Kennedy, Obama chega mesmo a citá-lo directamente, por exemplo, num dos seus discursos contra o terrorismo – “President Kennedy said it best: ‘Let us never negotiate out of fear, but let us never fear to negotiate.’” (“War” 227). Não obstante, é a Roosevelt e às suas liberdades que Obama mais faz referência ao longo da campanha (Olive 16-17) em discursos como “The Way Forward in Iraq”, “The War We Need to Win”, “The America We Love” ou, ainda, no discurso proferido a 24 de Julho de 2008, em Berlim. Juntamente com todas as evocações feitas a Martin Luther King Jr. (1929-1968), Barack Obama não só demonstra conhecer e admirar diversas figuras respeitadas do passado da nação e os seus valores, como também procura criar um sentido de continuidade (caso seja eleito) entre a sua administração e o percurso político anterior dos Estados Unidos, afastando insinuações de antiamericanismo e atenuando quaisquer sentimentos de ansiedade gerados pela ruptura com a administração Bush.

Ademais, tal como é possível depreender do excerto de Pedersen acima citado, a inquietação gerada em torno da figura de Obama não dizia respeito somente a uma provável

cisão política, mas encontrava-se igualmente relacionada com as suas crenças religiosas, nomeadamente à possibilidade de Obama ser muçulmano. Este rumor relativo à sua fé acompanhou-o durante toda a campanha, tendo sido propagado online, assim como por e-mails disseminados pela oposição,<sup>59</sup> e aparentemente corroborado pela circulação de uma fotografia de Obama tirada durante a sua visita ao Quênia, onde este se encontrava vestido com trajes tradicionais geralmente associados à comunidade muçulmana.<sup>60</sup> “the photograph of Obama wearing traditional clothing was used to mark Obama’s body with a duality that undermined his American identity. In other words, Obama’s ancestry (...) and upbringing (...) inhibited the public’s ability to see him as an ‘all-American boy’” (Selzer 20). No entanto, apesar da vasta disseminação desta falsa narrativa, a principal controvérsia a afectar a campanha de Obama, associando o candidato a atitudes extremistas subversivas e antiamericanas, centrou-se na sua pertença à *Trinity United Church of Christ* em Chicago e relação próxima com o reverendo Jeremiah A. Wright (17).<sup>61</sup> As acusações de partilhar ideais antipatrióticos com Wright levaram Obama a proferir o discurso “A More Perfect Union”<sup>62</sup> que, apesar de elogiado pelo seu conteúdo e estilo, não esclareceu para muitos as dúvidas geradas em torno da sua associação com a *Trinity Church* e com o seu respectivo líder espiritual (Brown 47; Denton, “Identity” 5), pelo que Obama e Michelle acabaram por escolher abandonar a congregação (Garrow 1046-1047).

Por último, a fé cristã de Obama pode ser considerada como uma característica central à compreensão da sua imagem pública, visto ser um elemento do foro privado que faz

<sup>59</sup> Ao longo de toda a campanha eleitoral, a falsa narrativa a respeito do local de nascimento de Obama, afirmando que este nascera no Quênia e não no Havai e que, por conseguinte, não poderia ser eleito presidente dos Estados Unidos, foi provavelmente a mais difundida por correio electrónico (Waggenspack 167).

<sup>60</sup> Numa sondagem realizada após a eleição, 19% dos inquiridos afirmaram acreditar que Obama era muçulmano, sendo que 63,9% destes votaram em McCain (Kenski et al. 98).

<sup>61</sup> Em Março de 2008, excertos descontextualizados de vários sermões de Jeremiah Wright foram publicados online e incessantemente reproduzidos na televisão, apresentando o reverendo a culpabilizar os Estados Unidos pelo atentado terrorista de 11 de Setembro de 2001, a utilizar repetidamente num tom inflamado a expressão “God damn America!” e a apelidar os Estados Unidos de “U.S. of K.K.K.A” (Denton, “Identity” 4; Selzer 17). Ao terem sido reproduzidas sem contexto, as palavras de Wright foram consideradas ofensivas por muitos, não tendo sido possível entendê-las como instrumentos retóricos utilizados pela tradição da jeremiada afro-americana (Selzer 18), alertando a nação para as consequências nefastas da sua degradação moral, em particular, pelo seu passado escravagista e continuada discriminação da comunidade afro-americana. Para um maior aprofundamento dos sermões de Jeremiah Wright como jeremiadas afro-americanas cf. Bell, Bernard W. “President Barack Obama, the Rev. Dr. Jeremiah Wright, and the African Jeremiadic Tradition.” *The Massachusetts Review*, vol. 50, no. 3, 2009, pp. 332-343.

<sup>62</sup> Atente-se que Obama e a sua equipa procuraram, desde logo, fazer com que a sua candidatura não fosse centrada na ascendência africana do candidato, reconhecendo que, se quisesse ganhar as eleições, Obama teria de obter a aprovação de eleitores fora da comunidade afro-americana: “Obama’s campaign manager David Plouffe said that the campaign and the candidate hoped never to have to give a ‘race speech.’” (Kenski and Kenski, “Identity” 83). Contrariamente ao desejado, Obama acaba por ter de proferir um discurso abordando a divisão e inimizade criada entre as comunidades branca e afro-americana nos Estados Unidos (Kenski and Kenski, “Identity” 82-83; Todd and Gawiser 35-36).

questão de partilhar publicamente ao longo da sua carreira política. Num discurso intitulado “Call to Renewal”, proferido a 28 de Junho de 2006, Obama relembra aos elementos do seu próprio partido o papel central desempenhado pela fé religiosa na vida da maioria dos cidadãos americanos – “I think it’s time that we join a serious debate about how to reconcile faith with our modern, pluralistic democracy” (169). A sua importância, argumenta Obama, transcende qualquer divisão partidária ao fornecer ao indivíduo uma narrativa identitária e um propósito segundo os quais cada americano pode moldar a sua vida, tornando as crenças de cada um numa fonte de esperança e união, dois temas que virão a ser centrais na sua campanha (170-171). Por sua vez, no contexto americano, Obama relembra como a referência a tais convicções religiosas no domínio da política tem sido utilizada como instrumento agregador da população, ajudando a definir não só objectivos comuns, como também valores morais pelos quais cada um se deve guiar (172). Meses mais tarde e ao longo da campanha eleitoral, Obama continua a introduzir menções às suas convicções nos seus discursos: “On the campaign trail, Obama spoke regularly and openly about his faith” (Milkis and Rhodes). Consequentemente, ao contrário do que seria de esperar de um candidato democrata, Obama expressa por diversas vezes as suas crenças, desmentindo os rumores gerados em torno da sua figura e tornando-a mais próxima de cidadãos com convicções religiosas.

### **2.1.2. A Campanha Eleitoral**

Em Novembro de 2006, Tom Vilsack torna-se no primeiro candidato a anunciar oficialmente a sua participação na corrida à Casa Branca. No entanto, desde a eleição de Hillary Clinton para o Senado dos Estados Unidos pelo estado de Nova Iorque, seis anos antes, que a candidatura da antiga primeira-dama era esperada (Todd and Gawiser 18). Numa fase inicial, diversos rostos familiares da política americana anunciaram concorrer associados ao Partido Democrata como John Edwards, Bill Richardson, Joe Biden e Chris Dodd, contudo, nenhum possuía nem a popularidade de Clinton nem a sua expectativa do apoio inicial de uma sólida base eleitoral constituída, principalmente, por mulheres e afro-americanos. Adicionalmente, com apenas dois anos de experiência no Senado dos Estados Unidos, poucos antecipavam que Obama, independentemente da sua popularidade, apresentasse a sua candidatura (19-20).

Não obstante, contrariamente ao expectável, o senador do Illinois anuncia oficialmente a sua participação com um discurso onde não só torna claras as suas motivações para ocupar a Casa Branca, como delineia, desde logo, os principais temas da sua campanha,

nomeadamente, o optimismo e a esperança nas possibilidades da América, assim como a importância de uma forte união entre cidadãos participativos na construção de um futuro melhor – “It [this campaign] must be about us. It must be about what we can do together. This campaign must be the occasion, the vehicle, of our hopes, and our dreams. (...) This campaign must be about reclaiming the meaning of citizenship, restoring our sense of common purpose, and realizing that few obstacles can withstand the power of millions of voices calling for change” (“Announcement” 5). Ao contrário de Obama, nem Clinton nem McCain anunciaram oficialmente a sua candidatura através de um discurso onde expunham as suas motivações e programa político, pelo que a escolha do jovem candidato torna evidente o importante papel que a palavra falada viria a ocupar na sua campanha (Todd and Gawiser 31), afirmando, desde logo: “there is power in words” (“Announcement” 5).

Durante a fase das pré-primárias e primárias, nove figuras do Partido Democrata anunciaram a sua candidatura, mas, após a vitória de Obama no Iowa e a de Clinton em New Hampshire, a corrida à nomeação pelo partido passou a ser dominada por estes dois candidatos com estratégias de campanha bastante distintas. Enquanto Clinton entrou na corrida presidencial com mais recursos financeiros e uma estratégia eleitoral dependente do apoio de um pequeno número de assessores experientes – *top-down campaign* –, Obama e a sua equipa<sup>63</sup> optaram por organizar uma campanha descentralizada com base no apoio voluntário de cidadãos comuns – *bottom-up campaign* –, tendo-se tornado na maior e mais bem sucedida campanha de apelo popular da história das presidenciais americanas.<sup>64</sup> A sua estratégia permitiu-lhe ganhar o voto não só da comunidade afro-americana, dos independentes e de uma camada mais jovem da população, mas também de indivíduos que, anteriormente, nunca tinham estado engajados numa iniciativa de qualquer partido. Contrastava, assim, com Clinton que contava maioritariamente com o apoio do eleitorado tradicional do Partido Democrata (Kenski and Kenski, “Identity” 83-84, 86).

Para além destas diferenças nos constituintes da equipa de campanha e do eleitorado, os autores Kate M. Kenski e Henry C. Kenski mencionam ainda a importância para a vitória

---

<sup>63</sup> As duas figuras centrais da equipa de campanha de Obama eram David Plouffe, o seu gestor de campanha, e David Axelrod, o seu principal estratega.

<sup>64</sup> Através do seu sistema com base no apoio popular, a equipa de Obama reuniu treze milhões de endereços de correio electrónico, envolvendo à volta de dois milhões de voluntários na campanha com quem comunicavam directamente através de mensagens SMS e de correio electrónico, vídeos publicados no *Youtube* e *podcasts*. Por conseguinte, até à nomeação de Obama como o candidato oficial do Partido Democrata, este angariou duzentos e sessenta e cinco milhões de dólares em grandes e pequenas doações, perfazendo um total de dois milhões de doadores e ultrapassando os duzentos e quinze milhões angariados por Clinton (Kenski and Kenski, “Identity” 88; Milkis and Rhodes; Milkis et al. 64). Para uma análise detalhada do impacto dos gabinetes locais na vitória de Obama cf. Masket, Seth E. “Did Obama’s Ground Game Matter? The Influence of Local Field Offices during the 2008 Presidential Election.” *The Public Opinion Quarterly*, vol. 73, no. 5, 2009, pp. 1023-1039.

de Obama da forma como a sua campanha o soube diferenciar de Clinton. Enquanto a equipa desta se esforçou para criar e manter a imagem de uma candidata informada, experiente, com ideias firmes, decidida e pronta para lidar com os principais problemas enfrentados pelo país, o seu opositor procurou associá-la, tal como viria a acontecer com McCain, a políticas ultrapassadas e interesseiras. Estas, consequentemente, contrastavam com Obama, o candidato representativo da mudança (“Identity” 83, 87): “Barack’s ‘change you can believe in’ slogan was aimed at creating a character contrast with Hillary Clinton, who was ‘driven by political calculation, not conviction.’” (Garrow 1038). Em várias tentativas de resposta à imagem criada pela campanha de Obama, Hillary e a sua equipa experimentam alterar a mensagem da candidata e caracterizar o seu oponente como inexperiente (Kenski and Kenski, “Identity” 89-90). No entanto, esta estratégia não é bem sucedida, pois, tal como demonstram os resultados das sondagens, o factor da experiência política dos candidatos revelou ser um traço de importância secundária em relação à capacidade de cada um de implementar alterações necessárias ao país: “In the thirty-eight states for which exit poll data are available, the single most important trait is who can bring about change, and more than half of the voters selected it as most important in twenty-seven of these states” (107).<sup>65</sup>

Contudo, a vitória inicial contra Hillary não ocorre sem Obama experienciar alguns momentos de estagnação relativamente ao apelo popular da sua campanha, incentivando-o a desenvolver uma estratégia e capacidades que se revelaram essenciais no seu futuro sucesso contra McCain. De acordo com a análise realizada por Chuck Todd e Sheldon Gawiser das presidenciais de 2008, a fase de eleições primárias foi essencial à vitória de Obama na eleição geral, tendo levado o candidato a promover a sua campanha em todos os 50 estados e, por conseguinte, a melhorar a sua capacidade de abordar questões económicas de forma mais eficaz e a tornar-se num orador mais competente em debates (44): “Obama’s problem in the summer and early fall of 2007 was that he wasn’t breaking through, particularly in the debates” (34). Nessa mesma altura, a sua eficiente utilização dos vários meios de comunicação disponíveis, principalmente da internet e das redes sociais, surpreendeu os seus oponentes, tendo sido decisiva para que continuasse na corrida contra Clinton (Kenski and Kenski, “Identity” 88): “what was so striking about this campaign was Obama’s use and mastery of the Internet like no other candidate had done before” (90).

---

<sup>65</sup> Aliás, tal como já foi mencionado, as diferenças que distanciavam Obama dos seus opositores eram apresentadas pelo candidato como aspectos positivos. Neste caso, a sua experiência limitada em Washington era utilizada como prova de que não tinha sido corrompido pelo sistema e de que iria introduzir mudanças na política nacional (Warburton 125).

De facto, a utilização feita das redes sociais durante as presidenciais de 2008 veio alterar não só a forma como cada candidato poderia angariar fundos para a sua campanha, promovendo a participação de dadores de pequenas quantias, mas também o papel dos média tradicionais como os jornais, as revistas, a rádio e a televisão junto da população, permitindo a cada eleitor consultar informação directamente na página oficial de cada candidato.<sup>66</sup> Ademais, a procura de vídeos maioritariamente no *Youtube* como fonte de informação gerou também uma necessidade de criar estratégias publicitárias alternativas às tradicionais, como, por exemplo, a introdução de publicidade em jogos de vídeo (Hendricks and Denton 12-13).<sup>67</sup> Por sua vez, todas estas transformações foram aproveitadas, assim como promovidas, pela campanha de Obama que utilizou a internet como forma de obter o apoio de novos eleitores, previamente afastados da vida política do país, assim como das camadas mais jovens da população: “Using new media to locate and interact with potential voters and supporters allowed the Obama campaign to interact with people in ways that had never been used in campaigns before. This served to energize young people – who are often the first adopters of new technology – and led to the inversion of the typical campaign management” (M. Smith 141). Assim, de modo a captarem o interesse da população jovem, para além de marcarem a sua presença em plataformas como o *MySpace* e *Facebook*, a equipa de Obama utilizou o *Youtube* e o *Twitter* como forma de partilhar vídeos promocionais e comunicar directamente com os seus eleitores, apelando ao voto, a doações de jovens apoiantes e à sua participação activa na campanha (Hendricks and Denton 7, 9-11).<sup>68</sup>

A 3 de Junho de 2008, no último dia das eleições primárias, Obama assegura a sua nomeação pelo Partido Democrata, demonstrando como a coligação constituída por cidadãos afro-americanos, brancos com educação superior e jovens foi vencedora contra a base de apoiantes de Clinton composta maioritariamente por mulheres, hispano-americanos e brancos sem educação superior (Kenski and Kenski, “Identity” 91, 107; Todd and Gawiser 37-38).

---

<sup>66</sup> Para além da sua presença nas redes sociais, a equipa de Obama criou a sua própria página (*My.BarackObama.com*), facilitando a comunicação entre os apoiantes do candidato e encorajando a obtenção de novas doações, assim como a organização de actividades de divulgação da campanha por parte de voluntários (M. Smith 144, 149).

<sup>67</sup> Note-se que tanto Obama como McCain tiveram a oportunidade de introduzir publicidade referente à campanha de cada um em jogos de vídeo. Não obstante, apenas o primeiro candidato aproveitou este meio, colocando publicidade em dezoito jogos diferentes em diversos estados (Hendricks and Denton 12).

<sup>68</sup> Ao longo da campanha eleitoral, mais de sete milhões de pessoas seguiam as redes sociais de Obama e, na sua página do *Youtube*, a equipa do candidato publicou mil oitocentos e vinte vídeos, resultando em milhões de visualizações (Hendricks and Denton 11; Kenski et al. 306; M. Smith 142). Por um lado, se as novas tecnologias, nomeadamente a internet, foram um factor essencial à vitória de Obama, por outro, estas também contribuíram de forma significativa para a disseminação de informação errónea e potencialmente danosa para a sua imagem como candidato a presidente dos Estados Unidos. Duas destas mensagens mais divulgadas através de correio electrónico questionavam a cidadania de Obama e a sua religião (Kenski et al. 98).



Ainda antes de ser oficialmente nomeado na convenção democrata, a 23 de Agosto, Obama anuncia a sua escolha para vice-presidente, apontando para o cargo Joseph Biden (1942-). O senador do Delaware foi considerado como uma opção segura, sendo um homem branco, experiente e com boas credenciais de política externa, compensando, assim, as fragilidades da campanha de Obama e assegurando o país de que este se encontrava preparado para ocupar a Casa Branca (Garrow 1049; Kenski et al. 149-150; Todd and Gawiser 51): “Data from the 2008 NAES [National Annenberg Election Survey] suggest that the pick [of Joseph Biden as vice-president] marginally boosted public perception that Obama had the experience and judgment needed to be president and was ready to be Commander-in-Chief” (Kenski et al. 125). Não obstante, Biden poderia ter prejudicado a campanha de Obama, sendo também conhecido pelas suas observações despropositadas e, por vezes, ofensivas, pelo que qualquer comentário desta natureza poderia ter tido um impacto negativo junto dos eleitores. Ademais, Biden apoiara a intervenção de Bush no Iraque, uma visão contrária à de Obama que sempre utilizou a sua oposição ao conflito como uma demonstração da posse do discernimento necessário à ocupação do cargo de chefe de estado (127, 150).

Ao contrário da escolha convencional de Obama, McCain nomeia Sarah Palin como sua vice-presidente, uma opção questionada na altura devido à pouca experiência política da governadora do Alasca,<sup>69</sup> mas apoiada pela equipa do candidato republicano que procurou caracterizá-la como uma perita em questões energéticas, depois de um período de grande preocupação relativamente ao preço dos combustíveis. Com esta escolha para vice-presidente, McCain esperava cativar o voto de mais mulheres e contribuir para a mobilização dos elementos do seu partido, ao mesmo tempo que consolidava a sua imagem como uma personalidade divergente em relação à administração Bush e políticas interesseiras de Washington (Kenski et al. 149-150; Walker 1102). Apesar de apresentar uma personalidade carismática e competente nos seus discursos, Palin deparou-se com dificuldades em manter os seus níveis de popularidade: “On the plus side of the ledger, the Alaska governor generated enthusiasm among conservatives and helped propel McCain to his postconvention

---

<sup>69</sup> O facto de Palin ainda não ter completado um só mandato como governadora gerou fortes críticas por parte de democratas que acusaram McCain de hipocrisia após este ter destacado por diversas vezes a inexperiência de Obama como um factor negativo (Camille and Roberson 73; Kenski et al. 150). No entanto, a campanha de McCain ainda poderia beneficiar da sua associação com uma figura política mais nova, visto que o candidato republicano era continuamente alvo de comentários – negativos, mas maioritariamente humorosos – relativos à sua idade. Tal como aponta Robert E. Denton, a diferença de idades entre os dois principais candidatos à Casa Branca revelou ser uma questão de substancial importância para o eleitorado, sendo que sondagens realizadas ao longo da campanha apontavam para a idade do futuro presidente como um factor de ponderação com um potencial impacto negativo para McCain: “They [UCLA and Stanford University’s researchers] found that far more voters would not vote for McCain because of age than against Obama because of race” (“Identity” 15).

lead in the polls. On the minus side, after that bounce dissipated, drops in her popularity predict a decline in support for McCain” (Kenski et al. 152). Tal declínio foi evidente após a emissão de uma série de entrevistas com a jornalista Katie Couric, onde as respostas incertas da candidata vice-presidencial apenas contribuíram para incentivar o questionamento das suas capacidades e, consequentemente, fragilizar a campanha de McCain (Todd and Gawiser 57).

Independentemente da imagem pública de Palin, a inevitável associação do candidato republicano à actual presidência foi um dos factores de maior impacto negativo na sua campanha, visto que, como resultado da baixa taxa de aprovação da administração Bush,<sup>70</sup> a imagem do Partido Republicano encontrava-se fragilizada: “The administration’s insistence on a free hand to manage the war in Iraq resulted in the erosion of public confidence in the Republican Party as it became clear that the administration had badly botched reconstruction efforts” (Milkis and Rhodes). De facto, juntamente com a resolução de dar início à Guerra do Iraque, as decisões de negar o direito de *habeas corpus* a alegados “combatentes inimigos”, de anular a proibição de tortura imposta pelas Convenções de Genebra e de vigiar cidadãos americanos sem emissão prévia de mandato resultaram na condenação pública da administração e na diminuição do apoio ao Partido Republicano (Milkis and Rhodes). Aproveitando este clima de descontentamento, a equipa de Obama procurou associar um possível futuro mandato de McCain às presentes políticas de Bush: “the unpopularity of the Bush administration served as an ongoing challenge for McCain in crafting his own vision for change and the Obama campaign took every opportunity to reinforce the connection between McCain and the Bush administration” (Bligh and Kohles 487). Portanto, ambos os candidatos procuraram associar a sua imagem à noção de mudança, mas apenas Obama consegue a credibilidade necessária, sendo que a afiliação de McCain ao Partido Republicano dificultou tal distanciamento (Kenski et al. 33; Walker 1101).

Assim, apesar do sucesso alcançado não só a limitar o crescimento da popularidade de Obama durante o Verão de 2008,<sup>71</sup> mas também como consequência da nomeação de Palin, a

---

<sup>70</sup> Durante a maioria do seu segundo mandato a taxa de aprovação de Bush manteve-se bastante abaixo dos cinquenta por cento, sendo que, de acordo com as sondagens, dois terços da população encontrava-se descontente com as medidas tomadas pelo presidente (Walker 1101; White 224).

<sup>71</sup> As demonstrações públicas de entusiasmo perante a figura de Obama durante a sua digressão pela Europa – culminando no seu discurso em Berlim perante uma assistência de duzentos mil – contribuíram para um aumento da popularidade nacional do candidato à qual a equipa de McCain respondeu emitindo o que se veio a tornar no anúncio mais memorável das presidenciais de 2008. Neste, Obama era equiparado a celebridades como Paris Hilton e Britney Spears, apresentando o sucesso popular do candidato democrata como uma característica negativa quando associada a um possível chefe do poder executivo. A campanha cumpriu os seus

campanha de McCain vê-se incapaz de manter a breve liderança alcançada nas sondagens nacionais no início de Setembro (Todd and Gawiser 60). Acresce que, nesse mesmo mês, a rápida deterioração da economia americana e a inquietação crescente do sector financeiro colocam McCain novamente em desvantagem (Walker 1105). Após a falência dos Lehman Brothers, o candidato republicano profere a infame afirmação que inicia o fim da sua campanha – “the fundamentals of our economy are strong” (qtd. in Kenski et al. 181). Rapidamente, Obama aproveita a infeliz avaliação do seu concorrente e aponta para a incapacidade deste de compreender a situação económica do país. A afirmação de McCain parecia legitimar as acusações anteriormente feitas pela campanha de Obama de que o candidato republicano não só representava uma continuação da administração Bush, como também se encontrava desfasado dos problemas enfrentados pela classe média americana (Kenski et al. 53). Acusações a que a campanha de McCain respondia ao questionar as capacidades de Obama para ocupar o cargo, representando-o como alguém inexperiente e desligado dos valores americanos – “his [Obama’s] temperate demeanor masked an unpatriotic radical who disdained basic American values” (71) –, assim como um liberal cujas políticas económicas iriam piorar o estado do país (175).

Contudo, tendo em conta o estado da economia, a imagem construída pela campanha democrata de que Obama seria a figura ideal para introduzir mudanças eficazes na forma como o país era dirigido, apresentando-o como o candidato mais bem preparado para inverter a crise em que os Estados Unidos se encontravam, acabou por ser a versão mais credível (175-176). Assim, apesar dos esforços republicanos para reabilitar a imagem do seu candidato após o seu comentário desadequado, McCain nunca mais recupera a liderança nas sondagens e a contínua degradação da situação financeira dos Estados Unidos torna-se no principal problema a enfrentar para a grande maioria da população. McCain ainda suspende a sua campanha numa tentativa de negociar um acordo, mas não é bem sucedido nos seus esforços, acabando por não conseguir nem um plano de resgate nem maior apoio eleitoral (Kenski et al. 181, 192; Todd and Gawiser 96).

Em Outubro, de forma semelhante ao que acontecera a McCain, uma afirmação descontextualizada do candidato democrata – relembrando um operário da importância de “partilhar a riqueza” – é aproveitada por McCain para criticar o seu oponente. Juntamente com a boa prestação deste durante o último debate presidencial, o candidato republicano melhora o seu posicionamento nas sondagens (Kenski et al. 203, 230-231). Não obstante,

---

objectivos e abrandou momentaneamente o aumento da popularidade de Obama (Todd and Gawiser 48; Walker 1104-1105).

Obama ganha a eleição geral, sendo eleito o décimo quarto presidente dos Estados Unidos. Segundo a análise realizada por Kenski et al., foram três os factores que contribuíram para o decréscimo da popularidade de McCain nos últimos tempos antes da votação, nomeadamente a nomeação de Palin para sua vice-presidente, a sua incapacidade de se distanciar completamente da administração Bush e a eficácia de Obama na defesa da sua própria capacidade de liderança (233). Adicionalmente, de acordo com Carl Pedersen, a estratégia adoptada pela equipa de McCain e sustentada pelo slogan “Country First” procurou apelar principalmente aos habitantes de uma América rural de pequenas comunidades que, em 2008, já não era representativa da maioria dos habitantes dos Estados Unidos: “The idea of small-town America is a holdover from a distant past. The last time that most Americans still lived in rural areas of the country was in 1910, according to the Census Bureau” (26). Consequentemente, McCain e Palin dirigiram os seus apelos ao voto a uma América inexistente, resultando na incapacidade da sua campanha de obter os eleitores necessários à vitória (25-26, 55).

### **2.1.3. Temáticas de Campanha: Mudança, União e Esperança na América de Obama**

Desde a crise energética e a necessidade de implementação de políticas ambientais até às disfuncionalidades dos sistemas de saúde e educativos dos Estados Unidos, foram diversas as problemáticas abordadas por Obama e McCain ao longo das suas campanhas eleitorais, sendo a Guerra do Iraque e a crise económica as duas temáticas que dominaram o discurso político durante as presidenciais de 2008. Apesar das diferenças partidárias entre cada um dos candidatos, ambos partilhavam preocupações e abordagens semelhantes relativamente a várias questões como, por exemplo, a necessidade de reformular o financiamento das campanhas presidenciais, de impedir o agravamento do aquecimento global, de interditar o uso de tortura contra prisioneiros e de financiar programas de investigação de células estaminais. Para além disso, ambos apoiavam a implementação de medidas de apoio a cidadãos carenciados e, por fim, opunham-se ao casamento de pessoas do mesmo sexo, impondo limites substanciais na capacidade de intervenção do governo (Olive 29).

No entanto, quanto à intervenção dos Estados Unidos no Iraque, à reforma do sistema nacional de saúde e às reduções fiscais implementadas pelo presidente Bush, Obama e McCain apresentavam visões bastante distintas do que seria o futuro da nação. Enquanto o primeiro pretendia subsidiar um seguro de saúde que cobrisse todos os cidadãos, assim como retirar a maioria das tropas americanas do Iraque, redirigindo parte destas para o Afeganistão e utilizando os fundos poupados para reabilitar as infraestruturas nacionais, McCain

procurava continuar a reduzir os impostos e manter, pelo menos até 2013, o mesmo número de tropas no Iraque, investindo mais seiscentos milhares de milhões de dólares no conflito (30-31). Ambos os candidatos fizeram questão de definir o seu posicionamento relativamente a cada uma destas questões ao longo dos diversos meses de campanha e através dos seus discursos, debates, entrevistas e anúncios publicitários, procurando constantemente demarcarem-se do seu oponente. Tendo em conta a extensão e o objecto de estudo da presente dissertação, não será pertinente explorar todo este complexo panorama de discussão política desenvolvido entre os candidatos republicano e democrata, pelo que a contextualização aqui apresentada tem como foco os principais temas desenvolvidos por Obama que, por sua vez, se encontram igualmente presentes no seu discurso inaugural.

Para a caracterização do posicionamento do candidato democrata a respeito de cada uma das temáticas mencionadas é possível recorrer maioritariamente aos seus discursos eleitorais, visto terem ocupado um lugar central não só, como já foi possível constatar, na construção da sua imagem pública, mas também na definição da sua visão política. De facto, vários autores apontam para os discursos de Obama como sendo um dos elementos chave do sucesso da sua candidatura, dado que, cada vez que as sondagens não lhe eram favoráveis ou se deparava com uma situação potencialmente danosa para a sua imagem, como foi o caso da controvérsia em torno de Jeremiah Wright, o candidato se dirigia directamente à população através de um discurso, melhorando o seu posicionamento em relação a Clinton e, mais tarde, McCain. Com efeito, as palavras de Obama foram capazes de inspirar muitos dos seus ouvintes, levando-os a participar activamente no processo eleitoral e a apresentar o candidato como alguém sensível aos problemas enfrentados pela maioria dos americanos e com uma capacidade pragmática e eficiente de os confrontar (Degani, *Framing* 2; Garrow 1068-1069; Todd and Gawiser 34).

Aliás, tal como David Olive aponta, os discursos do candidato democrata revelaram ser essenciais na apresentação e consolidação de um dos temas fundamentais de toda a sua campanha, o da possibilidade de mudança: “With words alone (...) Obama was able to depict himself as the genuine agent of change who would experiment with solutions to long-standing problems” (89-90). Desta forma, Obama apresentava a imagem de um governo capaz de implementar grandes transformações políticas, económicas e sociais, prometendo conseguir um plano de saúde universal, melhorar o sistema educacional, implementar medidas de protecção ambiental e restaurar o estado da economia, assim como a imagem dos Estados Unidos perante o resto do mundo – “We will restore our moral standing in the world” (Obama, “Hampshire”) – através de novas políticas externas e acabando com a

Guerra do Iraque (Olive 31). Em 2008, todas estas medidas eram representativas de grandes mudanças para uma população americana a enfrentar consideráveis desafios bélicos e económicos que afectavam negativamente o seu ânimo e criavam a necessidade de implementar alterações que revertersem o estado da nação.

Para além das medidas políticas apresentadas por Obama sinalizarem uma mudança de rumo para os Estados Unidos, assim como a forma inovadora com que a sua equipa conduziu a campanha, a própria possibilidade de Obama, filho de uma americana e de um queniano, se tornar presidente dos Estados Unidos era representativa de uma outra alteração – “Obama signified change and national transformation to many Americans not only by how he ran his campaign, but also by what he embodied, whether his body was read in terms of blackness or hybridity” (Selzer 24) –, sinalizando o possível desenvolvimento de uma nova forma de identidade não só para os membros da comunidade afro-americana, mas também a nível nacional (23). Esta diferença que marcou a imagem de Obama durante as presidenciais e que foi constantemente assinalada pelos seus opositores, pode, então, ser considerada como um dos factores que contribuíram para a sua eleição, permitindo ao candidato democrata distanciar-se da actual administração e estabelecer uma imagem representativa de mudança: “Obama’s representational ambiguity, or his inability to fit easily into their traditional concepts of citizenship, provided the opportunity to present the candidate as embodying something refreshingly new in politics and national life” (33). Por sua vez, note-se que a capacidade de transformar os Estados Unidos foi a qualidade de um futuro presidente mais destacada pelos eleitores em 2008 como sendo fundamental (Todd and Gawiser 92).

Obama surge, então, como o candidato que procurava encontrar pontos conciliadores entre cidadãos com visões díspares do que seria a América, de modo a conseguir concretizar objectivos partilhados pela maioria dos americanos ao tornar as políticas e o trabalho realizado em Washington mais transparentes, assim como tornar a democracia americana mais participativa, ouvindo a opinião do cidadão comum (33):

What’s stopped us from meeting these challenges is not the absence of sound policies and sensible plans. What’s stopped us is the failure of leadership, the smallness of our politics – the ease with which we’re distracted by the petty and trivial, our chronic avoidance of tough decisions, our preference for scoring cheap political points instead of rolling up our sleeves and building a working consensus to tackle the big problems of America. (Obama, “Announcement” 3)

Com efeito, o candidato democrata e a sua equipa, ao detectarem uma perda de confiança dos eleitores no sistema político nacional, acusam a polarização partidária em Washington de dividir o país e de o impedir de solucionar os seus problemas. Por conseguinte, Obama consegue distanciar-se da administração de Bush e da campanha de McCain, representativas de um *status quo* político – “It’s change versus more of the same. It’s future versus the past” (“Tuesday” 248) – responsável pela Guerra do Iraque, crise económica e subsequente inquietação social.

De facto, após centenas de entrevistas a eleitores com diversas afiliações políticas, os jornalistas Dan Balz e Haynes Johnson caracterizaram o estado de espírito do público americano durante o período de campanha eleitoral como sendo dominado por fortes ansiedades em relação ao seu futuro individual e da nação: “They [the surveyed’s fears] were not about any one problem, but something more pervasive: a sense that America had reached a historic turning point. At worst, they feared the country was in danger of sliding into a deep decline signaling either that its greatest days were past or that Americans faced a less secure and diminished future” (1028-1031). Como resposta a estes sentimentos de inquietação, Obama surge, desde o início, como o candidato capaz de reverter o desafortunado percurso no qual a América se encontrava, tendo afirmado ao anunciar a sua candidatura: “Today we are called once more, and it is time for our generation to answer that call. For that is our unyielding faith – that in the face of impossible odds, people who love their country can change it” (“Announcement” 3). Todavia, tal como é possível constatar a partir destas palavras, para que as transformações necessárias fossem implementadas, a população americana teria de se unir por uma causa comum: “These voters [Democrats, Republicans, and Independents, liberals, moderates and conservatives] were eager, almost desperate, to ‘turn the page,’ as Barack Obama’s call for fundamental change put it – and they needed to rally behind a candidate who offered the best hope of delivering on that promise” (Balz and Johnson 965-973).

Logo, para além do tema da mudança, Obama apela por diversas vezes à união dos seus concidadãos, sublinhando a sua importância na construção de um futuro melhor para as próximas gerações, pois seria apenas através de um trabalho conjunto que conseguiriam implementar as transformações necessárias à alteração do rumo da nação. Por isso, ainda no mesmo discurso, Obama faz referência à figura de Lincoln e aos esforços deste para manter a nação unida face aos desafios enfrentados – “It’s because of millions who rallied to his [Abraham Lincoln’s] cause that we’re no longer divided, North and South, slave and free”

(“Announcement” 3).<sup>72</sup> Este constitui apenas um exemplo de uma temática transversal a quase todos os discursos de Obama durante o período de campanha, sendo a união nacional uma característica apontada como fundamental para a prosperidade da própria sociedade americana.

Esta, por sua vez, é caracterizada por Obama como culturalmente heterogênea e a democracia de que usufrui é o resultado de um esforço conjunto entre indivíduos de origens diferentes com um objectivo comum: “Obama’s understanding of cosmopolitan democracy is, therefore, one that emphasizes the diversity of the nation’s citizens, recognizes difference in history or present circumstance, and appeals to shared values and interests as regulative ideals for the nation’s unrealized future” (Selzer 30).<sup>73</sup> Para criar, então, um sentimento de coesão social essencial à prosperidade futura, Obama recorre à construção de uma imagem da América cuja força e virtude provêm não só de uma partilha de valores, mas também da constante determinação em aperfeiçoar o próprio estado da união – “It’s a country whose strength abroad is measured not just by armies, but rather by the power of our ideals, and by our purpose to forge an ever more perfect union at home” (Obama, “War” 233).

Ainda no mesmo discurso relativo à guerra contra o terrorismo, Obama torna claro que é apenas através da união que a América será capaz de cumprir os seus objectivos e a sua responsabilidade perante o mundo:

To make this story [America as a representation of hope to the world] reality, it’s going to take Americans coming together and changing the fundamental direction of this country. (...) when we do make that change, we’ll do more than win a war – we’ll live up to that calling to make America, and the world, safer, freer, and more hopeful than we found it. (“War” 233-234)

---

<sup>72</sup> Note-se que as frequentes referências feitas a Abraham Lincoln durante a campanha eleitoral procuravam, frequentemente, alinhar a imagem de Obama e a sua mensagem ao papel simbólico do antigo presidente como figura unificadora dos Estados Unidos.

<sup>73</sup> Por sua vez, o candidato democrata frequentemente utiliza a convergência entre culturas diferentes na sua própria história familiar como um exemplo particular da heterogeneidade da sociedade americana: “It is a story [Obama’s family story] that hasn’t made me the most conventional candidate. But it is a story that has seared into my genetic makeup the idea that this nation is more than the sum of its parts – that out of many, we are truly one” (“Union” 256). Desta forma, Obama apresenta-se como o candidato mais próximo não só da realidade de um grande número de cidadãos americanos, mas também dos próprios valores fundamentais da nação – “we may not look the same and we may not have come from the same place, but we all want to move in the same direction” (256) –, demonstrando a possibilidade de união e cooperação entre indivíduos de diferentes proveniências geográficas, sociais e culturais. Adicionalmente, no seu discurso em Berlim, Obama expande a necessidade de união entre o povo americano de modo a abranger toda a comunidade internacional, conservando a temática da união e evitando a separação entre uma América unida e o resto do mundo: “Now is the time to join together, through constant cooperation, strong institutions, shared sacrifice, and a global commitment to progress, to meet the challenges of the 21st century” (“Berlin”).



Segundo estas palavras, ao ser capaz de se unir em torno de um mesmo objectivo, revertendo políticas de anteriores administrações, a população americana irá cumprir uma versão contemporânea da sua missão inicial e tornar-se numa “cidade no topo da colina”, representando segurança, liberdade e esperança para o resto do mundo. Esta imagem da América como um exemplo para a humanidade, juntamente com todas as referências a um passado feito de vitórias contra a adversidade – geralmente acompanhadas da menção a figuras políticas de louvor –, é utilizada de forma a criar esperança num futuro próspero dependente da unidade nacional e acção dos seus cidadãos.

No seu discurso “Remarks on Super Tuesday”, Obama reitera esta mensagem, equiparando a sua campanha e todos aqueles que a apoiam a um movimento de transformação social alimentado pela esperança num futuro promissor e dependente de uma união popular: “We are the change that we seek. We are the hope of those boys who have little; who’ve been told that they cannot have what they dream; that they cannot be what they imagine” (250). Apenas após criar este sentimento de unidade e esperança<sup>74</sup> é que o candidato democrata utiliza diversas variações do seu slogan de campanha – “Yes, we can” – como forma de mobilizar a sua assistência e levá-la à acção, neste caso a votarem em si. É possível, então, identificar três temáticas centrais à mensagem de Obama e transversais aos seus discursos durante a campanha: a da esperança nas potencialidades do povo americano e no seu futuro; a da urgência na criação de uma unidade nacional; e, finalmente, a da possibilidade de mudança.

Para além destes três temas inter-relacionados, é possível identificar outras temáticas abordadas por Obama com alguma frequência durante a campanha e também presentes no seu discurso inaugural, nomeadamente a problemática da Guerra no Iraque, a necessidade de reforma dos sistemas de saúde e educacional do país, a necessidade de utilização de energias renováveis e, principalmente a partir de Agosto de 2008, a crise económica e suas consequências (Degani, *Framing* 23). O posicionamento de Obama relativamente ao primeiro destes assuntos foi frequentemente mencionado pelo próprio durante a sua campanha: “When Obama announced his candidacy for the presidency, he singled out the Iraq war as a key of his campaign for change, devoting more words to that issue than to any other policy issue in his announcement. He reminded the American public of his opposition to the war from the

---

<sup>74</sup> Numa reflexão sobre as origens do conceito da esperança apresentado pela campanha de Obama, a autora Deborah F. Atwater destaca não só a importância do precedente estabelecido pelas anteriores candidaturas de Jesse Jackson à presidência dos Estados Unidos, mas também a relevância do discurso “Out of Many, One”, proferido por Obama a 27 de Julho de 2004, para que o candidato democrata pudesse ser reconhecido como símbolo da esperança nas presidenciais de 2008 (123-126).

start and pledged a quick withdrawal from Iraq” (Norpoth and Perkins 538). A sua oposição ao conflito foi, então, usada não só como um factor demonstrativo da sua perspicácia política e aptidão para tomar o cargo da presidência (Todd and Gawiser 91), mas também para reforçar as diferenças entre si e a administração Bush, cuja incapacidade de encontrar uma solução para o conflito era fonte de um crescente descontentamento entre a população: “a growing consensus held that Afghanistan was slipping away and that more U.S. troops would be needed to succeed there” (White 218).

Desde Outubro de 2002 que o candidato democrata se opusera publicamente à Guerra do Iraque, denunciando-a como um erro no combate ao terrorismo cometido pelo governo. A 20 de Novembro de 2006, no seu discurso “A Way Forward in Iraq”, Obama reitera a sua posição afirmando:

I said then [2002] and believe now that Saddam Hussein was a ruthless dictator who craved weapons of mass destruction but posed no imminent threat to the United States; that a war in Iraq would harm, not help, our efforts to defeat al Qaeda and finish the job in Afghanistan; and that an invasion would require an occupation of undetermined length, at undetermined cost, with undetermined consequences. (196)

Para além de enumerar as falhas cometidas e as consequências negativas para os Estados Unidos da sua interferência no Iraque – um aspecto ao qual retorna em maior pormenor no discurso “The Cost of War”, a 20 de Março de 2008 –, Obama dedica esta intervenção à apresentação de uma solução para o conflito no Iraque, delineando detalhadamente as diferentes fases do plano de resolução.<sup>75</sup>

Estas, por sua vez, são também defendidas ao longo do período de campanha, juntamente com a necessidade de combater o terrorismo à escala mundial, o tema central do seu discurso “The War We Need to Win”. Neste, Obama identifica a intervenção no Iraque como a principal responsável para a falta de eficácia na guerra contra grupos terroristas, propondo um plano de intervenção focado na retirada do Iraque e no redireccionamento das tropas para o Afeganistão e Paquistão, no desenvolvimento de parcerias internacionais de combate ao terrorismo, na limitação dos recursos disponíveis a grupos terroristas, numa reabilitação da imagem internacional dos Estados Unidos e, por fim, no desenvolvimento dos mecanismos de segurança interna (222). De acordo com a análise realizada por Helmut

---

<sup>75</sup> A estratégia apresentada por Obama foi formulada tendo como base os resultados da comissão bipartidária Baker-Hamilton rejeitados em Dezembro de 2006 pelo Presidente Bush (Olive 60).

Norpoth e David F. Perkins, numa altura em que a Guerra do Iraque era uma das principais preocupações para o eleitorado a nível nacional, a atenção que Obama dedica ao conflito durante as primárias (independentemente da sua posição) e a sua vitória no estado do Iowa foram essenciais à sua nomeação como candidato oficial do Partido Democrata (536).<sup>76</sup>

No entanto, a relevância deste conflito para o eleitorado diminuiu significativamente ao longo do período de campanha devido ao agravamento do estado da economia, tendo este passado a ser a principal preocupação da população largos meses antes da eleição geral (Kenski et al. 17). A inquietação gerada pela crise económica e a incapacidade do governo de implementar soluções eficazes para a sua resolução, tal como já foi acima desenvolvido, contribuíram significativamente para uma insatisfação generalizada em relação à administração vigente. Logo, a pertença de Obama ao Partido Democrata, juntamente com a sua mensagem de mudança e preocupação com a diminuição dos índices de desemprego e pobreza do país, traduziram-se na sua vitória: “Long-term forces, such as socio-demographics and party identification, framed the 2008 choice, as always. Still, to the extent short-term forces spell the difference, and they usually do, economic issues decided the election for Obama” (Lewis-Beck and Nadeau 482-483).

Portanto, de acordo com o estudo realizado por Michael S. Lewis-Beck e Richard Nadeau, votar em Obama era também votar contra o candidato republicano e, indirectamente, contra o presidente incumbente (480, 483). No discurso “The Cost of War”, acima mencionado, ao lamentar o impacto que a Guerra do Iraque teve na economia do país, Obama equipara as políticas de Bush a futuras decisões de McCain, quando afirma, por exemplo: “Because of the Bush-McCain policies, our debt has ballooned. This is creating problems in our fragile economy” (290). Ademais, um aumento do salário mínimo a nível nacional, apoio a famílias de baixos rendimentos e investimento em programas de melhoramento da empregabilidade da população, de combate à pobreza e de apoio a crianças carenciadas eram apenas algumas das reformas que Obama prometia concretizar no seu mandato, consolidando a sua imagem como o candidato da mudança (Olive 49).

Não obstante, uma das maiores transformações que pretendia implementar a nível nacional prendeu-se com a possibilidade de providenciar a todos americanos um seguro de saúde, independentemente dos seus antecedentes médicos (Olive 46). Uma promessa feita de modo também a relembrar o eleitorado de como fora previamente responsável pela expansão

---

<sup>76</sup> Para um maior aprofundamento do impacto que a posição de Obama e McCain relativamente à Guerra do Iraque tiveram na eleição de ambos os candidatos durante a fase das primárias cf. Norpoth, Helmut and David F. Perkins. “War and Momentum: The 2008 Presidential Nominations.” *PS: Political Science and Politics*, vol. 44, no. 3, 2011, pp. 536-543.

dos serviços de saúde no Illinois através da sua capacidade de unir democratas e republicanos em torno de um objectivo comum: “a president who finally makes health care affordable and available to every single American, the same way I [Obama] expanded health care in Illinois, by bringing Democrats and Republicans together to get the job done” (qtd. in Garrow 1040). Mais uma vez, Obama surge como uma figura capaz de conciliar facções distintas da sociedade e, através da unidade criada, de gerar mudanças significativas. No seu discurso “The Time Has Come for Universal Health Care in America”, o candidato chama a atenção para os elevados custos do sistema actual e apela à acção – “Inaction is what’s risky” (212) –, utilizando uma narrativa do passado da nação marcada pela superação de qualquer adversidade – “Never forget that we have it within our power to shape history in this country. It is not in our character to sit idly by as victims of fate and circumstance, for we are a people of action and innovation, forever pushing the boundaries of what’s possible” (216). Desta forma, Obama foi capaz de criar um sentimento de urgência e de fomentar o desejo de intervenção entre os membros da sua assistência, ao mesmo tempo que se caracterizava como o candidato representativo da mudança capaz de finalmente terminar as reformas iniciadas no mandato de Harry S. Truman (1945-1953).

Para além das alterações no sistema de saúde, o candidato democrata também destacou ao longo do período de campanha a necessidade de introduzir mudanças no sistema educativo do país, assim como de implementar medidas de protecção ambiental e consumo sustentável de energia. Ao contrário do estado da economia e do conflito no Iraque, estas duas temáticas não foram abordadas por Obama com a mesma frequência nos seus discursos. Contudo, continuaram presentes no discurso inaugural em análise, demonstrando o quão relevante a temática da mudança foi para a construção da sua imagem. Relativamente às reformas pretendidas para o sistema educativo, Obama prometia proporcionar melhores condições de trabalho e incentivos financeiros para os professores, assim como aligeirar os custos de uma educação superior (Olive 44). Quanto a políticas ambientais, as promessas centraram-se na redução significativa da emissão de gases produtores do efeito de estufa e no desenvolvimento das energias sustentáveis de forma a contribuir para a independência energética dos Estados Unidos (44-45).

#### **2.1.4. Resultado das Presidenciais: a Vitória de Barack Obama**

A 4 de Novembro de 2008, com uma diferença de quase dez milhões de votos, Obama vence a eleição geral em vinte e oito dos cinquenta estados, conseguindo 365 votos do colégio eleitoral contra 173 de McCain e tornando-se no quadragésimo quarto presidente dos

Estados Unidos. A eleição do primeiro presidente afro-americano foi desde logo caracterizada pela comunicação social como um marco importante na história da nação, assinalando o começo de um processo de transformação para a América (Degani, *Framing* 1; Garrow 1050). A análise desta vitória resultou na publicação de diversos estudos, sendo um deles a análise detalhada de Baodong Liu apresentada na obra *The Election of Barack Obama: How He Won* (2010), onde o autor rejeita tanto a noção da vitória de Obama ter sido o resultado de uma resposta principalmente emocional do eleitorado branco à sua candidatura – “it [the modern version of ‘white guilt’ thesis] insisted that Obama represented a new generation of black leadership that took advantage of white people’s need to ‘redeem’ the nation from the ‘sinful’ past of racism and inequality” (125) –, como a teoria apontando o impulso ganho por Obama na fase das primárias como principal factor responsável pela sua vitória nas eleições finais – “This sequential voting is believed to be the main reason for Obama’s success, because of the momentum he generated after his surprising win in Iowa” (125).

Contudo, os resultados apresentados por Liu demonstram uma maior racionalidade e ponderação por parte dos eleitores no momento da votação. O autor justifica a vitória de Obama com a capacidade deste criar uma coligação entre brancos e membros de diversas minorias através de um discurso centrado nas noções de unidade, esperança e mudança, afastando-se de questões relativas à sua identificação com a comunidade afro-americana e a tensões entre grupos sociais distintos (125, 127): “[Obama’s message of hope] was rooted in the need to build a minimum winning coalition through deracializing issues, and emphasizing ‘unity, hope, and change.’ A major reason for Obama to develop such a message in his campaign was the need to gain sufficient, though not necessarily majority, support from white voters” (127). Desta forma, a campanha de Obama foi bem sucedida, pois, perante o aumento demográfico das minorias – “Without question, the most politically significant change in the composition of the American electorate over the past several decades has been a steady increase in the proportion of nonwhite voters” (Abramowitz 596-597) –, foi capaz de criar um discurso conciliador sem provocar a alienação dos cidadãos brancos.<sup>77</sup> Ao contrário

---

<sup>77</sup> Independentemente dos esforços de Obama e da sua equipa, as questões raciais levantadas pela popularidade do candidato afro-americano foram um dos factores centrais a ter em consideração ao longo da corrida presidencial. Segundo o estudo realizado por David P. Redlawsk et al., intitulado “Voters, Emotions, and Race in 2008: Obama as the First Black President”, a um mês da eleição geral, um terço dos indivíduos caracterizados como brancos inquiridos expressava alguma apreensão quanto à eleição de Obama para a presidência devido à sua ascendência africana. Se, por um lado, alguns destes eleitores acreditavam que Obama iria aprovar políticas que privilegiariam os cidadãos afro-americanos – “the likelihood of feeling troubled by Obama as the first black president is very high for those white voters who explicitly express a belief that Obama’s policies will advantage black people” (883) – outros manifestavam inquietação mesmo acreditando na imparcialidade do

da estratégia utilizada por McCain que procurou apelar, principalmente, aos habitantes de comunidades rurais representadas no seu discurso como a América “verdadeira” (Pedersen 25-26).

Assim, os níveis de popularidade alcançados por Obama não dependeram somente do seu carisma e da sua oratória dinâmica e apelativa, mas principalmente da utilização de forma transversal a qualquer um dos seus discursos das temáticas da união, mudança e esperança: “In addition to gifted oratory, charismatic leaders must also be able to distill complex future ideals into simple messages with widespread and emotional appeal. Here, Obama’s vision of ‘change we can believe in’ ‘hope you can believe in’ ‘together we can’ and ‘yes we can!’ represent seemingly textbook translations of such distillation” (Bligh and Kohles 485). Portanto, apesar de apresentar soluções concretas para os problemas enfrentados pelo país, a concepção da América e do futuro desta apresentadas pelo candidato democrata resultaram numa imagem suficientemente vaga da noção de mudança, permitindo a um maior número de apoiantes integrar a sua própria visão na narrativa da campanha democrata<sup>78</sup> (485): “Race ethnicity, age, income, political affiliation, ideology, and even living location were not consistent delimiters of the vote distribution. Obama’s campaign and candidacy demonstrated an ability to attract support that transcended the traditional and confounded the conventional” (Warburton 114). Adicionalmente, Michelle C. Bligh e Jeffrey C. Kohles apontam para um maior apoio à figura de Obama resultante, possivelmente, da incerteza criada pela crise económica, tendo esta gerado a necessidade de uma figura de liderança sentida por parte da população em geral, exacerbando o carisma atribuído ao oponente de McCain (486-487).

De facto, após Setembro de 2008, a crise financeira tornou-se na principal preocupação da maioria dos americanos. Tal como foi acima mencionado, não só a intervenção dos Estados Unidos no Iraque, mas principalmente a incapacidade do governo de prevenir e solucionar os problemas financeiros do país contribuíram para a criação de um

---

candidato. De acordo com os resultados obtidos, enquanto a ansiedade do eleitorado branco gerada pela crise financeira exacerbou as preocupações latentes quanto à eleição de Obama, o entusiasmo gerado em torno do candidato democrata contribuiu, em parte, para a diminuição destas. (885-886). Não obstante, uma sondagem à boca das urnas revelou que, ao todo, apenas nove por cento dos eleitores inquiridos consideravam a identificação de Obama com a comunidade afro-americana um aspecto relevante, sendo que cinquenta e três por cento destes votaram no candidato democrata (White 220). Para uma discussão focada no papel do preconceito racial no resultado das presidenciais de 2008 cf. Highton, Benjamin. “Prejudice Rivals Partisanship and Ideology When Explaining the 2008 Presidential Vote across the States.” *PS: Political Science and Politics*, vol. 44, no. 3, 2011, pp. 530-535.

<sup>78</sup> Para além de poderem ser atribuídos diferentes significados ao conceito de mudança e esperança pelos vários apoiantes de Obama, este não se apresentava apenas como uma figura na qual cada cidadão poderia projectar as suas ansiedades e os seus desejos, mas também alguém em quem se poderiam rever. Sempre que a sua própria narrativa identitária não era suficiente, Obama incluía nos seus discursos diversos módulos dedicados a experiências pessoais de cidadãos americanos comuns com os quais a assistência se poderia identificar (Escobar 115; Degani, *Framing* 112).

sentimento generalizado de insatisfação para com a administração Bush: “As a result of President Bush’s dismal approval ratings and deteriorating condition of the economy, the political environment in 2008 favored a Democratic victory” (Abramowitz 596). Consequentemente, este descontentamento, aliado à capacidade que a campanha de Obama teve para se distanciar de Bush e caracterizar o seu candidato como representativo de transformações significativas para o país, contribuiu consideravelmente para a derrota de McCain<sup>79</sup> (Todd and Gawiser 32). De acordo com sondagens realizadas à boca das urnas, sessenta e três por cento dos eleitores identificaram a economia como o tema mais importante das presidenciais e cinquenta e três por cento destes votaram a favor de Obama (White 220). Por fim, igualmente relevante para a sua vitória foi o apoio da população jovem – muitos deles eleitores pela primeira vez – cativada não só pela promessa de mudança, mas também confiante pelo dinamismo do candidato e sua mensagem de esperança (Abramowitz 596; Denton, “Identity” 17; White 231).

## **2.2. As Eleições Presidenciais de 2016**

### **2.2.1. O Candidato Donald John Trump: Percurso Político e Imagem Pública**

A 16 de Junho de 2015, Donald John Trump anuncia oficialmente a sua candidatura à presidência dos Estados Unidos num evento organizado no átrio da *Trump Tower* na cidade de Nova Iorque. Ao contrário do que acontecera em 2007 com a candidatura do jovem senador do Illinois, Trump era já uma celebridade conhecida a nível nacional. Contudo, o seu anúncio de candidatura não foi recebido com o mesmo entusiasmo e seriedade pelo Partido Republicano como o de Obama pelos líderes democratas (Gökariksel and Smith 79).<sup>80</sup> Parte do cepticismo demonstrado prendia-se não só com a falta de experiência política do empresário, sendo que este nunca tinha ocupado qualquer cargo electivo no governo dos Estados Unidos, mas também com o facto deste ter participado e desistido de anteriores corridas presidenciais. Em 1988, Trump abordou publicamente a possibilidade de vir a candidatar-se ao cargo de presidente pelo Partido Republicano, mas acabou por apoiar o candidato George H. W. Bush (1989-1993). No final de 1999, o empresário nova-iorquino chega a entrar na corrida presidencial pelo Partido da Reforma, tendo retirado a sua candidatura poucos meses depois. Doze anos mais tarde, Trump demonstra-se novamente

---

<sup>79</sup> Segundo as sondagens realizadas à boca das urnas analisadas por John Kenneth White, a noção de mudança era associada pela grande maioria dos eleitores (oitenta e nove por cento) a Obama (218).

<sup>80</sup> A notícia da candidatura de Trump não foi considerada como importante somente pelos membros do próprio partido, mas também pelos média; por exemplo, o jornal *Huffington Post* colocava as notícias relativas à candidatura de Trump na secção dedicada ao entretenimento, durante os meses iniciais de campanha (Carlson 11).

interessado em concorrer à presidência dos Estados Unidos, tendo chegado a discursar em diversos estados, assim como a gerar controvérsia ao questionar a naturalidade do presidente incumbente e, conseqüentemente, a sua legitimidade. No entanto, nunca chegou a formalizar a sua candidatura, afirmando não se encontrar preparado para sair do sector privado (Baughman and Cali 155; Johnson 13-16; MacAskill).

Ao longo dos anos, Trump esteve registado como membro dos Partidos Democrata, Independente, Reformista e Republicano, estabelecendo relações pessoais e apoiando publicamente membros da elite política de diversos partidos (Cannon; Pollak and Schweikart 24). Conseqüentemente, a sua inexperiência, o facto de ter demonstrado não possuir uma afiliação política duradoura e as suas anteriores participações em corridas presidenciais fizeram com que a sua candidatura em 2015 não tivesse sido encarada com grande seriedade por parte do Partido Republicano. Este, por sua vez, necessitava de uma nova figura de liderança e de reabilitar a sua imagem pública, procurando reconstituir-se como forte opositor político dos democratas. Segundo Joel B. Pollak e Larry Schweikart, Trump foi capaz de identificar tais fragilidades e de aproveitá-las a seu favor ao apresentar-se como o candidato capaz de reverter a impopularidade do partido, ao mesmo tempo que conservava a sua imagem de figura politicamente independente (26-27).

Para além de não se encontrar previamente associado a um determinado conjunto de convicções políticas, ao inverso do que acontecera com Obama, a identidade do candidato republicano não era inicialmente desconhecida por completo para a maioria da população americana. Natural da cidade de Nova Iorque, Trump termina os seus estudos na *Wharton School* da Universidade da Pensilvânia em 1968 e, apenas três anos mais tarde, assume o controlo da empresa do seu pai. Aquando da sua entrada na corrida presidencial em 2015, a marca do empresário encontrava-se fortemente associada ao sector imobiliário, a diversos hotéis, estâncias turísticas, casinos e campos de golfe. Este contava, ainda, com mais de uma dezena de obras publicadas em seu nome e em co-autoria com outras personalidades. Ainda assim, a imagem pública de Trump estava maioritariamente associada ao programa televisivo *The Apprentice* – e mais tarde ao *spinoff* deste, *The Celebrity Apprentice* –, estreado em 2004, e do qual foi a figura principal durante catorze temporadas (Duignan). Tal como John H. Parmelee aponta, a associação de Trump ao *reality show* foi importante não só para tornar a imagem do candidato reconhecível, mas também para o desenvolvimento de uma noção de proximidade entre este e os seus milhões de telespectadores, tendo sido caracterizado pelo programa como um homem consistente e sensato, contrastando com a cobertura jornalística feita durante a campanha (87).



De facto, apesar de ter iniciado a construção de uma reputação associada ao seu poder económico e à capacidade para realizar negócios lucrativos anos antes das presidenciais de 2016, a imagem pública de Trump passa a ser influenciada em grande parte pela atenção mediática gerada durante a campanha, nomeadamente pelo conteúdo dos seus discursos e dos seus *tweets*, pela sua participação nos debates presidenciais e pelas diversas controvérsias que foram surgindo em torno do candidato.<sup>81</sup> Tal como Obama procedera anos antes, Trump utiliza os seus discursos de campanha e redes sociais para construir uma determinada identidade pública adaptada ao seu novo papel de candidato presidencial. No âmbito da presente dissertação, torna-se relevante analisar alguns elementos desta imagem retoricamente construída por Trump ao longo da campanha de forma a melhor compreender as características da figura eleita pela população americana como representante e símbolo da união nacional.

De modo semelhante ao que o presidente em exercício fizera, Trump apresenta por diversas vezes detalhes biográficos relativos às suas origens, caracterizando-se como alguém cujo sucesso fora obtido através do seu próprio esforço: “I started off in a small office with my father in Brooklyn and Queens (...) But he used to say, ‘Donald, don’t go into Manhattan. That’s the big leagues. We don’t know anything about that. Don’t do it.’ (...) And after four or five years in Brooklyn, I ventured into Manhattan and did a lot of great deals” (“Announcement”). Assim, enquanto a narrativa do *self-made man* apresentada por Obama se encontrava muitas vezes focada nos antecedentes culturais da sua família, Trump não apresentava uma narrativa detalhada das suas origens, focando-se nos valores que lhe tinham sido inculcados desde pequeno – um dos quais o da dignidade do trabalho honesto –, no conhecimento prático sobre o mundo empresarial que obtivera do seu pai e no orgulho que sentia na família que ele próprio construía. Logo, enquanto Obama procurou demonstrar partilhar os mesmos ideais da maioria do povo americano, construindo a noção de uma América multicultural e cosmopolita da qual ele próprio era representativo, em 2015, Trump pretendeu caracterizar-se como um homem não só financeiramente bem sucedido, estimando o seu património em mais de dez milhares de milhões de dólares, mas também inteligente e com talento para conseguir negócios vantajosos (“Announcement”; “Acceptance”), tal como Degani afirma: “Trump’s speech [Candidacy Announcement] appears as one that celebrates

---

<sup>81</sup> De acordo com Craig Allen Smith, Trump foi o candidato a obter maior cobertura mediática ao longo de toda a corrida eleitoral devido às suas declarações provocadoras: “Rather than spending money on television ads, Trump gave speeches and sent tweets. Journalists, pundits, and bloggers found his tweets irresistible” (16). Estima-se que as polémicas geradas em torno das suas palavras contribuíram para a publicitação, ainda que em grande parte negativa, da sua campanha no valor de bilhões de dólares (Hendricks and Schill 134; Voth 90).

the candidate himself, especially in relation to his richness, which is presented as a salient value in his discourse. Whenever the word Trump occurs, it stimulates associations to properties, material belongings and wealth, more generally” (“Endangered” 140-141).

Ao atribuir bastante relevância a tais características, juntamente com a imagem já criada pelo seu papel de empregador intransigente no programa *The Apprentice*, o candidato republicano demonstra-se representativo de uma versão do sonho americano associada ao enriquecimento do indivíduo como resultado da sua próspera participação na esfera corporativa americana, tal como comentado por Tarnopolsky: “Donald Trump embodied much of the ruthless logic of the successful firm and company boss upon which the rationality of neoliberalism is based” (109). Por sua vez, Trump equipara por diversas vezes as suas funções como gerente de um negócio aos seus futuros encargos como chefe do poder executivo, assim como o funcionamento de uma empresa ao mundo político:

While he [Donald Trump] infuriated his critics by speaking of fixing domestic or foreign policy as if it was simply a matter of negotiating or re-negotiating a business deal, his supporters could reasonably think that this was exactly the sort of elite-negotiated, backroom dealing that lead to NAFTA [North American Free Trade Agreement] treaty or the proposed TPP [Trans-Pacific Partnership] treaty, which they vehemently opposed. (106)

O raciocínio subjacente a esta lógica transmite à assistência a noção de que tal como foi bem sucedido como empreendedor no sector privado, Trump irá ter sucesso no domínio da política nacional e internacional, enriquecendo os Estados Unidos e os seus cidadãos – “I have made billions of dollars in business making deals. Now I’m going to make our country rich again. Using the greatest businesspeople of the world, I’m going to turn our bad trade agreements into great trade agreements” (“Acceptance”).

O candidato republicano desvaloriza, então, a sua inexperiência política ao enfatizar o seu bom discernimento, salientando por diversas vezes nunca ter apoiado a Guerra do Iraque – uma estratégia utilizada igualmente por Obama em 2009 – e evidenciando outros erros de gestão cometidos pela classe política que ele próprio teria conseguido evitar e que agora seria capaz de solucionar. Por exemplo, relativamente aos elevados custos da plataforma online do *Obamacare* o candidato afirma: “I have so many websites, I have them all over the place. I hire people, they do a website. It costs me three dollars. Five billion website” (“Announcement”). Ainda, em relação à incapacidade do governo de negociar com empresas

do sector privado, promovendo a criação de postos de emprego em território nacional, Trump apresenta um diálogo fictício entre si e o responsável pela Ford no qual o segundo acaba por ceder perante a intransigência do empresário no momento da negociação – “And he’ll [the head of Ford] say, ‘Please, please, please.’ He’ll beg for a little while, and I’ll say, ‘No interest.’ Then he’ll call all sorts of political people, and I’ll say, ‘Sorry, fellas. No interest,’ because I don’t need anybody’s money. It’s nice. I don’t need anybody’s money” (“Announcement”). Neste curto excerto, para além de assinalar o seu carácter implacável para os negócios, Trump, ao salientar o seu poder económico, aponta para a sua independência perante quaisquer grupos que possam exercer pressão e influenciar as suas decisões, garantindo trabalhar de modo a servir os interesses dos seus concidadãos.

Repare-se, então, que o candidato republicano utiliza elementos que à partida poderiam ser considerados desvantajosos e apresenta-os de forma a cativar o público, pois a sua inexperiência política poderia tê-lo desqualificado para o cargo e a sua riqueza pessoal poderia tê-lo tornado numa figura distante e desligada das necessidades quotidianas da maioria dos seus eleitores. Em vez disso, Trump consegue afastar-se de toda a classe governamental, apresentando-se como um candidato que ainda não fora corrompido pelo sistema político e cujo poder económico garantia a sua imunidade perante a pressão exercida pelos *lobbies* (Degani, “Endangered” 141; Myers 267) – “I’m using my own money. I’m not using lobbyists. I’m not using donors. I don’t care. I’m really rich” (“Announcement”). Assim, Trump junta-se à sua assistência contra a elite política americana, desacreditando a capacidade desta de solucionar os problemas enfrentados pelo país: “Well, you need somebody, because politicians are all talk, no action. Nothing’s gonna get done. They will not bring us – believe me – to the promised land. They will not” (“Announcement”).

O empresário surge, por sua vez, como o candidato capaz de guiar o *Povo Eleito* até à *Terra Prometida*, apresentando-se como alguém desprovido de qualquer autocensura ou preocupação com a expressão de um discurso politicamente correcto, afirmando apenas proferir a verdade enquanto esta é omitida pela elite política do país e até quando pode ser tomada como ofensiva:

As you know, I am not a politician. I have worked in business, creating jobs and rebuilding neighborhoods my entire adult life. I’ve never wanted to use the language of insiders, and I’ve never been politically correct – it takes far too much time, and can often make more difficult.

Sometimes, in the heat of debate and speaking on a multitude of issues, you don’t choose the right words or you say the wrong thing. I have done that,

and I regret it, particularly where it may have caused personal pain. Too much is at stake for us to be consumed with these issues. But one thing I can promise you is this: I will always tell you the truth. (“Best”)

Ao associar a sua imagem à valorização e partilha de uma verdade geralmente omitida pelos elementos do governo, Trump apresenta-se como uma figura focada na denúncia da decadência americana – “Our country is in serious trouble. We don’t have victories anymore. We used to have victories, but we don’t have them” (“Announcement”) – e dos seus culpados – “We have losers. We have losers. We have people that don’t have it. We have people that are morally corrupt. We have people that are selling this country down the drain” (“Announcement”). Perante esta imagem de uma América derrotada, empobrecida e incapaz de cuidar dos seus cidadãos, Trump promete ser o líder de que a população necessita para reabilitar o sonho americano e recuperar o seu estatuto a nível internacional: “Sadly, the American dream is dead. But if I get elected president I will bring it back bigger and better and stronger than ever before, and we will make America great again” (“Best”).

Ademais, é de notar que, quando se apresenta como a solução para os problemas da América, Trump fá-lo de forma a caracterizar-se como um indivíduo altruísta que abandona a vida que adora para servir o seu país, utilizando o conhecimento adquirido ao longo dos anos na construção da sua riqueza pessoal para, agora, tornar a América rica de novo: “I have loved my life in business. But now, my sole and exclusive mission is to go to work for our country, to go to work for you. It is time to deliver a victory for the American people. We don’t win anymore, but we are going to start winning again. But to do that we must break free from the petty politics of the past” (“Acceptance”). O candidato republicano esforçou-se, então, para se tornar numa figura através da qual todos aqueles que até àquele momento se tinham sentido negligenciados pelos seus representantes poderiam, finalmente, participar na vida política do país, tendo declarado num dos seus discursos: “These [laid-off factory workers, and the communities crushed by our horrible and unfair trade deals] are people who work hard but no longer have a voice. I am your voice” (“Acceptance”).

Portanto, se a campanha de Obama teve, desde o início, como um dos seus temas centrais a necessidade de união entre a população e sua participação activa na sociedade para a implementação de melhorias significativas, Trump apresentou-se inicialmente como o agente fundamental para a resolução dos desafios enfrentados pelo país, afirmando: “I am your voice. (...) I’m with you, and I will fight *for* you, and I will win *for* you” (“Acceptance”;

ênfase nosso).<sup>82</sup> Não obstante, apesar de ter conservado a sua imagem de principal promotor da mudança ao longo da campanha – “These are the forgotten men and women in our society, and they are angry at so much on so many levels. The poverty, the unemployment, the failing schools, the jobs moving to other countries. I am fighting *for* these forgotten Americans” (“Best”; ênfase nosso) –, note-se como o conteúdo dos seus discursos se foi alterando de modo a incluir uma mensagem também ela unificadora da população, colocando o candidato lado a lado com a sua assistência nos esforços de reconstrução do país – “This isn’t just the fight of *my* life, it’s the fight of *our* lives – together – to save our country” (“Best”).

Contudo, independentemente do carácter benevolente que procurou construir desde o momento em que oficialmente anunciou a sua candidatura – “I said, ‘I think that number one, I am a nice person. I give a lot of money away to charities and other things. I think I’m actually a very nice person’” (“Announcement”) –, a imagem pública de Trump ficou desde logo marcada pelas suas declarações relativamente aos imigrantes provenientes da América Latina e do Médio Oriente, tais como:

When Mexico sends its people, they’re not sending their best. They’re not sending you. They’re not sending you. They’re sending people that have lots of problems, and they’re bringing those problems with [sic] us. They’re bringing drugs. They’re bringing crime. They’re bringing rapists. And some, I assume, are good people.

But I speak to border guards and they tell us what we’re getting. And it only makes common sense. It only makes common sense. They’re sending us not the right people.

It’s coming from more than Mexico. It’s coming from all over South and Latin America, and it’s probably coming – probably – from the Middle East. (“Announcement”)

Estas declarações marcaram a campanha do candidato republicano, alimentando a maioria das discussões iniciais em torno desta. Parte do eleitorado considerou Trump uma figura cujos interesses se encontravam alinhados com as suas necessidades individuais e do país, procurando torná-lo mais seguro, ordenado e justo. No entanto, outros associaram a imagem do candidato a atitudes racistas e xenófobas que a sua campanha procurou contornar ao

---

<sup>82</sup> Durante o seu discurso na Convenção Nacional Democrata de 2016, Obama critica directamente este aspecto da imagem criada por Trump e contrasta-a com a sua própria mensagem de campanha em 2008 ao afirmar: “Our power doesn’t come from some self-declared savior promising that he alone can restore order. We don’t look to be ruled. (...) America has never been about what one person says he’ll do for us. It’s always been about what can be achieved by us, together, through the hard, slow, sometimes frustrating, but ultimately enduring work of self-government” (“DNC”).

associar Trump a um discurso sincero e autêntico que priorizava o bem-estar dos cidadãos americanos ao partilhar com estes a verdade que lhes fora omitida pela classe política, mesmo que essa fosse considerada politicamente incorrecta (Savoy 143) – “It is finally time for a straightforward assessment of the state of our nation. I will present the facts plainly and honestly. We cannot afford to be so politically correct anymore” (Trump, “Acceptance”).

Para além destas declarações meramente sinceras para uns e ofensivas para outros, os diversos comentários provocadores feitos em entrevistas e debates e publicados na sua conta do *Twitter* (dirigidos tanto a oponentes políticos como a jornalistas e outras figuras públicas) fizeram com que Trump fosse visto como uma figura atípica quando comparado com os seus opositores, resultando no dispêndio de bastante atenção por parte dos média às suas afirmações. Estas, para além de desprestigiarem os seus oponentes e gerarem inquietação pública relativamente ao estado presente e futuro da nação, em conjunto com as declarações do candidato relativamente à sua própria competência para o cargo, resultaram na auto-caracterização de Trump como a única solução para os problemas enfrentados: “Nobody knows the system better than me, which is why I alone can fix it”. Tal como Gökariksel e Smith apontam, de modo a dissipar a ansiedade gerada<sup>83</sup> e a tornar-se na resolução para os desafios enfrentados, o comportamento e o conteúdo das intervenções de Trump procuraram caracterizar o candidato como intransigente, capaz de assumir a liderança e agressivo (80), uma imagem da qual as seguintes declarações num comício no Iowa são exemplificativas: “They [ISIS] have some [oil camps] in Syria, some in Iraq. I would bomb the s--- out of’em. I would just bomb those suckers. That’s right. I’d blow up the pipes. ... I’d blow up every single inch. There would be nothing left” (qtd. in Engel).

### 2.2.2. A Campanha Eleitoral

Durante a fase das primárias, dezassete candidatos anunciaram a sua participação na corrida presidencial pelo Partido Republicano, tendo enfrentado dificuldades na definição da sua mensagem e das políticas a apresentar de modo a se diferenciarem dos restantes participantes. Parte desse processo de diferenciação foi marcado pelos comentários depreciativos trocados entre Trump e outros candidatos – “In tweets, during debates, and in television interviews, candidate Trump referred to adversaries – rivals, media outlets, the

---

<sup>83</sup> É de realçar a utilização reiterada por Trump de termos evocadores de violência para descrever as relações comerciais entre os Estados Unidos e outros países, nomeadamente a China – “And they [politicians] don’t talk jobs and they don’t talk China. When was the last time you heard China is killing us? They’re devaluing their currency to a level that you wouldn’t believe. It makes it impossible for our companies to compete, impossible. They’re killing us” (“Announcement”) –, assim como a inclusão nos seus discursos das histórias de vida de cidadãos americanos assassinados por imigrantes ilegais, explorando o sofrimento das suas famílias.

establishment – variously as ‘losers,’ ‘stupid,’ ‘failing,’ and the like. Such harangues break with political conventions of attacking opponents in more mannerly means” (Baughman and Cali 169) –, pelo que as críticas dos seus oponentes à candidatura do empresário nova-iorquino tornaram-se também cada vez mais negativas à medida que este ganhava apoio por parte dos eleitores, questionando principalmente a sua capacidade para ocupar a Casa Branca (Holloway 28-29).

De todos os candidatos republicanos, Ted Cruz (1970-) revelou ser o oponente mais forte de Trump. Apesar do seu cargo como senador do Texas, Cruz também não era uma figura muito estimada pelos líderes do partido, mas foi o candidato que acabou por vencer o maior número de delegados nos *caucuses* do Iowa, enquanto Trump venceu as votações em New Hampshire (C. Smith, 19; Stone 203, 238). Contra as expectativas iniciais dos restantes candidatos, da elite republicana, dos peritos e de parte do público eleitor, o candidato nova-iorquino acabou por assegurar a sua passagem para a próxima fase das presidenciais. A sua vitória foi inesperada, pois, tal como Jacobson enumera, foram diversos os aspectos que dificultaram a aceitação de Trump por parte dos restantes membros do partido, sendo que estes se opuseram a diversos aspectos do carácter e posicionamento político do candidato:

They [nearly the entire Republican establishment] objected variously to his personality and character, unorthodox positions on the economy (opposition to free trade and entitlement reform) and foreign policy (questioning traditional alliances, praising Vladimir Putin), and dubious devotion to social conservatism. They considered Trump’s divisive rhetoric targeting immigrants and minorities a threat to the party’s short- and long-term prospects by alienating, perhaps permanently, important and growing segments of the electorate. (11)

Adicionalmente, por diversas vezes, Trump demonstrou não só não conhecer o funcionamento do sistema governamental americano e das suas políticas interna e internacional, como também parecia indiferente à factualidade das suas afirmações, repetindo-as mesmo depois da veracidade destas ser questionada (12-13). Ainda assim, Trump ganhou quarenta e uma primárias, ultrapassando por muitos os 1,237 delegados necessários para assegurar a sua nomeação (Stone 318).

Sides et al. identificaram três factores fundamentais à vitória de Trump durante esta primeira fase eleitoral. Segundo estes autores, a fragmentação do Partido Republicano em relação a temas centrais como a imigração e diferenças nas táticas políticas a aplicar

difficultaram a coordenação do apoio dos líderes partidários em relação a um mesmo candidato. Consequentemente, os eleitores do partido não receberam qualquer mensagem definitiva em relação a qual dos candidatos deveriam conceder o seu voto, acabando por atribuir a maioria a Trump.<sup>84</sup> Esta fragilidade foi ainda exacerbada pela cobertura mediática dedicada à campanha dos vários candidatos, pois enquanto a maioria destes não conseguiu concentrar a atenção dos meios de comunicação na sua própria campanha, Trump colmatou essa dificuldade através da sua aptidão para gerar controvérsia, acabando por dominar os noticiários e, subsequentemente, as sondagens (34-35).<sup>85</sup>

Por fim, o terceiro ponto realçado pelos autores prende-se com o posicionamento político de Trump, pois, enquanto as suas promessas eleitorais o afastaram dos líderes republicanos, estas aproximaram-no dos eleitores, demonstrando uma flexibilidade ideológica que lhe permitiu focar-se na apresentação de medidas populares, mesmo que estas fossem distantes das geralmente defendidas pelo partido Republicano:

On both issues [immigration, Islam and racial diversity, and entitlement programs such as Social Security and Medicare], Trump was actually closer to the views of Republican voters than were other Republican leaders and some other Republican candidates. (...) In short, the divide between Republican leaders and voters on these issues became a divide on Trump himself, whom few leaders supported but many voters did. (35)

Portanto, a capacidade de Trump de ir ao encontro das ansiedades de muitos dos militantes do Partido Republicano em relação às alterações sociais fruto da imigração e do seu desejo de conservar e melhorar programas de apoio social (em vez de os cortar significativamente), contribuíram para o sucesso da campanha de Trump durante a primeira fase das eleições presidenciais (35). De facto, Trump apenas começa a subir nas sondagens após visitar as famílias de cidadãos americanos assassinados por imigrantes ilegais, alcançando o primeiro

---

<sup>84</sup> Note-se que, após a derrota de Mitt Romney (1947-) em 2012, para além de diversas figuras proeminentes do Partido Republicano terem escolhido não apoiar nenhum dos candidatos durante as primárias, vários dos seus principais doadores também se abstiveram de financiar a campanha de qualquer candidato nesta fase inicial (C. Smith 21).

<sup>85</sup> Foram diversas as controvérsias que levaram a um aumento da cobertura pelos média da campanha de Trump, sendo que, tal como Sides et al. apontam, muita desta atenção resultou não só dos comentários realizados pelo candidato, mas também das consequências destes. É de realçar que após a significativa atenção mediática dedicada às afirmações de Trump relativamente aos imigrantes mexicanos, o episódio volta a dominar os média devido à decisão de diferentes empresas de deixarem de colaborar com o candidato republicano. Adicionalmente, os comentários críticos à prestação de John McCain durante a Guerra do Vietname e da jornalista Megyn Kelly durante o primeiro debate entre os candidatos republicanos aumentaram significativamente a cobertura jornalística da campanha de Trump nos dias seguintes, chegando a quase oitenta por cento e sessenta e quatro por cento, respectivamente (Sides et al. 54).



lugar apenas nove dias depois do encontro. Segundo Pollak e Schweikart, este gesto teve um grande impacto no eleitorado, pois apesar da percentagem de cidadãos que perdeu um familiar nestas circunstâncias ser bastante reduzido, Trump dedicou tempo da sua campanha para ouvir as suas experiências, ao contrário dos restantes candidatos. Assim, este grupo de cidadãos tornou-se representativo de todos os americanos que se sentiam ignorados pelo governo e que finalmente tinham um candidato disposto a prestar atenção às dificuldades por eles enfrentadas (27-29).

Ao contrário desta fragmentação experienciada pelos republicanos, os líderes do Partido Democrata encontraram-se, desde o início, unidos no seu apoio a Hillary Clinton. No entanto, apesar das semelhanças entre as suas políticas e as do candidato independente Bernie Sanders (1941-) – “Both [Clinton and Sanders] wanted to increase the minimum wage and taxes on the rich but disagreed about how much. Both wanted the government to ease the burden on college students but disagreed about how far the government should go” (Sides et al. 128) –, o senador do Vermont conseguiu cativar não só a atenção dos média, mas também uma significativa fracção do eleitorado, tornando-se no principal rival de Clinton durante as primárias (8, 97). A “revolução” proposta por Sanders terminou duas semanas antes da Convenção Nacional Democrata, quando o candidato anunciou apoiar a campanha de Clinton. Uma decisão que muitos dos seus apoiantes se recusaram a aceitar, criando discórdia entre os apoiantes do partido (Holloway 29).<sup>86</sup>

Dois dias antes do início da convenção, Clinton anunciou a escolha de Timothy Kaine (1958-), na altura senador da Virgínia, para seu vice-presidente. Para além de estabelecer um contraste com a visão pessimista da América de Trump, esta nomeação também procurou distanciar a candidata do seu oponente ao nomear um senador com vasta experiência no mundo político (Siddiqui; Stone 563). Ademais, a fluência em espanhol de Kaine e o seu passado como advogado defensor dos direitos civis (Chozick et al.) poderiam contribuir para a obtenção de um maior apoio por parte das comunidades hispânica e afro-americana. Já Trump, de modo a tranquilizar os seus opositores dentro do próprio Partido Republicano e a apelar ao voto dos conservadores evangélicos, nomeou o governador do Indiana Michael Pence (1959-) para seu vice-presidente. Pence era um membro respeitado do partido e a sua

---

<sup>86</sup> Atente-se ao facto de diversos autores terem comparado as campanhas de Trump e Sanders, identificando semelhanças entre estas. Para além da popularidade dos dois ter sido resultado, em grande parte, da atenção mediática que as suas campanhas receberam, de acordo com Cosgrove, ambos os candidatos procuraram obter respostas emocionais por parte do eleitorado, criando entusiasmo em torno da sua própria campanha. Estas, por sua vez, eram ambas representativas de uma mudança contra um sistema político corrupto: “If Sanders was the candidate of the future and the Revolution then Trump was the candidate of nostalgia and the Restoration” (27). Ambos contrastavam, então, com a imagem que acompanhava Clinton como a candidata do *status quo* (27).

escolha veio assegurar aos grupos mais conservadores que Trump iria apoiar as suas políticas, conferindo um maior equilíbrio à campanha do candidato (Holloway 31; Stone 537-539).

Após as escolhas para o cargo da vice-presidência e terminadas as convenções, iniciou-se, então, a fase da eleição geral. À semelhança do que acontecera nos meses anteriores, os programas políticos apresentados por cada candidato não dominaram as discussões relativas à corrida presidencial: “The most recent presidential contest felt different to most – politicians, pundits, and voters, alike. In part, this was because there was little to no discussion or media coverage of policy, including the policy positions of candidates, during the campaign” (Kirk and Martin 222). Contrariamente ao que acontecera em 2008 e 2012, as presidenciais de 2016 foram dominadas em grande parte pelas controvérsias nas quais ambas as campanhas se envolveram. A maior polémica a respeito de Trump desenrolou-se na sequência da divulgação de uma conversa gravada entre o candidato e Billy Bush, em 2005. O seu conteúdo vulgar e grosseiro levou a uma queda acentuada de Trump nas sondagens entre 26 de Setembro e 9 de Outubro, oferecendo a Clinton a possibilidade de assumir a liderança (Kellner 2-3; Sides et al. 140-141).

Contudo, esta continuou a enfrentar dificuldades em conquistar um maior número de eleitores, em parte, devido à contínua cobertura dos média de diversas polémicas<sup>87</sup> nas quais esteve envolvida durante toda a campanha: “These scandals produced large spikes in news coverage of Clinton (...) and most of this news was negative in tone. In fact, news coverage of her was not much more positive than coverage of Trump – and coverage of her scandals exceeded coverage of his” (Sides et al. 144). Com efeito, as diversas controvérsias nas quais Trump se viu envolvido ao longo da campanha não só não dominaram a comunicação social durante muito tempo, como também a sua cobertura esteve dividida entre diversas temáticas como, por exemplo, as suas práticas empresariais, mas também o seu comportamento e declarações em relação às mulheres e comunidades minoritárias. No entanto, a atenção dada às polémicas envolvendo Clinton foi mais extensa e focada nos e-mails trocados por esta utilizando um servidor privado, permitindo a construção de uma narrativa coerente relativa a

---

<sup>87</sup> As controvérsias envolvendo a candidata democrata foram várias. No artigo “How Donald Trump Won”, Carl M. Cannon enumera vários episódios que possivelmente contribuíram para o afastamento de parte do eleitorado de Clinton como, por exemplo, a desfavorável caracterização da candidata de parte dos apoiantes de Trump – “basket of deplorables” (qtd. in Cannon) –, os pedidos de doações para a campanha a bilionários, oligarcas e potências estrangeiras, a suspeita de corrupção através da Fundação Clinton, o envolvimento da candidata nos ataques de Benghazi, a necessidade de instalar um servidor privado na sua residência e a investigação conduzida pelo Departamento Federal de Investigação a dezenas de milhares dos seus e-mails.

práticas irresponsáveis e possível falta de honestidade e corrupção por parte da candidata (131, 149).<sup>88</sup>

Trump não deixou de aproveitar todas estas polémicas nas quais Clinton se viu envolvida, verificando-se que a maioria dos anúncios de campanha republicanos não procuravam discutir políticas a implementar, mas tinham como objectivo danificar a imagem pública da sua oponente: “The purely positive ads the [Trump] campaign did run were mostly focused on the idea that Trump was leading a ‘movement, not a campaign’ (...). Again, tough, these positive ads were rare and largely tangential to the campaign’s overall advertising strategy, which was overwhelmingly focused on denigrating Clinton” (Dunn and Tedesco 110). Portanto, de acordo com os anúncios da campanha de Trump, este era o candidato representativo da mudança, enquanto a candidata democrata não só era associada a uma continuação da implementação de políticas danosas para o país, como era acusada de corrupção, desqualificando-a para ocupar o cargo presidencial (115). De modo semelhante, os anúncios da campanha de Clinton procuraram enfatizar a falta de experiência do seu oponente e as suas palavras ofensivas como forma de o caracterizar como uma figura inadequada à presidência (103).<sup>89</sup>

Para além dos anúncios televisivos, tal como pôde ser observado durante a campanha de Obama em 2008, ambos os candidatos procuraram dirigir-se directamente ao eleitorado através das redes sociais. A presença de cada um nestas plataformas, nomeadamente no *Facebook*, *Twitter* e *Instagram*, foi um aspecto essencial da corrida presidencial, levando Hendricks e Schill a afirmarem: “Without incorporating social and digital media into a political campaign, a candidate has almost no chance of being competitive” (121).<sup>90</sup> Em 2016, cada um dos candidatos utilizou as suas plataformas online de forma distinta. A campanha de Clinton chegou a publicar três vezes mais mensagens relativas a problemáticas

---

<sup>88</sup> Inicialmente, a investigação ao correio electrónico enviado do seu servidor privado teria terminado em Julho e ilibado a candidata: “Despite Clinton’s admission that she had made a mistake and would have done things differently, the partisan discourse continued to make her e-mails a primary issue in the campaign. There was hope from Clinton’s camp and her supporters that the official reports, once released, would put an end to the ordeal” (Dewberry 247). Não obstante, uma carta enviada a 28 de Outubro por James Comey, na altura director do Departamento Federal de Investigação, ao Congresso, anunciou a descoberta de novos e-mails fazendo com que Clinton voltasse a dominar a maioria das manchetes até ao final da campanha (Dewberry 246; Sides et al. 146).

<sup>89</sup> Rita Kirk and Stephanie A. Martin apontam para o elevado nível de hostilidade cultivado entre os candidatos como um dos factores principais que contribuíram para os baixos níveis de aprovação de ambos no próprio dia da eleição geral (208).

<sup>90</sup> No seu ensaio “Twitter as Arena for the Authentic Outsider: Exploring the Social Media Campaigns of Trump and Clinton in the 2016 US Presidential Election”, Gunn Enli explora como a utilização das redes sociais de forma cativante para os média e público em geral foi um factor determinante para o sucesso de Trump, cuja falta de experiência política e de apoio por parte do Partido Republicano poderiam ter impedido a sua campanha de ser bem sucedida (59).

económicas, sociais e educacionais do que Trump, cujas declarações muitas vezes não eram acompanhadas por informações que comprovassem a sua veracidade, tendo sido frequentemente apontadas como falsas (Stromer-Galley 82). Segundo Alfred Hermida, a publicação de tais mensagens directamente na sua conta do Twitter permitia ao candidato disseminar notícias subjectivas sem necessidade de mediação por parte de qualquer organismo jornalístico, não tendo como objectivo principal informar, mas gerar respostas emotivas por parte dos seus eleitores (76). Com efeito, a proliferação de artigos noticiosos erróneos, mais tarde apelidados de *fake news*,<sup>91</sup> foi relevante durante a campanha presidencial de 2016 que testemunhou a popularização de diversas páginas online focadas na publicação de conteúdo jornalístico faccioso (Hendricks and Schill 129-130).

É de realçar que a utilização de Trump das redes sociais, especificamente do *Twitter*, ficou marcada pelas suas críticas e comentários negativos dirigidos contra os seus opositores.<sup>92</sup> Apesar de Clinton também ter utilizado esta plataforma como um meio para atacar o carácter do seu oponente, Trump gerou significativamente maior atenção mediática para a sua campanha – tendo muitas das suas mensagens sido tratadas como notícia – e um maior entusiasmo por parte dos eleitores a partir dos seus *tweets* (Hendricks and Schill 130, 135; Lee and Xu 211).<sup>93</sup> De facto, a utilização atípica do *Twitter* pelo candidato republicano

---

<sup>91</sup> Atente-se que, apesar da expressão *fake news* ter sido popularizada após as presidenciais de 2016, em 2005, o comediante Stephen Colbert tinha já cunhado o termo “truthiness” para caracterizar opiniões pessoais que, mesmo não sendo factuais, são consideradas válidas para o indivíduo que as sustém com base na sua percepção da realidade. Segundo Peter Van Aelst, a considerável difusão do termo de Colbert nos Estados Unidos pode ser interpretada como o reflexo de um clima anti-intelectual que, na altura, já se encontrava presente no discurso público do país: “Policy makers and journalists that rely too much on figures and knowledge are getting out of touch with the concerns of ordinary people” (16). Tal como foi acima mencionado, Trump surgiu, então, como o candidato da honestidade, alheado do sistema político e em sintonia com as necessidades da população. Ao associar-se à figura do “candidato da verdade”, a imagem de Trump tornou-se imune, perante alguns dos seus apoiantes, às investigações jornalísticas que revelavam a invalidade factual das suas afirmações: “While these exaggerations and deliberate factual mistakes lead to consternation among his opponents, his followers don’t mind. On the contrary, they see in Trump someone that finally tells the truth. Trump tells it like it is and calls problems by their name” (16). Por sua vez, parte da credibilidade do candidato republicano perante os seus apoiantes pode ser justificada por uma inversa perda de confiança nos meios de comunicação como os jornais, rádio e televisão, acusados várias vezes pelo próprio candidato de corrupção (D. Aelst 17). Consequentemente, apesar da televisão continuar a ser a fonte mais importante para obtenção de notícias de carácter político, uma significativa fracção da população adulta americana passou a utilizar as redes sociais como fonte de informação, onde as notícias falsas são fácil e rapidamente partilhadas. Por conseguinte, a maior parte das *fake news* foram difundidas nestas plataformas, podendo o seu conteúdo infundado ter chegado a afectar a imagem criada pelos eleitores de cada um dos candidatos. É de notar que, durante as presidenciais de 2016, as *fake news* mais difundidas tendiam a favorecer Trump e denegrir a imagem de Clinton. Não obstante, de acordo com o estudo realizado por Allcott e Gentzkow, o seu impacto na votação de 2016 não parece ter sido significativo (212, 223, 232).

<sup>92</sup> Para uma análise dos aspectos negativos da utilização do Twitter, em particular por Trump, como plataforma de discussão política cf. Ott, Brian L. “The Age of Twitter: Donald J. Trump and the Politics of Debasement.” *Critical Studies in Media Communication*, vol. 34, no. 1, 2017, pp. 59-68.

<sup>93</sup> Segundo o estudo realizado por Lee e Xu, apesar de Clinton ter publicado duas vezes mais *tweets* do que Trump durante os três meses analisados, as mensagens do candidato republicano recebiam o triplo da atenção

contribuiu para a construção da sua imagem como uma figura genuína e sem filtros: “Rather than copying the social media strategies of the professionalized campaigns run by the Democratic party, Donald Trump chose a strategy better described as amateurism” (Enli 55). Tal estratégia, em vez de prejudicar a sua imagem perante o público, enfatizando a sua inexperiência, contribuiu para construção de uma ideia de proximidade entre o candidato republicano e o seu eleitorado, apoiando a narrativa que o posicionava fora de um sistema político calculista, cínico e corrupto (58).

Adicionalmente, um dos principais temas desta corrida eleitoral foi certamente a possibilidade da população americana poder vir a eleger pela primeira vez uma mulher para o cargo de presidente dos Estados Unidos. Apesar de, nas presidenciais de 2008, Clinton ter procurado construir uma imagem assente nas noções de vigor, autoridade e experiência, em 2016, a candidata procurou utilizar o facto de ser mulher como um elemento estratégico de apelo ao voto: “issues of gender were prevalent daily in media coverage, commentary and by both candidates. This was, without question, the most ‘gendered’ presidential campaign in American history” (Denton, “Issues” 190). Assim, a campanha da candidata não só procurou enfatizar o facto histórico de poder vir a ser a primeira mulher chefe do poder executivo, mas também abordou diversos temas importantes para o eleitorado feminino como a educação, a igualdade salarial e os direitos sexuais e reprodutivos, contrastando, assim, com a imagem de Trump cujas atitudes negativas relativamente a várias mulheres fizeram com que este perdesse o apoio de muitas eleitoras. Ainda assim, o facto de Clinton ser mulher não revelou garantir o voto do eleitorado feminino, tanto mais que o nível de abstenção entre jovens mulheres e membros de comunidades minoritárias aumentou em relação a 2012, enquanto Trump ganhou a maioria do apoio das mulheres brancas pertencentes à comunidade evangélica e daquelas sem educação superior (182, 190, 197).

Nos últimos dias de campanha, a corrida presidencial não parecia ter sido bem sucedida para Trump devido, principalmente, ao modo atípico e pouco profissional com que o candidato republicano geriu a sua própria campanha. Tal como enumera David Karpf, os erros cometidos ao longo da corrida foram diversos e significativos:

---

das da candidata (201). Ademais, após uma análise do conteúdo das contas do *Twitter* de ambos e das respostas geradas por parte de outros utilizadores, Yaqub et al. concluíram que não só as mensagens publicadas por Trump, como também as respostas que elas suscitavam geraram sentimentos mais positivos e optimistas do que as publicações de Clinton, independentemente do tom negativo dos comentários trocados entre os candidatos (624).

He [Trump] failed to pay his pollster. His field operation was a series of puffyourself-up rallies with little call-to-action at the end. His data operation was effectively nonexistent. His messaging was designed to appeal to the worst impulses of a shrinking white electorate. His communications team was mostly concerned with keeping their candidate locked out of his own Twitter account. He lost all three debates, confirming the worst public fears about his awful temperament. He had a terrible convention, beset by own-goals mistakes practically every night. He picked fights with his own fellow Republicans, and with the families of fallen soldiers, and with individual reporters on the campaign trail. (25)

Logo, apoiado pelo resultado das sondagens realizadas poucos dias antes da eleição geral anunciando a vitória de Clinton (Jacobson 9), o sucesso desta era esperado pela maioria dos cidadãos americanos. No entanto, os resultados da eleição foram surpreendentes para a maioria e geraram bastante discussão relativamente ao processo eleitoral do país, pois, apesar de ter ganho o voto popular por quase três milhões de votos, Clinton é derrotada e Trump acaba por obter maioria no Colégio Eleitoral (304 contra 227), tendo sido esta apenas a quarta eleição em que tal acontece. Apesar da candidata ter ganho o apoio da maioria dos eleitores em estados populosos como a Califórnia, a vitória de Trump (analisada em maior detalhe mais à frente) foi possível devido à obtenção do maior número de votos, ainda que em pequenas margens, em estados anteriormente democratas como o Michigan, a Pensilvânia, o Wisconsin e o Ohio (Jacobson 24).

### **2.2.3. Temáticas de Campanha: Um Retorno ao Passado na América de Trump**

Apesar das polémicas envolvendo as campanhas de Trump e Clinton terem dominado a discussão pública em torno das presidenciais de 2016, durante a fase da eleição geral, cada candidato apresentou e debateu as políticas que procuraria implementar, defendendo concepções da América distintas. Em consonância com a retórica de Obama em eleições passadas, Clinton celebrou as potencialidades do país e a sua diversidade demográfica, defendendo a noção de uma sociedade inclusiva, pronta para acolher e defender os direitos de qualquer indivíduo independentemente das suas origens e crenças religiosas, criticando a retórica e as medidas apresentadas por Trump relativamente à imigração ilegal (Holloway 66; Sides et al. 133). De facto, a campanha democrata prometeu dar continuidade às reformas iniciadas e aos sucessos alcançados durante a administração de Obama. Tal como foi acima abordado, a concepção da América e identidade nacional apresentadas pelo candidato afro-americano em 2008 encontravam-se baseadas nos valores da diversidade, igualdade,

união e cooperação, identificando-os como essenciais para o “aperfeiçoamento da união” e alcance do sonho americano. Em 2012, os fundamentos desta mensagem não foram alterados, mas, tal como Holloway aponta: “Obama shifted the balance of values more strongly toward communal principles to sustain his vision for America, asking citizens to persevere in the ‘long journey’ of American progress” (28). Independentemente da visão do presidente, para parte da população, as expectativas alimentadas em 2008 não tinham sido alcançadas, gerando descontentamento e ansiedade relativamente ao futuro do país em 2016 (28).

De acordo com a análise realizada por Craig Allen Smith, as principais preocupações da população americana em Fevereiro de 2016 eram distintas daquelas identificadas pelos eleitores em 2012. Apesar de este autor ter observado uma maior fragmentação dos temas que inquietavam os eleitores, a economia continuava a ser a temática mais destacada pelos inquiridos, seguida de uma insatisfação com a acção do governo e de uma preocupação com a imigração ilegal e o desemprego (11).<sup>94</sup> Estando conscientes das problemáticas mais relevantes, ambos os candidatos procuraram definir o seu posicionamento relativamente a cada uma destas questões, sendo que Clinton procurou ainda apelar ao público do sexo feminino abordando diversas temáticas menos exploradas por Trump. Assim, através dos seus discursos, debates, entrevistas, anúncios publicitários, publicações nas redes sociais e material disponibilizado nas páginas oficiais de cada campanha, os candidatos tentaram demarcar-se do seu oponente e apelar ao voto da população. À semelhança da abordagem tomada em relação às presidenciais de 2008 e tendo em conta a extensão e o objecto de estudo da presente dissertação, não será pertinente explorar todo o complexo panorama de discussão política desenvolvido entre os candidatos republicano e democrata, pelo que a contextualização aqui apresentada tem como foco as três problemáticas identificadas por C. Smith como sendo as mais relevantes para o eleitorado. Estas, por sua vez, foram os principais temas desenvolvidos por Trump durante a campanha, encontrando-se presentes no seu discurso inaugural.

Ao longo de toda a corrida presidencial e transversal à maioria das intervenções e publicações da campanha republicana, é possível observar a utilização de um discurso que procurava gerar descontentamento e inquietação por parte do público quanto ao estado da nação. Frequentemente, Trump apresentou ao seu público uma América em contínuo declínio

---

<sup>94</sup> É de notar que nos dados recolhidos por Craig A. Smith podem ser identificadas diferenças significativas na resposta dos inquiridos conforme a sua filiação política, sendo que aqueles que se identificaram como republicanos apresentavam uma maior insatisfação com o governo e uma maior preocupação com imigrantes ilegais e com o desemprego (12).

como resultado, principalmente, de um governo incompetente e corrupto<sup>95</sup> que não dera prioridade aos interesses dos seus cidadãos, deixando-os desprotegidos contra práticas comerciais desleais e contra os efeitos negativos da imigração ilegal. Como consequência desta má gestão governamental, o aumento do desemprego e subsequente empobrecimento da classe média haviam feito com que os Estados Unidos perdessem a sua posição de liderança a nível mundial, uma situação que o candidato republicano caracterizou diversas vezes associando-a a uma disputa entre nações: “We are in a competition with the world, and I want America to win. When I am president, we will” (Trump, “Economic” 11). Segundo Trump, outros países como o México e a China, mas também imigrantes ilegais em território nacional, tinham vindo a aproveitar-se não só da generosidade do povo americano, mas também da incompetência dos seus líderes para enriquecer – “We are the only country in the world whose immigration system puts the need of other nations ahead of our own” (“Immigration”).

Por conseguinte, seguindo a lógica apresentada pela campanha republicana, os Estados Unidos encontravam-se numa posição fragilizada a nível mundial e os seus cidadãos desprotegidos. Esta situação, como Trump a caracterizou, não só se tinha vindo a agravar, como a América estava em vias de alcançar uma posição economicamente insustentável da qual seria impossível recuperar: “According to the economists (...) that \$24 trillion – We’re very close – that’s the point of no return. \$24 trillion. We will be there soon. That’s when we become Greece. That’s when we become a country that’s unsalvageable. And we’re gonna be there soon. We’re gonna be there very soon” (“Announcement”). Perante esta terrível visão do futuro, o candidato republicano apresentou-se como a única figura capaz de reverter a progressiva degradação da economia e da sociedade americanas. Como tal, Trump prometeu colocar a América num caminho novamente ascendente que lhe devolveria o estatuto internacional e a qualidade de vida que os seus cidadãos mereciam. Tais promessas foram sumariadas pelo seu lema de campanha: “Make America Great Again”.

Originalmente, uma versão bastante semelhante deste slogan – “Let’s Make America Great Again” – foi utilizada por Reagan na sua campanha presidencial em 1980. À semelhança do antigo presidente, Trump procurou invocar um sentimento de nostalgia em

---

<sup>95</sup> A posição de Trump como o único candidato fora dos esquemas corruptos de Washington foi consolidada pelas provas de favoritismo do Comité Nacional Democrata em relação a Clinton e na recusa dos líderes republicanos em apoiarem o empresário nova-iorquino durante a convenção nacional do seu próprio partido (Holloway 66-67). É também de notar que, de forma a ir ao encontro das preocupações dos seus eleitores e procurando demarcar-se dos outros candidatos, Trump apresenta logo no início do plano de acção para os primeiros cem dias da sua administração diversas medidas para acabar com a corrupção em Washington (“Contract”).



relação a um passado glorioso que o candidato nunca chegou a definir com clareza. Ainda assim, esta indefinição estratégica apontava para um passado nostálgico de uma América branca, economicamente saudável e socialmente conservadora (Al-Ghazzi 57), evidenciando a deterioração da posição dos Estados Unidos no panorama internacional e a igual degradação da qualidade de vida dos seus habitantes. O candidato republicano propunha, então, o recuperar de uma América diferente daquela moldada pela administração Obama, por maus acordos comerciais, pelas elites e pela imigração ilegal, como afirma Cosgrove: “Thus, a vote for Trump was a vote for change back to an America in which working class Americans could make good money, everyone spoke English, law and order prevailed, and the country was feared and respected around the world” (27). Portanto, apesar do candidato republicano ter demonstrado ainda existir esperança no futuro da nação – “We are ready to dream great things for our country once again” (Trump, “Economic” 20) – o tom da sua mensagem eleitoral caracterizava a América de forma menos optimista do que a apresentada por Obama em 2008. Como foi acima explorado, apesar do agravar da situação económica do país, o candidato democrata focou a sua mensagem eleitoral na promessa e nas possibilidades da América, incitando à unidade entre os seus cidadãos, uma mensagem distante daquela apresentada por Trump que, tal como Sides et al. afirmam, não se tratava de unir a população, mas de proteger a América e os seus cidadãos das ameaças aos seus valores e estilo de vida (131).

Ainda assim, de modo similar a Obama e apesar do carácter nostálgico do seu lema de campanha, Trump procurou ser o candidato da mudança, caracterizando a sua futura administração como uma quebra em relação às políticas dos últimos anos – “We will offer a new future, not the same old failed policies of the past” (“Economic” 19). Aliás, esta cisão entre a sua administração e a do presidente em exercício foi muitas vezes reforçada recorrendo a uma caracterização desfavorável das políticas de Clinton, das quais Trump se afastou ao longo de toda a campanha. Tal como McCain tivera dificuldades em se distanciar da administração de Bush, a candidata foi também constantemente acusada pelo seu oponente não só de ter apoiado diversas decisões de Obama com resultados prejudiciais para o país, mas também de o seu mandato ser apenas uma continuação dessas mesmas medidas – “It [Trump’s tax reduction plan] will present a night-and-day contrast to the job-killing, tax-raising, poverty-inducing Obama-Clinton agenda” (6). Deste modo, ao descrever as políticas de Clinton como uma continuação da administração de Obama e ao distanciar-se constantemente da sua oponente, Trump procurou caracterizar as suas medidas como um

corte com a agenda prejudicial do presidente em funções: “She is the candidate of the past. Ours is the campaign of the future” (2).

Esta separação foi particularmente notória na abordagem de Trump relativamente ao estado da economia nacional. Em diversos momentos da campanha, o candidato republicano associou Clinton a vários acordos comerciais impopulares junto do seu eleitorado, relembrando o papel de Bill Clinton na entrada da China na Organização Mundial do Comércio e da sua intervenção na constituição do Tratado Norte-Americano de Livre Comércio, assim como o apoio da antiga primeira-dama à Parceria Transpacífica (Trump, “Economic” 2, 12; “Reforming”). De acordo com Trump, todas estas medidas haviam tido impactos negativos no desenvolvimento da economia, visto que, na sua perspectiva, outras nações tinham podido aproveitar-se das suas parcerias com os Estados Unidos para enriquecerem. Por conseguinte, a qualidade de vida dos cidadãos americanos fora também afectada, nomeadamente devido à deslocalização de fábricas para o estrangeiro e consequente aumento do desemprego. Ao consultarmos o plano de acção para os primeiros cem dias do mandato de Trump, verificamos que este anuncia a sua intenção de renegociar o Tratado Norte-Americano de Livre Comércio, a saída do país da Parceria Transpacífica e classifica a China como país manipulador dos mercados e da sua moeda, apresentando estes elementos como medidas que visam proteger os trabalhadores americanos. Ademais, Trump apresenta também várias políticas de combate ao desemprego, anunciando no seu plano a criação de vinte e cinco milhões de novos postos de trabalho através de uma redução e simplificação fiscal que visava fortalecer a classe média americana e a implementação de tarifas que desencorajassem a relocalização de fábricas de empresas americanas para o estrangeiro (“Contract”).

Tendo em conta estas medidas, é possível afirmar, tal como Julian Jansson Lindseth defende na sua análise, que Trump procurava implementar políticas fiscais conservadoras, defendendo um mercado livre com o mínimo de regulação governamental possível. Ainda assim, Trump propõe a intervenção directa do governo não só ao taxar empresas que queiram relocalizar as suas fábricas para o estrangeiro, mas também ao tomar medidas que as forcem a contractar trabalhadores nacionais, desencorajando a entrada de mais imigrantes, ainda que com vistos, em território nacional (28): “All our policies should be geared towards keeping jobs and wealth inside the United States” (Trump, “Economic” 8) Estas políticas, juntamente com as medidas relativas aos acordos comerciais, revelam uma insatisfação em relação ao panorama político e económico dos Estados Unidos, encontrando a sua solução na protecção dos trabalhadores e num foco unilateral em relação a políticas externas: “Americanism, not

globalism, will be our new credo” (“Economic” 20).<sup>96</sup> No entanto, de acordo com os planos apresentados pelo candidato republicano, estas medidas seriam apenas implementadas até que as condições dos acordos se tornassem mais justas para todas as nações envolvidas e a economia nacional melhorasse: “According to Trump and the Trump campaign, trade between the U.S. and other countries is not the problem in of itself, rather, the current terms under which trade forego are rigged to ‘steal’ from Americans” (Lindseth 23).

Para além destas medidas de carácter proteccionista, diversos autores chamam a atenção para a influência de princípios xenófobos nas políticas económicas apresentadas por Trump (Basu 547; Winders 42). Em conformidade com as preocupações dos eleitores identificadas por C. Smith, as medidas de combate ao desemprego apresentadas pelo candidato republicano incluem também uma revisão das regras de atribuição de vistos e um agravamento das penalizações para aqueles que as não cumprirem (Trump, “Contract”). Tais alterações são necessárias, pois de acordo com o candidato republicano, a classe média, um dos pilares da sociedade americana, tem vindo a ser destruída não só por acordos comerciais desastrosos, mas também pelas políticas de imigração: “the influx of foreign workers holds down salaries, keeps unemployment high, and makes it difficult for poor and working class Americans – including immigrants themselves and their children – to earn a middle class wage” (Trump, “Immigration”).

Assim, o candidato republicano identifica a população imigrante legal e ilegal como problemática, mas enquanto qualquer imigrante ilegal é identificado por Trump como uma ameaça, o seu discurso de campanha é bem mais ambíguo relativamente aos imigrantes legais:

Legal immigrants are also unwanted, but trumpism seems to be more conflicted regarding this group. Like the illegal immigrants they ‘steal’ jobs from Americans, and they also abuse the welfare system which trumpism implies are meant for the real Americans and not immigrants. Both groups of immigrants also contribute to a lowering of wages for the rest of Americans. However, (...) Trump’s plan to force companies to give coveted

---

<sup>96</sup> Atente-se que a rejeição de Trump dos termos dos acordos internacionais dos quais os Estados Unidos fazem parte não diz respeito apenas a parcerias económicas, sendo que o candidato republicano também demonstrou ser bastante crítico do funcionamento da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Lindseth 24) e dos programas relativos ao controlo das alterações climáticas. Em 2012, o empresário tinha já sugerido não confiar em resultados que apontassem para mudanças climáticas drásticas, tendo publicado no plano original dos primeiros cem dias da sua administração que iria reverter a participação dos Estados Unidos no Acordo de Paris (Hudson 50). Contudo, numa versão posterior, Trump apenas manteve a seguinte resolução: “cancel billions in payments to U.N. climate change programs and use the money to fix America’s water and environmental infrastructure” (“Contract”).

entry-level jobs to workers in the U.S. included specifically both ‘native and immigrant workers’. (Lindseth 22)

Independentemente da incerteza relativa ao posicionamento social dos imigrantes legais – se estes são “verdadeiros americanos”<sup>97</sup> ou não –, o impacto da imigração no mercado de trabalho americano é visto como sendo negativo. Logo, ao estabelecer a implementação de políticas que visam proteger os trabalhadores como um dos pontos prioritários da sua agenda, Trump apresenta um conjunto de medidas com o objectivo de assegurar a diminuição da taxa de desemprego como, por exemplo, restrições na atribuição de cartões de residência permanente, limitação da atribuição de vistos,<sup>98</sup> aumento das normas de admissão de refugiados e requerentes de asilo e fiscalizações para assegurar que todos aqueles que procuram residir nos Estados Unidos possuem meios para financiar as suas necessidades básicas (Trump, “Immigration”).

Adicionalmente, as políticas propostas pela campanha republicana que visavam limitar o número de imigrantes a entrarem em território nacional não tinham como fim único diminuir a taxa de desemprego, mas também proteger os cidadãos americanos dos crimes perpetrados pelos indivíduos perigosos que atravessavam a fronteira diariamente: “The impact [of illegal immigration] in terms of crime has been tragic. In recent weeks, the headlines have been covered with cases of criminals who crossed our border illegally only to go on to commit horrific crimes against Americans” (Trump, “Immigration”). Através de diversas afirmações semelhantes a esta, o candidato republicano conseguiu, então, juntar à insegurança laboral o medo em relação aos crimes violentos e acções terroristas levadas a cabo por indivíduos que procuram entrar ilegalmente em território nacional. Como solução, Trump propôs cortar o financiamento às “cidades-santuário”, deportar os imigrantes ilegais em território nacional, suspender a imigração de regiões “propensas ao terrorismo”, implementar novos processos de rastreio que assegurassem a entrada apenas de indivíduos que “apoiem o povo americano e os seus valores” e, finalmente, construir um muro<sup>99</sup>

---

<sup>97</sup> Tal como se tornará claro mais à frente, o discurso de Trump procurava apelar principalmente a um grupo demográfico constituído por homens, trabalhadores de classe média, brancos e sem educação superior, contrastando-o com elementos de comunidades minoritárias e imigrantes. Ainda assim, é de notar que esta fracção da sociedade foi muitas vezes definida contrastando-a com o Outro (mulheres, imigrantes, minorias e membros da comunidade LGBT, das elites económicas e intelectuais e da classe política), culpando-o pelos problemas enfrentados pelo povo americano (Kreis 3).

<sup>98</sup> No seu plano de reforma das políticas de imigração, Trump promete terminar com a atribuição de vistos que permitem a contratação de trabalhadores estrangeiros especializados como o H-1B e programas de empregabilidade para jovens associados ao visa J-1 (Trump, “Immigration”).

<sup>99</sup> A proposta de construir um muro na fronteira com o México foi apresentada pela primeira vez no anúncio à candidatura presidencial de Trump e tornou-se num dos símbolos da sua campanha. Segundo a análise realizada

financiado pelo México na fronteira com o país (Trump, “Contract”). Apesar da vitória de Trump, todas estas medidas foram bastante criticadas durante a campanha e o candidato acusado de querer reconstruir uma América étnica e culturalmente homogênea (Winders 42).

Finalmente, de acordo com o plano apresentado por Trump, todas estas medidas iriam levar ao início de uma nova época de prosperidade para os Estados Unidos, invertendo as políticas dos últimos anos<sup>100</sup> que apenas teriam contribuído para um enfraquecimento do país e das quais outras nações e populações migrantes tiravam proveito: “When we abandoned the policy of America First, we started rebuilding other countries instead of our own. The skyscrapers went up in Beijing, and in many other cities around the world, while the factories and neighborhoods crumbled in Detroit. Our roads and bridges fell into disrepair, yet we found the money to resettle millions of refugees at taxpayer expense.” (Trump, “Economic” 1). Com a administração de Trump, seria possível voltar a investir na recuperação do estatuto da nação a nível internacional, assim como na reconstrução do país em si através não só do fortalecimento do exército americano, deixando os seus cidadãos seguros contra ameaças estrangeiras, mas também da reconstrução das infra-estruturas em território nacional, incentivando novos investimentos no país (“Contract”).

#### **2.2.4. Resultado das Presidenciais: a Vitória de Donald Trump**

O candidato republicano ganhou as eleições de 2016 não só ao reter o apoio da grande maioria dos eleitores que votaram em Mitt Romney, em 2012, mas também ao ganhar o voto de um grupo significativo de cidadãos nos chamados *swing states*, permitindo-lhe assim obter uma pequena vantagem sobre a sua adversária no Colégio Eleitoral. A maioria dos apoiantes de Trump pertenciam ao Partido Republicano, possuíam rendimentos médios ou altos e caracterizavam-se como conservadores tanto em termos fiscais – alguns deles também fortes apoiantes do comércio livre – como morais. Contudo, Trump foi também capaz de apelar a outros grupos sociais constituídos por cidadãos com um baixo nível de escolaridade, menor taxa anual de rendimentos, um sentimento de desconfiança relativamente às elites políticas e

---

por Hooghe e Marien, a imagem do muro foi particularmente bem sucedida junto dos apoiantes do candidato republicano por permitir uma expressão concreta dos seus medos, ao mesmo tempo que se apresentava como uma solução: “The wall offers a return to a way of life that has disappeared, because of increasing globalization, economic flows and demographic change. The wall symbolizes the promise of happiness in a closed society under threat” (44).

<sup>100</sup> Trump propõe reverter diversas acções executivas, comunicados e ordens de Obama, sendo que a revogação mais significativa provavelmente dizia respeito ao programa *Obamacare* que o candidato republicano propôs anular por completo durante a sua campanha (“Contract”). Contudo, Trump prometeu, igualmente, melhorar os programas de *Medicare* e *Medicaid*, assim como manter o sistema de segurança social, contrastando com os programas de outros candidatos republicanos (Lindseth 29-30).

intelectuais, uma ansiedade relativamente ao estado da sociedade e às perspectivas para o futuro e, ainda, muitos daqueles que não se identificavam fortemente com nenhum dos dois principais partidos políticos.<sup>101</sup> Por outro lado, os resultados de Clinton foram negativamente afectados pela baixa taxa de participação de eleitores afro-americanos, jovens pertencentes a comunidades minoritárias e estudantes. Ademais, apesar dos esforços de campanha direccionados para o público feminino, Clinton também perdeu para Trump cinquenta e três por cento do voto das mulheres brancas (Eatwell and Goodwin 15, 17-19; Kenski and Kenski, “Explaining” 299).

A falta de popularidade da candidata resultou não só de todas as controvérsias políticas nas quais Clinton se viu envolvida ao longo da campanha, levando à progressiva degradação da sua imagem pública e constantes acusações de corrupção, mas também da sua administração ter sido interpretada como uma continuação do mandato de Obama, algo que desagradava aos eleitores desapontados com os últimos oito anos (Jacobson 17-19). Por outro lado, apesar da falta de aprovação inicial por parte dos líderes do Partido Republicano, Trump conseguiu reunir o apoio dos seus eleitores e ainda apelar a grupos demográficos que, anteriormente, tinham contribuído para a eleição de Obama e que Clinton acaba por perder definitivamente após denegrir os apoiantes do seu adversário: “While Trump fed and validated the resentments of a huge segment of the population toward the liberal urban elite, Clinton defined them in a stunningly negative manner. No wonder they so strongly supported Trump” (Goethals 419). A obtenção destes votos foi particularmente decisiva nos estados da cintura industrial – o “Rust Belt” –, onde o discurso populista de Trump conseguiu atrair o apoio maioritário de um grupo demográfico constituído por homens brancos sem educação superior.<sup>102</sup> Segundo Charles Post, a vitória do candidato republicano foi o resultado de um processo de luta pelo poder político com início na criação do movimento do *Tea Party* em 2008<sup>103</sup> e progressivo apoio de elementos da classe média a políticas populistas nacionalistas

---

<sup>101</sup> Note-se que, segundo a análise realizada por Monnat e Brown, as áreas que experienciaram uma mudança mais drástica no voto, mudando de democrata para republicano, não estão entre as mais pobres, mas são aquelas em que a qualidade de vida dos seus cidadãos mais se degradou ao longo dos últimos anos: “In these places [Industrial Midwest], good jobs and the dignity of work have been replaced by suffering, hopelessness and despair; the feeling that America is not so great anymore, and the belief that people in power do not care about them or their communities” (232).

<sup>102</sup> A candidatura de Trump não foi inteiramente responsável pela transição do apoio deste grupo demográfico do Partido Democrata para o Republicano, sendo que este foi um fenómeno observado ainda durante o mandato de Obama (Eatwell and Goodwin 249-250; Sides et al. 26). Ainda assim, a vitória de Trump pode ser atribuída a um aumento dos níveis de abstenção entre os eleitores tradicionalmente democratas e não a um forte aumento do apoio ao Partido Republicano (Post 104).

<sup>103</sup> A crise financeira de 2008 e a subsequente eleição de Obama para o cargo da presidência deram origem a uma perda de confiança não só no sistema capitalista, mas também na própria capacidade da classe política de governar o país e de prevenir futuras crises económicas. Assim, dentro do Partido Republicano, nasceu o

que responsabilizam maioritariamente as minorias e os imigrantes pela deterioração do seu posicionamento social (100, 105).

As ansiedades políticas, culturais e identitárias desta fracção possuída por sentimentos de marginalização do discurso nacional e consequentes problemas de auto-valorização foram exploradas na sua vertente sulista por Arlie Russell Hochschild, na obra *Strangers in Their Own Land: Anger and Mourning on the American Right* (2016),<sup>104</sup> e definidas pela autora da seguinte forma:

You turn to your workplace for respect – but wages are flat and jobs insecure. So you look to other sources of honor. You get no extra points for your race. You look to gender, but if you’re a man, you get no extra points for that either. If you are straight you are proud to be a married heterosexual male, but that pride is now seen as a potential sign of homophobia – a source of dishonor. Regional honor? Not that either. You are often disparaged for the place you call home. As for the church, many look down on it, and the proportion of Americans outside any denomination has risen. You are old, but in America, attention is trained on the young. People like you – white, Christian, working and middle class – suffer this sense of fading honor demographically too, as this very group has declined in numbers.

You have the impulse to call out, “I’m part of a minority too!” But you have criticized just such appeals for sympathy when others have made them on similar grounds. You feel stuck between a strong desire to be recognized for who you really are and all you’ve really done, and dread at joining the parade of “poor me’s.” You want to rise up against these downward forces. There is a political movement made up of people such as yourself who share your deep story. It’s called the Tea Party. (216-217)

A partir deste excerto, é possível adquirir um melhor entendimento das inquietações não só económicas, mas principalmente culturais que estiveram na origem do apoio dado a Trump durante as presidenciais. Hochschild descreve, então, a encruzilhada identitária na qual este grupo demográfico se encontra, incapaz de recuperar a segurança laboral ou um motivo de valorização da sua posição na sociedade, pois, apesar de se considerarem trabalhadores que

---

movimento do *Tea Party* constituído por fortes opositores ao programa económico de Obama (Pollak and Schweikart 30-31): “The ‘Tea Party’ began as an alliance between a grass-roots rebellion of older, White, suburban small businesspeople, professionals and managers, and elements of the capitalist class” (Post 101). Para um maior aprofundamento desta questão cf. Post, Carles “The Roots of Trumpism.” *Cultural Dynamics*, vol. 29, no. 1-2, 2017, pp. 100-116.

<sup>104</sup> Esta obra resultou de uma tentativa por parte da autora de melhor compreender a crescente separação cultural entre democratas e republicanos através de uma série de entrevistas realizadas, ao longo de cinco anos, a apoiantes do movimento *Tea Party* da cidade de Lake Charles no Louisiana.

acreditam no valor do esforço, da persistência e da autonomia, assistem a uma constante depreciação da sua forma de vida, enquanto elementos pertencentes a minorias ou imigrantes são protegidos e beneficiados pelo mesmo sistema político e social que ameaça a sua vivência.<sup>105</sup> Consequentemente, em 2016, esta foi uma das fracções sociais chave que, apoiando os ideais do *Tea Party*, encontrou no discurso populista de Trump uma solução política para os seus problemas.

Na obra *National Populism: The Revolt Against Liberal Democracy* (2018), os autores Roger Eatwell e Matthew Goodwin definem a vertente do populismo nacionalista<sup>106</sup> a que associam directamente Donald Trump da seguinte forma: “National populism is an ideology which prioritizes the culture and interests of the nation, and which promises to give voice to a people who feel that they have been neglected, even held in contempt, by distant and often corrupt elites” (48). No contexto das eleições presidenciais em questão, tal como foi acima assinalado, Trump não só se distanciou dos outros candidatos, em particular de Clinton, procurando demonstrar não pertencer às elites corruptas de Washington, como também prometeu voltar a “colocar a América primeiro”, promovendo um conjunto de medidas que iriam proteger a economia do país de acordos internacionais mal negociados, assim como os cidadãos americanos de políticas de imigração nocivas para a sua segurança. De acordo com estes dois autores, o discurso político associado ao populismo nacionalista explora no público a ansiedade causada principalmente por quatro fenómenos sociais que, por sua vez, são também aspectos fundamentais para uma melhor compreensão do apoio recebido por Trump nas presidenciais.

Primeiro, o crescimento generalizado da desconfiança na classe e instituições políticas do país levou à difusão por entre uma parte significativa do eleitorado do sentimento de que já não se encontravam politicamente representados por qualquer partido, ficando assim excluídos da vida política do país (xxi, 106). Por sua vez, este distanciamento entre fracções da população e os seus representantes pode ser melhor compreendido pelas diferenças entre o

---

<sup>105</sup> No ensaio “Making America Great Again?: The Fascist Body Politics of Donald Trump”, Gökariksel e Smith apontam para as mudanças na demografia dos Estados Unidos, para a eleição de Obama, para movimentos sociais como o *Black Lives Matter* e para a possibilidade de uma mulher ganhar as eleições como factores chave no apoio concedido à campanha de Trump (79).

<sup>106</sup> Eatwell e Goodwin caracterizam figuras populistas como Trump de nacionalistas de modo a clarificarem a forma de populismo a que se referem. Neste caso, os autores procuram afastar-se da concepção do populismo como apenas um modo de fazer política – um estilo – e enfatizar a sua ideologia própria. Assim, ao referirem-se a um populismo nacionalista, complementam os seus fundamentos ideológicos com o desejo apresentado pelos seus líderes e apoiantes de promover os interesses da nação e de proteger a identidade nacional de drásticas transformações. Ademais, ao enfatizarem o termo populismo – em vez de se referirem a um nacionalismo populista – Eatwell e Goodwin procuram enfatizar a forma como aqueles que não se sentem representados pelos seus dirigentes políticos pretendem fazer-se ouvir (78-80).



trajecto educacional de ambos: “Today, when these groups [the working class and less well educated] look at their representatives they often see people who have had a completely different upbringing, lead fundamentally different lives and hold very different values. Education lies at the heart of this divide” (106). Tal disparidade era particularmente acentuada nos estados pertencentes à cintura industrial que deram a vitória a Trump, onde o número de brancos sem educação superior apoiantes do candidato republicano excedia significativamente o grupo de cidadãos brancos detentores de um curso universitário (107).

Estas diferenças educacionais repercutiram-se também no posicionamento político de cada grupo demográfico quanto a questões identitárias e imigratórias, pois a clivagem entre a classe trabalhadora sem educação superior e o que esta considera serem as elites intelectuais e políticas representadas por Clinton em 2016 foi significativa: “Hillary Clinton talked much about African Americans, Latinos, LGBT communities and women, but she spoke much less about working-class whites without degrees” (113). Por outro lado, Trump deu voz a esta fracção da sociedade cuja exclusão do discurso político nacional protector da diversidade a encorajou a auto-representar-se como um grupo de cidadãos ignorados e marginalizados, procurando proteger a sua identidade e um modo de vida que sentiam estar sob ameaça. Ademais, este fenómeno de polarização política e de uma certa desconfiança para com as elites intelectuais foi agravado pelo crescimento de uma preocupação generalizada com a utilização de um discurso politicamente correcto e inclusivo das minorias:

So it was with joyous relief that many heard a Donald Trump who seemed to be wildly, omnipotently, magically free of all PC constraint. He generalized about all Muslims, all Mexicans, all women (...) Trump jovially imitated a disabled journalist by physically shaking his arm in imitation of palsy – all deeply derogatory actions in the eyes of Trump’s detractors but liberating to those who had felt constrained to pretend sympathy. Trump allowed them both to feel like a good moral American and to feel superior to those they considered ‘other’ or beneath them. (Hochschild 331)

Logo, é possível afirmar que parte do sucesso das medidas apresentadas pelo candidato republicano, assim como dos seus comentários considerados ofensivos por muitos, resultou do facto de ambos validarem o descontentamento e a insegurança sentidos pelos seus apoiantes e denunciarem a opressão gerada por agendas politicamente correctas defendidas

maioritariamente por jovens e elementos de grupos liberais com educação superior (Eatwell and Goodwin 85, 113-115).<sup>107</sup>

O segundo fenómeno apontado por Eatwell e Goodwin como responsável pelo sucesso da retórica populista de Trump encontra-se intimamente ligado ao primeiro e prende-se com a forma como a imigração e as rápidas mudanças na constituição étnica da população americana<sup>108</sup> estiveram na origem de um receio relativo à possível destruição da identidade nacional e forma de vida a esta associada. De acordo com estes autores, a inquietação gerada pela quantidade de imigrantes legais e ilegais a entrarem nos Estados Unidos não tem somente origem económica, nem se prende unicamente com questões de segurança como as medidas apresentadas por Trump poderiam fazer crer. A ansiedade resultante destas alterações demográficas é também gerada por questões identitárias e culturais:

Cultural fears arise from concerns, shared by many, about immigrants who cannot speak the language, minorities who do not respect women's rights, the practice of female genital mutilation and other cultural traditions that appear to undermine or challenge the established community, or ethnic and religious groups which do not seem to integrate into wider society. Demographic fears flow from a belief that the scale and pace of immigration put the longer-term survival of the national group at risk, amounting to intense concern about its possible *destruction*; they are not necessarily grounded in objective reality but they are still potent. Many people feel that ethnic shifts are now completely out of control and that their much-cherished ways of life are under imminent threat. (147)

De facto, nas eleições de 2016, as políticas defendidas por Trump receberam uma considerável aceitação em áreas outrora dominadas por comunidades brancas, mas que,

---

<sup>107</sup> Enquanto muitos dos comentários de Trump eram considerados gafes cometidas pelo candidato, eles podem também ter contribuído para melhorar a sua credibilidade, fazendo com que fosse visto pelos seus apoiantes como uma figura sincera com quem se poderiam identificar (Vance). Não obstante, atente-se no facto de muitos dos apoiantes de Trump terem continuado a desaprovar o comportamento do candidato republicano, pelo que o seu apoio pode ser interpretado também como um voto de protesto contra a censura imposta ao discurso na esfera pública pelos defensores do politicamente correcto: “The public was and remains to a large extent outraged at the public crucifixions performed on this [the political correctness] altar. Far from approving of Trump's verbal transgressions, the public that endorsed Trump's triumph was rejecting the judge and jury that was conducting the trials on these transgressions” (Voth 91). Esta tomada de posição procurou, então, questionar a monopolização da discussão de temáticas como os direitos das minorias, das mulheres ou da comunidade LGBT pelas elites intelectuais do país, assim como as suas acusações de discriminação: “there was a deep-seated anger in the public toward the abuse of ‘-isms’ in the public sphere. This went beyond political correctness and toward the management of discrimination claims by an epistemological elite that factored in benefits for this elite and punishment or decline for those outside the political establishment” (91).

<sup>108</sup> Em 2011, já mais de metade das cidades americanas era habitada maioritariamente por elementos de minorias étnicas (Eatwell and Goodwin 140).

recentemente, haviam passado por drásticas alterações demográficas provocadas pela chegada de imigrantes vindos, principalmente, da América Latina (164): “Trump’s support was thus partly an ‘adversarial reaction’ among Americans who felt under threat from the rapid expansion of Latino populations in their own communities” (165). Por isso, o sucesso das medidas propostas pelo candidato republicano quanto à limitação da entrada de imigrantes em solo nacional pode ser interpretado como parte de uma reacção antagónica que chegou a atrair elementos do eleitorado democrata inquietos quanto à transformação étnica do país (34).<sup>109</sup>

O terceiro factor social responsável pela adesão de parte do eleitorado americano à retórica populista de Trump prende-se com o desenvolvimento entre os seus apoiantes de um sentimento de privação resultante do crescimento da desigualdade de rendimentos e riqueza pessoal, levando a uma perda de optimismo relativamente ao futuro. Esta preocupação com o aumento da disparidade financeira não afectou maioritariamente as escolhas eleitorais dos mais desfavorecidos, mas daqueles com rendimentos médios,<sup>110</sup> demonstrando como em relação ao panorama económico do país, mais do que factos objectivos, as percepções dos cidadãos são bastante relevantes: “what matters more in the economic context is people’s state of mind – their *subjective* perceptions about how their own position and that of their wider group is changing *compared to others in society*” (181). Esta comparação é estabelecida não só a nível internacional, confrontando o desenvolvimento económico das diferentes nações, mas também a nível interno, contrapondo a situação financeira individual e de uma comunidade com as das restantes.

Por conseguinte, muitas das medidas de Donald Trump relativas ao comércio internacional e mercado de trabalho vieram validar o cepticismo de muitos quanto ao funcionamento do mercado livre, aos acordos comerciais, como o Tratado Norte-Americano de Livre Comércio e a Parceria Transpacífica, e à contratação de mão de obra imigrante. Além disso, a própria forma como Trump recorrentemente utilizou a ideia de competição e um vocabulário evocativo de violência de modo a definir a relação entre os Estados Unidos e outras nações contribuiu para o agravamento da desconfiança e para o descontentamento

---

<sup>109</sup> Note-se que cidadãos americanos brancos que afirmavam sentirem-se frequentemente como estranhos no seu próprio país e que este necessitava de protecção contra influências externas possuíam uma predisposição quatro vezes maior para votar em Trump do que aqueles que não se sentiam culturalmente deslocados (Eatwell and Goodwin 33).

<sup>110</sup> Durante as primárias, o rendimento familiar médio de um apoiante de Trump era de setenta e dois mil dólares anuais e o de um apoiante de Clinton era de sessenta e um mil dólares. Logo, não foram apenas temáticas económicas que fortaleceram o apoio recebido por Trump (Eatwell and Goodwin 4): “Against expectations, however, they [Trump supporters] were individually no worse off economically than other Americans in similar occupations and were less likely to work in industries threatened by foreign competition” (Jacobson 22).

sentidos pelos eleitores. Tal como foi acima explorado, o plano do candidato republicano visava colocar a América em primeiro lugar e proteger os interesses dos seus trabalhadores, renegociando os acordos anteriormente estabelecidos, fazendo com que outros países cumprissem as normas estabelecidas e incentivando a contratação de cidadãos nacionais. A nível interno, as alterações nos impostos propostas por Trump eram apresentadas com o objectivo de proteger e fomentar o desenvolvimento da classe média.

Adicionalmente, o sentimento de privação mencionado não se encontra unicamente centrado em questões monetárias, mas engloba preocupações relativas à dignidade do indivíduo, à sua auto-valorização e posicionamento social: “Over recent years, white male workers who have few qualifications and are therefore ill equipped to navigate the economic storms have become especially likely to feel as though their status in society has declined relative to others and they are no longer fully recognized and valued members of wider society” (Eatwell and Goodwin 212-213). Desta forma, a noção de privação pode manifestar-se num descontentamento para com o tratamento privilegiado dos mais ricos, das minorias através dos programas de acção afirmativa e da população imigrante que, na perspectiva destes cidadãos, beneficia de um sistema de assistência social para o qual não contribuiu: “They [Trump supporters] distrust the government and believe that its social programs serve mostly undeserving racial minorities and immigrants rather than people like them. They feel abandoned and marginalized” (Jacobson 22).<sup>111</sup> Consequentemente, esta falta de capacidade da classe política em lidar com a desigualdade, apenas alimentou a ideia de privação relativa e a procura por parte do eleitorado de vozes alternativas que fossem capazes de valorizar e resolver esta problemática (Eatwell and Goodwin 213). Nas presidenciais de 2016, Trump surge como essa figura, cuja inexperiência política se revelou uma vantagem, assim como o seu discurso centrado na protecção da classe trabalhadora, nas restrições à

---

<sup>111</sup> No ensaio “The Wound of Whiteness: Conceptualizing Economic Convergence as Trauma in the 2016 United States Presidential Election”, Maureen Sioh conceptualiza o fenómeno de convergência económica entre a classe média branca e outras minorias como uma experiência traumática para a primeira: “I argue that White men and women vis-à-vis racial minorities, construct the erosion of the normative social compact and consequent loss of racial privilege as trauma because it entails submission to humiliation and loss of status, experienced as a position of gendered subjectivity” (112). De modo semelhante a Eatwell e Goodwin, Sioh aponta, então, para a importância que a percepção subjectiva que cada indivíduo possui do seu posicionamento económico, social e cultural *em relação* a outros grupos da sua sociedade tem para a valorização que este faz da sua própria identidade e cultura (113). Ademais, de acordo com a autora, se a experiência da comunidade branca de classe média pode ser compreendida como traumática, a própria linguagem ofensiva de Trump é justificável segundo os seus apoiantes, pois surge como resposta a um ataque iniciado pelo “Outro”, neste caso, minorias e imigrantes: “The crudeness and vulgarity of Trump’s language is deliberate – language is a weapon against those who are offended by it. (...) The meaning of voting for Trump is rammed home by the cultural commensurability of the language that accompanied the vote” (117).

imigração e na limitação da assistência social providenciada pelo estado às minorias e imigrantes (Trump, “Immigration”).

O último fenómeno social identificado por Eatwell e Goodwin como essencial para a compreensão do sucesso de líderes populistas nacionalistas, em particular de Trump, prende-se com o progressivo enfraquecimento da identificação de grande parte do eleitorado com os principais partidos políticos. Esta alteração levou a uma maior instabilidade em períodos de eleição, visto que muitos dos eleitores não desenvolvem um sentimento de lealdade para com um só partido (225, 246). Consequentemente, em 2016, mais de oito milhões de cidadãos que anteriormente tinham votado em Obama apoiaram Trump, sendo que o grupo demográfico mais significativo a efectuar esta mudança faz parte da “maioria silenciosa” americana, neste caso, cidadãos brancos com poucas qualificações: “While their anxiety over immigration and ethnic change were important ‘push’ factors for these voters, so too was their feeling that liberal urban elites did not understand people like them” (249). Trump ganhou, então, o voto de muitos destes trabalhadores socialmente conservadores que, por um lado, não se revêem em movimentos liberais com agendas focadas nos direitos das minorias e da comunidade LGBT, na criação de uma sociedade multicultural e em campanhas contra o racismo e a prevenção das alterações climáticas. Por outro, também apoiam um governo com capacidade de melhorar as condições de vida daqueles que não podem trabalhar, assim como a possibilidade de providenciar cuidados de saúde adequados aos seus cidadãos (234, 264).

Em suma, fazendo uso de um discurso populista nacionalista, Trump parte da imagem de um país em declínio e centra a sua mensagem de campanha na procura e possibilidade de recuperação de uma América supostamente perdida. Apesar deste foco num passado imaginado, o empresário nova-iorquino consegue auto-caracterizar-se como o candidato da renovação e mudança, prometendo proteger a América e conservar uma versão restrita da sua identidade nacional. Portanto, tal como Sides et al. afirmam, ainda que o estado da economia fosse uma das preocupações principais do eleitorado em 2016, as questões identitárias sobrepuseram-se, fazendo com que a esfera pública fosse dominada pelas temáticas das minorias, da imigração e da desigualdade racial discutidas por Trump a partir de um prisma económico (156): “voters’ choices in 2016 were not necessarily about how much prejudice they felt towards minorities, although there were certainly voters who expressed explicitly prejudiced views. Instead, the divide had more to do with how people explained economic outcomes in the first place” (177). Por seu lado, Clinton viu-se incapaz de oferecer aos seus concidadãos uma visão credível de renovação e progresso: “Her Presidency promised a rerun

of Obama but without the charisma and the sense of profound social optimism” (Short 102). Consequentemente, a fraca prestação da candidata democrata levou não só a um aumento das taxas de abstenção dos grupos eleitorais que lhe dariam a vitória, mas também a uma perda do apoio de uma fracção significativa dos elementos brancos da classe média a quem Clinton pouco se dirigiu durante a campanha.

### **Capítulo 3: Lamentação, Ansiedade e Renovação na Contemporaneidade**

#### **3.1. O Discurso Inaugural de Barack Obama como Jeremiada Americana**

À semelhança de anteriores discursos inaugurais proferidos por presidentes no início do seu primeiro mandato, Barack Obama começa por brevemente reconhecer o carácter simbólico da sua tomada de posse como o culminar de um ritual de passagem e de transição pacífica de poder de uma administração para a seguinte, agradecendo a cooperação e generosidade do presidente cessante durante todo o processo. De seguida, tal como seria espectável no discurso inaugural de um novo presidente, Obama demonstra estar consciente do estado da nação, caracterizando o momento como crítico para o futuro do país e enumerando as principais dificuldades a enfrentar. Estas, por sua vez, coincidem com os temas abordados durante a campanha, nomeadamente a crise económica e suas consequências, a Guerra do Iraque, o elevado custo dos cuidados de saúde, o débil estado do sistema educacional e a utilização irresponsável dos recursos energéticos do planeta: “Our nation is at war, against a far-reaching network of hatred. Our economy is badly weakened (...) Homes have been lost; jobs shed; businesses shuttered. Our health care is too costly; our schools fail too many; and each day brings further evidence that the ways we use energy strengthen our adversaries and threaten our planet” (374).

Esta enumeração, tal como foi acima desenvolvido, constitui um elemento fundamental da estrutura do discurso inaugural, visto ser essencial que o novo chefe do poder executivo demonstre possuir capacidade de liderar o país, reconhecendo os desafios por este enfrentados. Ainda assim, Obama não se limita a apresentar as problemáticas que afectam os seus concidadãos, mas singulariza o momento presente como um estado de crise: “The words [of the presidential oath] have been spoken during rising tides of prosperity and the still waters of peace. Yet, every so often the oath is taken amidst gathering clouds and raging storms” (373-374). Para além desta imagem sombria, o presidente identifica também os responsáveis pelo declínio da nação, apontando, em parte, para as acções gananciosas e irresponsáveis de alguns, mas responsabilizando principalmente todos os cidadãos americanos pela sua inacção, protecção de interesses mesquinhos e incapacidade de tomar decisões difíceis que implicariam sacrifícios tanto a nível pessoal como comunitário (374-375). Assim, ao caracterizar as falhas cometidas como colectivas, Obama evita gerar antagonismos entre diferentes fracções da sociedade e agravar possíveis animosidades criadas durante a corrida eleitoral, conservando a sua mensagem de campanha centrada na união da

população e cumprindo uma das funções essenciais do discurso inaugural, assim como da figura do presidente ao promover a unidade nacional.

Não obstante, contrariando esta visão calamitosa do futuro da nação e em conformidade com a sua mensagem de campanha, Obama dirige-se aos seus concidadãos num tom esperançoso, partilhando a sua convicção na capacidade de reforma da América e demarcando o momento da sua eleição como um ponto de viragem: “Today I say to you that the challenges we face are real. They are serious and they are many. They will not be met easily or in a short span of time. But know this America – They will be met” (374). Apesar desta reafirmação da sua confiança no futuro, o novo presidente não deixa de demonstrar estar consciente das exigências e limitações do seu cargo. Ainda assim, assume a posição de chefe do poder executivo, elevando o ânimo da assistência ao dedicar grande parte da sua intervenção à definição de objectivos futuros e delineando o caminho para os alcançar. Este, segundo Obama, teria de consistir, em primeiro lugar, numa renovação da dedicação da população aos ideais das figuras fundadoras da nação presentes em documentos como a Declaração da Independência e Constituição (374). De seguida, é reconhecido o valor das competências da população, demonstrando como esta ainda possui as aptidões práticas necessárias para recuperar a promessa da América: “We remain the most prosperous, powerful nation on Earth. Our workers are no less productive than when this crisis began. Our minds are no less inventive, our goods and services no less needed than they were last week or last month or last year. Our capacity remains undiminished” (375). Adicionalmente, ao longo do discurso, Obama apresenta diversas medidas concretas que visam terminar com a Guerra do Iraque e combater a ineficácia do governo, o terrorismo, a crise económica e suas consequências, a degradação das infra-estruturas e do sistema educacional do país, os elevados custos do seu sistema de saúde e, por último, a utilização de fontes de energia nocivas para o ambiente (375-376).

É possível, também, perceber como as soluções apresentadas por Obama se traduzem não só em medidas políticas concretas, mas também numa alteração da disposição interna da população, incitando-a a recuperar certos valores de anteriores gerações e a aplicá-los à realidade contemporânea: “Our challenges may be new. The instruments with which we meet them may be new. But those values upon which our success depends – honesty and hard work, courage and fair play, tolerance and curiosity, loyalty and patriotism – these things are old. These things are true. They have been the quiet force of progress throughout our history” (378). De facto, para além das adversidades políticas, económicas e sociais identificadas, o quadragésimo quarto presidente mostra-se igualmente preocupado com uma generalizada



perda de confiança da população na prosperidade dos Estados Unidos: “Less measurable but no less profound is a sapping of confidence across our land – a nagging fear that America’s decline is inevitable, that the next generation must lower its sights” (374). Desta forma, como consequência do declínio material experienciado pelo povo americano, Obama chama a atenção do seu público para o desenvolvimento de uma crise interna que afecta não só a confiança dos americanos, como a sua própria visão da América, inviabilizando o sonho americano e gerando a necessidade de uma revisão identitária.

Por sua vez, a descrição dos diversos problemas de natureza política, económica e social que afectam uma sociedade, caracterizando a contemporaneidade como um momento de declínio e crise em relação ao passado, a identificação dos factores causadores de tal degradação, responsabilizando a própria comunidade, e o apelo à renovação de acções e valores considerados virtuosos, propondo um plano de acção a seguir, são as três características fundamentais da expressão americana da jeremiada que, tal como é possível constatar, também se encontram presentes no primeiro discurso inaugural de Obama. Ademais, é igualmente possível identificar nesta intervenção a mesma função simbólica atribuída à jeremiada americana desde a sua génese, visto que tanto o discurso de Obama como o sermão político puritano expressam uma preocupação com a definição dos objectivos da comunidade a que se dirigem, caracterizando o presente como um momento de crise identitária. De facto, tal como os líderes da segunda e terceira gerações de Puritanos utilizaram a fórmula da jeremiada como resposta para a ansiedade gerada perante uma nova realidade, reinventando a missão definida pelos primeiros colonos, Obama responde aos problemas políticos, económicos, bélicos e sociais do país e consequente perda de confiança na promessa da América utilizando o seu primeiro discurso como presidente dos Estados Unidos para demarcar um ponto de viragem no destino da nação e repensar a América, assim como a sua identidade nacional.

Com efeito, Obama foi eleito como o candidato da mudança, promovendo-se uma mensagem de campanha que visava apresentá-lo como a solução para as ansiedades da população quanto ao futuro do país. As medidas tomadas pela anterior administração e o presente estado da nação haviam contribuído, segundo o novo presidente, para consolidar aos olhos do cidadão comum a inevitabilidade do declínio dos Estados Unidos. A eleição e tomada de posse de Obama realizam-se, então, num momento em que a prosperidade prometida pelo sonho americano se encontra desacreditada como resultado da presente crise económica. Desta forma, no seu discurso inaugural, Obama estabelece uma relação de proximidade entre as dificuldades materiais enfrentadas pela população e a forma de

conceber a nação, sendo que tais adversidades levaram ao questionamento das potencialidades da promessa americana e, conseqüentemente, a uma necessidade de revisão da narrativa identitária nacional.

Por conseguinte, Obama caracteriza a sua eleição como um ponto de viragem e reitera a necessidade urgente de dar por terminado o período de polarização, más decisões e estagnação dos últimos anos, apelando à sua assistência para que renovasse os seus esforços e voltasse a dedicar-se à nação: “But our time of standing pat, of protecting narrow interests and putting off unpleasant decisions – that time has surely passed. Starting today, we must pick ourselves up, dust ourselves off, and begin again the work of remaking America” (375). De seguida, o presidente delineia as diversas soluções a ser implementadas durante o seu mandato. Naturalmente, estas são apenas ideias gerais que irão guiar a nova administração, pelo que o seu apelo à acção por parte do público não é, neste aspecto, literal. No entanto, segundo as palavras de Obama, torna-se claro não só que o esforço necessário para, por exemplo, melhorar o estado da economia, criar novos empregos ou construir novas infra-estruturas é apenas possível se a população partilhar objectivos comuns, mas também que o esforço de “refazer a América” é igualmente simbólico, apontando para uma concepção da nação em permanente construção, na qual Obama incita os seus concidadãos a participar. Por isso, apesar das medidas apresentadas serem propostas para contemplação do público, este discurso inaugural visa também apelar à concretização de um ideal simbólico dependente de um esforço concreto da população. Logo, relativamente ao texto em análise, é possível argumentar que a incitação da assistência à acção não se aplica tanto às medidas concretas apresentadas, mas a actos internos responsáveis pela forma de conceber o país e a identidade nacional.

Como parte deste projecto que visa retomar a construção da América, o novo presidente sublinha, em primeiro lugar, a importância da recuperação da esperança no futuro, da unidade da população em torno de um mesmo propósito e o fim de um discurso político polarizador:

On this day, we gather because we have chosen hope over fear, unity of purpose over conflict and discord.

On this day, we come to proclaim an end to the petty grievances and false promises, the recriminations and worn-out dogmas that for far too long have strangled our politics.

We remain a young nation. But in the words of Scripture, the time has come to set aside childish things. The time has come to reaffirm our enduring

spirit; to choose our better history; to carry forward that precious gift, that noble idea, passed on from generation to generation: the God-given promise that all are equal, all are free, and all deserve a chance to pursue their full measure of happiness. (374)

Assim, Obama utiliza a Bíblia como fonte legitimadora do sentimento de urgência que pretende exprimir, unindo os seus propósitos políticos a uma dimensão religiosa. Esta, por sua vez, apela à união da população em torno de um objectivo comum que, de acordo com o presidente, consiste numa renovação do compromisso idealizado pelos pais fundadores da nação, conservado pelas gerações precedentes e ilustrado nos ideais expressos na Declaração da Independência da igualdade e do direito à vida, à liberdade e à procura da felicidade. Tal reafirmação, é também a revalidação dos princípios herdados e celebrados na forma de um acordo civil estabelecido entre os cidadãos dos Estados Unidos, assim como entre estes e uma entidade divina que lhes concede um conjunto de direitos inalienáveis.

De facto, Obama reconhece a centralidade deste pacto para o bom funcionamento de uma sociedade, definindo como um dos seus objectivos “restaurar a confiança vital” entre os americanos e o seu governo (376). Ainda assim, o quadragésimo quarto presidente atribui maior importância à capacidade de dedicação da população a um conjunto de valores partilhados que definem a América e dos quais o seu sucesso depende:

We honor them [American soldiers] not only because they are the guardians of our liberty, but because they embody the spirit of service; a willingness to find meaning in something greater than themselves. And yet, at this moment – a moment that will define a generation – it is precisely this spirit that must inhabit us all.

For as much as government can do, and must do, it is ultimately the faith and determination of the American people upon which this nation relies. It is the kindness to take in a stranger when the levees break, the selflessness of workers who would rather cut their hours than see a friend lose their job which sees us through our darkest hours. It is the firefighter’s courage to storm a stairway filled with smoke, but also a parent’s willingness to nurture a child, that finally decides our fate. (377)

Assim, partindo do exemplo dado pelas forças militares, Obama elogia a importância para a prosperidade do país da devoção dos seus cidadãos a um determinado ideal da América. Deste, por sua vez, fazem parte valores como a generosidade, o altruísmo e a dedicação, juntamente com os já mencionados princípios da honestidade, do esforço, da coragem, da

tolerância, da curiosidade, da lealdade e do patriotismo. No discurso em análise, todos estes são representativos do ideal americano, sendo a própria devoção do indivíduo a cada um elogiada e destacada por Obama como fundamental na preservação da promessa da América. Ademais, é também de ressaltar como no excerto em questão, o orador não se limita a enumerar os princípios exaltados, mas identifica a sua expressão em ações quotidianas, destacando o valor prático destes ideais e o impacto que possuem no dia a dia do cidadão comum, não consistindo apenas na expressão interna de uma visão da nação, mas contribuindo literalmente para o seu progresso. Portanto, apesar da anterior enumeração de medidas a implementar ter um fim maioritariamente contemplativo, o presente discurso não deixa de apresentar e apelar à realização de ações concretas por parte do seu público.

Após esta exaltação da determinação e dos valores responsáveis pelo desenvolvimento e prosperidade do país, o novo presidente apela a um reconhecimento da sua importância, responsabilizando a assistência pela preservação dos ideais mencionados a nível individual, nacional e internacional. Desta forma, por um lado, Obama incumbe todos os seus concidadãos deste mesmo dever, enaltecendo o espírito de sacrifício que associa ao carácter americano – “duties that we do not grudgingly accept but rather seize gladly, firm in the knowledge that there is nothing so satisfying to the spirit, so defining of our character, than giving our all to a difficult task” (378). Por outro, recupera e expande a imagem de Winthrop de uma comunidade cuja missão contemporânea é servir de exemplo para o resto do mundo.

Por sua vez, o novo presidente identifica o sacrifício e a dedicação aos princípios que definem a identidade nacional como sendo aspectos fundamentais da cidadania americana:

This is the price and the promise of citizenship.

This is the source of our confidence – the knowledge that God calls on us to shape an uncertain destiny.

This is the meaning of our liberty and our creed – why men and women and children of every race and every faith can join in celebration across this magnificent mall (378)

Com estas palavras, Obama define os termos de um acordo contemporâneo estabelecido entre cada indivíduo e a comunidade, sendo a devoção à noção da América definida pelos ideais anteriormente nomeados e o esforço pessoal que esta implica a condição fundamental para a inclusão de qualquer um, independentemente do seu sexo, idade, etnia ou religião, nesta sociedade. Deste modo, seguro de que segue a vontade de uma entidade divina e tendo pago

o “preço” necessário, o indivíduo espera ser recompensado com a própria condição de cidadão<sup>112</sup> para que, subsequentemente, possa beneficiar da prosperidade prometida pelo sonho americano. Portanto, no discurso inaugural em análise, é possível identificar a recuperação de uma noção de missão, assim como a de um acordo previamente estabelecido, neste caso, entre o indivíduo e a nação, essenciais à expressão americana da jeremiada como instrumento estratégico de apelo à acção.

Inicialmente, enquanto o acordo estabelecido entre o ser humano e Deus se baseava na atribuição da graça e salvação da alma, pelas quais o indivíduo teria não só de acreditar no divino, mas dedicar-se a alcançar uma conduta irrepreensível aos olhos do Criador, o discurso de Obama altera estas condições. Apesar de continuar a atribuir uma dimensão espiritual ao destino do país, sendo o discurso inaugural parte dos rituais associados à religião civil americana, o papel principal desempenhado pela figura do Criador é substituído por uma ideia da América construída por Obama ao longo da sua intervenção. Isto é, o acordo subentendido no discurso em análise é realizado entre cada indivíduo e a própria nação, sendo que a recompensa esperada pelo primeiro é a obtenção da própria cidadania e possibilidade de inclusão na promessa americana. Em troca, cada membro da comunidade deve possuir o espírito de sacrifício que lhe permita dedicar-se à perpetuação dos valores fundamentais da América e identidade nacional. Visto que esta permanece em constante transformação, tal como no acordo celebrado entre as comunidades puritanas e Deus, Obama estabelece como condição essencial para o cumprimento do acordo a própria disponibilidade do indivíduo em se entregar à árdua tarefa de contribuir para a construção de um destino nacional incerto.

Naturalmente, a concepção da missão nacional contemporânea é também distinta daquela concebida pelas primeiras gerações de Puritanos, já não estando focada na reforma da igreja em Inglaterra. De acordo com o novo presidente, a responsabilidade do indivíduo para consigo mesmo, para com os Estados Unidos e para com uma comunidade internacional mantém-se, sendo fundamental para a identidade americana que a América sirva de exemplo para o resto do mundo. Contudo, o seu carácter excepcional não depende unicamente de uma narrativa em torno do ideal de um *Povo Eleito* guiado até à *Terra Prometida*, mas é também definido pela visão de uma nação representativa dos ideais dos seus pais fundadores e de todas as gerações que trabalharam para constituir a própria promessa da América:

---

<sup>112</sup> Atente-se que a “promessa da cidadania” mencionada por Obama é principalmente simbólica, não dependendo do estatuto legal do indivíduo a que se refere, mas da dedicação deste ao processo de refazer a América.

In reaffirming the greatness of our nation, we understand that greatness is never a given. It must be earned. Our journey has never been one of shortcuts or settling for less. It has not been the path for the faint-hearted – for those who prefer leisure over work, or seek only the pleasures of riches and fame. Rather it has been the risk-takers, the doers, the makers of things – some celebrated but more often men and women obscure in their labor, who carried us up the long, rugged path towards prosperity and freedom.

(...)

Time and time again these men and women struggled and sacrificed and worked till their hands were raw so that we might live a better life. They saw America as bigger than the sum of our individual ambitions; greater than all the differences of birth or wealth or faction.

This is the journey we continue today. (374-375)

Assim, é possível constatar como a relembração e o elogio do passado nacional, fazendo referência aos homens e mulheres comuns que contribuíram para que os Estados Unidos pudessem prosperar, são utilizadas por Obama para definir a missão contemporânea da América e conferir-lhe sentido. Tudo isto, juntamente com o acordo já descrito e à semelhança da expressão americana da jeremíada, funciona como um instrumento estratégico de apelo à acção. À semelhança da inquietação originalmente gerada pela constante possibilidade de quebra do acordo com Deus e perda irremediável da salvação da alma, Obama enfatiza a importância de uma contínua dedicação à construção da prosperidade nacional. Neste caso, a assistência é encorajada a sentir-se no dever de reafirmar o potencial da nação e de retomar o trabalho iniciado por gerações anteriores em prol da defesa de uma visão da América coincidente com a agenda política da nova administração.

De modo a concretizar tal objectivo, não só no excerto em questão, mas também ao longo de todo o discurso, são incluídas diversas referências ao passado da nação. Estas constituem um factor essencial na definição da identidade e missão americanas, assim como no delinear de um plano para o futuro do país. Como foi possível constatar, Obama combina referências aos documentos e às figuras fundadoras dos Estados Unidos com momentos de elogio a cidadãos anónimos, estabelecendo um contraste entre o período de mesquinhez, polarização política e estagnação social, com que caracterizou os últimos anos, com o carácter dinâmico com que descreve o trabalho de gerações passadas, utilizando-o como modelo para a contemporaneidade. Através destas referências, é construída uma narrativa histórica idealizada que contrasta com o presente momento de crise, exacerbando sentimentos de ansiedade quanto ao futuro e de nostalgia em relação a um passado não experienciado. Por

sua vez, esta inquietação e este desejo de retorno são utilizados de modo a incitar à acção: “What is demanded then is a return to these [old] truths” (378). Assim, após fomentar a criação de um sentimento de união entre a assistência nacional, apelando a uma visão de um passado comum, os valores ressaltados, em particular o do espírito de sacrifício, são utilizados como forma de reunir o apoio da população em torno dos objectivos traçados pela nova administração e enumerados ao longo do discurso.

Portanto, quanto ao tratamento da narrativa histórica da nação, o discurso inaugural de Obama recupera os mesmos mecanismos utilizados pelo sermão político puritano como forma de unir a comunidade, inculcar-lhe um espírito de reforma e incitá-la a agir de acordo com uma determinada visão do futuro. Tendo em conta a classificação proposta por Andrew Murphy quanto à relação de cada jeremiada americana com o passado da nação, é possível classificar este discurso como uma jeremiada progressista, visto que as palavras do presidente não procuram restaurar aspectos concretos do passado a que fazem referência, mas recuperar os seus princípios fundamentais com vista a adaptá-los a uma realidade contemporânea:

Recall that earlier generations faced down fascism and communism not just with missiles and tanks, but with the sturdy alliances and enduring convictions. They understood that our power alone cannot protect us, nor does it entitle us to do as we please. Instead, they knew that our power grows through its prudent use; our security emanates from the justness of our case, the force of our example, the tempering qualities of humility and restraint.

We are the keepers of this legacy. Guided by these principles once more, we can meet those new threats that demand even greater effort – even greater cooperation and understanding between nations. (376)

Obama não procura, então, reinstituir qualquer medida concreta anteriormente defendida, mas usar antigos princípios como guia e justificação para a implementação das políticas defendidas pela sua administração que de seguida enumera, procurando terminar com a Guerra do Iraque e promover a paz no Afeganistão, assim como cooperar com outras nações de modo a controlar a ameaça nuclear e promover medidas que venham a travar as alterações climáticas.

Desta forma, Obama cria uma visão optimista do futuro, demonstrando acreditar que o retorno à prosperidade e a reabilitação da posição dos Estados Unidos como nação exemplar continua a ser possível. De facto, apesar de começar por definir a presente situação como sombria e tempestuosa, lamentando os obstáculos que o país deve enfrentar como

consequência do “falhanço colectivo” dos seus cidadãos, o tom do discurso é dominado pelo optimismo e pela esperança na possibilidade de renovação. É possível constatar a predominância desta atitude positiva face à adversidade ao longo de toda a intervenção. Não obstante, nos seus momentos finais, num mesmo parágrafo, após citar o primeiro panfleto da série *The American Crisis* (1776-1783), Obama ecoa as palavras de Paine e concilia estas duas atitudes opostas:

America! In the face of our common dangers, in this winter of our hardship, let us remember these [Thomas Paine’s] timeless words. With hope and virtue, let us brave once more the icy currents, and endure what storms may come. Let it be said by our children’s children that when we were tested we refused to let this journey end, that we did not turn back nor did we falter; and with eyes fixed on the horizon and God’s grace upon us, we carried forth that great gift of freedom and delivered it safely to future generations.  
(378)

Assim, recuando no tempo e tomando como ponto de partida as palavras de uma das figuras fundadoras dos Estados Unidos, o novo chefe do poder executivo interpela directamente a população e estabelece um paralelismo entre o período histórico de Paine e a contemporaneidade. Tal como gerações passadas enfrentaram com sucesso as dificuldades que lhes foram apresentadas, também os cidadãos que escutam este discurso serão bem sucedidos. Com efeito, apesar do carácter ambíguo da jeremiada americana continuar presente, são as diversas expressões de renovação e força, assim como a atitude imperativa e vigorosa de Obama que prevalecem perante as imagens dos obstáculos ainda a enfrentar.

Este contraste entre uma América em declínio e a esperança no seu futuro, assim como a predominância desta segunda atitude, podem ser constatados a partir das próprias expressões e imagens incluídas por Obama no seu discurso. De acordo com Martin J. Medhurst, tendo em conta a fórmula temática da jeremiada americana secular, esta é estilisticamente marcada pelo uso de termos relativos a uma noção de promessa, de queda e de renovação (“Acceptance” 42).<sup>113</sup> Segundo o autor, as expressões frequentemente usadas para expressar a ideia de promessa são termos centrais ao universo político americano, representando os pilares simbólicos da sua ordem constitucional como, por exemplo, liberdade, democracia, igualdade e justiça. Por outro lado, a terminologia correspondente à

---

<sup>113</sup> Apesar de Medhurst definir os termos associados a cada uma destas noções a partir de discursos de aceitação dos candidatos presidenciais, é possível transpor os resultados da análise realizada para o estudo de discursos inaugurais.



noção de queda encontra-se associada a imagens de declínio e decadência, sendo estas utilizadas maioritariamente na lamentação do estado da nação: “words such as uncertainty, weakness, drift, tragedy, failure, decay, torment, confusion, crisis, disgrace, chaos, oppression, waste, struggle, anguish, calamity, destruction, suffer, demoralize, deprive, betray, abandoned, vacillate, indecision, flounder, paralysis, despair, privation, and disease are the markers of descent” (“Acceptance” 43). Finalmente, as expressões de renovação como, por exemplo, reformar, recuperar, restaurar, renascer, redimir e reconstruir, juntamente com a utilização de imagens de ascensão, são usadas na expressão secular da jeremiada americana como forma de apresentar o empenho do presidente no cumprimento dos valores fundamentais da nação, incentivando os seus concidadãos a fazerem o mesmo.

Partindo desta divisão estabelecida por Medhurst, no discurso em análise, é possível identificar mais de duas dezenas de referências aos ideais que caracterizam a promessa da América, sendo também considerados os valores que Obama associa à prosperidade nacional como, por exemplo, a honestidade, o espírito de sacrifício ou o patriotismo. Ainda assim, as diversas expressões do ideal de liberdade – “liberty”, “free”, “freedom” – são as mais utilizadas, perfazendo um total de seis menções. Quanto à noção de queda, foram contabilizadas trinta e cinco expressões e imagens utilizadas para caracterizar o presente estado de declínio do país, sendo que só a palavra “crisis” é usada três vezes. Por fim, relativamente à noção de renovação, foi possível identificar a utilização de quarenta e três expressões e imagens que contrastam o futuro da nação com o seu presente, caracterizando as alterações profundas a implementar pela nova administração. Nesta contagem, para além de terem sido consideradas as expressões identificadas por Medhurst, foram também registados todos os momentos de ruptura com o presente e implementação de novas medidas que visam reabilitar o país e moldar o seu futuro como, por exemplo, na oração: “they [challenges] will be met” (374). Ademais, é de notar que enquanto a grande maioria das trinta e cinco expressões associadas à noção de queda surgem concentradas no início do discurso para caracterizar a contemporaneidade e no fim para lembrar o público de dificuldades já ultrapassadas, a linguagem relacionada com a ideia de renovação é utilizada ao longo de toda a intervenção, fazendo com que o tom dinâmico e esperançoso a ela associado esteja sempre presente e acabe por prevalecer.

Para além desta esperança depositada no futuro dos Estados Unidos e da importância atribuída à manutenção da união nacional, Obama realça a importância de conceber a América como o resultado de uma sociedade tolerante e inclusiva, reconhecendo a relevância internacional do país, assim como a sua responsabilidade para com o resto do mundo: “know

that America is a friend of each nation, and every man, woman and child who seeks a future of peace and dignity, and we are ready to lead once more” (376). Não obstante, em reação àqueles que agem contra os Estados Unidos, pondo em risco os seus valores e o modo de vida dos seus habitantes, o novo chefe do poder executivo demonstra-se intransigente: “for those who seek to advance their aims by inducing terror and slaughtering innocents, we say to you now that our spirit is stronger and cannot be broken; you cannot outlast us, and we will defeat you” (376). Aliás, é tornado claro pelo orador que a grandeza da América depende significativamente da natureza inclusiva da sua promessa, sendo capaz de conciliar as ambições individuais dos seus cidadãos com uma visão colectiva para o futuro:

For we know that our patchwork heritage is a strength, not a weakness. We are a nation of Christians and Muslims, Jews and Hindus – and non-believers. We are shaped by every language and culture, drawn from every end of this Earth; and because we have tasted the bitter swill of civil war and segregation, and emerged from that dark chapter stronger and more united, we cannot help but believe that the old hatreds shall someday pass; that the lines of tribe shall soon dissolve; that as the world grows smaller, our common humanity shall reveal itself; and that America must play its role in ushering in a new era of peace. (377)

Logo, contrastando com a intolerância perante concepções religiosas, políticas e sociais dissidentes encontradas nas expressões puritanas da jeremíada, Obama apresenta uma concepção culturalmente heterogénea da identidade nacional como forma de gerar unidade entre a população americana. Note-se, por exemplo, que este é o primeiro discurso inaugural a incluir uma referência directa à população atea dos Estados Unidos. Assim, em vez de promover uma homogeneização da paisagem cultural americana como forma de criar um sentimento de união, este é gerado através de uma valorização da diversidade e da promoção de objectivos, de ideais e de um passado comuns. Esta concepção da identidade nacional não só coincide com o carácter simbolicamente unificador dos discursos inaugurais, como também é concordante com a mensagem do candidato democrata durante a corrida presidencial e com a imagem que este construiu de si próprio ao explorar reiteradamente as suas origens multiculturais.

### **3.2. O Discurso Inaugural de Donald Trump como Jeremíada Americana**

Ainda antes do usual reconhecimento da cooperação oferecida pelo anterior presidente ao longo de todo o processo de transição de poder entre administrações, Donald

Trump escolhe iniciar o seu discurso inaugural com palavras fomentadoras da união nacional, comuns aos discursos inaugurais, cumprindo, assim, o seu objectivo de promoção da unidade posta em causa durante o fragmentário período de campanha. O novo presidente anuncia, então, o começo de um período de renovação para os Estados Unidos e alerta o público para a necessidade de enfrentar diversos desafios com o objectivo de restaurar a promessa americana: “We, the citizens of America, are now joined in a great national effort to rebuild our country and to restore its promise for all of our people. Together, we will determine the course of America and the world for years to come. We will face challenges. We will confront hardships. But we will get the job done” (“Inaugural”). Assim, sem antes lamentar o presente estado da nação, enumerar as dificuldades por esta enfrentadas ou identificar os responsáveis pelo seu declínio, o novo presidente parece afastar-se das declarações feitas durante o período de campanha – acusando as elites políticas e intelectuais de matarem o sonho americano – ao iniciar a sua intervenção com uma visão optimista para o futuro do país, marcando a sua tomada de posse como um momento de transição. Desde logo, Trump não só demonstra esperança neste processo de renovação, como também procura criar um sentimento de unidade entre a população americana através do uso do pronome “we”, do determinante “our”, da expressão “together” e ao constituir imediatamente a sua assistência como “os cidadãos da América” com uma missão conjunta a cumprir. Esta, segundo o orador, será determinante para a definição do destino do país e do resto do mundo, atribuindo uma responsabilidade a nível internacional à população americana.

De seguida, respeitando uma das principais funções simbólicas de toda a cerimónia, Donald Trump agradece ao presidente Barack Obama e à sua esposa pela ajuda prestada durante todo o processo de transferência de poder entre administrações, reconhecendo a tomada de posse como um ritual de passagem central à vida política do país. Para além da importância atribuída ao rito em si, o novo presidente singulariza esta transferência pacífica de poder ao caracterizá-la como um acto de aquisição de poder pela população americana: “today we are not merely transferring power from one Administration to another, or from one party to another – but we are transferring power from Washington, D.C. and giving it back to you, the people” (“Inaugural”). Deste modo, Trump dá continuidade à narrativa que construiu ao longo da corrida eleitoral ao apresentar-se como uma figura marginal às elites políticas do país, alinhando-se ao resto da população ao alegar defender os seus interesses. Ademais, tendo em conta as circunstâncias da sua eleição, nomeadamente o facto de Trump ter sido eleito sem ganhar o voto popular, é importante para o novo presidente fomentar a união entre os elementos de um eleitorado fragmentado, mas também incutir-lhes um sentimento de

vitória, legitimando a sua ocupação do cargo de chefe do poder executivo: “This is your day. This is your celebration” (“Inaugural”).

De facto, divergindo do tom conciliador apresentado no início desta intervenção e procurando aproximar-se do seu público ao demonstrar estar consciente das dificuldades a enfrentar, o quadragésimo quinto presidente dos Estados Unidos identifica a elite política nacional como a principal responsável pela degradação da qualidade de vida dos seus concidadãos, criando um distanciamento entre a população e os seus representantes políticos:

Washington flourished, but the people did not share its wealth. Politicians prospered, but the jobs left, and the factories closed. The establishment protected itself, but not the citizens of our country. Their victories have not been your victories; their triumphs have not been your triumphs; and while they celebrated in our nation’s Capital, there was little to celebrate for struggling families all across our land. (“Inaugural”)

Através, então, da utilização de diversas estruturas paralelas e repetição sucessiva da conjunção adversativa “but”, Trump contrasta a prosperidade com que caracteriza a situação contemporânea da classe política com a perda de empregos e declínio da qualidade de vida sofridos pelo cidadão comum, distanciando-se do tom unificador habitual dos discursos inaugurais. Não obstante, se, por um lado, ao identificar uma só fracção da sociedade como responsável pela degradação material do país o discurso de Trump acaba por fragmentá-lo, por outro, ao responsabilizar somente os elementos do governo, é gerado um sentimento de união entre o resto da população por oposição a este grupo. Adicionalmente, ao caracterizar a eleição desta nova administração como o momento em que o cidadão comum retoma controlo das instituições políticas do país – “January 20, 2017, will be remembered as the day the people became the rulers of this Nation again” (“Inaugural”) –, Trump acaba por dissipar a animosidade anteriormente criada entre os cidadãos americanos e os seus representantes políticos, cumprindo, então, uma das funções simbólicas do discurso inaugural ao procurar unificar a população.

Esta, segundo o novo presidente, não só partilha o mesmo território, como também os mesmos objectivos e destino, sendo que o sucesso de qualquer indivíduo ou as dificuldades por este enfrentadas devem ser partilhados por todos. Logo, apesar do triunfo de alguns, os problemas enfrentados por outros tornam-se numa preocupação nacional. Assim, Trump dedica parte da sua intervenção à descrição do processo de “carnificina americana” que afirma ter marcado o país nos últimos anos. Este massacre é caracterizado pelo aumento dos

índices de pobreza do país, do desemprego e da criminalidade, pela degradação do sistema de ensino, das suas forças militares, da sua indústria e, por fim, das suas infra-estruturas, levando, subsequentemente, a uma crise de confiança da população na promessa americana. Por sua vez, este declínio e consequente sentimento de insatisfação são exacerbados ao serem sucessivamente contrapostos por Trump ao aparente desenvolvimento e sucesso de potências estrangeiras que, na narrativa por este apresentada, prosperaram à custa dos Estados Unidos:

For many decades, we've enriched foreign industry at the expense of American industry, subsidized the armies of other countries while allowing for the very sad depletion of our military. We've defended other nation's borders while refusing to defend our own and spent trillions and trillions of dollars overseas while America's infrastructure has fallen into disrepair and decay. We've made other countries rich while the wealth, strength, and confidence of our country has dissipated over the horizon.

One by one, the factories shuttered and left our shores, with not even a thought about the millions upon millions of American workers left behind. The wealth of our middle class has been ripped from their homes and then redistributed across the world. ("Inaugural")

Recorrendo, novamente, a uma estrutura paralela, o novo presidente cria, então, um segundo momento de divisão entre o público a que se dirige e um "Outro". No excerto em questão, esta cisão separa os Estados Unidos de outras nações, uma vez que estas se têm aproveitado do trabalho, dos recursos e da generosidade da população americana para se desenvolverem e enriquecerem à sua custa. Desta forma, apesar de ter dissipado o antagonismo inicialmente criado entre o cidadão comum e a elite política do país, Trump conserva a presente imagem de uma América empobrecida como resultado da ajuda prestada a outras nações, utilizando-a como elemento não só unificador da população por oposição a um "Outro", mas também legitimador das medidas proteccionistas que pretende implementar: "We must protect our borders from the ravages of other countries making our products, stealing our companies, and destroying our jobs. Protection will lead to great prosperity and strength" ("Inaugural"). Portanto, em conformidade com a expressão contemporânea da jeremiada americana, o discurso em questão desculpabiliza a comunidade pelos problemas contemporâneos do país, condenando, em primeiro lugar, as elites políticas e potências estrangeiras pela degradação do estado da nação. Por conseguinte, o declínio lamentado por Trump não é caracterizado como um mecanismo de correcção infligido à comunidade por uma entidade divina, mas como uma consequência das políticas implementadas nos últimos anos, tendo estas

negligenciado a vontade da população americana ao servirem maioritariamente interesses privados.

Subsequentemente e em conformidade com a sua mensagem de campanha, o quadragésimo quinto presidente dos Estados Unidos apresenta, de um modo geral, os objectivos e as diversas políticas que guiariam a sua administração, recorrendo à terminologia associada a um contexto de competição para descrever o futuro do país – “America will start winning again, winning like never before” (“Inaugural”). São, então, previstas várias reformas como, por exemplo, a construção de novas infra-estruturas, a implementação de medidas de desenvolvimento da indústria nacional, a diminuição do desemprego, um aumento do controlo das fronteiras e, como forma de erradicar o terrorismo a nível mundial, a fomentação de antigas e novas alianças militares:

We will bring back our jobs. We will bring back our borders. We will bring back our wealth. And we will bring back our dreams.

We will build new roads, and highways, and bridges, and airports, and tunnels, and railways all across our wonderful Nation.

We will get our people off of welfare and back to work, rebuilding our country with American hands and American labor. We will follow two simple rules: Buy American and Hire American.

(...)

We will reinforce old alliances and form new ones and unite the civilized world against radical Islamic terrorism, which we will eradicate completely from the face of the Earth. (“Inaugural”)

Deste modo, Trump contrasta a imagem anteriormente construída da América contemporânea com o futuro desta, apresentando o momento presente como o início de um período de renovação. Por sua vez, este é caracterizado como uma recuperação de um passado idealizado, mas sempre indefinido. Atente-se, então, ao primeiro parágrafo da citação acima, onde o retorno a tempos idos inclui a recuperação dos empregos perdidos, da protecção fronteiriça, da prosperidade económica do país e consequente revivificação do sonho americano.

Tal como é possível observar, as três características fundamentais da expressão americana da jeremiada encontram-se presentes no discurso inaugural em questão – ainda que inicialmente com ordem inversa –, sendo que Trump lamenta e caracteriza o declínio dos Estados Unidos, identifica os principais causadores dos diversos desafios a enfrentar e expõe um plano de reabilitação da promessa americana, apelando à recuperação de políticas e de

determinados valores de modo a possibilitar o desenvolvimento do país. Segundo o novo presidente, o patriotismo e a cooperação entre cidadãos devem ser os ideais orientadores do projecto de renovação: “At the bedrock of our politics will be a total allegiance to the United States of America, and through our loyalty to our country, we will rediscover our loyalty to each other” (“Inaugural”). De seguida, citando directamente a Bíblia como fonte legitimadora das suas palavras, Trump apela à união e ao espírito de solidariedade da população americana, procurando unificar uma comunidade que reconhece por diversas vezes como heterogénea: “It’s time to remember that old wisdom our soldiers will never forget: that whether we are Black or Brown or White, we all bleed the same red blood of patriots, we all enjoy the same glorious freedoms, and we all salute the same great American flag” (“Inaugural”). Desta forma, é reforçado o objectivo de unificação da população central não só ao discurso inaugural como à própria fórmula da jeremiada americana. Note-se, então, como duas das promessas basilares e mais contestadas do seu projecto de campanha, nomeadamente a revogação do *Affordable Care Act* e a construção de um muro na fronteira com o México, foram omitidas do presente discurso inaugural, dado ser necessário que os elementos da assistência se reconheçam como membros de uma só comunidade com um propósito comum.

Tal desígnio é definido, como foi acima mencionado, logo no início do discurso, consistindo, de modo geral, na recuperação da promessa americana através do início de um período de acção política guiada pela vontade dos cidadãos americanos e impelida pela urgência do momento e responsabilidade da nação perante o resto do mundo: “We will no longer accept politicians who are all talk and no action, constantly complaining but never doing anything about it. The time for empty talk is over. Now arrives the hour of action” (“Inaugural”). Deste modo, o objectivo comum de restaurar a confiança da população no sonho americano apenas será conseguido, de acordo com a nova administração, se as reformas implementadas derem prioridade às necessidades dos Estados Unidos. Por conseguinte, no discurso em questão, a prosperidade associada à promessa americana não se encontra dependente de um recuperar de determinados valores fundamentais à nação encontrados em documentos como a Declaração da Independência e Constituição ou defendidos pelas suas figuras fundadoras, mas é apresentada como estando intimamente ligada a aspectos materiais da realidade do país como, por exemplo, a indústria, o exército, a protecção das fronteiras, os acordos comerciais, as infra-estruturas e a economia nacionais.

Por outro lado, este projecto de recuperação do sonho americano apenas será conseguido, segundo o orador, conferindo poder de decisão e acção à própria população:

“Your voice, your hopes, and your dreams, will define our American destiny. And your courage and goodness and love will forever guide us along the way” (“Inaugural”). Este pode ser considerado como o aspecto fundamental do projecto de reforma que Trump apresenta para os Estados Unidos, nomeadamente, o retorno a uma América guiada pela vontade colectiva dos seus cidadãos e não por uma elite política que apenas serve os seus interesses: “So to all Americans in every city near and far, small and large, from mountain to mountain, from ocean to ocean, hear these words: You will never be ignored again” (“Inaugural”). Assim, de acordo com a administração de Trump, as medidas propostas foram definidas seguindo a vontade dos cidadãos. Logo, enquanto na expressão puritana da jeremiada o orador repreende a sua assistência e lhe ensina o caminho a seguir, no discurso em questão, as medidas propostas pelo orador são uma expressão da vontade popular – “Everyone is listening to you now” (“Inaugural”) –, sendo da responsabilidade desta definir o seu próprio futuro. Adicionalmente, a devolução aos cidadãos da oportunidade de participarem activamente no esforço de construção da própria América pode ser também identificada como o principal elemento da redefinição identitária proposta pelo novo presidente, visto que este propõe revivificar uma América enfraquecida internacionalmente e cuja prosperidade apenas beneficia alguns através da implementação de políticas que visem proteger os interesses da população, contribuindo para o recuperar de uma prosperidade material existente no passado.

O projecto de construção da nação já não se encontra, então, dependente dos valores e conduta diária de cada cidadão e da comunidade como um todo, mas da capacidade dos seus representantes políticos de darem prioridade aos interesses da população e do próprio compromisso desta no projecto de recuperação e manutenção do sonho americano: “In America, we understand that a nation is only living as long as it is striving” (“Inaugural”). Logo, ao contrário do sermão político puritano, onde a perversão moral da assistência era condenada e apontada como principal causadora dos eventos negativos a afectar a comunidade e a sua prosperidade interpretada como um sinal da aprovação de Deus, no discurso em questão, o “destino americano” de que nos fala Trump não se encontra dependente do julgamento de uma entidade divina quanto aos valores e acções da assistência. Segundo o novo presidente, a América estará sempre protegida por Deus: “There should be no fear: We are protected, and we will always be protected. We will be protected by the great men and women of our military and law enforcement, and most importantly, we will be protected by God” (“Inaugural”). Portanto, o sucesso dos Estados Unidos já não se encontra dependente da aprovação de Deus, mas unicamente das acções dos seus cidadãos, pois,



apesar de Trump recuperar a narrativa do *Povo Eleito* responsável por incorporar o exemplo de conduta a seguir internacionalmente, o fim último da renovação proposta não é a salvação da alma de cada indivíduo após a morte, mas a obtenção de uma prosperidade material ainda em vida. Esta, por sua vez, deixa de ser vista como um sinal de aprovação divina para ser apresentada como o elemento principal do sonho americano. Assim, os problemas nacionais já não são interpretados como medidas correctivas, mas como o resultado lógico da má gestão política do país.

Consequentemente, o cumprimento da promessa americana não se encontra dependente da renovação de um pacto estabelecido entre uma entidade divina e o ser humano, mas da reabilitação do acordo determinado entre os representantes políticos nacionais e os seus cidadãos, assim como destes entre si, retomando a união nacional como uma das questões centrais do texto em análise: “When America is united, America is totally unstoppable” (“Inaugural”). Desta forma, de modo a recuperarem o sonho americano – que Trump declarara como morto durante o período de campanha –, não só a classe política deve comprometer-se a seguir a vontade da população, colocando as necessidades da América em primeiro lugar, como os próprios cidadãos devem agir em conformidade com um objectivo comum. Assim, o novo presidente procura incutir nos elementos da sua assistência sentimentos de união, responsabilidade e urgência necessários à formação de um espírito de reforma. Contudo, enquanto na jeremiada puritana o sentimento de ansiedade gerado era resultado não só das lamentações do orador quanto à degradação moral da população, mas principalmente da ameaça de uma condenação divina, no discurso de Trump a inquietação criada na assistência tem origens distintas. Esta continua a ser fomentada pela descrição calamitosa do estado da nação:

Mothers and children trapped in poverty in our inner cities; rusted-out factories scattered like tombstones across the landscape of our Nation; an education system, flush with cash, but which leaves our young and beautiful students deprived of all knowledge; and the crime and gangs and drugs that have stolen too many lives and robbed our country of so much unrealized potential. (“Inaugural”)

No entanto, é também um resultado dos antagonismos acima analisados entre a população e a elite política do país, assim como entre os Estados Unidos e outras nações, procurando, em primeiro lugar, criar uma unidade nacional por oposição a um Outro, como também um desejo de reforma. Este, por sua vez, não é resultado de um sentimento de arrependimento,

mas da hostilidade gerada em relação a outros países e a uma classe política desligada das necessidades do cidadão comum, assim como da visão optimista que Trump apresenta do “glorioso destino” da nação.

Este último é definido como um recuperar de força, prosperidade, orgulho e segurança nacionais, sumariado no final da intervenção pelo seu slogan de campanha: “yes, together, we will make America great again” (“Inaugural”). Deste modo, o novo chefe do poder executivo termina a sua intervenção apelando ao recuperar de um passado indefinido. Tal ambiguidade torna-o mais inclusivo, sendo possível para os membros da assistência projectarem narrativas distintas de um passado americano no ideal evocado por Trump. Por conseguinte, tendo em conta a classificação proposta por Andrew Murphy relativamente à relação de cada jeremiada americana com o passado da nação, é possível classificar este discurso como uma jeremiada tradicionalista, visto que as palavras de Trump apontam para um esforço de recuperação literal, ainda que indefinida, de certos aspectos concretos do passado da nação. Estes passam por uma recuperação dos empregos, da segurança fronteiriça e da prosperidade material que o novo presidente afirma terem sido perdidos nos últimos anos: “We will *bring back* our jobs. We will *bring back* our borders. We will *bring back* our wealth. And we will *bring back* our dreams” (“Inaugural”; ênfase nosso). Assim, Trump utiliza mecanismos semelhantes aos da expressão puritana da jeremiada ao utilizar certos elementos do passado como modelo para o futuro, procurando criar no público nacional um sentimento nostálgico de perda que, de seguida, é convertido num desejo de mudança e recuperação desse mesmo passado. Com excepção da importância atribuída à preservação da unidade nacional, nenhum dos princípios fundamentais da nação, dos ideais expressos na Declaração da Independência, na Constituição ou pelos pais fundadores são mencionados como o são na jeremiada progressista. Com efeito, salvo breves momentos nos quais o novo presidente delineia vagamente o carácter do povo americano, descrevendo-o como heterogéneo, virtuoso, corajoso e bondoso, a imagem construída da identidade nacional e da América são associadas maioritariamente a uma noção da promessa americana definida por uma riqueza material perdida.

De facto, apesar de Trump dedicar parte do seu discurso inaugural à descrição da “carnificina” sofrida pelos Estados Unidos ao longo dos últimos anos, a noção de renovação e o tom optimista quanto ao seu futuro estão igualmente presentes ao longo de toda a intervenção. Aliás, retomando a divisão estabelecida por Medhurst entre termos relativos a uma ideia de promessa, de queda e de renovação anteriormente mencionada (“Acceptance” 42), foi possível contabilizar vinte e um momentos nos quais o orador identifica diversos

elementos geralmente associados à promessa americana. Neste caso, foram incluídos na contagem menções não só ao ideal democrático e de liberdade, mas também – à semelhança da análise realizada ao discurso de Obama – às características da identidade nacional que permitem a sobrevivência dessa promessa como, por exemplo, o patriotismo, a honestidade, a solidariedade, a união e a própria capacidade de conceber o sonho americano e de agir para o atingir. Quanto às noções de queda e de renovação foram contabilizadas trinta e cinco e trinta e sete ocorrências, respectivamente. Relativamente às primeiras, foram tidas em conta todas as expressões escolhidas para descrever o declínio contemporâneo dos Estados Unidos como, por exemplo: “hardships”, “struggling”, “trapped”, “poverty”, etc. Foram igualmente incluídas na contagem todas as instâncias de descrição do estado problemático do país como, por exemplo: “The establishment protected itself, *but not the citizens of our country*” (“Inaugural”; ênfase minha). Por fim, em relação à noção de renovação, foram contabilizadas todas as expressões claramente indicativas de uma reforma – como “rebuild” ou “restore” –, assim como todos os momentos de apresentação de uma visão de reabilitação do presente estado da nação, estabelecendo um contraste entre o futuro desta e a contemporaneidade, como é o caso da seguinte frase: “But we will get the job [face challenges and confront hardships] done” (“Inaugural”).

Apesar da semelhança na frequência das noções de queda e de renovação, a segunda acaba por dominar o discurso em questão, conferindo-lhe um tom maioritariamente optimista. Tal predominância deve-se ao facto das expressões negativas e imagens calamitosas da situação nacional serem associadas ao passado recente dos Estados Unidos, enquanto o presente é descrito reiteradamente como um momento de transição e o futuro é associado a um projecto de recuperação da prosperidade nacional. De facto, os momentos associados à noção de queda encontram-se maioritariamente concentrados na primeira metade do discurso de Trump, ao contrário daqueles que apresentam uma visão positiva e um plano de renovação para os Estados Unidos que, apesar de marcarem o começo da intervenção, dominam a sua segunda metade. Então, é possível constatar como a predominância da noção de queda num primeiro momento do discurso inaugural de Trump e a de renovação num segundo é congruente com a estrutura interna da própria jeremiada puritana de lamentação, arrependimento e renovação.<sup>114</sup> De facto, o contraste estabelecido entre o recente declínio do

---

<sup>114</sup> No artigo “President Trump’s ‘American carnage’ speech fit into a long American tradition”, Kevin Mattson reconhece as influências da jeremiada americana no discurso inaugural de Trump. Contudo, a intervenção é qualificada como uma “jeremiada com falhas”, sendo que, de acordo com Mattson, a falta de humildade do novo presidente perante as suas próprias limitações e erros impediram-no de apresentar uma visão optimista e, ao mesmo tempo, credível do futuro da nação. De facto, num outro artigo, Howard Fineman não só chama a

país e o próspero passado que o público é levado a querer recuperar são também características observáveis na expressão americana da jeremiada, sendo que após unir a população e suscitar ansiedade relativamente ao seu futuro, o novo presidente procurou, então, criar um desejo de reforma na sua assistência, levando-a a apoiar as medidas por este propostas ao associá-las a uma visão nostálgica de um passado que é necessário recuperar.

### 3.3. Duas Américas, Um Modelo Argumentativo

Como foi possível constatar, tanto o discurso inaugural de Barack Obama como o de Donald Trump possuem diversas características comumente associadas à expressão americana da jeremiada. Ambos recuperam as mesmas temáticas, sendo possível identificar nos dois discursos momentos dedicados à lamentação relativamente ao presente, à evocação de um passado e ao apelo a uma renovação futura. De facto, Willie J. Harrell, Jr. dedicou vários dos seus ensaios à análise da utilização por parte de Obama da estrutura retórica da jeremiada não só em *The Audacity of Hope*, como em diversos dos seus discursos de campanha relativos ao estado da economia nacional, demonstrando como as características deste modelo retórico eram utilizadas pelo presidente democrata mesmo antes da sua tomada de posse.<sup>115</sup> De modo semelhante e atribuindo particular ênfase à visão negativa de Trump quanto ao estado da nação, jornalistas como Kevin Mattson e Howard Fineman descrevem o discurso inaugural do quadragésimo quinto presidente também como uma jeremiada.

No entanto, apesar de ambos os textos em análise possuírem características do discurso político puritano, estas foram adaptadas ao contexto, à imagem pública e à mensagem política de cada presidente. Desta forma, para além da natural e já documentada secularização das temáticas exploradas, os discursos inaugurais de ambos apresentam determinadas noções da América, da sua promessa e da identidade nacional adaptadas à visão e objectivos políticos de cada administração. Ainda assim, os discursos de Obama e Trump apresentam todas as características utilizadas pela generalidade das jeremiadas americanas (desde a sua génese até aos dias de hoje) fundamentais à progressão e ao sucesso da estratégia retórica do seu orador. Torna-se, então, relevante analisar as temáticas centrais de

---

atenção para o tom pessimista de Trump, como o critica pela sua falta de humildade ao omitir do seu discurso qualquer menção à Constituição dos Estados Unidos, um reconhecimento da sua lealdade para com esta ou das limitações do seu poder.

<sup>115</sup> Para uma análise detalhada de ambos os temas cf. Harrell, Willie J. “‘The Reality of American Life Has Strayed From Its Myths’: Barack Obama’s *The Audacity of Hope* and the Discourse of the American Reclamation Jeremiad.” *Journal of Black Studies*, vol. 41, no. 1, 2010, pp. 164-183 e do mesmo autor: “A ‘21<sup>st</sup> Century Economic Agenda for America’: Barack Obama’s Pre-Presidential Economic Jeremiads.” *Canadian Review of American Studies*, vol. 41, no. 3, 2011, pp. 299-324.

cada um destes discursos inaugurais e como é que estas foram exploradas de modo a cumprirem os objectivos comunicacionais de cada orador.

Em primeiro lugar, tanto Obama como Trump procuram demonstrar a sua competência como líderes do poder executivo ao descreverem o estado da nação, lamentando o declínio da economia, das infra-estruturas, da qualidade de vida da população, do posicionamento internacional do país e dos sistemas político, de saúde e educativo nacionais, acrescentando, ainda, Obama à sua jeremiada a participação na Guerra do Iraque. Este descreve, então, o momento presente como um estado de crise, enquanto Trump qualifica a degradação actual como resultado de uma carnificina da qual a América foi vítima. Como consequência dos diversos problemas de natureza política, económica e social enumerados pelos novos presidentes, ambos identificam uma perda de confiança por parte da população na promessa da América, tendo Trump chegado previamente a declarar a morte do sonho americano. Assim, em ambos os textos em análise, a degradação da qualidade de vida da população resultou numa crise identitária, pois a falta de confiança e crença na inevitabilidade do declínio nacional – intimamente ligadas à concepção do povo americano como *Povo Eleito* – são descritas como um resultado directo da perda da prosperidade e conforto materiais prometidos pelo sonho americano.

Para além da enumeração dos problemas a enfrentar, cada orador identifica também os seus responsáveis. Contudo, Obama e Trump optam por estratégias bastante distintas nos seus discursos, apontando para diferentes agentes causadores do declínio descrito. À semelhança da expressão puritana da jeremiada e apesar de reconhecer os efeitos nocivos da ganância e negligência financeira de alguns, Obama responsabiliza toda a população pela presente crise, descrevendo-a como o resultado de um “falhanço colectivo” (374). Desta forma, o público nacional é levado a arrepender-se pelos seus actos passados e a desejar reformá-los, procurando, de seguida, seguir o apelo do orador à reforma como meio de remediar o mal cometido e renovar a promessa americana. Ademais, ao não responsabilizar nenhum grupo demográfico em específico, Obama evita criar hostilidades entre este e o resto da população, privilegiando, assim, o tom unificador que marcou a sua mensagem de campanha desde o início e cumprindo uma das funções centrais do discurso inaugural ao fomentar a união nacional.

Por outro lado, Trump escusa a sua assistência de qualquer culpa e identifica os responsáveis pelo processo de carnificina americana em dois momentos distintos, declarando como responsáveis a classe política do país, assim como as potências estrangeiras que se têm aproveitado da sua relação com os Estados Unidos para se desenvolverem e prosperarem.

Deste modo, o quadragésimo quinto presidente desresponsabiliza a população americana, ao mesmo tempo que cria antagonismos entre esta e a classe política e outras nações. Tal abordagem coincide com o discurso populista nacionalista de Trump durante a sua campanha eleitoral, sendo que este procurara obter o apoio daqueles que se sentiam marginalizados pelas elites e cujo posicionamento social, na sua própria perspectiva, sofrera negativamente como resultado das políticas internacional e de imigração dos Estados Unidos. Portanto, apesar de não retomar durante a sua intervenção as acusações feitas ao longo da corrida eleitoral aos imigrantes ilegais ou de omitir qualquer referência directa à construção de um muro na fronteira com o México, Trump continuou a explorar o sentimento de perda relativa que estimulava nos seus apoiantes ao longo da corrida eleitoral. Esta noção de privação é, então, retomada no seu discurso ao contrapor a prosperidade da classe política e de outras nações à posição desfavorecida do cidadão comum americano. Por conseguinte, Trump unifica a sua assistência através da diferença ao opô-la contra dois grupos distintos, enquanto Obama utiliza o próprio acto de responsabilização da comunidade – comum na estrutura da jeremiada de Nova Inglaterra – para criar um sentimento de união entre a população.

Por sua vez, a descrição pormenorizada do declínio do país em relação a um passado próspero e dos desafios ainda a enfrentar, juntamente com a responsabilização da população pela degradação da sua própria condição de vida têm como objectivo desenvolver no público de Obama e Trump um desejo urgente de reforma. No entanto, tal como foi anteriormente abordado, enquanto os oradores puritanos utilizavam a necessidade de manter o acordo estabelecido entre Deus e o seu *Povo Eleito* como forma de salvação individual da alma, nas jeremiadas contemporâneas em análise, os termos do acordo são secularizados para que este possa surgir como instrumento de apelo à acção. Ainda assim, sendo o discurso inaugural um dos rituais associados à religião civil americana, a intervenção de ambos os presidentes continua a possuir uma dimensão religiosa. Tanto Obama como Trump citam a Bíblia como fonte legitimadora da necessidade de união da população, ambos pedem a bênção de Deus, assim como recuperam e actualizam a visão dos Estados Unidos como *Terra Prometida* e dos seus habitantes como *Povo Eleito*. Não obstante, enquanto Trump garante ao público nacional protecção divina incondicional, Obama não a considera garantida, relembrando a população americana da incerteza do seu destino. Além disso, apesar do quadragésimo quinto presidente reconhecer uma autoridade divina, a vontade popular é considerada como superior, sendo esta a responsável por traçar o futuro do país. Desta forma, em conformidade com o seu discurso de campanha, Trump contraria a função definida por Bellah do discurso

inaugural ao privilegiar as suas obrigações perante os seus concidadãos em vez de procurar compreender e executar uma vontade divina.

Independentemente do contexto secular da cerimónia da tomada de posse, o princípio do acordo continua a ocupar uma posição central em ambos os discursos inaugurais em questão. Tanto Obama como Trump o recuperam na construção do seu apelo à acção e definição dos objectivos traçados por cada administração. Através, então, da alteração das condições de um acordo inicialmente com o divino, os dois presidentes enfatizam a importância da relação estabelecida entre cada indivíduo e a própria nação americana. Segundo Obama, o cumprimento deste acordo dependia essencialmente da força de vontade e do espírito de sacrifício de cada um, sendo necessário seguir o plano traçado pela nova administração, mas principalmente o exemplo de gerações passadas, recuperando os seus valores, para que o sonho americano pudesse ser revivificado. Já Trump sublinhava a importância da renovação da dedicação da classe política à protecção dos interesses dos seus cidadãos. Assim, no discurso de Obama o acordo dependia de uma dedicação colectiva à reabilitação do ideal americano através dos valores a este associados, enquanto o seu sucessor enfatizava a importância de uma reforma governamental, dando prioridade ao cumprimento da vontade do cidadão comum e recuperando a prosperidade prometida pelo sonho americano.

Ambos utilizam, então, a noção do acordo para gerar, principalmente, inquietação na sua assistência face à possibilidade do incumprimento deste. Portanto, Obama e Trump recuperam o mecanismo da dúvida e incerteza que Bercovitch defende como sendo uma parte central da dinâmica cultural e identidade americanas, encontrando-se na génese de uma constante ansiedade que estimula a renovação da dedicação do indivíduo a uma determinada narrativa nacional: “To worry about ideals, to be nervous about goals, is to confirm and internalize them; the anxiety is preparatory to self-rededication. In short, the prospect of doomsday fuelled the energies of progress and fortified the rhetoric of continuity through change” (“Preface” xxxii). Logo, é precisamente através da ansiedade gerada pelas lamentações de ambos os presidentes quanto à condição actual dos Estados Unidos e possibilidade do incumprimento do acordo definido que Obama e Trump procuram fomentar um desejo de mudança e a coesão social necessária em torno de um propósito comum definido por cada nova administração.

Como resposta à ansiedade gerada em torno do estado da nação e ao desejo de reforma, tanto Obama como Trump caracterizam a sua eleição como um momento de viragem para os Estados Unidos, contrastando a situação actual com uma visão próspera do

futuro dos seus concidadãos. Desta forma, ambos introduzem nos seus discursos o optimismo que Bercovitch aponta como tendo sido inicialmente uma expressão da fé inabalável do clero puritano na sua missão e o elemento que atribui à expressão americana da jeremiada o seu carácter distinto (*American* 6-7). Tal como foi acima analisado, apesar das expressões associadas a uma noção de declínio serem frequentes no início da intervenção de Obama, esta é dominada por um tom esperançoso coincidente com a sua mensagem de campanha baseada tanto na esperança e mudança como na união: “Today I say to you that the challenges we face are real. They are serious and they are many. They will not be met easily or in a short span of time. But know this, America – They will be met” (374). Aliás, a própria apresentação, no fim do seu discurso inaugural, de um cenário de crise é utilizada como fonte de confiança na capacidade da nação de se superar. No caso de Trump, apesar da primeira metade do seu discurso ser dedicada à descrição de uma visão calamitosa do passado recente e estado actual dos Estados Unidos, o seu futuro surge igualmente associado a uma imagem bastante mais positiva do país: “We will face challenges. We will confront hardships. But we will get the job done” (“Inaugural”).

Contudo, ainda que ambas as intervenções descrevam um futuro próspero, cada presidente apresenta um plano distinto para o alcançar, visto que tanto a mensagem focada na unidade, esperança e mudança de Obama, como a campanha populista nacionalista de Trump influenciam o apelo à reforma expressa nos discursos inaugurais de ambos. Por um lado, Obama enfatiza a recuperação dos ideais presentes nos documentos fundadores da nação e dos valores de gerações anteriores, atribuindo particular importância ao espírito dinâmico e de sacrifício daqueles que tornaram os Estados Unidos numa próspera nação. Assim, baseando-se na narrativa de um país construído por imigrantes provenientes de lugares distintos, Obama apresenta uma visão culturalmente heterogénea, cosmopolita e tolerante da América da qual a própria imagem pública que construíra para si durante a corrida presidencial se tinha tornado representativa, demonstrando, assim, a natureza simbolicamente unificadora do cargo. Para além deste apelo a um retorno aos antigos valores apontados como responsáveis pelo progresso da nação, Obama não deixa de traçar um plano de intervenção governamental semelhante às medidas apresentadas ainda em campanha, incitando à cooperação por parte de todos os cidadãos na sua implementação. Deste modo, o presidente democrata propõe reabilitar o estado da economia criando novos empregos, investir nas infra-estruturas nacionais, reformar os sistemas de saúde e educacional do país, assim como colocar um fim à Guerra do Iraque e instaurar a paz no Afeganistão, enaltecendo a



cooperação internacional sem nunca descurar a defesa dos princípios americanos: “We will not apologize for our way of life, nor will we waver in its defense” (376).

Tal valorização dos interesses nacionais encontra-se igualmente presente no discurso de Trump: “We will seek friendship and goodwill with the nations of the world – but we do so with the understanding that it is the right of all nations to put their own interests first” (“Inaugural”). Como conseguimos observar, enquanto Obama toma como prioritária a defesa dos ideais que definem o modo de vida americano, o seu sucessor atribui maior importância à defesa dos interesses materiais do país através do fortalecimento da economia com a implementação de políticas proteccionistas: “We will follow two simple rules: Buy American and Hire American” (“Inaugural”). De facto, ao comparar os planos delineados por cada orador, é possível constatar que Obama atribui uma maior ênfase à preservação de valores nacionais do que Trump, cujo discurso se foca maioritariamente em recuperar a prosperidade material do povo americano. Assim, à excepção de breves apologias ao patriotismo e à união nacional, assim como uma única menção à coragem e bondade dos cidadãos americanos, Trump não se dirige à sua assistência para que esta recupere princípios fundamentais da nação expressos pelos seus documentos fundadores ou gerações passadas. Em vez disso, a população é incitada a participar no esforço de renovação da promessa americana, não só apoiando o plano delineado pela nova administração, como expressando as suas próprias necessidades e desejos de forma a moldar as decisões tomadas pela classe política. Estas, por sua vez, preveem um aumento da quantidade de postos de emprego oferecidos, um investimento nas infra-estruturas do país, a consolidação e formação de novas alianças internacionais na luta contra o terrorismo e a implementação de novas políticas comerciais que visem proteger os interesses nacionais.

Em conformidade com a mensagem populista nacionalista de Trump, todas estas medidas apresentadas são definidas como uma expressão da vontade dos cidadãos, respondendo aos sentimentos de privação relativa já aqui explorados e procurando restaurar a confiança do eleitorado na classe política nacional. Consequentemente, esta administração define como a sua principal missão a defesa dos interesses de grupos eleitorais até agora ignorados: “I will fight for you with every breath in my body – and I will never, ever let you down” (“Inaugural”). Contudo, sendo o discurso inaugural um momento que se destaca pela sua função simbólica de unificação da população, é natural que Trump não tenha mencionado algumas das políticas que mais marcaram a sua candidatura relativas ao controlo da imigração como, por exemplo, a construção de um muro na fronteira com o México. De facto, apesar de populares junto de certas fracções demográficas afectadas por uma ansiedade

identitária e cultural, o tratamento de Trump das comunidades imigrantes foi um dos pontos de maior controvérsia da sua corrida presidencial, podendo, assim, exacerbar a animosidade sentida pelos seus opositores se defendidas durante a tomada de posse. Tal gesto não só iria contrariar parte do simbolismo da cerimónia, como acabaria por fragilizar a eficiência retórica da jeremiada construída por Trump.

Considerando, então, os planos delineados por cada presidente, é possível observar como ambos não só caracterizam o momento da sua tomada de posse como um ponto de viragem, como também apelam à participação dos cidadãos americanos no esforço de recuperação da prosperidade nacional. Tanto Obama como o seu sucessor constroem um discurso que procura responder aos desafios que se apresentam ao país através de diversos apelos à intervenção do público. No entanto, enquanto o esforço pedido por Obama é marcado pela renovação da dedicação aos princípios fundadores da América, focando-se na recuperação de ideais e do espírito de sacrifício de gerações passadas, à assistência de Trump é-lhe solicitada maioritariamente o seu apoio às políticas da nova administração. Portanto, apesar de ambos anunciarem o início de um novo período para o país caracterizado pelo assumir de um maior poder pela população, este apresenta-se de forma distinta em cada discurso. Por um lado, a assistência de Obama é reiteradamente chamada a participar num esforço de reforma que passa pela revivificação de um conjunto de valores que, segundo o presidente, marcam a identidade nacional e são responsáveis pelo sucesso do país. No caso de Trump, este promete a devolução do poder ilegítimamente tomado pelas elites ao cidadão comum que deve apoiar a nova administração e os seus concidadãos, cuja vontade continua a ser mediada pela classe política, em particular, pelo próprio Trump.

Adicionalmente, em conformidade com a expressão americana da jeremiada, os discursos inaugurais de Obama e de Trump propõem uma redefinição da narrativa identitária nacional como resposta à perda de confiança da população na promessa americana. De facto, tal como foi acima mencionado, para além de apresentar um plano de reforma das medidas políticas e instituições governamentais danosas para a prosperidade do país, Obama promove um olhar para o passado e subsequente recuperação dos princípios fundadores da nação e dos ideais defendidos por anteriores gerações que contribuíram para o desenvolvimento e prosperidade material dos Estados Unidos. Um momento exemplificativo da importância atribuída ao passado como guia para o presente é apresentado no fim da sua intervenção, quando Obama cita as palavras de Thomas Paine e evoca a figura de George Washington como inspiração para enfrentar as adversidades actuais. Assim, o presidente democrata apela a uma reforma das atitudes que levaram ao actual estado de crise dominado pela inacção,

mesquinhez e polarização política. Como substituto, Obama relembra a sua assistência da criatividade, bondade, dinamismo, coragem, esforço, determinação e espírito de sacrifício que ajudaram o país a desenvolver-se e prosperar, construindo o ideal do sonho americano. Tal visão é ainda adaptada às características da sociedade contemporânea e à visão que Obama construiu para a América ao longo do período de campanha, apresentando-a como uma terra de imigrantes cuja diversidade e carácter cosmopolita são elementos essenciais para o alcance da sua prosperidade: “For we know that our patchwork heritage is a strength, not a weakness” (377). Contrariamente a Obama, a redefinição identitária proposta pelo seu sucessor não se encontra assente numa recuperação de princípios fundamentais, mas na implementação de medidas que visam restabelecer aspectos concretos de um passado (ainda que indefinido) anterior ao processo de carnificina do qual Trump afirma os Estados Unidos terem sido vítima. Logo, para além da reconstituição de uma América moldada pela vontade colectiva da sua população – “Together, we will determine the course of America and the world for years to come” (“Inaugural”) –, Trump perspectiva o restabelecimento de uma América forte, rica, orgulhosa e segura que voltará a servir de exemplo para o resto do mundo.

Por conseguinte, é precisamente devido a esta diferença no processo de reabilitação da promessa americana e sua identidade que podemos classificar o discurso de Obama como uma jeremiada progressista, procurando recuperar determinados princípios fundadores adaptando-os à contemporaneidade, e o discurso de Trump como uma jeremiada tradicionalista, servindo-se da nostalgia para moldar o futuro à luz de instituições e políticas passadas que resultassem na recuperação da prosperidade material da população. Deste modo, considerando a jeremiada americana como uma narrativa política, é possível observar como cada presidente apresenta uma visão histórica moldada de forma a servir os seus objectivos políticos no momento da tomada de posse. No caso de Obama, ao resgatar do passado americano as experiências dos imigrantes e das figuras fundadoras da nação, o presidente democrata é capaz de criar uma narrativa histórica concordante com a identidade culturalmente heterogénea que constrói não só da sociedade americana contemporânea, mas também de si próprio, consolidando o seu papel de chefe do poder executivo simbolicamente representativo de toda a nação. Adicionalmente, ao enaltecer a coragem e o sacrifício perante a adversidade das figuras evocadas e ao valorizar a sua dedicação para com a construção do ideal simbólico da América, responsabilizando tais valores pela prosperidade desta, Obama fortalece os seus apelos à acção, persuadindo a sua assistência a apoiar as medidas apresentadas pela nova administração. Quanto à intervenção de Trump, a sua evocação de um

passado no qual os Estados Unidos eram um exemplo à escala internacional, caracterizados por baixas taxas de desemprego, maior protecção das fronteiras – ou seja, menos imigrantes – e uma maior riqueza, potencia a criação de sentimentos nostálgicos por uma América maioritariamente branca onde o sonho americano de prosperidade material poderia ser alcançado pelo indivíduo trabalhador. Ademais, ao não evocar nenhuma figura ou período específicos, a ambiguidade com que Trump escolhe apresentar este passado permite ao público projectar nas palavras do presidente o seu próprio ideal e, consequentemente, apoiar as medidas apresentadas pela nova administração.

Como consequência desta adaptação da narrativa histórica dos Estados Unidos aos propósitos políticos de cada orador, a própria identidade nacional é alterada conforme os objectivos comunicativos de cada presidente no momento da tomada de posse. Contrariamente à continuidade criada por Obama em relação à narrativa identitária que constrói antes e depois da sua eleição, é possível constatar uma alteração da mensagem apresentada no discurso inaugural de Trump em relação às suas intervenções de campanha. Tal como foi acima abordado, parte da sua mensagem populista nacionalista durante a corrida presidencial consistiu na exploração das ansiedades identitárias e culturais sentidas principalmente pela fracção branca de comunidades cuja demografia sofrera profundas alterações com a chegada de imigrantes provenientes, em grande parte, da América Latina. Esta inquietação foi reiteradamente explorada por Trump ao longo da corrida eleitoral através da apresentação de medidas anti-imigração ilegal e do seu posicionamento politicamente ambíguo em relação às comunidades de imigrantes legais nos Estados Unidos, tendo sido criticado por defender princípios xenófobos e a visão de uma América branca culturalmente homogénea. No entanto, contrariamente aos seus discursos de campanha, na intervenção em análise, Trump procurou apresentar uma mensagem unificadora da população, afastando-se das controvérsias geradas pela sua postura contrária à imigração. Logo, apesar de continuar a promover o reforço da segurança fronteiriça e de se afastar da visão culturalmente heterogénea e cosmopolita da sociedade americana construída por Obama, a redefinição identitária proposta pelo presidente republicano não procurou promover directamente sentimentos hostis para com a população imigrante, tendo como objectivo consolidar a sua posição como chefe do poder executivo ao defender ideais passíveis de obter maior apoio popular como a união e a condenação do preconceito: “When you open your heart to patriotism, there is no room for prejudice” (“Inaugural”).

Por fim, estas divergências observadas entre os apelos dirigidos à população americana por cada presidente ajudam-nos a compreender a visão que cada um constrói da

promessa americana. Para ambos, esta inclui a obtenção de uma prosperidade material da qual qualquer cidadão poderia beneficiar. Contudo, tendo em conta o que é pedido ao público nacional por cada orador, é possível concluir que, apesar dos breves apelos ao patriotismo e unidade nacionais, Trump apresenta uma visão do sonho americano focada nos seus aspectos materiais, visto que a prosperidade prometida poderia ser recuperada recorrendo essencialmente a medidas administrativas que protegessem os interesses económicos do país. No discurso de Obama, tal sonho apenas poderia ser alcançado se, para além de medidas políticas, fosse implementada uma reforma dos valores que guiam a população, atribuindo-lhes igual ênfase: “Our challenges may be new. The instruments with which we meet them may be new. But those values upon which our success depends – honesty and hard work, courage and fair play, tolerance and curiosity, loyalty and patriotism – these things are old. These things are true. They have been the quiet force of progress throughout our history” (378). Assim, juntamente com a acção do governo e valorização da diferença como elemento fundamental à união, estes princípios fundamentais à identidade americana são promovidos como sendo eles também essenciais ao sucesso dos Estados Unidos.



## **A Jeremiáda Sobrevive: um Instrumento Político para uma América em Constante Devir**

Tal como foi inicialmente referido, a presente dissertação teve como propósito central revisitar a jeremiáda americana, concluindo com o estudo de dois exemplos da sua expressão na contemporaneidade, nomeadamente dois discursos inaugurais presidenciais. Foi necessário recorrer a diversas publicações alusivas não só à jeremiáda e à oratória presidencial americanas, como também às presidenciais de 2008 e 2016. Como tal, o primeiro capítulo abordou as origens, características e utilização da jeremiáda nos contextos religioso, político e cultural americanos, caracterizando-a como um instrumento de controlo e coesão social que procura rever a narrativa identitária de uma comunidade, redefinir o seu propósito e incitar os seus membros à acção através de um ritual de lamentação, arrependimento e renovação. Ainda num primeiro momento, foram igualmente delineadas as origens, os elementos temáticos e as funções principais do discurso inaugural presidencial, assinalando a proximidade entre o modelo retórico e os objectivos da jeremiáda e o papel da presidência, em particular do discurso inaugural, na criação de uma união e reinterpretação dos objectivos nacionais. O segundo capítulo foi dedicado às presidenciais de 2008 e 2016, tendo sido descritos o percurso político, a imagem pública, as temáticas de campanha e vitória de Barack Obama e Donald Trump. Esta caracterização permitiu, desde logo, assinalar variadas diferenças entre as duas personalidades, tendo sido atribuído maior ênfase às divergências entre o discurso baseado na união, na esperança e na mudança de Obama e o discurso populista nacionalista de Trump. Tal discordância também se manifestou, naturalmente, na narrativa identitária e visão para os Estados Unidos da América que ambos foram construindo ao longo da corrida eleitoral e que acabou por moldar os seus discursos inaugurais.

Partindo do conhecimento discutido nestes dois primeiros capítulos, foi possível, num terceiro momento, analisar os objectos de estudo seleccionados, demonstrando como ambos podem ser considerados expressões contemporâneas da jeremiáda americana e comparando a forma como o modelo argumentativo desta foi adaptado às ideias e agenda política de cada orador sem negligenciar as temáticas comuns e as funções política e simbólica da cerimónia de tomada de posse.

De facto, tanto Obama como Trump aproveitaram a sua primeira intervenção pública como chefes do poder executivo para manifestarem a sua aptidão para o cargo ao demonstrarem conhecer os principais problemas enfrentados pelo país e as necessidades da

população. Num tom optimista, tanto Obama como Trump celebram o momento como um ritual de transferência pacífica de poder entre administrações, renovando a união entre os cidadãos e o acordo democrático feito entre estes e a presidência. Ambas as tomadas de posse são, então, marcadas por um apelo à união e à acção por parte da população para que esta reconheça as suas responsabilidades a nível nacional e internacional e participe nos esforços de definição de um propósito conjunto para o futuro do país. Este, por sua vez, é definido por cada orador através da enumeração de um conjunto de directivas a seguir pela nova administração, utilizando uma narrativa da identidade e do passado nacionais como forma de gerar um consenso. Ademais, sendo um ritual integrante da religião civil americana, Obama e Trump reconhecem a relação estabelecida entre a América e uma entidade divina, preservando a noção de *Povo Eleito*.

Para além de todos estes elementos associados aos modelos argumentativos tanto do discurso inaugural como da jeremiada americana, as intervenções de Obama e Trump também apresentam as três características geralmente identificadas como fundamentais na jeremiada. Com efeito, ambos lamentam e caracterizam a situação de crise em que a comunidade se encontra, comparando-a com o seu passado, identificam os responsáveis por tal declínio e apelam à mudança. De modo a unir e criar na assistência um desejo de acção, estes três momentos são acompanhados de um discurso que visa gerar sentimentos de inquietação quanto à possibilidade de incumprimento do acordo estabelecido entre cada cidadão e a própria nação e o consequente fracasso da promessa americana.

Apesar de partilharem esta mesma estrutura discursiva, as intervenções de Obama e Trump possuem várias divergências que puderam ser justificadas recorrendo ao contexto de enunciação, visto que as imagem, mensagem de campanha e agenda política de ambos contribuíram significativamente para moldar as temáticas apresentadas. Deste modo, tal como foi possível observar, a mensagem baseada em união, mudança e esperança de Obama e o discurso populista nacionalista de Trump foram elementos que contribuíram para a construção de dois discursos inaugurais com visões do passado e definição das responsabilidades, identidade e objectivos nacionais distintos.

De facto, enquanto Obama privilegia a preservação da unidade nacional ao responsabilizar toda a população pela situação de crise em que o país se encontra, Trump utiliza um discurso polarizador que promove a desconfiança em relação à classe política e às potências estrangeiras para justificar a degradação do sonho americano. Ademais, apesar do acordo estabelecido entre o ser humano e Deus ser reformado e secularizado por ambos os oradores, enquanto Obama atribui a responsabilidade do cumprimento deste acordo à



população que se compromete a dedicar-se a um conjunto de valores, entre os quais o espírito de sacrifício é destacado, Trump responsabiliza os elementos do governo pelo sucesso do país, sendo que estes devem comprometer-se a ouvir e implementar a vontade dos seus concidadãos. No entanto, é de notar como para a construção do discurso populista nacionalista de Trump também contribuiu a importância que a criação de coesão e unidade entre os membros da assistência tem para o sucesso retórico da jeremiada e da própria cerimónia de tomada de posse. Tal relevância levou Trump não só a omitir do seu discurso inaugural as suas medidas mais controversas relativas à forte restrição da imigração, como também a alterar a imagem da identidade nacional que construiu durante o período de campanha, acabando por valorizar a diferença e promover a igualdade no seu discurso inaugural, mesmo que a promoção deste ideal surja como contraditória face à realidade evocada quando apela à restituição e ao reforço da segurança fronteiriça.

Em ambas as intervenções o passado é utilizado como um guia para a construção do futuro e renovação do sonho americano, sendo que, enquanto Obama procura recuperar os valores de gerações passadas adaptando-os ao presente, Trump propõe o retorno a um passado indefinido. Tal divergência pode ser compreendida através da visão que cada presidente apresenta da promessa americana e de como alcançá-la. Esta, por sua vez, consiste para ambos na reconquista de uma prosperidade material. Contudo, enquanto para Obama alcançá-la depende tanto de medidas governamentais como de uma recuperação dos ideais presentes nos documentos fundadores da nação e espírito de sacrifício de anteriores gerações, para Trump é apenas necessário que a vontade da população seja novamente ouvida e traduzida em medidas concretas pelo governo. De forma semelhante, para além de valorizar a diferença promovendo o carácter culturalmente heterogéneo da sociedade americana, a narrativa identitária proposta por Obama é também bastante focada num conjunto de princípios que o novo presidente recupera de um passado ilustre. Por outro lado, a identidade americana promovida por Trump não se baseia num conjunto de valores, mas na visão de um país democrático composto por uma população com capacidade para intervir, desassociando o sonho americano ou a noção de um acordo nacional da promoção e defesa de um conjunto de princípios.

Concluindo, penso ser válido afirmar que apesar das suas divergências, os discursos inaugurais analisados podem continuar a ser considerados jeremiadas, demonstrando, assim, a flexibilidade do modelo argumentativo do sermão político puritano que lhe permitiu sobreviver até à contemporaneidade. O emprego da jeremiada nos discursos inaugurais estudados pode ser igualmente justificado pela ligação da sua estrutura discursiva a uma

forma de pensar a identidade e o propósito de uma comunidade intrinsecamente americana, marcada pelo receio do falhanço, a par do desejo de cumprimento dos objectivos traçados e constante questionamento e redefinição dos mesmos. Logo, ao recorrerem à expressão americana da jeremiada nos seus discursos inaugurais, Obama e Trump reconhecem não só as responsabilidades do cargo que acabam de ocupar e a função simbólica da cerimónia, mas também a importância da dúvida e do questionamento identitários – quem se é e para onde se vai ou se tem de ir – na construção das complexas e dinâmicas noções da América e da identidade americana.

## Bibliografia

- Abramowitz, Alan I. "Transformation and Polarization: The 2008 Presidential Election and the New American Electorate." *Electoral Studies*, vol. 29, no. 4, 2010, pp. 594-603. *ScienceDirect*, doi: 10.1016/j.electstud.2010.04.006. Accessed 10 Sept. 2018.
- Adler, David Gray. "The Presidency and the Constitution." *New Directions in the American Presidency*, edited by Lori Cox Han, Routledge, 2011, pp. 12-32.
- Aelst, Denis Muller. "Trump, Truth and the Media." *US Election Analysis 2016: Media, Voters and the Campaign*, edited by Lilleker et al., Centre for the Study of Journalism, Culture and Community, 2016, p. 17.
- Aelst, Peter Van. "The 2016 Election and the Success of Fact Free Politics." *US Election Analysis 2016: Media, Voters and the Campaign*, edited by Lilleker et al., Centre for the Study of Journalism, Culture and Community, 2016, p. 16.
- Al-Ghazzi, Omar. "Trump's 'promised land' of white masculine economic success." *US Election Analysis 2016: Media, Voters and the Campaign*, edited by Lilleker et al., Centre for the Study of Journalism, Culture and Community, 2016, p. 57.
- Allcott, Hunt and Matthew Gentzkow. "Social Media and Fake News in the 2016 Election." *The Journal of Economic Perspectives*, vol. 31, no. 2, 2017, pp. 211-235. *JSTOR*, [www.jstor.org/stable/44235006](http://www.jstor.org/stable/44235006). Accessed 10 Sept. 2018.
- Altschuler, Glenn C. "Apathy, Apocalypse, and the American Jeremiad." *American Literary History*, vol. 15, no. 1, 2003, pp. 162-171. *JSTOR*, [www.jstor.org/stable/3567973](http://www.jstor.org/stable/3567973). Accessed 14 Oct. 2018.
- Anderson, et al. "Speechwriters on the Inaugural Address." *The President's Words: Speeches and Speechwriting in the Modern White House*, edited by Michael Nelson and Russell L. Riley, University Press of Kansas, 2010, pp. 111-146.
- Aristóteles. *Retórica*. Translated by Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005, pp. 124-130.
- Atwater, Deborah F. "Senator Barack Obama: The Rhetoric of Hope and the American Dream." *Journal of Black Studies*, vol. 38, no. 2, 2007, pp. 121-129. *JSTOR*, [www.jstor.org/stable/40034970](http://www.jstor.org/stable/40034970). Accessed 9 Apr. 2019.
- Austermühl, Frank. *The Great American Scaffold: Intertextuality and identity in American presidential discourse*. John Benjamins Publishing Company, 2014.
- Avelar, Mário. "A inscrição puritana e os topoi da utopia." *O Nascimento de uma Nação: Nas origens da literatura americana*. Edições Cosmos, 2008, pp. 81-119.

- Balz, Dan and Haynes Johnson. "'Very Scary Times'." *The Battle for America 2008: The Story of an Extraordinary Election*. Kindle ed., Viking, 2009, pp. 959-1148.
- Basu, Kaushik. "The Rise of Trump and an Agenda for Regulatory Reform." *Journal of Policy Modeling*, vol. 40, no. 3, 2018, pp. 546-558. *Science Direct*, doi: 10.1016/j.jpolmod.2018.03.007. Accessed 10 Sept. 2018.
- Baughman, Deronda and Dennis D. Cali. "Trump as Troll: Personae and Persuasive Inoculation in the 2016 Presidential Campaign." *The 2016 US Presidential Campaign: Political Communication and Practice*, edited by Robert E. Denton, Jr., Palgrave Macmillan, 2017, pp. 153-177.
- Beasley, Vanessa B. "The Rhetoric of Ideological Consensus in the United States: American Principles and American Pose in Presidential Inaugurals." *Communication Monographs*, vol. 68, no. 2, 2001, pp. 169-183. *Taylor and Francis Online*, doi: 10.1080/03637750128055. Accessed 27 Dec. 2018.
- Bell, Bernard W. "President Barack Obama, the Rev. Dr. Jeremiah Wright, and the African Jeremiadic Tradition." *The Massachusetts Review*, vol. 50, no. 3, 2009, pp. 332-343. *JSTOR*, www.jstor.org/stable/25651910. Accessed 10 Mar. 2019.
- Bellah, Robert. "Civil Religion in America." *Daedalus*, vol. 96, no. 1, 1967, pp.1-21. *JSTOR*, www.jstor.org/stable/20027022. Accessed 23 Jan. 2019.
- Bercovitch, Sacvan. *The American Jeremiad*. The University of Wisconsin Press, 2012.
- \_\_\_\_\_. "Preface to the 2011 Edition." *The Puritan Origins of the American Self*. Yale University Press, 2011, pp. ix-xliii.
- \_\_\_\_\_. "The Typology of America's Mission." *American Quarterly*, vol. 30, no. 2, 1978, pp. 135-155. *JSTOR*, www.jstor.org/stable/2712320. Accessed 29 Sept. 2018.
- The Bible*. Authorized King James Version, edited by Robert Carroll and Stephen Prickett, Oxford University Press, 1997.
- Bimes, Terri. "The Practical Origins of the Rhetorical Presidency." *Critical Review: A Journal of Politics and Society*, vol. 19, no. 2-3, 2007, pp. 241-256. *Taylor & Francis Online*, doi: 10.1080/08913810701766124. Accessed 19 Dec. 2018.
- Bligh, Michelle C. and Jeffrey C. Kohles. "The Enduring Allure of Charisma: How Barack Obama Won the Historic 2008 Presidential Election." *The Leadership Quarterly*, vol. 20, no. 3, 2009, pp. 583-492. *ScienceDirect*, doi: 10.1016/j.leaqua.2009.03.013. Accessed 10 Sept. 2018.
- Boorstin, Daniel J. "A City Upon a Hill: The Puritans of Massachusetts Bay." *The Americans: The Colonial Experience*. Random House, 1958, pp. 3-31.

- Bosco, Ronald A. "Lectures at the Pillory: The Early American Execution Sermon." *American Quarterly*, vol. 30, no. 2, 1978, pp. 156-176. *JSTOR*, [www.jstor.org/stable/2712321](http://www.jstor.org/stable/2712321). Accessed 26 Oct. 2018.
- Bradford, William. "Of Plymouth Plantation." c.1650. *The American Puritans: Their Prose and Poetry*, edited by Perry Miller, Columbia University Press, 1956, pp. 5-20.
- Bremer, Francis J. *Puritanism: A Very Short Introduction*. Oxford University Press, 2009.
- Brewin, Mark Winston. "The New England Execution Sermon: Texts, Rituals, and Power." *Observatorio*, vol. 5, no. 2, 2011, pp. 135-160. *OBS*, [obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/440/427](http://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/440/427). Accessed 14 Oct. 2018.
- Brogan, Hugh. *The Penguin History of the United States of America*. 2nd ed., Penguin Books, 1999.
- Brown, Gwen. "'A More Perfect Union': Barack Obama's Failed Apologia and Successful Use of Identity Politics." *Studies of Identity in the 2008 Presidential Campaign*, edited by Robert E. Denton, Jr., Lexington Books, 2010, pp. 41-64.
- Bush, George W. "First Inaugural Address." *Inaugural Addresses of the Presidents of the United States: from George Washington, 1789 to Barack Obama, 2013*, edited by the Committee on Inaugural Ceremonies, Cosimo Classics, 2013, pp. 363-367.
- \_\_\_\_\_. "Second Inaugural Address." *Inaugural Addresses of the Presidents of the United States: from George Washington, 1789 to Barack Obama, 2013*, edited by the Committee on Inaugural Ceremonies, Cosimo Classics, 2013, pp. 368-372.
- Butts, Francis T. "The Myth of Perry Miller." *The American Historical Review*, vol. 87, no. 3, 1982, pp. 665-694. *JSTOR*, [www.jstor.org/stable/1864160](http://www.jstor.org/stable/1864160). Accessed 29 Oct. 2018.
- Camille, Elizabeth and Kasie M. Roberson. "Playing the Gender Card Against a Stacked Deck: A Comparison of Senator Hillary Clinton and Governor Sarah Palin's Gender-based Apologia in the 2008 Presidential Election." *Studies of Identity in the 2008 Presidential Campaign*, edited by Robert E. Denton, Jr., Lexington Books, 2010, pp. 65-80.
- Campbell, Karlyn Kohrs and Kathleen Hall Jamieson. *Presidents Creating the Presidency: Deeds Done in Words*. The University of Chicago Press, 2008.
- Cannon, Carl M. "How Donald Trump Won." *RealClear Politics*, 10 Nov. 2016, [www.realclearpolitics.com/articles/2016/11/10/how\\_donald\\_trump\\_won\\_132321.html](http://www.realclearpolitics.com/articles/2016/11/10/how_donald_trump_won_132321.html). Accessed 16 Apr. 2019.

- Carlson, Matt. "The Question of Objectivity in the 2016 Presidential Election." *US Election Analysis 2016: Media, Voters and the Campaign*, edited by Lilleker et al., Centre for the Study of Journalism, Culture and Community, 2016, p. 11.
- Ceaser, James W., et al. "The Rise of the Rhetorical Presidency." *Presidential Studies Quarterly*, vol. 11, no. 2, 1981, pp. 158-171. *JSTOR*, [www.jstor.org/stable/27547683](http://www.jstor.org/stable/27547683). Accessed 11 Sept. 2018.
- Chozick, Amy et al. "Hillary Clinton Selects Tim Kaine, a Popular Senator From a Swing State, as Running Mate." *The New York Times*, 22 Jul. 2016, [www.nytimes.com/2016/07/23/us/politics/tim-kaine-hillary-clinton-vice-president.html](http://www.nytimes.com/2016/07/23/us/politics/tim-kaine-hillary-clinton-vice-president.html). Accessed 26 Apr. 2019.
- Coe, Kevin and Rico Neumann. "The Major Addresses of Modern Presidents: Parameters of a Data Set." *Presidential Studies Quarterly*, vol. 41, no. 4, 2011, pp. 727-751. *Wiley Online Library*, doi: 10.1111/j.1741-5705.2011.03912.x. Accessed 27 Dec. 2018.
- Coe, Kevin and Sarah Chenoweth. "Presidents as Priests: Toward a Typology of Christian Discourse in the American Presidency." *Communication Theory*, vol. 23, no. 4, 2013, pp. 375-394. *Wiley Online Library*, doi: 10.1111/comt.12020. Accessed 12 Sept. 2018.
- Cosgrove, Ken. "The Emotional Brand Wins." *US Election Analysis 2016: Media, Voters and the Campaign*, edited by Lilleker et al., Centre for the Study of Journalism, Culture and Community, 2016, p. 27.
- Danforth, Samuel. "A Brief Recognition of New-Englands Errand into the Wilderness: An Online Electronic Text Edition." 1670. *Faculty Publications*, UNL Libraries, [digitalcommons.unl.edu/libraryscience/35](http://digitalcommons.unl.edu/libraryscience/35). Accessed 30 Oct. 2018.
- Degani, Marta. "Endangered Intellect: A Case Study of Clinton Vs Trump Campaign Discourse." *Iperstoria*, no. 8, 2016, pp. 131-145, [www.iperstoria.it/joomla/images/PDF/Numero\\_8/generale\\_8/Degani\\_intestato.pdf](http://www.iperstoria.it/joomla/images/PDF/Numero_8/generale_8/Degani_intestato.pdf). Accessed 18 Apr. 2019.
- \_\_\_\_\_. *Framing the Rhetoric of a Leader: An Analysis of Obama's Election Campaign Speeches*. Palgrave Macmillan, 2015.
- Denton, Robert E., Jr. "A Communication Model of Presidential Power." *Presidential Studies Quarterly*, vol. 18, no. 3, 1988, pp. 523-539. *JSTOR*, [www.jstor.org/stable/40574497](http://www.jstor.org/stable/40574497). Accessed 19 Dec. 2018.
- \_\_\_\_\_. "Identity Politics in the 2008 Presidential Campaign: An Overview." *Studies of Identity in the 2008 Presidential Campaign*, edited by Robert E. Denton, Jr., Lexington Books, 2010, pp. 1-24.

- \_\_\_\_\_. "Issues of Gender in the 2016 Presidential Campaign." *The 2016 US Presidential Campaign: Political Communication and Practice*, edited by Robert E. Denton, Jr., Palgrave Macmillan, 2017, pp. 179-203.
- Dewberry, David R. "From Benghazi to E-Mails: Two Sides of the Same Scandal." *The 2016 US Presidential Campaign: Political Communication and Practice*, edited by Robert E. Denton, Jr., Palgrave Macmillan, 2017, pp. 231-256.
- Diggins, John Patrick. "Return of the Sacred to Political Thought: Herman Melville and Abraham Lincoln." *The Lost Soul of American Politics: Virtue, Self-Interest, and the Foundations of Liberalism*. Basic Books, Inc., 1984, pp. 277-333.
- Duignan, Brian. "Donald Trump." *Encyclopædia Britannica*, 8 Apr. 2019, *Encyclopædia Britannica*. [www.britannica.com/biography/Donald-Trump](http://www.britannica.com/biography/Donald-Trump). Accessed 27 Apr. 2019.
- Dunn, Scott and John C. Tedesco. "Political Advertising in the 2016 Presidential Election." *The 2016 US Presidential Campaign: Political Communication and Practice*, edited by Robert E. Denton, Jr., Palgrave Macmillan, 2017, pp. 99-120.
- Eatwell, Roger and Matthew Goodwin. *National Populism: The Revolt Against Liberal Democracy*. Pelican Books, 2018.
- Egan, James. "'This Is a Lamentation and Shall Be for a Lamentation': Nathaniel Ward and the Rhetoric of the Jeremiad." *Proceedings of the American Philosophical Society*, vol. 122, no. 6, 1978, pp. 400-410. *JSTOR*, [www.jstor.org/stable/986455](http://www.jstor.org/stable/986455). Accessed 15 Oct. 2018.
- Elliott, Emory. "The American Jeremiad." *A New Literary History of America*, edited by Greil Marcus and Werner Sollors, Harvard University Press, 2009, pp. 40-44.
- \_\_\_\_\_. "New England Puritan Literature." *The Cambridge History of American Literature, 1590-1820*, edited by Sacvan Bercovitch and Cyrus R. K. Patell, Vol. 1, Cambridge University Press, 1994, pp. 171-306.
- Engel, Pamela. "Donald Trump: 'I would bomb the s--- out of' ISIS'." *Business Insider*, 13 Nov. 2015, [www.businessinsider.com/donald-trump-bomb-isis-2015-11](http://www.businessinsider.com/donald-trump-bomb-isis-2015-11). Accessed 5 May 2019.
- Enli, Gunn. "Twitter as Arena for the Authentic Outsider: Exploring the Social Media Campaigns of Trump and Clinton in the 2016 US Presidential Election." *European Journal of Communication*, vol. 32, no. 1, 2017, pp. 2017. *SAGE Journals*, doi: 10.1177/0267323116682802. Accessed 18 Apr. 2019.

- Ericson, David F. "Presidential Inaugural Addresses and American Political Culture." *Presidential Studies Quarterly*, vol. 27, no. 4, 1997, pp. 727-744. *JSTOR*, [www.jstor.org/stable/27551797](http://www.jstor.org/stable/27551797). Accessed 8 Sept. 2018.
- Escobar, Oliver. "Suspending Disbelief: Obama and the Role of Emotions in Political Communication." *Politics and Emotions: The Obama Phenomenon*, edited by Marcos Engelken-Jorge et al., VS Verlag, 2011, pp. 109-128.
- Fineman, Howard. "Trump's Inaugural Speech Sounded More Like a Takeover." *Huffpost*, 20 Jan. 2017, [www.huffpost.com/entry/trump-inaugural-speech\\_n\\_588273b3e4b096b4a231a7ad?guccounter=1](http://www.huffpost.com/entry/trump-inaugural-speech_n_588273b3e4b096b4a231a7ad?guccounter=1). Accessed 7 Sept. 2018.
- Fisher, Walter R. "Narrativity and Politics: The Case of Ronald Reagan." *Human Communication as Narration: Toward a Philosophy of Reason, Value, and Action*. University of South Carolina Press, 1987, pp. 143-157.
- \_\_\_\_\_. "Reaffirmation and Subversion of the American Dream." *Quarterly Journal of Speech*, vol. 59, no. 2, 1973, pp. 160-167. *Taylor and Francis Online*, doi: 10.1080/00335637309383164. Accessed 7 Feb. 2019.
- Garrow, David J. *Rising Star: The Making of Barack Obama*. William Collins, 2017.
- Gaustad, Edwin S. *Roger Williams*. Oxford University Press, 2005.
- Goethals, George R. "Almost 'Nothing New Under the Sun': American Politics and the Election of Donald Trump." *Leadership*, vol. 13, no. 4, 2017, pp. 413-423. *SAGE Journals*, doi: 10.1177/1742715017724533. Accessed 17 Apr. 2019.
- Gökariksel, Banu and Sara Smith. "Making America Great Again?: The Fascist Body Politics of Donald Trump." *Political Geography*, vol. 54, 2016, pp. 79-81. *ScienceDirect*, doi: 10.1016/j.polgeo.2016.07.004. Accessed 10 Sept. 2018.
- Gray, Richard. "The First Americans: American Literature Before and During the Colonial and Revolutionary Periods." *A History of american literature*. 2nd ed., Wiley-Blackwell, 2012, pp. 1-87.
- Greenwood, Max. "Miller and Bannon wrote Trump inaugural address: report." *The Hill*, 21 Jan. 2017, [thehill.com/homenews/administration/315464-bannon-miller-wrote-trumps-inauguration-address-report](http://thehill.com/homenews/administration/315464-bannon-miller-wrote-trumps-inauguration-address-report). Accessed 9 Aug. 2019.
- Han, Lori Cox. "Introduction: Studying the Presidency." *New Directions in the American Presidency*, edited by Lori Cox Han, Routledge, 2011, pp. 1-11.
- Harrell, Willie J., Jr. "A '21st Century Economic Agenda for America': Barack Obama's Pre-Presidential Economic Jeremiads." *Canadian Review of American Studies*, vol. 41,



- no. 3, 2011, pp. 299-324. *Research Gate*, doi: 10.1353/crv.2011.0022. Accessed 10 Sept. 2018.
- \_\_\_\_\_. “‘The Reality of American Life Has Strayed From Its Myths’: Barack Obama’s *The Audacity of Hope* and the Discourse of the American Reclamation Jeremiad.” *Journal of Black Studies*, vol. 41, no. 1, 2010, pp. 164-183. *JSTOR*, [www.jstor.org/stable/25704100](http://www.jstor.org/stable/25704100). Accessed 10 Sept. 2018.
- Hendricks, John Allen and Dan Schill. “The Social Media Election of 2016.” *The 2016 US Presidential Campaign: Political Communication and Practice*, edited by Robert E. Denton, Jr., Palgrave Macmillan, 2017, pp. 121-150.
- Hendricks, John Allen and Robert E. Denton, Jr. “Political Campaigns and Communicating with the Electorate in the Twenty-First Century.” *Communicator-in-Chief: How Barack Obama Used New Media Technology to Win the White House*, edited by John Allen Hendricks and Robert E. Denton, Jr. Lexington Books, 2010, pp. 1-18.
- Hermida, Alfred. “Trump and the Triumph of Affective News When Everyone is Media.” *US Election Analysis 2016: Media, Voters and the Campaign*, edited by Lilleker et al., Centre for the Study of Journalism, Culture and Community, 2016, p. 76.
- Higginson, John. “The Cause of God and His People in New-England.” 1663. *Evans Early American Imprint Collection*, Text Creation Partnership, [name.umdl.umich.edu/N00043.0001.001](http://name.umdl.umich.edu/N00043.0001.001). Accessed 22 Oct. 2018.
- Highton, Benjamin. “Prejudice Rivals Partisanship and Ideology When Explaining the 2008 Presidential Vote across the States.” *PS: Political Science and Politics*, vol. 44, no. 3, 2011, pp. 530-535. *JSTOR*, [www.jstor.org/stable/41319767](http://www.jstor.org/stable/41319767). Accessed 10 Sept. 2018.
- Hochschild, Arlie Russell. *Strangers in Their Own Land: Anger and Mourning on the American Right*. iBook ed., The New Press, 2016.
- Holloway, Rachel L. “Midnight in America: The Political Conventions in 2016.” *The 2016 US Presidential Campaign: Political Communication and Practice*, edited by Robert E. Denton, Jr., Palgrave Macmillan, 2017, pp. 27-75.
- Hoogue, Marc and Sofie Marien. “How the Wall with Mexico Symbolizes the Utopia of Trump’s Supporters.” *US Election Analysis 2016: Media, Voters and the Campaign*, edited by Lilleker et al., Centre for the Study of Journalism, Culture and Community, 2016, p. 44.
- Horton, Rod W., and Herbert W. Edwards. “Puritanism.” *Backgrounds of American Literary Thought*. 3rd ed., Prentice-Hall, Inc., 1974, pp. 7-53.

- Howard-Pitney, David. "The Enduring Black Jeremiad: The American Jeremiad and Black Protest Rhetoric, from Frederick Douglass to W. E. B. Du Bois, 1841-1919." *American Quarterly*, vol. 38, no. 3, 1986, pp. 481-492. *JSTOR*, [www.jstor.org/stable/2712678](http://www.jstor.org/stable/2712678). Accessed 22 Oct. 2018.
- Hudson, Marc. "President Trump and Climate Change." *US Election Analysis 2016: Media, Voters and the Campaign*, edited by Lilleker et al., Centre for the Study of Journalism, Culture and Community, 2016, p. 50.
- Jacobson, Gary C. "The Triumph of Polarized Partisanship in 2016: Donald Trump's Improbable Victory." *Political Science Quarterly*, vol. 132, no. 1, 2017. *Wiley Online Library*, doi: 10.1002/polq.12572. Accessed 10 Sept. 2018.
- Johannesen, Richard L. "Ronald Reagan's Economic Jeremiad." *Central States Speech Journal*, vol. 37, no. 2, 1986, pp. 79-89, *Taylor and Francis Online*, doi: 10.1080/10510978609368207. Accessed 2 Jan. 2019.
- Johnson, David Cay. Introduction. *The Making of Donald Trump*. iBooks ed., Melville House, 2016, pp. 10-23.
- Jones, Charles O. "The Inaugural Address: Ceremony of Transitions." *The President's Words: Speeches and Speechwriting in the Modern White House*, edited by Michael Nelson and Russell L. Riley, University Press of Kansas, 2010, pp. 87-110.
- Karpf, David. "The #LolNothingMatters Election." *US Election Analysis 2016: Media, Voters and the Campaign*, edited by Lilleker et al., Centre for the Study of Journalism, Culture and Community, 2016, p. 25.
- Kaveny, M. Cathleen. "The Remnants of Theocracy: The Puritans, the Jeremiad and the Contemporary Culture Wars." *Law, Culture and the Humanities*, vol. 9, no. 1, 2013, pp. 59-70. *Sage Journals*, doi: 10.1177/1743872110381353. Accessed 19 Oct. 2018.
- Kellner, Douglas. "Presidential Debates, The *Access Hollywood* Tapes, and Donald the Deplorable." *American Horror Show: Election 2016 and the Ascent of Donald J. Trump*. Sense Publishers, 2017, pp. 1-15.
- Kennedy, John F. "Inaugural Address." *Inaugural Addresses of the Presidents of the United States: from George Washington, 1789 to Barack Obama, 2013*, edited by the Committee on Inaugural Ceremonies, Cosimo Classics, 2013, pp. 305-308.
- Kenski, Kate M. and Henry C. Kenski. "Identity Politics: Gender and Race in the 2008 Democratic Presidential Nomination." *Studies of Identity in the 2008 Presidential Campaign*, edited by Robert E. Denton, Jr., Lexington Books, 2010, pp. 81-110.

- \_\_\_\_\_. "Explaining the Vote in the Election of 2016: The Remarkable Come from Behind Victory of Republican Candidate Donald Trump." *The 2016 US Presidential Campaign: Political Communication and Practice*, edited by Robert E. Denton, Jr., Palgrave Macmillan, 2017, pp. 285-309.
- Kenski, Kate et al. *The Obama Victory: How Media, Money, and Message Shaped the 2008 Election*. Oxford University Press, 2010.
- Kirk, Rita and Stephanie A. Martin. "The Dark Power of Words: Stratagems of Hate in the 2016 Presidential Campaign." *The 2016 US Presidential Campaign: Political Communication and Practice*, edited by Robert E. Denton, Jr., Palgrave Macmillan, 2017, pp. 205-229.
- Kreis, Ramona. "The 'Tweet Politics' of President Trump." *Journal of Language and Politics*, vol. 16, no. 4, 2017, pp. 107-118. *John Benjamins*, doi: 10.1075/jlp.17032.kre. Accessed 18 Apr. 2019.
- Laracey, Mel. *Presidents and the People: The Partisan Story of Going Public*. Texas A&M University Press, 2002.
- \_\_\_\_\_. "The Rhetorical Presidency Today: How Does it Stand Up?" *Presidential Studies Quarterly*, vol. 39, no. 4, 2009, pp. 908-931. *JSTOR*, [www.jstor.org/stable/41427429](http://www.jstor.org/stable/41427429). Accessed 11 Jan. 2019.
- Lee, Jayeon and Weiai Xu. "The More Attacks, the More Retweets: Trump's and Clinton's Agenda Setting on Twitter." *Public Relations Review*, vol. 44, no. 2, 2018. *ScienceDirect*, doi: 10.1016/j.pubrev.2017.10.002. Accessed 10 Sept. 2018.
- Leibovich, Mark. "The Speech that Made Obama." *The New York Times Magazine*, 27 July 2016, [www.nytimes.com/2016/07/27/magazine/the-speech-that-made-obama.html](http://www.nytimes.com/2016/07/27/magazine/the-speech-that-made-obama.html). Accessed 8 Mar. 2019.
- Lempres, Ellen. *'The Spirit – The Faith of America': The Role of Religious Rhetoric in Presidential Inaugural Addresses from George Washington to Donald Trump*. Senior thesis. Claremont McKenna College, 2018.
- Lewis-Beck, Michael S. and Richard Nadeau. "Obama and the Economy in 2008." *PS: Political Science and Politics*, vol. 42, no. 3, 2009, pp. 479-483. *JSTOR*, [www.jstor.org/stable/40647643](http://www.jstor.org/stable/40647643). Accessed 10 Sept. 2018.
- Lim, Elvin T. *The Anti-Intellectual Presidency: The Decline of Presidential Rhetoric from George Washington to George W. Bush*. Oxford University Press, 2008.
- \_\_\_\_\_. "Five Trends in Presidential Rhetoric: An Analysis of Rhetoric from George Washington to Bill Clinton." *Presidential Studies Quarterly*, vol. 32, no. 2, 2002, pp.

- 328-348. *Wiley Online Library*, doi: 10.1111/j.0360-4918.2002.00223.x. Accessed 16 Sept. 2018.
- Lincoln, Abraham. "First Inaugural Address." *Inaugural Addresses of the Presidents of the United States: from George Washington, 1789 to Barack Obama, 2013*, edited by the Committee on Inaugural Ceremonies, Cosimo Classics, 2013, pp. 133-141.
- \_\_\_\_\_. "Second Inaugural Address." *Inaugural Addresses of the Presidents of the United States: from George Washington, 1789 to Barack Obama, 2013*, edited by the Committee on Inaugural Ceremonies, Cosimo Classics, 2013, pp. 142-143.
- Lindseth, Julian Jansson. "*Trumpism before Trump*": *A Genealogy of the Trumpist Political Appeal*. Master dissertation. University of Oslo, 2018.
- Liu, Baodong. "Conclusion: The Obama Racial Coalition." *The Election of Barack Obama: How He Won*. Palgrave Macmillan, 2010, pp. 123-132.
- MacGaskill, Ewen. "Donald Trump bows out of 2012 US presidential election race." *The Guardian*, 16 May 2011, [www.theguardian.com/world/2011/may/16/donald-trump-us-presidential-race](http://www.theguardian.com/world/2011/may/16/donald-trump-us-presidential-race). Accessed 23 Apr. 2019.
- Masket, Seth E. "Did Obama's Ground Game Matter? The Influence of Local Field Offices during the 2008 Presidential Election." *The Public Opinion Quarterly*, vol. 73, no. 5, 2009, pp. 1023-1039. *JSTOR*, [www.jstor.org/stable/40467656](http://www.jstor.org/stable/40467656). Accessed 10 Sept. 2018.
- Mather, Increase. "The Day of Trouble is Near." 1673. *Evans Early American Imprint Collection*, Text Creation Partnership, [name.umdl.umich.edu/N00137.0001.001](http://name.umdl.umich.edu/N00137.0001.001). Accessed 30 Oct. 2018.
- \_\_\_\_\_. "The Mystery of Israel's Salvation." 1667. *The Puritans in America: A Narrative Anthology*, edited by Alan Heimert and Andrew Delbanco, Harvard University Press, 1985, pp. 239-246.
- Mattson, Kevin. "President Trump's 'American carnage' speech fit into a long American tradition." *Vox*, 28 Jan. 2017, [www.vox.com/the-big-idea/2017/1/26/14393288/trump-inaugural-american-carnage-speech](http://www.vox.com/the-big-idea/2017/1/26/14393288/trump-inaugural-american-carnage-speech). Accessed 7 Sept. 2018.
- Medhurst, Martin J. "The Acceptance Address: Presidential Speechwriting, 1932-2008." *The President's Words: Speeches and Speechwriting in the Modern White House*, edited by Michael Nelson and Russell L. Riley, University Press of Kansas, 2010, pp. 27-50.
- \_\_\_\_\_. "Enduring Issues in Presidential Speechwriting." *Presidential Speechwriting: From the New Deal to the Reagan Revolution and Beyond*, edited by Kurt Ritter and Martin J. Medhurst, Texas A&M University Press, 2003, pp. 217-220.

- \_\_\_\_\_. "Presidential Speechwriting: Ten Myths that Plague Modern Scholarship." *Presidential Speechwriting: From the New Deal to the Reagan Revolution and Beyond*, edited by Kurt Ritter and Martin J. Medhurst, Texas A&M University Press, 2003, pp. 3-19.
- Milkis, Sidney M. "Crafting the Rhetorical Presidency." *The President's Words: Speeches and Speechwriting in the Modern White House*, edited by Michael Nelson and Russell L. Riley, University Press of Kansas, 2010, pp. 274-293.
- Milkis, Sidney M. and Jesse H. Rhodes. "Barack Obama, the Democratic Party, and the Future of the 'New American Party System.'" *The Forum*, vol. 7, no. 1, 2009. *Research Gate*, doi: 10.2202/1540-8884.1297. Accessed 17 Dec. 2018.
- Milkis, Sidney M. et al. "What Happened to Post-Partisanship? Barack Obama and the New American Party System." *Perspectives on Politics*, vol. 10, no. 1, 2012, pp. 57-76. *Cambridge Core*, doi: 10.1017/S1537592711004907. Accessed 26 Feb. 2019.
- Miller, Perry. *Errand Into the Wilderness*. Harvard University Press, 1976.
- \_\_\_\_\_. "From the Covenant to the Revival." *Nature's Nation*. Harvard University Press, 1967, pp. 90-120.
- \_\_\_\_\_. *The New England Mind: From Colony to Province*. Harvard University Press, 1953.
- \_\_\_\_\_. "State and Society." *The American Puritans: Their Prose and Poetry*, edited by Perry Miller, Columbia University Press, 1956, pp. 78-142.
- Minter, David. "The Puritan jeremiad as a literary form." *The American Puritan Imagination: Essays in revaluation*, edited by Sacvan Bercovitch, Cambridge University Press, 1974, pp. 45-55.
- Mitchell, Jonathan. "Nehemiah on the Wall." 1667. *The American Puritans: Their Prose and Poetry*, edited by Perry Miller, Columbia University Press, 1956, pp. 109-112.
- Monnat, Shannon and David L. Brown. "More than a Rural Revolt: Landscaped of Despair and the 2016 Presidential Election." *Journal of Rural Studies*, vol. 55, 2017, pp. 227-236. *Science Direct*, doi: 10.1016/j.jrurstud.2017.08.010. Accessed 10 Sept. 2018.
- Murdock, Kenneth B. "Puritan Preachers and Prose Writers." *The Literature of the American People: An Historical and Critical Survey*, edited by Arthur Hobson Quinn, Appleton-Century-Crofts, Inc., 1951, pp. 35-52.
- Murphy, Andrew R. *Prodigal Nation: Moral Decline and Divine Punishment from New England to 9/11*. Oxford University Press, 2009.

- Myers, Cayce. "Campaign Finance and Its Impact in the 2016 Presidential Campaign." *The 2016 US Presidential Campaign: Political Communication and Practice*, edited by Robert E. Denton, Jr., Palgrave Macmillan, 2017, pp. 259- 283.
- Nelson, Michael. "Speeches, Speechwriters, and the American Presidency." *The President's Words: Speeches and Speechwriting in the Modern White House*, edited by Michael Nelson and Russell L. Riley, University Press of Kansas, 2010, pp. 1-26.
- Neustadt, Richard E. *Presidential Power: The Politics of Leadership With Reflections on Johnson and Nixon*. John Wiley & Sons, Inc., 1976.
- Noble, David W. "Reformation and Renaissance: Republican Virtue and the American Promised Land." *The End of American History: Democracy, capitalism, and the metaphor of two worlds in Anglo-American historical writing, 1880-1980*. University of Minnesota Press, 1989, pp. 3-15.
- Norpoth, Helmut and David F. Perkins. "War and Momentum: The 2008 Presidential Nominations." *PS: Political Science and Politics*, vol. 44, no. 3, 2011, pp. 536-543. *JSTOR*, [www.jstor.org/stable/41319768](http://www.jstor.org/stable/41319768). Accessed 10 Sept. 2018.
- Nuzzi, Olivia. "Who Really Writes Trump's Speeches? The White House Won't Say." *New York Magazine*, 30 Jan. 2018, [nymag.com/intelligencer/2018/01/who-really-writes-trumps-speeches-white-house-wont-say.html](http://nymag.com/intelligencer/2018/01/who-really-writes-trumps-speeches-white-house-wont-say.html). Accessed 9 Aug. 2019.
- Obama, Barack Hussein. "A More Perfect Union." *An American Story: The Speeches of Barack Obama*, edited by David Olive, ECW Press, 2008, pp. 255-270.
- \_\_\_\_\_. "A Way Forward in Iraq." *An American Story: The Speeches of Barack Obama*, edited by David Olive, ECW Press, 2008, pp. 194-207.
- \_\_\_\_\_. "Barack Obama's New Hampshire Speech." *The New York Times*, 8 January 2008, [www.nytimes.com/2008/01/08/us/politics/08text-obama.html](http://www.nytimes.com/2008/01/08/us/politics/08text-obama.html). Accessed 14 Feb. 2019.
- \_\_\_\_\_. "Call to Renewal Keynote Address." *An American Story: The Speeches of Barack Obama*, edited by David Olive, ECW Press, 2008, pp. 166-181.
- \_\_\_\_\_. "The Cost of War." *An American Story: The Speeches of Barack Obama*, edited by David Olive, ECW Press, 2008, pp. 288-294.
- \_\_\_\_\_. "First Inaugural Address." *Inaugural Addresses of the Presidents of the United States: from George Washington, 1789 to Barack Obama, 2013*, edited by the Committee on Inaugural Ceremonies, Cosimo Classics, 2013, pp. 373-378.

- \_\_\_\_\_. "Full Text: President Obama's DNC speech." *Politico*, 27 Jul. 2016, [www.politico.com/story/2016/07/dnc-2016-obama-prepared-remarks-226345](http://www.politico.com/story/2016/07/dnc-2016-obama-prepared-remarks-226345). Accessed 7 May 2019.
- \_\_\_\_\_. "Obama's Speech in Berlin." *The New York Times*, 24 July 2008, [www.nytimes.com/2008/07/24/us/politics/24text-obama.html](http://www.nytimes.com/2008/07/24/us/politics/24text-obama.html). Accessed 14 Feb. 2019.
- \_\_\_\_\_. "Official Announcement of Candidacy for the United States Presidency." *American Rhetoric: Online Speech Bank*, 10 February 2017, [www.americanrhetoric.com/speeches/PDFFiles/Barack%20Obama%20-%20Announces%20Candidacy.pdf](http://www.americanrhetoric.com/speeches/PDFFiles/Barack%20Obama%20-%20Announces%20Candidacy.pdf). Accessed 14 Feb. 2019.
- \_\_\_\_\_. "Potomac Primary Night." *Best Speeches of Barack Obama through his 2009 Inauguration*, 12 February 2008, [obamaspeeches.com/E03-Barack-Obama-Potomac-Primary-Night-Madison-WI-February-12-2008.htm](http://obamaspeeches.com/E03-Barack-Obama-Potomac-Primary-Night-Madison-WI-February-12-2008.htm). Accessed 9 Apr. 2019.
- \_\_\_\_\_. "Remarks on Super Tuesday." *An American Story: The Speeches of Barack Obama*, edited by David Olive, ECW Press, 2008, pp. 246-251.
- \_\_\_\_\_. "The Time Has Come for Universal Health Care in America." *An American Story: The Speeches of Barack Obama*, edited by David Olive, ECW Press, 2008, pp. 210-216.
- \_\_\_\_\_. "The War We Need to Win." *An American Story: The Speeches of Barack Obama*, edited by David Olive, ECW Press, 2008, pp. 218-236.
- Olive, David, editor. *An American Story: The Speeches of Barack Obama*. ECW Press, 2008.
- Ott, Brian L. "The Age of Twitter: Donald J. Trump and the Politics of Debasement." *Critical Studies in Media Communication*, vol. 34, no. 1, 2017, pp. 59-68. *Research Gate*, doi: 10.1080/15295036.2016.1266686. Accessed 17 Apr. 2018.
- Page, Benjamin I. and Robert Y. Shapiro. "Presidents as Opinion Leaders: Some New Evidence." *Policy Studies Journal*, vol. 12, no. 4, 1984, pp. 649-661. *Wiley Online Library*, doi: 10.1111/j.1541-0072.1984.tb00480.x. Accessed 14 Dec. 2018.
- Paine, Thomas. "Common Sense." *Rights of Man, Common Sense and Other Political Writings*, edited by Mark Philp, Oxford University Press, 1995, pp. 1-59.
- Parmelee, John H. "Donald Trump, Reality TV, and the Political Power of Parasocial Relationships." *US Election Analysis 2016: Media, Voters and the Campaign*, edited by Lilleker et al., Centre for the Study of Journalism, Culture and Community, 2016, p. 87.
- Paul, Heike. "Pilgrims and Puritans and the Myth of the Promised Land." *The Myths that Made America: An Introduction to American Studies*. Transcript, 2014, pp. 137-195.

- Pedersen, Carl. *Obama's America*. Edinburgh University Press, 2009.
- Pilkington, Ed. "Obama inauguration: Barack Obama's mind-reader." *The Guardian*, 19 Jan. 2009, [www.theguardian.com/world/2009/jan/19/obama-inauguration-jon-favreau-speech](http://www.theguardian.com/world/2009/jan/19/obama-inauguration-jon-favreau-speech). Accessed 9 Aug. 2019.
- Pollak, Joel B. and Larry Schweikart. *How Trump Won: The Inside Story of a Revolution*. Regnery Publishing, 2017.
- Post, Charles. "The Roots of Trumpism." *Cultural Dynamics*, vol. 29, no. 1-2, 2017, pp. 100-116. *SAGE Journals*, doi: 10.1177/0921374017709229. Accessed 24 Apr. 2019.
- Purdy, Jedediah. "Languages of Politics in America." *Law and Democracy in the Empire of Force*, edited by H. Jefferson Powell and James Boyd White, The University of Michigan Press, 2012, pp. 7-32.
- Ragsdale, Lyn. "Personal Power and Presidents." *Presidential Power: Forging the Presidency for the Twenty-first Century*, edited by Robert Y. Shapiro, Martha Joynt Kumar and Lawrence R. Jacobs, Columbia University Press, 2000, pp. 31-46.
- Ramalho, Maria Irene, et al. "Introdução." *Literatura Norte-Americana*. Universidade Aberta, 1999, pp. 15-26.
- Redlawsk, David P. et al. "Voters, Emotions, and Race in 2008: Obama as the First Black President." *Political Research Quarterly*, vol. 63, no. 4, 2010, pp. 875-889. *JSTOR*, [www.jstor.org/stable/25749257](http://www.jstor.org/stable/25749257). Accessed 10 Sept. 2018.
- Rudalevige, Andrew. "The Crisis Speech and Other Landmark Addresses: Managing Speechwriting and Decision Making." *The President's Words: Speeches and Speechwriting in the Modern White House*, edited by Michael Nelson and Russell L. Riley, University Press of Kansas, 2010, pp. 206-234.
- Ruland, Richard and Malcolm Bradbury. "Awakening and Enlightenment." *From Puritanism to Postmodernism: A History of American Literature*. Penguin Books, 1992, pp. 33-58.
- Ryan, Halford. Introduction. *The Inaugural Addresses of Twentieth-Century American Presidents*, edited by Halford Ryan, Praeger, 1993, pp. xv-xix.
- Savoy, Jacques. "Analysis of the Style and Rhetoric of the 2016 US Presidential Primaries." *Digital Scholarship in the Humanities*, vol. 33, no. 1, 2018, pp. 143-159. *Oxford Academic*, doi: 10.1093/llc/fqx007. Accessed 17 Apr. 2019.
- Selzer, Linda F. "Barack Obama, the 2008 Presidential Election, and the New Cosmopolitanism: Figuring the Black Body." *MELUS*, vol. 35, no. 4, 2010, pp. 15-37. *JSTOR*, [www.jstor.org/stable/25759556](http://www.jstor.org/stable/25759556). Accessed 10 Sept. 2018.



- Shepard, Thomas. "The Covenant of Grace." 1651. *The American Puritans: Their Prose and Poetry*, edited by Perry Miller, Columbia University Press, 1956, pp. 145-149.
- Shepard, Thomas, Jr. "Eye-Salve." 1672. *The Puritans in America: A Narrative Anthology*, edited by Alan Heimert and Andrew Delbanco, Harvard University Press, 1985, pp. 249-260.
- Sherwood, Samuel. "The Church's Flight into the Wilderness: An Address on the Times, containing Some very interesting and important Observations on Scripture Prophecies." 1776. *Electronic Texts in American Studies*, Libraries at University of Nebraska-Lincoln, digitalcommons.unl.edu/etas/21. Accessed 22 Oct. 2018.
- Short, John Rennie. "The Politics of De-Legitimacy." *US Election Analysis 2016: Media, Voters and the Campaign*, edited by Lilleker et al., Centre for the Study of Journalism, Culture and Community, 2016, p. 102.
- Siddiqui, Sabrina. "Hillary Clinton names Tim Kaine as her running mate." *The Guardian*, 23 Jul. 2016, [www.theguardian.com/us-news/2016/jul/22/tim-kaine-vice-president-running-mate-hillary-clinton](http://www.theguardian.com/us-news/2016/jul/22/tim-kaine-vice-president-running-mate-hillary-clinton). Accessed 26 Apr. 2019.
- Sides, John et al. *Identity Crisis: The 2016 Presidential Campaign and the Battle for the Meaning of America*. Princeton University Press, 2018.
- Sigelman, Lee. "Presidential Inaugurals: The Modernization of a Genre." *Political Communication*, vol. 13, no. 1, 1996, pp. 81-92. *Taylor & Francis Online*, doi: 10.1080/10584609.1996.9963096. Accessed 16 Sept. 2018.
- Silva, Edgardo António Medeiros da. "American History." *The Political Jeremiad of Henry Adams*. Doctoral dissertation. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2007, pp. 39-153.
- Sioh, Maureen. "The Wound of Whiteness: Conceptualizing Economic Convergence as Trauma in the 2016 United States Presidential Election." *Geoforum*, vol. 95, 2018, pp. 112-121. *Science Direct*, doi: 10.1016/j.geoforum.2018.06.020. Accessed 10 Sept. 2018.
- Smith, Craig Allen and Kathy B. Smith. *The White House Speaks: Presidential Leadership as Persuasion*. Praeger, 1994.
- Smith, Craig Allen. "Setting the Stage: Three Dimensions of Surfacing for 2016." *The 2016 US Presidential Campaign: Political Communication and Practice*, edited by Robert E. Denton, Jr., Palgrave Macmillan, 2017, pp. 3-25.
- Smith, Melissa M. "Political Campaigns in the Twenty-First Century: Implications of New Media Technology." *Communicator-in-Chief: How Barack Obama Used New Media*

- Technology to Win the White House*, edited by John Allen Hendricks and Robert E. Denton, Jr. Lexington Books, 2010, pp. 139-155.
- Stone, Roger. *The Making of the President 2016: How Donald Trump Orchestrated a Revolution*. Skyhorse Publishing, 2017.
- Stout, Harry S. *The New England Soul: Preaching and Religious Culture in Colonial New England*. Oxford University Press, 1986.
- Stromer-Galley, Jennifer. "In the Age of Social Media, Voters Still Need Journalists." *US Election Analysis 2016: Media, Voters and the Campaign*, edited by Lilleker et al., Centre for the Study of Journalism, Culture and Community, 2016, p. 82.
- Tarnopolsky, Christina. "Melancholia and Mania on the Trump Campaign Trail." *Theory & Event*, vol. 20, no. 1, 2017, pp. 100-128. *Project MUSE*, muse.jhu.edu/article/646847. Accessed 10 Sept. 2018.
- Teten, Ryan Lee. "The Evolution of the Rhetorical Presidency and Getting Past the Traditional/Modern Divide." *Presidential Studies Quarterly*, vol. 38, no. 2, 2008, pp. 308-314. *JSTOR*, www.jstor.org/stable/41219675. Accessed 15 Jan. 2019.
- Todd, Chuck and Sheldon Gawiser. *How Barack Obama Won: A State-by-State Guide to the Historic 2008 Presidential Election*. iBooks ed., Vintage Books, 2009.
- Toolin, Cynthia. "American Civil Religion from 1789 to 1981: A Content Analysis of Presidential Inaugural Addresses." *Review of Religious Research*, vol. 25, no. 1, 1983, pp. 39-48. *JSTOR*, www.jstor.org/stable/3511310. Accessed 23 Jan. 2019.
- Trent, Judith S. And Robert V. Friedenberg. "Communicative Functions of Political Campaigns." *Political Campaign Communication: Principles and Practices*. 6th ed., Rowman & Littlefield Publishers, Inc., 2008, pp. 22-71.
- Trump, Donald J. "An America First Economic Plan: Winning The Global Competition." *Donald J. Trump for President*, assets.donaldjtrump.com/An\_America\_First\_Economic\_Plan-\_Winning\_The\_Global\_Competition\_.pdf. Accessed 24 Apr. 2019.
- \_\_\_\_\_. "Donald Trump's best speech of the 2016 campaign, annotated." *The Washington Post*, 19 Aug. 2016, www.washingtonpost.com/news/the-fix/wp/2016/08/19/donald-trumps-best-speech-of-the-2016-campaign-annotated/?utm\_term=.a4617ff6943d. Accessed 27 Apr. 2019.
- \_\_\_\_\_. "Donald Trump's Contract with the American Voter." *Donald J. Trump for President*, assets.donaldjtrump.com/\_landings/contract/O-TRU-102316-Contractv02.pdf. Accessed 24 Apr. 2019.

- \_\_\_\_\_. "Inaugural Address." *The American Presidency Project*, [www.presidency.ucsb.edu/documents/inaugural-address-14](http://www.presidency.ucsb.edu/documents/inaugural-address-14). Accessed 16 Sept. 2018.
  - \_\_\_\_\_. "Full transcript of Donald Trump's acceptance speech at the RNC." *Vox*, 22 Jul. 2016, [www.vox.com/2016/7/21/12253426/donald-trump-acceptance-speech-transcript-republican-nomination-transcript](http://www.vox.com/2016/7/21/12253426/donald-trump-acceptance-speech-transcript-republican-nomination-transcript). Accessed 27 Apr. 2019.
  - \_\_\_\_\_. "Here's Donald Trump's Presidential Announcement Speech." *TIME*, 16 Jun. 2015, [time.com/3923128/donald-trump-announcement-speech/](http://time.com/3923128/donald-trump-announcement-speech/). Accessed 27 Apr. 2019.
  - \_\_\_\_\_. "Immigration Reform That Will Make America Great Again." *Donald J. Trump for President*, [assets.donaldjtrump.com/Immigration-Reform-Trump.pdf](http://assets.donaldjtrump.com/Immigration-Reform-Trump.pdf). Accessed 24 Apr. 2019.
  - \_\_\_\_\_. "Protecting Our Second Amendment Rights Will Make America Great Again." *Donald J. Trump for President*, [assets.donaldjtrump.com/2nd-amendment-rights.pdf](http://assets.donaldjtrump.com/2nd-amendment-rights.pdf). Accessed 24 Apr. 2019.
  - \_\_\_\_\_. "Reforming the U.S.-China Trade Relationship To Make America Great Again." *Donald J. Trump for President*, [assets.donaldjtrump.com/US-China-Trade-Reform.pdf](http://assets.donaldjtrump.com/US-China-Trade-Reform.pdf). Accessed 24 Apr. 2019.
- Tulis, Jeffrey K. *The Rhetorical Presidency*. Princeton University Press, 2017.
- Vance, J. D. "Trump: Tribune of Poor White People." *The American Conservative*, 22 Jul. 2016, [www.theamericanconservative.com/dreher/trump-us-politics-poor-whites/](http://www.theamericanconservative.com/dreher/trump-us-politics-poor-whites/). Accessed 19 Apr. 2019.
- Van Hof, Charles Lee. "Conclusion." *The Theory of Sermon Rhetoric in Puritan New England: Its Origins and Expression*. Doctoral dissertation. Faculty of the Graduate School of Loyola University of Chicago, 1979, pp. 442-452.
- Voth, Ben. "The Presidential Debates 2016." *The 2016 US Presidential Campaign: Political Communication and Practice*, edited by Robert E. Denton, Jr., Palgrave Macmillan, 2017, pp. 77-98.
- Waggenspack, Beth M. "Deceptive Narratives in the 2008 Presidential Campaign." *Studies of Identity in the 2008 Presidential Campaign*, edited by Robert E. Denton, Jr., Lexington Books, 2010, pp. 155-200.
- Walker, Martin. "The Year of the Insurgents: The 2008 US Presidential Campaign." *International Affairs (Royal Institute of International Affairs 1944-)*, vol. 84, no. 6, 2008, pp. 1095-1107. *JSTOR*, [www.jstor.org/stable/25144983](http://www.jstor.org/stable/25144983). Accessed 10 Sept. 2018.

- Warburton, Terrence L. "Barack Obama and the Cosmopolitan Candidacy." *Studies of Identity in the 2008 Presidential Campaign*, edited by Robert E. Denton, Jr., Lexington Books, 2010, pp. 111-127.
- Washington, George. "First Inaugural Address." *Inaugural Addresses of the Presidents of the United States: from George Washington, 1789 to Barack Obama, 2013*, edited by the Committee on Inaugural Ceremonies, Cosimo Classics, 2013, pp. 1-5.
- White, John Kenneth. *Barack Obama's America: How New Conceptions of Race, Family, and Religion Ended the Reagan Era*. The University of Michigan Press, 2009.
- Widmer, Ted. "So Help Me God: What all fifty-four inaugural addresses, taken as one long book, tell us about American history." *The American Scholar*, vol. 74, no. 1, 2005, pp. 29-41. *JSTOR*, [www.jstor.org/stable/41221372](http://www.jstor.org/stable/41221372). Accessed 28 Dec. 2018.
- Winders, Jamie. "Picking up the Pieces: the 2016 US Presidential Election and Immigration." *US Election Analysis 2016: Media, Voters and the Campaign*, edited by Lilleker et al., Centre for the Study of Journalism, Culture and Community, 2016, p. 42.
- Winship, Michael P. "Were There Any Puritans in New England?" *The New England Quarterly*, vol. 74, no. 1, 2001, pp. 118-138. *JSTOR*, [www.jstor.org/stable/3185462](http://www.jstor.org/stable/3185462). Accessed 13 Oct. 2018.
- Winthrop, John. "A Model of Christian Charity." 1630. *The American Puritans: Their Prose and Poetry*, edited by Perry Miller, Columbia University Press, 1956, pp. 79-84.
- Yaqub, Ussama et al. "Analysis of Political Discourse on Twitter in the Context of the 2016 US Presidential Elections." *Government Information Quarterly*, vol. 34, no. 4, 2017, pp. 613-626. *Science Direct*, doi: 10.1016/j.giq.2017.11.001. Accessed 10 Sept. 2018.